

UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

A Questão do Abandono da Carreira Esportiva por Sujeitos Considerados
Talentosos:
Um Estudo Retrospectivo em Pedagogia do Esporte

Ricardo de Melo Dias

2015

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

RICARDO DE MELO DIAS

A QUESTÃO DO ABANDONO DA CARREIRA
ESPORTIVA POR SUJEITOS CONSIDERADOS
TALENTOSOS:
UM ESTUDO RETROSPECTIVO EM
PEDAGOGIA DO ESPORTE

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Metodista de Piracicaba, na área de concentração “Movimento Humano, Cultura e Educação” e linha de pesquisa “Movimento Humano e Esporte”, como exigência para a obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Hermes Ferreira Balbino

PIRACICABA
2015

RICARDO DE MELO DIAS

A QUESTÃO DO ABANDONO DA CARREIRA ESPORTIVA POR
SUJEITOS CONSIDERADOS TALENTOSOS:
UM ESTUDO RETROSPECTIVO EM PEDAGOGIA DO ESPORTE

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Metodista de Piracicaba, na área de concentração “Movimento Humano, Cultura e Educação” e linha de pesquisa “Movimento Humano e Esporte”, como exigência para a obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Data da defesa: 20/02/2015

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Hermes Ferreira Balbino (Orientador)
Universidade Metodista de Piracicaba

Prof^a. Dr^a. Ida Carneiro Martins
Universidade Metodista de Piracicaba

Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes
Universidade de Estadual de Campinas

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por me proporcionar a vida, força e saúde para o cumprimento desta tarefa.

Agradeço especialmente aos meus pais, Marilda e Francisco, que sempre me deram o apoio necessário para alcançar meus objetivos. Agradeço pelos momentos de felicidade, pela constante ajuda e presença nas dificuldades, e, também, pelos ensinamentos, pelo exemplo de vida, caráter, honestidade, amor e fé.

Agradeço a minha esposa Elis por estar do meu lado, compartilhando esse momento especial da minha vida, me ajudando sempre que preciso. Agradeço pela colaboração e paciência durante os dias de dedicação aos estudos.

Agradeço a todos os meus familiares e amigos, que me motivaram neste período de dedicação, concentração e inspiração para a composição deste estudo.

Agradeço aos meus companheiros de serviço e amigos/ irmãos, Rafael, Vinícius e Gabriel, exemplos de dedicação e competência, que ofereceram todo o suporte profissional necessário para a realização deste estudo.

Agradeço aos sujeitos entrevistados, pela confiança e disposição para a construção do conhecimento. Sem vocês, este estudo não seria possível.

Agradeço aos meus amigos de Mestrado, em especial, Guilherme, Daniel, Danilo, Eduardo, Carlos, Ricardo, que fizeram parte desta minha jornada acadêmica.

Agradeço a todos os professores e funcionários do Programa de Mestrado em Educação Física da UNIMEP, em especial, Cris Pellegrini, Prof. Dr. Guanys de Barros Vilela Júnior, Prof^a. Dr^a. Rute Estanislava Tolocka, Prof^a. Dr^a. Cinthia Lopes da Silva, Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino, Prof. Dr. Charles Ricardo Lopes, que contribuíram para a minha formação.

Agradeço aos professores membros da banca, Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes e Prof^a. Dr^a. Ida Carneiro Martins, pelo carinho, atenção, disponibilidade e pelas indispensáveis contribuições para a concretização deste estudo.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Hermes Ferreira Balbino, que acreditou em mim e neste estudo, e me auxiliou nas dificuldades durante esta caminhada. Agradeço por ter contribuído em minha formação e por todas as orientações recebidas que, com certeza, vão além do conhecimento científico, permanecendo para o resto da minha vida. Espero que nossa amizade perdure para sempre.

A vocês, muito obrigado!

RESUMO

Este estudo teve como objetivo geral verificar os motivos que levaram jovens esportistas, caracterizados como talentos esportivos, a abandonar precocemente o processo de formação esportiva visando o esporte profissional. Este foi um estudo qualitativo, de campo, que utilizou-se da análise de conteúdo como método e teve como técnica de coleta de dados a entrevista semiestruturada. Foram entrevistados oito sujeitos, que praticaram modalidades olímpicas individuais (tênis, ginástica rítmica, natação, judô, atletismo) e coletivas (basquetebol, voleibol, handebol). Foi possível observar a existência de uma diversidade de motivos que culminaram com o abandono, e, que entre estes, a incompatibilidade entre o esporte e a continuidade dos estudos foi um dos fatores recorrente apontados pelos sujeitos entrevistados. Porém foi constatado que este fator, além de estar sempre associado a aspectos como a falta de estrutura física, de suporte técnico e apoio familiar para a continuidade na prática, também reflete a desvinculação entre o ensino formal e a formação esportiva desde a iniciação até os níveis mais avançados de treinamento. Foi notado, ainda, que o motivo crucial para o abandono foi resultante de todas as vivências e experiências pelas quais os sujeitos passaram durante todo seu processo de formação esportiva, da não valorização do treinamento a longo prazo e do desrespeito às características, necessidades e vontades do jovem considerado talentoso. Em síntese, foi propósito deste estudo provocar a reflexão em relação aos aspectos apontados como negativos durante as experiências dos sujeitos entrevistados, e ampliar as reflexões para um quadro mais amplo que envolve o contexto da formação esportiva em nosso país. Neste sentido, o conhecimento dos fatores que podem ter culminado com o abandono precoce pode auxiliar os envolvidos neste contexto a minimizar a incidência deste fenômeno. Ademais, ficou claro que vários fatores podem ter contribuído para o processo de abandono, não somente pelo fato de os sujeitos não atingirem ou não se manterem no esporte profissional, mas também porque tais aspectos estão associados a sentimentos impeditivos de um desenvolvimento adequado no processo de formação esportiva. Tais aspectos se voltam para pressão excessiva, frustração, decepção, tristeza, raiva, depressão. Entende-se que estes aspectos podem também ter limitado o desenvolvimento integral dos sujeitos pesquisados, descaracterizando assim o papel de educar para a vida que o esporte possui.

Palavras-chave: Formação Esportiva. Talento. Abandono.

ABSTRACT

This study aimed to verify the reasons young athletes, characterized as “talented”, exit the process of sports training aimed at professional sports prematurely. This was a qualitative field study, for which a content analysis method was used and data was collected through semi-structured interviews. Eight people were interviewed who practiced individual Olympic sports (tennis, rhythmic gymnastics, swimming, judô, athletics) and team (basketball, volleyball, handball). It was observed that there are a variety of reasons that led to the abandonment, and that among these, the incompatibility between the sport and the continuation of studies was one of the recurring factors identified by interviewees. However, it was found that this factor, in addition to always being associated with aspects such as lack of physical infrastructure, technical support and family support for the sport, also reflects the disconnect between formal education and sports training from the initiation to the more advanced levels of training. It was noted also that the crucial reason for the abandonment was the result of all the experiences the subjects had throughout their training, such as lack of appreciation and others' disrespect for the characteristics, needs and desires of a youth athlete considered talented. In summary, the purpose of this study was to provoke reflection on those aspects identified as negative experiences of the interviewees, and expand the discussions to a broader framework that involves the context of sports training in our country. In this sense, knowledge of the factors that may have culminated with early withdrawal can help those involved in this context to minimize the incidence of this phenomenon. Moreover, it became clear that many factors may have contributed to abandonment, also because such aspects are associated with feelings impeding adequate development in the process of sports training. These features turn to excessive pressure, frustration, disappointment, sadness, anger, depression. It is understood that these aspects may also have limited the integral development of the individuals, so debased the role of sport has in educating for life.

Keywords: Sports Training. Talent. Abandonment.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Pluralidade de Perspectivas das Ciências do Desporto.....	21
Figura 2 - Esquema Representativo dos Processos do Método do Estudo.....	58

LISTA DE ABREVIATURAS

COI – Comitê Olímpico Internacional

ONU – Organização das Nações Unidas

TLP – Treinamento a Longo Prazo

MBI – Maslach Burnout Inventory

UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

NUPEM – Núcleo de Estudos em Movimento

E1 – Entrevistado 1

E2 – Entrevistado 2

E3 – Entrevistado 3

E4 – Entrevistado 4

E5 – Entrevistado 5

E6 – Entrevistado 6

E7 – Entrevistado 7

E8 – Entrevistado 8

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 Do Problema.....	13
1.2 Dos Objetivos.....	14
1.2.1 Objetivo Geral.....	14
1.2.2 Objetivos Específicos.....	14
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1 Do Esporte, da Pedagogia e da Pedagogia do Esporte.....	15
2.1.1 Reflexões acerca do Esporte.....	15
2.1.1.1 Introdução Histórica do Esporte.....	15
2.1.1.2 Significações do Esporte.....	19
2.1.2 Reflexões acerca da Pedagogia.....	21
2.1.3 Reflexões acerca da Pedagogia do Esporte e suas Funções.....	23
2.1.3.1 Do Trato Pedagógico do Esporte.....	27
2.2 Do Talento Esportivo, da Promoção e Formação Esportiva.....	29
2.2.1 Reflexões acerca do Talento Esportivo.....	30
2.2.2 Reflexões acerca da Promoção e Formação Esportiva.....	34
2.3 Do Abandono ao Esporte.....	40
2.3.1 Motivos de Abandono.....	41
2.3.1.1 <i>Burnout</i>	42
2.3.1.1.1 Desencadeadores do <i>Burnout</i>	44
2.3.1.2 Aspectos Relacionados à Especialização Precoce.....	47
2.3.1.3 Aspectos Relacionados ao Técnico e ao Treinamento.....	51
2.3.1.4 Aspectos Relacionados à Competição.....	53
2.3.1.5 Aspectos Relacionados aos Fatores “Extracompetitivos”.....	57
2.3.1.6 Aspectos Relacionados à Família.....	60
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	65
3.1 Sujeitos do Estudo.....	65
3.2 Método do Estudo.....	67
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	71

4.1 Apresentação dos Dados - Entrevista e Análise.....	71
4.1.1 Caracterização dos Entrevistados.....	71
4.1.2 Apresentação dos Conteúdos Extraídos.....	74
4.2 Síntese do Estudo – Considerações sobre as Análises.....	183
4.2.1 Motivos Finais do Abandono.....	185
4.2.2 Questões Associadas ao Processo de Iniciação e Especialização na Modalidade Esportiva.....	189
4.2.3 Questões Associadas ao Treinamento.....	191
4.2.4 Questões Associadas à Competição.....	192
4.2.5 Questões Associadas ao Ambiente Esportivo e aos Fatores Extracompetitivos.....	194
4.2.6 Questões Associadas ao Técnico.....	196
4.2.7 Questões Associadas à Família.....	199
4.2.8 Questões Associadas ao Talento e ao Auge Esportivo.....	200
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	203
REFERÊNCIAS.....	207
ANEXOS.....	215
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	216
ANEXO B - QUESTIONÁRIO.....	218
ANEXO C - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	219

1 INTRODUÇÃO

Ao se falar em esporte é necessário discutir os processos de formação que estão envolvidos neste contexto. Nota-se que tais processos não se limitam apenas aos procedimentos de ensino e aprendizagem da modalidade, mas sim a todos os fatores que estão inerentes àquela prática, que podem estar carregados de diferentes significados e intenções. Paes e Balbino (2009) citam que este processo deve contemplar a seguinte característica: “ensino – vivência – aprendizagem socioesportiva”, pois para estes autores são importantes as intervenções junto ao indivíduo, no que concerne aos valores e princípios; é preciso que se leve em consideração o quanto e como determinada atividade poderá contribuir para o processo educacional do ser humano.

O ensino do esporte é um ato de responsabilidade, não se limita apenas ao ato de transmissão de conhecimento técnico do professor ao aluno, devem ser levadas em consideração todas as vivências que este indivíduo traz consigo e também o ambiente sociocultural no qual ele está inserido. Segundo Reverdito e Scaglia (2009), o aluno não é a parte passiva do processo, na verdade é parte integrante que deve interagir. Neste aspecto, o ato de ensinar deve estar comprometido com o desenvolvimento de indivíduos críticos e autônomos, capazes de compreender e transformar de forma consciente sua prática esportiva.

Segundo Greco (1998), o esporte tem um valor significativo na infância e na adolescência, tanto no âmbito da integração, quanto da socialização. E, por isso, o esporte, em virtude das diferentes formas de expressão e significados atribuídos pela sociedade atual, passa a ser também um determinante de regras e padrões de comportamento. Mesquita (2000), ainda, cita que a prática esportiva exerce um papel fundamental no desenvolvimento do indivíduo, enquanto atleta e pessoa, na medida em que consegue, entre outros fatores, fazer parte do processo educativo e formativo, contribuindo para o desenvolvimento integral (físico, social e emocional) do indivíduo.

Neste contexto de formação esportiva para crianças e adolescentes é comum nos depararmos com o termo “talento esportivo”, que segundo Carl apud Böhme (1995) é o indivíduo que, por meio de suas condições herdadas e adquiridas, possui

uma aptidão para o desempenho esportivo acima da população em geral. Nota-se que este é um fenômeno complexo, pois segundo Bento (1989), sua determinação em relação ao esporte profissional depende de várias características qualitativas e quantitativas que se inter-relacionam. Portanto, a promoção de um talento esportivo está intimamente ligada ao processo de treinamento ao qual este é submetido.

É importante salientar que utilizaremos o termo esporte profissional, que de acordo com Paes (2000), pode identificar melhor uma das diferentes funções presentes no fenômeno, contemplando questões relativas à competição e também ao espetáculo esportivo. Vários termos são utilizados para identificar o esporte em tal dimensão, tais como de alto nível, de performance, de alto rendimento, competitivo, dentre outros. Porém o termo mais adequado, de acordo com o autor e que será utilizado ao decorrer deste estudo é o esporte profissional, pois neste contexto, o esporte torna-se uma 'mercadoria', sendo consumido de diferentes formas, por exemplo, como espetáculo esportivo, pelos meios de comunicação especializados, pela utilização de materiais esportivos, e etc.

Ainda segundo o autor o desenvolvimento do esporte profissional tem-se constituído em uma alternativa de mercado de trabalho, tornando-se um fator gerador de empregos. O esporte profissional contém a dinâmica de constantes modificações - quanto às regras, por exemplo - que visam promover um espetáculo que nunca se repita, constituindo-se sempre em uma nova atração para o público. A profissionalização do esporte compreende a contribuição para a compreensão e melhor convivência com suas ambiguidades. Em síntese, o esporte profissional consiste em um negócio, entretanto, tal tratamento não o desqualifica como esporte e sua legitimidade e dignidade devem ser respeitadas.

Silva et al. (2003) em sua revisão bibliográfica mostrou a relação existente entre o treinamento a longo prazo, esporte profissional e talento esportivo, ou seja, para que os "talentos esportivos" alcancem o esporte profissional faz-se necessária sua participação no treinamento realizado de forma sistemática e planejada.

Em contraponto a este ambiente favorável à formação esportiva, ou seja, a prática esportiva sem uma orientação científica fundamentada pode levar à interrupção de promissoras carreiras de atletas tidos como talentosos.

Nota-se que ao falarmos de formação esportiva o tema abandono vem se tornando cada vez mais recorrente. Milhões de crianças e jovens em todo o mundo participam de atividades esportivas de caráter competitivo, objetivando o esporte

profissional, porém percebe-se que a maioria destas abandona esta prática por diversos motivos (BARA FILHO; GARCIA, 2008).

Segundo Balbino (2005), a complexidade de informações e variáveis que a amplitude de contexto do fenômeno esporte gerou é evidente, nas suas mais diversas manifestações, desde o esporte amador e a iniciação até o profissionalismo. O autor aponta que o sucesso no esporte profissional depende de fatores que vão desde os métodos de prática adequados, das condições psicológicas no enfrentamento de desafios, investimentos de patrocinadores, atletas e comissão técnica em trabalho de tempo integral na modalidade. Além disso, cita que as frequentes causas apontadas de insucesso se dirigem a problemas como falta de trabalhos de base. Outros problemas, como ausência do interesse de investimentos da iniciativa privada ou mesmo do suporte do poder público pelo fomento da prática de crianças e jovens merecem destaque nas causas.

Algumas pesquisas têm utilizado o termo *Burnout* quando se referem ao abandono no esporte. No âmbito da psicologia geral, Maslach e Jackson (1981), protagonistas das primeiras pesquisas sobre o tema definiram o *Burnout* como uma síndrome (conjunto de sintomas) psicológica de exaustão que ocorre geralmente entre indivíduos que realizam algum tipo de trabalho para outras pessoas. Os autores ainda acrescentam que a síndrome de *Burnout* é uma reação ao estresse crônico e possui como características principais a exaustão emocional (caracterizada por sentimentos de extrema fadiga), a despersonalização (sentimentos negativos com respeito aos indivíduos envolvidos no seu ambiente de trabalho, sendo ilustrada por um comportamento impessoal, desligado e descuidado em relação aos mesmos), e reduzido senso de realização (avaliações negativas sobre si mesmo, particularmente com referência à habilidade de obter sucesso no trabalho).

Já no âmbito esportivo, Gould et al. (1996) consideram que o *Burnout* seria o abandono do esporte por estresse excessivo crônico. Weinberg e Gould (2001) definem *Burnout*, como uma resposta psicofisiológica de esgotamento gerada como resultado de esforços frequentes, geralmente ineficazes de satisfazer demandas excessivas de treinamento e de competições. Enfim, envolve um retraimento psicológico, emocional e, às vezes, até físico de uma atividade que antes era tida como prazerosa, mas que passou a gerar insatisfação e sensação de perda de tempo.

No entanto, é necessário salientar que o abandono no esporte não advém

apenas do *Burnout*, já que este abandono também pode ser ocasionado por outras motivações. Desta forma, neste estudo considera-se que além do estresse físico e emocional característicos do *Burnout*, existem outros fatores que podem ocasionar o abandono no esporte.

Sendo assim, estudos sobre este tema se tornam relevantes para que este problema seja minimizado. O abandono precoce da modalidade, por parte desses “talentos esportivos”, é algo complexo e acredita-se que está intimamente relacionado à intervenção realizada durante todo o processo do treinamento esportivo. Portanto, é necessário que os profissionais envolvidos, nesse contexto, tenham pleno conhecimento das etapas de desenvolvimento em que cada indivíduo se encontra e de todas as características inerentes a ela.

A partir disto, é pertinente provocar discussões sobre o que leva determinados atletas caracterizados como talentos a abandonar o esporte, pois em muitos casos, estes atletas passaram por um processo de treinamento a longo prazo e obtiveram resultados expressivos em categorias de base. E ainda que, isto tivesse ocorrido, os mesmos não chegaram ao esporte profissional. Isto nos leva à indagação sobre quais os possíveis motivos que se fazem relevantes em torno dos fatores do treinamento e do contexto esportivo do atleta que podem ser determinantes para o abandono da prática formal e competitiva de modalidades esportivas.

Desta maneira, este estudo mostra-se de relevância no auxílio aos professores, técnicos e pesquisadores envolvidos no processo de formação esportiva, bem como na elaboração de práticas contextualizadas que possam vir a contribuir efetivamente para o desenvolvimento integral (físico, psicológico, social) do praticante de esportes caracterizado como talento esportivo.

Nesta abordagem, compreende-se o esporte como um importante fenômeno social e educativo no desenvolvimento humano e que auxilia a construção de processos pedagógicos que possam contribuir para o pleno desenvolvimento de seus praticantes.

1.1 Do Problema

Diversos praticantes do esporte em suas fases iniciais de treinamento projetam um desempenho bem sucedido para a fase adulta devido aos resultados

vitoriosos ou de destaque em competições relativas à iniciação e especialização esportiva, e, além disso, demonstram elevadas capacidades, tanto biológicas quanto psicológicas, e potencial para um alto desempenho em determinada modalidade esportiva (KISS et al., 2004; BÖHME, 2007). Então, o que os faz abandonar o esporte? Quais fatores do treinamento e do contexto esportivo levam indivíduos, caracterizados como talentos esportivos nas categorias iniciais de treinamento, a abandonar o processo de formação esportiva precocemente, muitas vezes, antes mesmo de chegarem ao esporte profissional?

1.2 Dos Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Verificar motivos que levaram jovens identificados como talentos esportivos a abandonar o processo de formação esportiva visando o esporte profissional.

1.2.2 Objetivos Específicos

Identificar fatores do processo de treinamento, ao qual o sujeito foi submetido, que podem ter influenciado negativamente no seu processo de formação esportiva e ter contribuído para o abandono precoce da modalidade.

Apontar características e aspectos do contexto esportivo do sujeito que podem ter contribuído para o abandono do processo de formação esportiva visando o esporte profissional.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Do Esporte, da Pedagogia e da Pedagogia do Esporte

Para que seja possível um bom entendimento dos temas chave deste estudo, que estão relacionados aos termos “talento esportivo” e “abandono no esporte”, é preciso que, primeiramente, sejam trilhados alguns caminhos de reflexão sobre assuntos que se conectam, e que, além disso, norteiam a abordagem utilizada para a realização deste estudo.

Este caminho se iniciará com uma reflexão sobre este fenômeno denominado esporte. E para melhor compreensão do caráter educativo do esporte nas suas mais diversas práticas, torna-se necessário conectar as possibilidades formativas que o esporte possui com as práticas pedagógicas devidamente fundamentadas nas ciências aplicadas à educação (BALBINO, 2005). Com base nisso, posteriormente será realizada uma discussão a respeito da pedagogia e suas funções, para que na sequência seja possível a reflexão sobre suas ligações com o esporte e os aspectos envolvidos no contexto da Pedagogia do Esporte.

2.1.1 Reflexões acerca do Esporte

Segundo Tubino (2010), o esporte contemporâneo é apenas uma etapa do processo histórico esportivo, instalado na humanidade desde os tempos antigos. Portanto, para um melhor entendimento deste fenômeno e de suas dimensões e manifestações, inicialmente será trilhada uma breve introdução histórica sobre o tema, e, em seguida, discutir-se-á sobre seus possíveis conceitos e significados, e suas relações com a educação.

2.1.1.1 Introdução Histórica do Esporte

Tubino, Garrido e Tubino (2006), citam que o processo histórico do Esporte deve ser dividido em três períodos:

- Esporte Antigo - da antiguidade até a primeira metade do século XIX;
- Esporte Moderno - a partir de 1820, o inglês Thomas Arnold,

institucionalizou as práticas esportivas existentes, criando regras e entidades destas atividades;

- Esporte Contemporâneo - a partir do direito de todos ao esporte, tendo a Carta Internacional de Educação Física e Esporte como seu grande marco.

Segundo Carl Diem (1966), a história do esporte está intimamente ligada à cultura humana, de cada povo e de cada época, pois a prática de jogos era essencial para composição de seu contexto cultural ou mesmo como elemento constitutivo de convivência entre os indivíduos.

Ueberhost (1973) apud Tubino (2010) acrescenta que a origem do esporte se deu pela busca do conhecimento do homem sobre o próprio homem em sua natureza, sua vida pessoal e comunitária. Ainda segundo este autor, estudiosos norte-americanos, dentre eles, Van Dalen, Mitchel e Bennet, afirmaram que o elemento cultural jogo, que hoje seria tomado como esporte ou atividade pré-esportiva a partir de um conceito gerado pelo senso comum, nasceu para resolver problemas pedagógicos primitivos.

Percebe-se que na antiguidade, muitas das práticas que eram denominadas como pré-esportivas, por serem diferentes das atuais, tinham um caráter utilitário para a sobrevivência das pessoas (natação, corrida, etc.), e também funcionavam como preparação para as guerras (marchas, caminhadas, lutas, etc.) (TUBINO, 2010).

Entre as civilizações antigas, que já desenvolviam atividades físicas/ pré-esportivas, podemos destacar a Chinesa (lutas, esgrima de sabre, artes marciais chineses), a Egípcia (arco e flecha, corridas, equitação, natação, corrida de carros), a Etrusca (duelos armados), a Hitita (equitação, natação), a Japonesa (artes marciais) e finalmente a Grega, que desenvolvia os Jogos Gregos, considerados as primeiras manifestações esportivas; eram festas populares, religiosas, cujos participantes eram as cidades gregas (TUBINO, 2010).

Entre outros, como principal representante destes jogos temos os “Jogos Olímpicos da Antiguidade”, maior manifestação esportiva de toda a antiguidade, que se realizaram de 884 a.C. a 394 d.C., de quatro em quatro anos em Olímpia, que tinha entre suas provas principais as diversas corridas, a luta, o pentatlo, o pancrácio¹, a corrida de cavalos montados, a corrida com armas e etc. Estes Jogos

¹ Sistema de luta livre entre os gregos.

entraram em decadência após a conquista da Grécia pelos romanos, até o seu encerramento pelo imperador romano Teodósio (TUBINO, 2010).

Os romanos criaram espaços especializados para a higiene pessoal, e desenvolveram jogos públicos denominados jogos circenses, que, deturpavam o sentido anterior de esporte, ao se adaptar aos preceitos helênicos, com isso as práticas esportivas na idade média se afastaram dos princípios educacionais e formativos presentes nas práticas gregas, se tornando muitas vezes violentos e motivados por apostas (TUBINO, 2010).

Dando um grande salto no tempo, e caminhando agora para o Esporte Moderno, a partir de 1820, o inglês Thomas Arnold, diretor do Rugby College, começou a codificar os jogos existentes com regras e competições, tornando-se assim precursor do Esporte Moderno. Após esta iniciativa surgiram clubes esportivos por toda a Europa, originados da ideia de associacionismo inglês, que depois se tornou o primeiro suporte para a ética esportiva (TUBINO, 2010).

Segundo Tubino (1987), no Esporte Moderno foi possível a identificação de dois aspectos diferentes, porém inseparáveis, o fornecimento do prazer para jogadores e espectadores e a oportunidade de formação moral, sendo caracterizado nesta época por Thomas Arnold, por intermédio de uma visão direcionada para o serviço da moralidade, como um jogo, uma competição e uma formação.

De acordo com Tubino (2010), mais tarde este Esporte Moderno recebeu um estímulo, com a restauração dos Jogos Olímpicos, realizado no ano de 1896, em Atenas na Grécia. Idealizado pelo francês Pierre de Coubertin, que trazia consigo, a ideia de reformar o sistema educativo francês por intermédio do esporte. Este ideário olímpico prevaleceu até a metade da década de 1930, e começou a ser corrompido a partir dos Jogos Olímpicos de Berlim (1936), quando Hitler começou a usar o esporte como forma de demonstrar a supremacia ariana, ou seja, o uso do esporte para fins políticos e de demonstração de poder. Posteriormente, a partir dos Jogos Olímpicos de Helsinque (1952), o Esporte tornou-se um dos principais instrumentos da chamada Guerra Fria.

O uso político-ideológico do esporte resultou em uma decadência do “Olimpismo”, provocado por manifestações e boicotes, e também devido ao contexto internacional, repleto de conflitos. Portanto, neste período, a ética esportiva foi se desmanchando, vítima constante de ilícitos, dando espaço ao “chauvinismo da vitória”, isto é, a vitória a qualquer custo (TUBINO, 2010).

De acordo com TUBINO (2010) este quadro esportivo negativo, gerou reações que se tornaram bases do Esporte Contemporâneo. Dentre estas podemos ressaltar a Criação do “Esporte para Todos”. Em resumo, este programa defendia e promovia o acesso à atividade física para todas as pessoas. Entre os outros exemplos de reações estão também os manifestos das organizações internacionais, que resultaram na criação de vários documentos, tais como, o “Manifesto do Esporte” (1968), o “Manifesto Mundial da Educação Física” (1970), a “Carta Europeia de Esporte para Todos”, o “Manifesto do Fair Play” (1975) e a “Carta de Paris” (1976); e finalmente a preocupação da intelectualidade internacional (sociólogos, filósofos, cientistas políticos) relacionada com as questões do esporte.

Como resultado destas reações, começou-se a enxergar novas perspectivas e possibilidades para o esporte. Em 1978, foi publicada a Carta Internacional de Educação Física e Esporte, marco da transição do Esporte Moderno para o Esporte Contemporâneo que partia do princípio de que o esporte é um direito para todos, rompendo assim a perspectiva de esporte para poucos talentos anatomicamente indicados do Esporte Moderno, isto é, sair da perspectiva única do rendimento. Com isso, o esporte ampliou sua abrangência social, e passou a compreender todas as pessoas. Após este marco todos os documentos de esporte também reconheceram o direito de todos ao esporte, defendendo sempre a inclusão social no esporte (TUBINO, 2010).

A partir deste cenário, ao longo do século XX, aconteceu o aumento na participação em atividades esportivas, surgiram novas modalidades, organizações e instituições relacionadas aos esportes, e, além disso, houve também ampliação das disciplinas científicas e da exploração de novos conhecimentos que possibilitaram esta ampliação da prática de várias maneiras, desde a iniciação e o processo de ensino e aprendizagem, passando pela participação em ambientes informais, até os ambientes de prática profissional (BALBINO, 2005).

Atualmente, o Comitê Olímpico Internacional (COI) agrega 203 Comitês Olímpicos Nacionais, superando o número de agregados da Organização das Nações Unidas (ONU) que possui 192 filiados. Com isso fica nítida a inserção mundial do esporte nos mais diferentes povos e culturas. Além disso, a cada dia tem crescido o número de modalidades esportivas e de novos ambientes esportivos, em decorrência do aumento de indivíduos, os quais em sua maioria crianças e jovens, iniciados no processo de aprendizagem esportiva. Como consequência a esta

situação, as questões inerentes ao processo de formação esportiva têm provocado discussões significativas entre estudiosos do tema (BALBINO et al., 2013).

Além do número de praticantes esportivos ser crescente, este tema atualmente tem merecido da sociedade científica e da mídia uma atenção especial, resultando em aprofundamento do seu conhecimento no viés político, social, cultural, educacional, científico e antropológico. Esses aprofundamentos vêm fazendo com que o esporte se torne cada vez mais uma das prioridades nas diversas sociedades do mundo (TUBINO, 2010).

2.1.1.2 Significações do Esporte

Mas afinal o que é esporte e quais são os seus significados? Segundo Bordieu (1990), a prática esportiva, dentro de seu amplo espectro, apresenta elasticidade e oferece disponibilidade para usos diferentes. Por meio de suas regras e normas de ação, o esporte pode ser entendido de várias formas. Essas formas se dão pela interpretação dos participantes, e derivam de suas características socioculturais.

Barbanti (2006) define o esporte como uma atividade competitiva institucionalizada que envolve um esforço físico ou uso de habilidades motoras, por indivíduos, cuja participação é motivada por uma combinação de fatores intrínsecos e extrínsecos.

Já para Bento (2006b), não existe uma definição exata sobre o que é o esporte. Para ele, este conceito é complexo, portanto não se poderia dar uma resposta curta e objetiva para esta pergunta, pois se estaria reduzindo tudo o que este fenômeno significa. Porém, refletindo com Bento (2006b), também não se poderia dar uma resposta longa, pois não seria uma resposta exata, estaria carregada de diferentes significados e intenções. Diante desta problemática, o autor apresenta algumas linhas que balizariam este caminho, no entanto, sem reduzir o sentido do termo. Bento (2006b, p.18) entende o esporte como um “conjunto de tecnologias corporais, sendo o uso destas balizado por razões e padrões culturais e por metas, intencionalidade e valorizações sociais”.

O fenômeno esporte constitui-se como um dos mais importantes objetos de análise na sociedade contemporânea, além de fenômeno socioeconômico cultural, ele também tem se caracterizado como político-econômico com grande influência e

significado no cenário mundial, envolvendo múltiplas possibilidades e interpretações (RODRIGUES; MONTAGNER, 2003).

O significado do termo esporte está se ampliando, em consequência das inter-relações existentes entre diversos aspectos das ações humanas, das quais Reverdito, Scaglia e Paes (2013) destacam três como principais, o esporte como um meio agradável de criação, como um meio de identificação coletiva e como fonte decisiva de sentido na vida das pessoas. Estas inter-relações podem ser observadas desde o lazer no tempo livre, até o esporte profissional, abrangendo assim, quase todas as dimensões das atividades humanas.

Enfim, o esporte é um dos fenômenos socioculturais mais importantes da contemporaneidade; ele é elemento e campo de criação da humanidade. Pois possui significados e finalidades diversas, e se encontra inserido nos mais diversos ambientes em todo o mundo, além de envolver indivíduos de todos os grupos sociais (REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2013).

De acordo com Bento (2013) o esporte traz consigo a capacidade de conciliar aspectos aparentemente contraditórios, mas que se potenciam mutuamente, dos quais podemos destacar, dever e direito, trabalho e jogo, esforço e prazer, dor e alegria, restrição e liberdade, disciplina e excesso, derrota e vitória, contenção e exaltação, transpiração e gratificação, sacrifício e realização, cansaço e satisfação. O autor ainda afirma que o esporte se legitima e se justifica devido ao seu insubstituível papel na formação ética e estética de cada indivíduo.

A prática esportiva se dá a partir de um sentido (uma razão de ser, transmitindo valores) e de uma modalidade, (que possuam regras formalizadas, mesmo que essas sejam adaptadas ou criadas pelos praticantes). Assim sendo, o fenômeno esporte pode se manifestar de várias formas. Portanto para compreender uma manifestação esportiva é preciso observá-la como um fenômeno complexo (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007).

De acordo com Bento (2004), o esporte engloba várias práticas humanas, norteadas por regras de ações próprias, regulamentadas e institucionalizadas, direcionadas para um aspecto constitutivo, ou com oposição, ou pela comparação dos próprios resultados. Ainda acrescenta que tais práticas podem ou não se expressar por meio de confrontos, de mensuração de performances, de nomeação de vencedores e perdedores, mas sempre expressam o desejo de realização do homem que carrega em si, a necessidade de se emocionar, superar, jogar, brincar e

comunicar. Complementa dizendo que sem o esporte, o desenvolvimento cultural do homem diminui e empobrece.

Segundo a Lei 9.981, de 14 de julho de 2000, atualmente o Esporte apresenta as seguintes manifestações:

Capítulo III - Da Natureza e das Finalidades do Desporto

Art. 3º

O desporto pode ser reconhecido em qualquer das seguintes manifestações:

I - desporto educacional, praticado nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de educação, evitando-se a seletividade, a hipercompetitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer;

II - desporto de participação, de modo voluntário, compreendendo as modalidades desportivas praticadas com a finalidade de contribuir para a integração dos praticantes na plenitude da vida social, na promoção da saúde e educação e na preservação do meio ambiente;

III - desporto de rendimento, praticado segundo normas gerais desta Lei e regras de prática desportiva, nacionais e internacionais, com a finalidade de obter resultados e integrar pessoas e comunidades do País e estas com as de outras nações.

Neste estudo concorda-se com Santana (2005), quando diz que o esporte e a educação estão intimamente associados, independentemente da esfera em que é praticado, portanto, não existe um esporte mais e outro menos educacional. Acredita-se que o fator educacional está presente em todas as manifestações do esporte.

Portanto, cabe ao pedagogo esportivo a função de conduzir o esporte de maneira formativa e sempre carrega-lo das intencionalidades pedagógicas que são inerentes a ele, pois este é um elemento cultural, eminentemente educativo, presente na vida das pessoas. A partir deste entendimento se iniciará uma reflexão sobre as interfaces do esporte com a educação e com a pedagogia.

2.1.2 Reflexões acerca da Pedagogia

Com o objetivo de avançar na compreensão do caráter educativo do esporte, aprofundaremos a tomada de sentido de Pedagogia de forma geral, para depois integrar a ideia de prática pedagógica com as possibilidades formativas que o esporte possui.

Na Grécia Antiga, existia a figura do “Paidagogo”, um escravo que tinha como função principal conduzir as crianças em ambientes educativos. Nesta época,

“Paidagogia” significava acompanhamento e vigilância do jovem (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1996).

Com o passar do tempo este conceito se expandiu junto com o avanço da humanidade. Ampliar os conceitos de educação passou a ser um dos fenômenos mais significativos dos processos sociais contemporâneos. Assim sendo, preparar o jovem para a vida tornou-se o alvo principal dos processos educativos (LIBÂNEO, 2002).

No entanto, nota-se que ainda hoje muitos julgam as crianças como adultos inacabados, quando na verdade, deveriam perceber que estes são seres humanos complexos que devem ser respeitados como seres que já são e não como seres que ainda vão ser. Porém, notamos que este tipo de julgamento “adultocêntrico” adicionado ao furto do lúdico na infância, tem gerado danos e interferido no desenvolvimento integral do indivíduo como ser participativo e criativo.

Marcellino (1990) observa que a dominação dos adultos (pais, técnicos, professores), exercida sobre a criança ainda continua acontecendo, e ressalta que esta vigilância extrapola o conceito de classe social e invade o campo da faixa etária; ainda mais se considerarmos a ausência de perspectiva de criação. Portanto o que percebemos é que a criança é impossibilitada de viver o presente em nome da preparação para um futuro que ainda não lhe pertence.

Perrotti (1982) aponta que conservadores, partindo de uma visão “adultocêntrica”, julgam a criança como um ser totalmente dependente, sem vontade própria, um indivíduo a margem da sociedade; caracterizam a criança de forma evolucionista, portanto como um “ser incompleto” que precisa ser lapidado. Porém, nós educadores, devemos tomar uma posição justamente contrária a esta visão, pois sabemos que a criança não se resume no “vir a ser” ou “futuro adulto”, mas sim ela é um ser complexo enraizado em um determinado tempo e espaço onde influencia e é influenciada constantemente.

Segundo Reverdito, Scaglia e Paes (2009), a pedagogia se caracteriza atualmente, como um campo do conhecimento que se interessa pelo estudo da teoria e da prática da educação; da prática concreta que se realiza. A pedagogia se preocupa com a produção realizada pela humanidade ao longo de sua historicidade. Ela analisa, interpreta e compreende a problemática educativa, para selecionar diretrizes no presente, orientadoras da ação educativa, a fim de projetar subsídios para a configuração da atividade humana por meio da prática educativa concreta,

em busca de um ideal pedagógico que vise realizar no indivíduo a formação humana, por meio de saberes e modos de ações sistematizadas e organizadas.

Porém, segundo Libâneo (2002), nota-se muitas vezes a delimitação do termo pedagogia ao modo de ensino e ao uso de técnicas de ensino, porém o autor indica que esta definição é simplista e reducionista. Não se pode resumir o pedagógico somente ao metodológico e ao procedimental. Diante dessa visão, é necessário ressaltar que a pedagogia tem um significado bem mais amplo e globalizante, é um campo de conhecimento sobre a problemática educativa em sua totalidade e historicidade, e ao mesmo tempo se consolida no sentido de ser uma diretriz orientadora da ação educativa com finalidades sócio-políticas, configurando-se numa atividade transformadora da realidade educativa.

Assim sendo, Libâneo (2002, p.30) define a pedagogia como:

O campo de conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação, isto é, do ato educativo, da prática educativa concreta que se realiza na sociedade como um dos ingredientes básicos da configuração da atividade humana. Nesse sentido, educação é o conjunto das ações, processos, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais.

A partir desta definição, Balbino (2005) indica que o pedagogo deve promover intervenções nos processos, levando constantemente em consideração o ambiente e os fenômenos ali observados e o campo de conhecimento que dão base e norteiam sua prática, determinando a dinâmica da práxis educativa. Segundo o autor, é necessário ao pedagogo estabelecer a intencionalidade que orienta a sua ação, conhecer o objeto que se quer transformar e intervir com ações embasadas cientificamente visando um processo de transformação do sistema, caracterizando assim a práxis educativa. Portanto, para o pleno desenvolvimento do caráter formador e educativo por excelência que o esporte possui, é necessário o reconhecimento da existência das práticas pedagógicas e a sua conseqüente transferência para o ambiente esportivo.

2.1.3 Reflexões acerca da Pedagogia do Esporte e suas Funções

De acordo com Balbino (2005), o esporte sempre possuiu um caráter

formativo, desde os gregos, passando pelo seu resgate para o surgimento no Esporte Moderno, até o presente momento. Dando sequência para o Esporte Contemporâneo, a evolução deste fenômeno exigiu manifestação de competências de todos os atores envolvidos nas diversas áreas deste contexto, entre eles, podemos destacar os jogadores, professores, técnicos, dirigentes, agentes do poder público e privado. Dentre estes, o autor destaca o pedagogo esportivo como agente direto e administrador de toda complexidade inerente a este processo, sustentado pela ampla atuação da pedagogia do esporte, na dimensão compreensiva do ambiente formativo em que se sustentam suas ações.

O esporte é por excelência um campo de conhecimento, e, da objetivação da vida, é um espelho do homem, onde ele reflete todas as suas forças e fraquezas, virtudes e defeitos, coragens e medos, portanto é uma atividade na qual o homem se revela em plenitude. A partir disto, devido à reflexão humana eminente neste contexto, são criadas as possibilidades pedagógicas do esporte (BENTO, 2006b).

As ciências pedagógicas se interessam pelo esporte, pois este é um elemento da civilização e campo de criação da humanidade. Reverdito, Scaglia e Paes (2009) citam que a pedagogia se ocupa da produção realizada pela humanidade ao longo de sua história. Portanto, se a pedagogia se preocupa com o conhecimento produzido pelo indivíduo, ao longo de sua existência, logo se interessa pelas práticas esportivas, pois o esporte é um fenômeno social, que foi criado pelo homem e que se desenvolveu simultaneamente com a civilização.

As Ciências do Esporte almejam desvendar os significados deste fenômeno para aqueles que o praticam, e vinculam-se a uma ética de corresponsabilização pela orientação, organização e condução humanista das práticas esportivas. Porém, estas se desenvolvem a partir de uma pluralidade (FIG. 1) e complexidade inerentes neste contexto, visto que são inúmeros os fatores e possibilidades que exercem influência sobre este fenômeno (BENTO, 2006c).

Porém, Bento (2006c) ressalta que todas têm um objetivo em comum, e conseqüentemente, precisam umas das outras para tentar alcançar este. Na Pedagogia do Esporte, por exemplo, onde estão envolvidos os jogos, os movimentos, o ensino, a aprendizagem, os treinamentos, as competições, é comum que esta ramificação das ciências do esporte recorra a outras especialidades da área, tais como, a psicologia e fisiologia do esporte, visto que estas são indissociáveis para o esclarecimento do seu objeto.

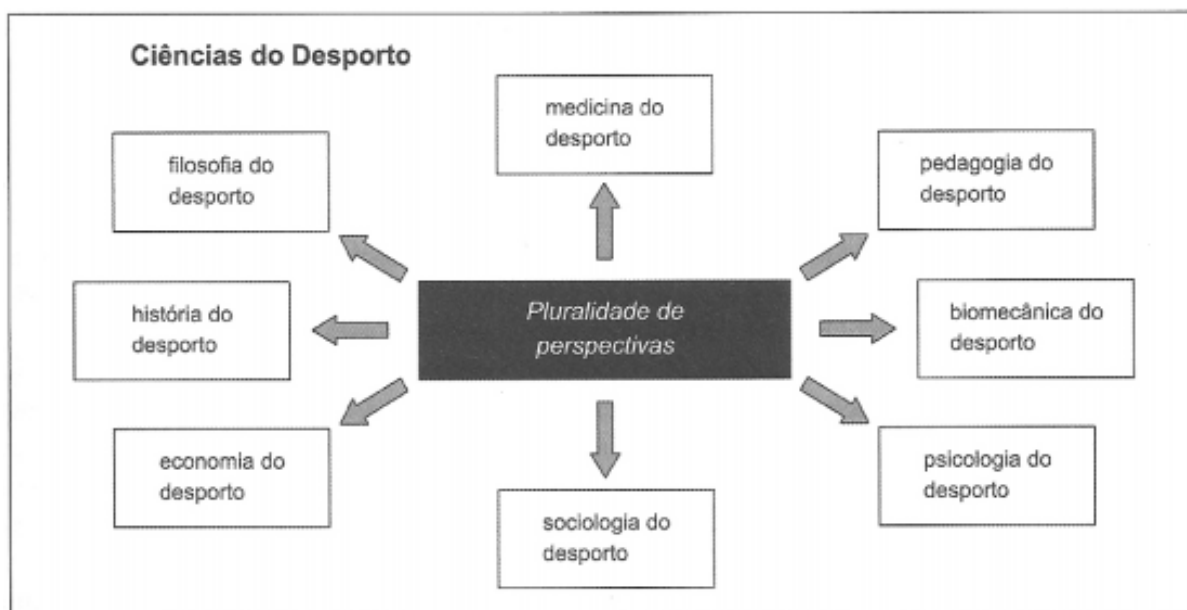


Figura 1. Pluralidade de Perspectivas das Ciências do Desporto (BENTO, 2006c).

No entanto, apesar de todas elas se ocuparem do mesmo fenómeno, cada uma delas olha para o esporte com os instrumentos, saberes, ideais e intenções que lhe são próprios (BENTO, 2006c).

Assim sendo, diante das disciplinas das Ciências do Esporte, foi incumbido à Pedagogia do Esporte o papel de tematizar a problemática educativa, envolvendo seus múltiplos atores, cenários, significados e finalidades, tudo isto no “inter-jogo” do sentido de ciência; debruçando-se sobre a compreensão e explicação com base nos critérios de cientificidade (fundamentação teórica), e de prática (intervenção), visando organizar, sistematizar, aplicar e avaliar a prática realizada. Sem nunca esquecer que ciência e prática estão sempre interligadas (MATOS, 2006).

Caminhando neste sentido de teoria e práxis, Matos (2006) ressalta que a Pedagogia do Esporte não é somente práxis, ela possui duplo significado, por um lado se ocupa da prática, o concreto, e por outro lado é ciência e investigação que tem a ver com teorias e, como qualquer ciência, constrói teoria. A teoria e a prática da pedagogia do esporte mantêm uma relação de complementaridade. A teoria se preocupa com os problemas da práxis; e da mesma forma que a práxis inspira a teoria, também a teoria orienta a práxis. A teoria é imprescindível para o bom desenvolvimento da práxis da Pedagogia do Esporte, pois, sem teoria, esta fica vazia e arbitrária.

Desta forma, o conhecimento obtido por intermédio da investigação deve estar alinhado com a ação prática. Não com o intuito de criar receitas definitivas de

procedimentos e métodos, mas, sim, para esclarecer as possibilidades de uma atuação criativa, contextualizada e orientada da práxis, com a finalidade de lidar com a complexidade que a caracteriza (MATOS, 2006).

A Pedagogia do Esporte é uma pedagogia que se especializou nas diversas formas de atividades esportivas. Assim sendo, esta Pedagogia do Esporte garante o interesse da Pedagogia Geral, razão pela qual aplica conhecimentos desta, num campo definido que é o esporte (MATOS, 2006).

Portanto, esta Pedagogia do Esporte, que advém da Pedagogia Geral e das Ciências do Esporte, se consolida no compromisso de analisar, interpretar e compreender as formas esportivas sob a luz de perspectivas pedagógicas, e também possui a obrigação de refletir sobre o esporte no âmbito da educação, da formação, da realização da humanidade e condição humana do homem (BENTO, 2006c).

Assim sendo, além de estar ligada às Ciências do Esporte, a Pedagogia do Esporte também está igualmente conectada às Ciências da Educação. Matos (2006) comenta que a união do objeto da Pedagogia do Esporte com as Ciências da Educação se dá por intermédio dos fenômenos: educação, desenvolvimento, aprendizagem e formação.

Neste sentido, em relação ao objeto da Pedagogia do Esporte, Matos (2006) não o define, porém pressupõe globalmente que inserido em seu âmbito está a ação do movimento corporal que se manifesta em termos esportivos e lúdicos, dentro ou fora de instituições cujas motivações têm a ver com o processo de educação, formação, desenvolvimento e aprendizagem.

A Pedagogia do Esporte deve ter seus pensamentos e ações comprometidos com a condição humana das pessoas, indo além da simples tarefa de desenvolver capacidades e ensinar habilidades, tem a função de favorecer o bem-estar dos indivíduos e a sua vida social (SANTANA, 2005).

Marques (2006) ainda complementa esta ideia, comentando que a Pedagogia do Esporte investiga as normas e condições pedagógicas que podem contribuir para o desenvolvimento da personalidade dos esportistas, no âmbito da atividade esportiva.

Para Bento (2006c), esta pedagogia do esporte aborda o teor moral da prática esportiva e visa à criação de orientações que enfatizam o humano, o ético, enfim o correto do ponto de vista do esporte e do ponto de vista da pedagogia. Ainda

complementa que a tarefa desta é (re)construir as virtualidades de formação e emancipação imanentes ao fenômeno cultural esporte, nunca se esquecendo da parte educativa envolvida neste ambiente formativo.

Reverdito, Scaglia e Paes (2013, p.31), após análise de autores e obras de referência na área concluíram que:

A Pedagogia do Esporte busca investigar e intervir na prática esportiva, de modo a garantir que o sujeito possa apropriar-se do fenômeno esportivo, tão logo, implicando na responsabilidade da educabilidade do sujeito. Para tanto, justifica-se a necessidade em conhecer concepções teóricas que têm orientado as investigações e a prática educativa no esporte.

Dentre as funções da Pedagogia do Esporte, Bento (2006c), destaca a tarefa de reavivar a consciência da dignidade da pessoa, e complementa que o esporte deve ser constantemente concebido como oficina da humanidade e humanização dos humanos, de enraizamento de liberdade, de aperfeiçoamento e aprofundamento da cidadania e da democracia. Deve sempre levar em consideração o enriquecimento do sentido e significados das ações. Em resumo, esta Pedagogia do Esporte tem função de promover a qualidade do esporte, em condições iluminadas por critérios éticos e humanos.

2.1.3.1 Do Trato Pedagógico do Esporte

O esporte é um ambiente formativo por excelência, portanto deve sempre estar cientificamente e metodologicamente sustentado sobre pilares pedagógicos. Reverdito, Scaglia e Paes (2013), citam três aspectos fundamentais no tratamento pedagógico do esporte:

- não se pode ser promovido por profissionais com conhecimentos pedagógicos insuficientes;
- não se pode pensar apenas no campeão, deve ser levado em consideração o homem em toda sua potencialidade e complexidade;
- é preciso contaminar-se das responsabilidades do educador, exigidas pela época em que se vive.

Santana (2005) também sugere alguns princípios, que os considera básicos para o desenvolvimento de uma pedagogia esportiva que leve em consideração a complexidade e a ideia de educação presentes no contexto da formação esportiva:

- tratar pedagogicamente a competição, de modo que ela possa contribuir efetivamente para o desenvolvimento infantil;
- buscar o equilíbrio entre o racional e o sensível;
- dialogar os conhecimentos com os sistemas humanos;
- reconhecer a diferença entre os iguais;
- desenvolver tarefas que contribuam para a construção da autonomia;
- investir numa pedagogia lúdica, que gere prazer;
- capacitar e formar.

Diante do cenário atual, Paes (2006) ressalta a existência de alguns problemas, tanto no âmbito formal, escolas, quanto no não formal, clubes, escolinhas e etc., que devem ser minimizados para que seja possível a implementação de um efetivo trato pedagógico para o esporte. Sobre a pedagogia da Educação Física Escolar, Paes (2006) destaca a falta de vinculação do oferecimento do esporte com o projeto pedagógico escolar, os conteúdos repetitivos do esporte em diferentes níveis, e o ensino fragmentado do conteúdo esportivo. Já no ambiente não formal, o autor destaca o ensino do esporte com ênfase apenas nas habilidades específicas, o objetivo da instituição promotora de iniciação esportiva de oferecer a prática para a criança, visando somente os resultados, sem levar em consideração a formação do cidadão e finalmente a priorização do resultado em curto prazo.

Após a análise de obras de autores que almejam a ruptura paradigmática com as concepções reducionistas no tratamento do esporte, Reverdito, Scaglia e Paes (2009), chegaram à conclusão de que as diferentes abordagens buscam no processo de formação esportiva:

- ir além da simples repetição de movimentos, visando sempre à orientação para a formação de indivíduos críticos e conscientes, que sejam capazes de refletir sobre suas ações;
- o compromisso com o ensinar, com a transformação e com a autonomia do indivíduo, levando em consideração o ser que joga, valorizando sua cultura corporal e social, independentemente de requisitos pré-estabelecidos;
- a contextualização da ação e a valorização de um ambiente formativo, tendo como mediador e facilitador o educador;
- ressaltar o entendimento do jogo em toda a sua complexidade, sendo que o processo de ensino e aprendizagem se dá por meio do jogo em sua plenitude, e que

a compreensão de seus princípios operacionais, assim como suas especificidades técnicas, se potencializa por meio de formas jogadas, funcionais condicionadas e situacionais.

Enfim, fica nítido que não se pode separar treino de ensino. Seguindo esta linha, Graça e Mesquita (2006) definem este ensino como uma atividade cujo objetivo principal é fomentar, ou ajudar alguém a aprender algo que seja valioso para sua formação e a desenvolver a sua personalidade e suas possibilidades de ação no mundo.

Assim sendo, não existe um esporte educativo e outro sem valor educativo, ou seja, já é inerente a ele tal capacidade educacional. Portanto, deve-se partir do princípio que os treinamentos devem ser pedagogicamente organizados e cientificamente fundamentados, visando preparar os jovens para a vida, só assim será possível o alcance de seu objetivo primordial: contribuir para o desenvolvimento integral do indivíduo (MARQUES, 2006).

Além disso, neste processo de formação no esporte é preciso ter como ponto de partida o indivíduo praticante, reconhecendo que tal prática só existe devido ao indivíduo que percebe e representa o esporte como fenômeno sociocultural (REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2013).

Desta forma, fica determinado ao pedagogo esportivo o papel de interpretar pedagogicamente situações e circunstâncias do esporte, com a finalidade de contribuir para processos de ensino, de aprendizagem e prática do esporte, marcados pela intencionalidade do desenvolvimento dos indivíduos (BENTO, 2006a).

2.2 Do Talento Esportivo, da Promoção e Formação Esportiva

Diante do contexto da Pedagogia do Esporte, nota-se que o assunto “talento esportivo”, assim como os meios de promoção e formação esportiva deste, tem sido alvo de diversas pesquisas nesta área. Portanto, para o prosseguimento deste estudo que objetiva discutir motivos que levam os jovens considerados talentos e bem sucedidos em categorias de base a abandonar a modalidade esportiva antes de alcançar o esporte profissional, faz-se necessário o aprofundamento acerca destes termos.

Assim sendo, neste tópico inicialmente, será discutido sobre as significações

do termo “Talento Esportivo” e suas características, e em seguida será realizada uma reflexão sobre os meios da promoção e formação esportiva para jovens.

2.2.1 Reflexões acerca do Talento Esportivo

A palavra talento era utilizada na antiguidade romana para designar peso e valor monetário. Atualmente, segundo Guenther (2000) costuma-se empregar a palavra talento para conceituar a pessoa com determinadas características e atributos valorizados pela cultura e momento histórico. Além disso, para Böhme (1995) na caracterização do talento devem ser levados em consideração também a constituição individual herdada ou adquirida e as condições sociais.

Segundo Nicolai Ré et. al. (2010), o talento pode ser observado em diversas áreas do conhecimento, como, por exemplo, na matemática e na arte. Geralmente, quando se fala deste tema na área do esporte e da Educação Física costuma-se empregar o termo “talento esportivo”, para designar tais pessoas talentosas.

Segundo Joch (2005), as pesquisas sobre talento esportivo iniciaram-se na Alemanha durante a década de 1960. De acordo com Bolonhinhi e Daolio (2010), nesta época, o país se encontrava em condições sociais e políticas especiais, devido à derrota na Segunda Guerra Mundial. Diante desse cenário, as duas Alemanhas, que conheciam a capacidade que o esporte possui de transmitir valores e ideologias, resolveram utilizá-lo como uma propaganda a seu favor. Um meio de se destacar era a posição dos atletas em competições mundiais, porque, com bons resultados, todo o mundo veria que os melhores atletas eram ou do bloco comunista ou do bloco capitalista, com isso, tornou-se necessário um meio que garantisse o surgimento de tais atletas, a partir daí começou-se a discutir com mais ênfase científica a problemática do talento.

A iniciativa de tais pesquisas partiu da Associação Alemã de Atletismo, com a fundação do “Conselho de Rendimento”, que tinha como foco principal os estudos sobre talentos. Tal conselho era coordenado por um médico chamado Dr. Harald Mellerowicz (JOCH, 2005).

De acordo com Lanaro e Böhme (2001), o termo “talento esportivo”, é empregado para caracterizar indivíduos que demonstram elevadas capacidades biológicas e psicológicas, que dependendo do meio social no qual vivem, poderão apresentar alto desempenho esportivo, dependendo para isso de condições

ambientais adequadas.

Além disso, segundo Böhme (2000), também é necessário, neste contexto, considerar o nível competitivo ao qual o jovem talentoso está inserido, por exemplo, um indivíduo pode ser considerado um talento em nível escolar, podendo não ocorrer o mesmo quando este compete em nível de esporte federado.

Neste estudo, concordamos com Bento (1989) quando diz que o talento esportivo é um fenômeno complexo, que tem sua determinação em direção ao esporte profissional resultante de várias características qualitativas e quantitativas que se inter-relacionam.

Em pesquisa clássica sobre o tema Csikszentmihalyi (1997) apud Vieira, Vieira e Krebs (2005) aponta três características fundamentais que um talento deve possuir:

- traços individuais, que estão inerentes ao indivíduo e se desenvolvem de acordo com seu crescimento;
- domínios culturais, que diz respeito a quanto determinada atividade realizada é significativa para o indivíduo;
- campo social, constituído das pessoas e instituições que decidem o quanto uma determinada tarefa é considerada de valor ou não para a sociedade.

Em um estudo de caso realizado por Vieira, Vieira e Krebs (1999), com um nadador brasileiro, medalhista olímpico, foi evidenciado que o desenvolvimento do talento ocorreu em um processo de continuidade desde a estimulação até a especialização, esta trajetória se deu por meio de uma sequência progressiva de objetivos adequados ao nível de desenvolvimento da criança e, em seguida, do atleta. Destacam-se entre os pontos que culminaram no sucesso do indivíduo:

- atributos pessoais, tais como determinação, concentração, dedicação e motivação para a prática;
- a não especialização precoce, ou seja, estimulação voltada para atividades variadas desde os quatro anos, seguida da aprendizagem de várias modalidades de nove a doze anos;
- contexto familiar e esportivo positivo, quanto à estrutura, expectativas e suporte;

Vieira, Vieira e Krebs (1999) concluem por meio desta pesquisa que a trajetória esportiva é um processo único, que em seu produto final está presente a inter-relação entre os atributos individuais, as características ambientais e o *timing*

vital e social que promovem ou inibem o desenvolvimento.

Sendo assim, nota-se que o talento não se desenvolve por si só, ou seja, ele não depende apenas das suas características individuais, visto que o quanto estas características são valorizadas ou não pelas pessoas que fazem parte do seu ambiente, influenciam diretamente na evolução ou na inibição destas. Desta forma, além dos traços individuais, este indivíduo considerado talentoso para determinada prática depende também da sociedade ao seu redor que, por sua vez, deve oportunizar a vivência e o conhecimento de diversas práticas e estimular as possibilidades de cada um, respeitando sempre suas vontades e capacidades para cada etapa de seu desenvolvimento.

Weineck (2003) considera que o talento esportivo distingue-se pela posse de diferentes capacidades e habilidades de diferentes âmbitos, que condicionam de forma complexa o desempenho esportivo; ainda complementa que o talento é uma direção marcada de determinadas qualidades físicas que ultrapassam a média da população, mas que ainda não está completamente desenvolvida.

Para Kiss et. al. (2004), o termo “talento esportivo” é utilizado para designar pessoas que possuem aptidão (condição em determinado instante) especial, grande aptidão ou grande potencial, para o desempenho esportivo.

Vieira, Vieira e Krebs (2005) sintetizam o talento esportivo da seguinte forma:

O talento esportivo é uma compreensão das características da pessoa no contexto da modalidade esportiva, cuja competência pessoal (talento) é um status alcançado dentro do ambiente esportivo (contexto); isso devido às qualidades físicas (biótipo) e psicológicas (força de vontade, determinação e persistência) que capacitaram os atletas a obter o nível de talento dentro da modalidade.

Um talento apresenta uma variante extrema na manifestação da característica relevante para o esporte, ou seja, uma reunião de fatores para a prática de uma modalidade esportiva. Porém, para que este se desenvolva é necessário um longo tempo de aprendizagem de habilidade que envolve exigência de tempo e esforço. Vieira, Vieira e Krebs (2005) ainda ressaltam que a qualidade de um atleta não se esgota nas qualidades motoras, pois neste estão envolvidos outros fatores, tais como os psicológicos e cognitivos. Além disso, o desenvolvimento deste talento também depende de condições sociais e ambientais favoráveis.

Joch (2005) conceitua talento a partir de dois componentes, que denominou

de estático, e dinâmico. O estático compreende a disponibilidade e a disposição, ou seja, a vontade do participante de se envolver num treinamento que vise desenvolver seu potencial esportivo; as possibilidades reais do ambiente onde está inserido, incluindo aqui as condições de treinamento em longo prazo oferecido pelo meio social onde vive; e a apresentação de resultados adequados conforme cada etapa de seu desenvolvimento. Já o componente dinâmico se relaciona com os processos ativos de mudanças biopsicossociais, pelos quais o talento passa em decorrência do seu desenvolvimento, que devem ser conduzidas por meio de princípios e métodos pedagógicos de treinamentos e competições.

Alguns indivíduos relatam que o talento seria um dom ou, um presente. Em pesquisa feita por Masseto et al. (2007), onde analisava a concepção de talento na percepção de cinco nadadoras olímpicas, foi constatado que três delas destacam tal termo como um dom inato, ou seja, algo que nasce com a pessoa. As atletas entrevistadas na pesquisa ainda citam que o talento está relacionado ao componente genético, como se fosse um dom recebido, porém enfatizam os aspectos da personalidade para justificar o sucesso alcançado.

Outros estudos que seguiram o mesmo caminho da pesquisa citada anteriormente, no qual os dados são depoimentos dos próprios atletas expondo suas ideias no que diz respeito ao seu talento, obtiveram resultados similares a respeito da personalidade. Massa (2006) concluiu que em relação ao discurso dos judocas olímpicos brasileiros, destacou-se a determinação como o principal fator de explicação para a obtenção do alto desempenho esportivo na modalidade. Markunas (2005) cita também a motivação e o amor ao esporte como características determinantes na formação de talentos do voleibol. Vieira (1999) relata que características de personalidade, tais como, dedicação, persistência e determinação são evidenciadas em talentos no atletismo. Bloom (1985), utilizando-se de depoimentos de pessoas próximas aos atletas, considera que a maioria dos pais dos talentos entrevistados ressalta a persistência, a competitividade e a força de vontade como as qualidades mais evidentes dos seus filhos.

Após análise histórica e de definições de autores da Educação Física sobre o termo talento esportivo, Bolonhini e Daolio (2010) sugerem que talento seria aquele indivíduo que possui capacidades especiais que proporcionam um alto desempenho.

Bolonhini e Daolio (2010) ainda realçam que tais indivíduos talentosos podem ter alguma diferença corporal em relação aos outros seres humanos, porém estas

diferenças não fogem aos padrões normais do gênero humano, com isso os autores concluem que realmente há um fator biológico acoplado ao talento, mas que também deve ser incluído nesta questão o fator cultural, ou seja, não se deve menosprezar, ou colocar em segundo plano os fatores socioculturais que interferem na formação de um talento esportivo.

Portanto, temos neste estudo que o talento esportivo é resultado da relação de um conjunto de fatores que envolvem características herdadas como de disposições motoras, cognitivas e afetivas favoráveis e de características adquiridas que devem ser desenvolvidas em condições sociais e ambientais adequadas. Portanto, o seu desenvolvimento está ligado a um processo de formação esportiva, cientificamente organizado e sistematizado, que leve em consideração todos os fatores herdados e socioculturais inerentes neste contexto e que também vise além da formação do atleta a formação para a vida.

2.2.2 Reflexões acerca da Promoção e Formação Esportiva

Uma criança com predisposição para ser um talento esportivo não tem necessidade de programas de treinamento específico? Seria capaz de progredir por si mesma, sendo autossuficiente para se afirmar como um talento esportivo no futuro? Isso tem sido alvo de discussões, e estudos de autores da pedagogia do esporte. De acordo com Vieira, Vieira e Krebs (2003), a resposta aponta para a necessidade de se conscientizar que, se a criança não tiver acompanhamento e treinamento adequados não obterá desempenho satisfatório no seu futuro esportivo.

Para Martin (1988), quando se fala em aptidão não deve ser levado em consideração apenas o genético, mas deve ser analisado também o social, o pedagógico e a metodologia do treinamento.

O talento necessita de uma adequação constante aos requisitos da modalidade esportiva, que variam durante a trajetória esportiva de cada indivíduo, e neste processo, a qualidade da intervenção de professores e técnicos é fundamental. Pode-se entender que, em outra perspectiva, desconsiderar a contribuição genética na formação de um talento esportivo é uma atitude inocente. Matsudo (1999) enfatiza a importância da herança genética para o sucesso de um talento; no entanto, também salienta que este potencial genético isolado não garante um alto desempenho. Para que isto ocorra se faz necessária uma relação positiva

entre fatores genéticos e fatores ambientais. Conseqüentemente tanto o ambiente quanto a genética devem ser considerados durante o desenvolvimento de um talento esportivo, devido à sua forte relação de interdependência.

Filin e Volkov (1998) afirmam que cada organismo, de acordo com a hereditariedade e com a influência do meio exterior, desenvolve-se individualmente. Por isso é difícil determinar qual jovem poderá se tornar um campeão no futuro. Nestas condições aparece o papel do professor, que, orientando-se pelo conhecimento das particularidades das faixas etárias, pelas leis do aperfeiçoamento esportivo e pelos ritmos individuais de desenvolvimento, estimula as capacidades esportivas, convertendo-as em talento. Portanto, para estimular o desenvolvimento de forma coerente de um possível talento esportivo, é necessário um sistema cientificamente fundamentado, que permitirá determinar a direção para alcançar o ápice de cada jovem atleta.

Muitas são as discussões em relação ao papel do treinamento e da hereditariedade neste contexto. Bloom (1985) tentando resolver este problema, por intermédio de uma pesquisa retrospectiva realizada com nadadores e tenistas, avaliou se o desenvolvimento do talento estava relacionado com o treinamento ou com a carga genética. O autor percebeu que o apoio dos pais, dos professores, técnicos e mentores, teve uma relação com a evolução dos indivíduos em direção ao esporte profissional. Desta forma, uma boa base, que entendemos como sendo o processo de formação esportiva é crucial para a consolidação do talento esportivo. Assim, o sucesso e a evolução de cada pessoa estão intimamente ligados à quantidade e à qualidade dos estímulos que recebe dos pais, professores e técnicos. Desta forma, a possibilidade de sucesso de um indivíduo em qualquer esporte depende tanto do seu potencial genético, quanto da metodologia de aprendizagem e treinamento utilizada durante as diferentes fases do seu desenvolvimento (LANARO; BÖHME, 2001).

Sendo assim, a formação de futuros atletas depende de um processo de Treinamento a Longo Prazo (que chamaremos ao longo do texto pela sigla "TLP") entendido por Böhme (2000) como um processo de treinamento realizado de forma organizada e sistemática, que objetiva a formação esportiva, ao qual o indivíduo deve ser submetido desde a categoria de base até o esporte profissional. Ainda, segundo a autora, o TLP, desempenha um importante papel nos processos de detecção, seleção e promoção do talento esportivo, desempenha um papel

fundamental na formação esportiva. Os processos de detecção seriam o conjunto de medidas utilizadas com o objetivo de encontrar, detectar um número elevado de crianças e adolescentes, que estariam prontas e dispostas para a participação em um programa de formação esportiva geral; os processos de seleção, meios utilizados para a determinação dos indivíduos que têm condições de serem aceitos em níveis mais altos do TLP; e finalmente os processos de promoção de talentos esportivos, os quais de acordo com a autora ocorrem concomitantemente, por meio de um processo amplo de avaliação e acompanhamento constante do desempenho do jovem atleta.

Nesta abordagem, concorda-se com Rigolin (2010) no que diz respeito à complexidade relacionada ao tema “Talento Esportivo”. O autor acredita que não seja possível realizar uma detecção, seleção e prognóstico do talento. Sendo assim, o papel da ciência neste contexto seria o de oferecer subsídios teóricos e aplicados para que os meios de promoção esportiva tornem-se melhores e mais qualificados.

Além disso, segundo Rocha e Santos (2010), essa promoção não depende apenas dos pais e dos técnicos; parece haver um forte componente social que exerce influência, o qual, a partir dos poderes políticos, como o apoio ao esporte e divulgação da modalidade, estende-se a uma rede de aspectos de engajamento mais diretamente relacionada ao indivíduo, como emprego e família. Ou seja, a partir deste ponto de vista, fatores econômicos e sociais contribuem sobremaneira para o desenvolvimento da carreira esportiva.

Portanto, a promoção de talentos esportivos envolve a utilização dos procedimentos de treinamento adequados e cientificamente planejados para obter o desempenho esportivo ótimo, ideal em longo prazo. Porém, devem existir também as condições sociais propícias a este desenvolvimento, tanto na família e na escola, quanto no treinamento esportivo oferecido (BÖHME, 2007).

Böhme (2000) cita ainda que além dos processos de mudanças biopsicossociais ocasionadas pelo o seu desenvolvimento (crescimento e maturação), em um processo de treinamento a longo prazo devem ser levados em consideração os aspectos pedagógicos adequados, dado que todo este processo exerce influência direta na formação educacional do jovem considerado talentoso.

Assim sendo, a promoção de um possível talento esportivo deve estar entrelaçada a um TLP, realizada de forma organizada e que respeite cada etapa de desenvolvimento do ser humano.

Martin et. al. (1999) apresentaram uma teoria do TLP desenvolvido com crianças e jovens, onde este é considerado uma integração entre: a formação de desempenho e treinamento a longo prazo; a capacidade de treinabilidade infantojuvenil; a forma de organização do TLP pela sociedade; e um sistema de competição adequado à idade e formação do jovem atleta.

Com isso, segundo Böhme (2004) o TLP, deve apresentar as seguintes características:

- compreender o intervalo de tempo entre o início de treinamento, voltado para a iniciação, e a passagem para as categorias competitivas, de acordo com especificidades da modalidade, até alcançar o nível adulto;
- depender do alcance dos critérios de desempenho determinados para cada etapa de treinamento;
- coordenar os elementos dos treinamentos, a fim de alcançar um efeito conjunto planejado;
- não objetivar o alcance do nível máximo de desenvolvimento em cada idade ou categoria;
- ser um processo pedagógico, portanto com características educacionais.

Um processo de TLP deve visar o alcance do melhor desempenho do indivíduo na idade e época considerada adequada para a modalidade. A formação de talentos esportivos deve objetivar o desenvolvimento de todas as qualidades da personalidade dos jovens envolvidos no treinamento, por intermédio de métodos pedagógicos adequados, e devem ser apresentados de forma gradativa os sucessos competitivos ao decorrer do processo (BÖHME, 2007).

Em pesquisa clássica feita por Bloom (1985), evidencia-se que a precocidade não foi indício de um alto desempenho futuro, mas sim o processo contínuo de desenvolvimento, pois nem todos talentosos na vida adulta eram assim caracterizados em idades precoces. E outros considerados talentos em idades precoces não confirmaram esta expectativa posteriormente.

Em pesquisa realizada por Masseto et al (2007), todas as nadadoras talentosas entrevistadas afirmaram que não se destacaram logo no início da carreira, estas citaram que do início da prática até a idade de destaque, houve um período em que seu desempenho não era superior a população, sendo ainda que três delas relataram que seus resultados de destaque ocorreram tardiamente quando comparadas a média populacional.

De acordo com Bloom (1985), acerca do processo de desenvolvimento do talento devem ser observadas três fases:

- anos iniciais de aprendizagem, caracterizados por atividades prazerosas, que visem fornecer o estímulo necessário para o desenvolvimento das capacidades e habilidades, porém que respeitem a sensibilidade dos processos de crescimento, desenvolvimento e maturação;

- anos intermediários de aprendizagem, caracterizados pelo alcance de níveis mais altos de desempenho, as atividades devem ser realizadas de forma mais intensa e sistematizada. Neste período, são relevantes aspectos como motivação e o tempo de prática;

- anos finais de aprendizagem, caracterizados por uma prática mais específica, com o foco voltado para a busca da perfeição, período dominado pelo empenho e pela concentração.

Segundo Böhme (2000), o TLP deve apresentar uma duração média de seis a dez anos, variando conforme a modalidade esportiva e assim como Bloom (1985) divide este processo em três níveis:

- formação básica geral, compreende principalmente o desenvolvimento das capacidades coordenativas. Visa à melhora geral do desempenho esportivo e a introdução ao esporte escolhido;

- treinamento específico, tem como principal objetivo a melhoria a longo prazo do desempenho esportivo específico da modalidade escolhida. Este nível é dividido em três etapas: treinamento básico, que visa melhorar o desempenho esportivo geral, desenvolver as capacidades físicas inerentes à modalidade pretendida, além de experimentação de métodos de treinamento específicos do esporte; treinamento de síntese, objetiva melhorar o desempenho específico da modalidade, dominar as principais técnicas e participar de campeonatos em níveis nacionais de forma bem sucedida; treinamento de transição, almeja o aumento dos aspectos de desempenho esportivo passíveis de condicionamento, o domínio do repertório de técnicas da modalidade, a tolerância às cargas de treinamento maiores exigidas nos diferentes momentos do treinamento, alcançar altos desempenhos esportivos de treinamento e competição e a real perspectiva de alcançar o esporte profissional;

- treinamento de alto nível, objetiva o alcance do alto desempenho individual, com o aumento otimizado do volume e da intensidade de treinamento, a estabilização e a disponibilidade máxima da técnica esportiva e a manutenção da

melhor capacidade de desempenho pelo maior tempo possível.

De acordo com Rigolin (2010), este processo de promoção esportiva com crianças deve ser realizado por meio de um treinamento a longo prazo que vise à formação integral. O autor também menciona este treinamento em longo prazo dividido em três etapas: iniciação, quando o praticante é apresentado ao esporte; desenvolvimento, etapa de aprimoramento do seu nível esportivo; e alto desempenho, etapa onde se deve alcançar o desempenho máximo.

Martin (1988) sugere quais podem ser as idades ideais para cada nível do TLP. Para ele a formação básica geral, deveria ocorrer no período da grande infância (6 a 10 anos), visando o desenvolvimento de um amplo repertório motor; na sequência a criança avançaria para o treinamento básico (10 a 13 anos), que corresponde à primeira etapa do treinamento específico citado por Böhme (2000), posteriormente se especializaria em uma modalidade esportiva (13 a 17 anos) e finalmente alcançaria o treinamento de alto nível.

Porém, segundo Böhme (2000), é importante ressaltar que o início e a duração das etapas do TLP, variam de acordo com a modalidade esportiva, e, além disso, devem ser consideradas neste contexto, as diferenças entre idade cronológica, que se refere ao total de anos, meses e dias vividos, e idade biológica, referente ao estado de crescimento e maturação. Também é bom evidenciar que, as etapas do TLP estão interligadas, ou seja, não ocorrem independentemente umas das outras, o que pode acontecer é que devido a uma vivência não adequada de alguma das etapas, pode ser gerada uma deficiência que tenha que ser compensada de algum modo posteriormente. Um processo de TLP deve visar o alcance do melhor desempenho do indivíduo na idade e época considerada adequada para a modalidade.

Os profissionais envolvidos no contexto de treinamento de jovens atletas precisam ter uma boa formação pedagógica, pois atuarão no processo educacional do indivíduo. Além disso, os técnicos esportivos ou professores não devem visar o alcance de resultados esportivos imediatos, pois o início do processo competitivo intenso no começo do TLP leva a uma diminuição precoce do número de praticantes. Portanto, é necessário que a meta deste profissional seja preparar adequadamente o jovem atleta, para que este alcance seus melhores resultados nas idades ideais da modalidade esportiva pretendida, evitando assim o abandono precoce do esporte competitivo. Consequentemente, este tipo de conduta também

auxiliaria a promoção do esporte participativo, voltado para o lazer e saúde, o qual poderá continuar sendo praticado pela maioria dos jovens que não prosseguirem no esporte de rendimento (BÖHME, 2000).

Muitas são as discussões relacionadas a temas como “fomento de talentos”, “especialização”, “prática esportiva precoce” e outros afins. Porém Bento (2006c), destaca que tudo isso realmente tem que ser discutido. No entanto, o foco principal de tais discussões deve ser a formação da autonomia do indivíduo e o desenvolvimento de sua personalidade. Percebe-se que quando a criança se torna objeto de técnicos, pais e professores, ou seja, quando a sua formação é realizada de acordo com a perspectiva dos educadores, a distância entre formação e conformação não vai além de um passo curto.

São nestas condições que aparece o papel do professor, ou técnico, que, orientando-se pelo conhecimento das metodologias pedagógicas adequadas, pelas particularidades das faixas etárias, pelas leis do aperfeiçoamento esportivo, e pelos ritmos individuais de desenvolvimento, trabalha as capacidades esportivas, convertendo-as em talento. Portanto, para aproveitar de forma coerente os possíveis talentos esportivos, faz-se necessário um sistema cientificamente fundamentado, que permitirá determinar a direção para alcançar o ápice de cada indivíduo. Além disso, segundo Dantas, Portal e Santos (2004), o professor não deve visar somente o desenvolvimento das qualidades físicas, mas também a formação do ser humano (personalidade) – que contenha em si além da perfeição física, a riqueza espiritual e a moralidade.

2.3 Do Abandono ao Esporte

De acordo com Rocha e Santos (2010), é compreensível que a complexidade do contexto esportivo e as chances de sucesso e insucesso existam em virtude de um sistema que atua em um espectro seletivo. São poucos os talentos esportivos que chegam ao ápice do esporte em nível mundial, e, indiscutivelmente, é desta forma que o contexto permite ser. Mas a atenção em não desperdiçar jovens talentos não pode ser ignorada, uma vez que o planejamento da estrutura esportiva, desde o trajeto adotado na especialização motora, a preparação psicológica e afetiva deste atleta em formação, até o suporte de infraestrutura de forma geral, é indispensável para o pleno desenvolvimento do esporte no país.

Levando em consideração este cenário, e também todos os aspectos envolvidos neste ambiente esportivo que deve ser formador por excelência, a partir deste ponto será feita uma reflexão sobre os motivos do abandono precoce da modalidade por parte desses “talentos esportivos”, com a finalidade de proporcionar subsídios para a discussão dos resultados posteriormente.

2.3.1 Motivos de Abandono

Nota-se que nos estudos relativos ao tema abandono no esporte existe uma complexidade relacionada aos caminhos que geram esta situação. Na pesquisa realizada por Bara Filho e Garcia (2008), chegou-se à conclusão de que há uma diversidade de motivos que podem levar os jovens a abandonar o esporte. Entre eles estão a falta de tempo para amigos/namoro/lazer, outros interesses além do esporte, a monotonia dos treinos, problemas com o técnico, lesões/ problemas de saúde, falta de resultados/ pouca participação e a desmotivação, entre outros. Com isso, devido à complexidade e amplitude de motivos, se torna essencial que os envolvidos neste processo estejam sempre atentos e busquem conhecer e controlar as situações que podem gerar o abandono, estes devem estar conscientes de que o seu trabalho não se limita apenas a aquele espaço e período no qual estão diretamente em contato com os jovens.

Em uma pesquisa sobre o abandono do Esporte em Jovens Tenistas, que comparava jogadores profissionais e recreacionais, realizado por Dias e Teixeira (2007) que investigaram possíveis fatores que estariam associados à intenção de abandono do esporte entre jovens atletas, também foram encontradas correlações significativas entre o pensamento de abandono e diversas variáveis: metas não alcançadas, preocupação menor com os resultados, cobrança por parte de pais e técnicos as quais os atletas não sabem se conseguirão atingir. Surgiu também na pesquisa situações como o fato de se sentirem menos valorizados pelo técnico do que os colegas, de não estarem mais sentindo prazer em treinar e vontade de ir aos treinos e ainda a falta de recurso financeiro.

Bara Filho e Garcia (2008) ressaltam que o abandono da prática esportiva é mais frequente entre jovens, pois estes apresentam maior instabilidade física, psicológica e social. Sendo assim a maneira com que os pedagogos esportivos envolvidos neste ambiente desenvolvem e integram o esporte na vida destes

indivíduos em formação se torna importante para evitar o abandono.

Diante da complexidade de motivos que podem ser apontados como caminhos que levam ao abandono, percebe-se que existem alguns pontos que estão sempre presentes nas discussões sobre o tema, dentre estes podemos destacar o *Burnout*, aspectos relacionados à competição, a especialização precoce, fatores “extracompetitivos”, à conduta da família, à atuação/ conduta dos técnicos tanto dentro quanto além do ambiente esportivo e às metodologias de treinamento utilizadas por ele. Diante deste quadro, buscaremos tratar de maneira mais profunda estes temas, a fim de provocar uma melhor compreensão destas situações, suas relações com o abandono da modalidade e as possíveis consequências para a vida dos indivíduos envolvidos.

2.3.1.1 *Burnout*

Atualmente, no mundo dos esportes, o abandono precoce por parte de atletas talentosos de suas modalidades, tornou-se um problema significativo. Autores têm estudado este tema e apontado algumas situações que podem culminar com a desistência da modalidade, parte deles ao falar sobre este assunto aponta o *Burnout*. Pesquisas sugerem um conjunto de fatores que podem desencadear esta problemática, que pode ter como consequência o abandono da prática, portanto, é necessário refletirmos sobre este termo, de relevância para este estudo que visa compreender melhor os motivos que levam os jovens talentosos a abandonar o esporte.

O *Burnout* é um objeto de estudo recente no esporte. Segundo Pires et al. (2012), o primeiro autor a mencioná-lo no âmbito da psicologia geral foi Freudberger nos anos de 1974 e 1975, que trabalhava numa clínica comunitária que prestava serviço voluntário a pessoas em situação de risco social. Inicialmente, ele definiu a “Síndrome de *Burnout*” como a exaustão gerada pelo excesso de demanda de energia, força ou recursos. Ele percebeu que estes sintomas de exaustão estavam sendo identificados e discutidos entre os trabalhadores ao seu redor, que se sentiam pressionados devido à responsabilidade de atender as pessoas envolvidas naquele ambiente.

Porém, as protagonistas dos estudos sobre o tema foram Maslach e Jackson (1981). Estas pesquisadoras definiram a “Síndrome de *Burnout*” como uma exaustão

emocional que ocorre geralmente com indivíduos que realizam trabalhos para outras pessoas. Elas validaram um instrumento de mensuração da síndrome denominado *Maslach Burnout Inventory* (MBI). E após a análise de suas pesquisas encontraram três dimensões para explicar o *Burnout*: exaustão emocional, despersonalização e a baixa realização pessoal.

Inicialmente a Síndrome de *Burnout* era pesquisada apenas em profissões de “apoio”, como é o caso dos médicos, professores, assistentes sociais e advogados. A partir da década de 80 do século passado, começou a ser investigada também no âmbito esportivo; e no Brasil somente há aproximadamente duas décadas surgiram às primeiras publicações científicas sobre o assunto (PIRES et al. 2012).

Desde então o *Burnout* no ambiente esportivo tem sido investigado nos atores ligados ao contexto esportivo, entre eles estão os preparadores físicos, árbitros e principalmente técnicos e atletas (PIRES; BRANDÃO; MACHADO, 2005).

Weinberg e Gould (2001) definem *Burnout*, como uma resposta psicofisiológica de exaustão gerada a partir de esforços frequentes, que geralmente são insuficientes para satisfazer as demandas excessivas de treinos e competições. É um conjunto de sintomas que podem acarretar no retraimento psicológico, emocional e, às vezes, até físico de uma atividade que antes era tida como prazerosa, mas que passou a gerar insatisfação e sensação de perda de tempo.

Smith (1986), também concorda que o *Burnout* possui componentes físicos, mentais e comportamentais que são caracterizados pelo abandono psicológico, emocional e algumas vezes físico de uma atividade anteriormente tida como prazerosa e que foi perdendo a função de divertir devido ao estresse crônico, causando a falta de satisfação. O autor propõe um modelo de *Burnout* composto por quatro estágios: primeiro, o atleta é colocado sob alguma demanda por tempo prolongado, e é pressionado a obter resultados por pessoas importantes para ele; segundo, o indivíduo interpreta e avalia está situação; terceiro, se ele considera que a cobrança é superior ao que ele está apto a fazer no momento há uma resposta fisiológica como, por exemplo, insônia e cansaço; e no quarto estágio, o atleta demonstra um comportamento de enfrentamento com a situação, que pode gerar uma diminuição da performance, dificuldades interpessoais e finalmente o abandono da prática.

Os estágios, propostos por Smith (1986), são influenciados por fatores motivacionais e de personalidade. Enfim, estes são uma consequência de

componentes situacionais, cognitivos, fisiológicos e comportamentais de estresse excessivo. Com isso, o autor considera que o *Burnout* é resultado de uma interação recíproca entre fatores pessoais e situacionais.

2.3.1.1.1 Desencadeadores do *Burnout*

Silva (1990) enfatiza as respostas ao treinamento físico como um dos principais fatores que geram o *Burnout* e o abandono. Comenta que o excesso de treino pode levar a uma adaptação negativa, que pode ocasionar uma resposta negativa ao treinamento, que vai desde o cansaço esperado da prática, até o cansaço extremo e, conseqüentemente, o abandono.

Coakley (1992) apresenta uma perspectiva sociológica relacionando o *Burnout* com a estrutura social de participação no esporte de atletas adolescentes. Nessa perspectiva, o abandono acontece quando os atletas sentem que estão perdendo tempo com o esporte ou quando se sentem presos ao mesmo. Além disso, por causa da demanda de tempo associada com uma participação intensa no esporte, os jovens não são encorajados a explorar outros papéis que não o de atleta. Como resultado, os jovens podem definir-se exclusivamente como atletas ao invés de adotarem uma identidade multifacetada típica dos adolescentes; conseqüentemente essa identidade unidimensional faz com que se sintam pressionados a obter sucesso. Quando o atleta sofre alguma lesão ou não tem bons resultados, esta identidade única relacionada a ser atleta é abalada, causando estresse que contribui para o *Burnout*.

Weinberg e Gould (2001) comentam que o esgotamento, tanto físico quanto emocional, são aspectos característicos do *Burnout*, trazendo como consequência à perda de preocupação, energia, interesse e de confiança além de sentimentos de baixa realização pessoal, baixa autoestima, fracasso e depressão. Segundo esses autores, o fato de os indivíduos começarem a carreira esportiva precocemente, e, serem pressionados a se tornarem profissionais ainda na adolescência contribui para que sofram o processo de *Burnout* jovens.

Chiminazzo e Montagner (2009) apontam a queda de rendimento como um sintoma de *Burnout*. Segundo estes autores, a pressão por vitórias aumenta o estresse, e esta situação seguida da ausência de resultados positivos e associada com a falta de prazer, de recompensas positivas e de satisfação, pode desencadear

a síndrome, que tem como uma das suas principais consequências a desistência da atividade competitiva, ou seja, o abandono da modalidade esportiva.

De acordo com Bara Filho, Ribeiro e Miranda (1999), uma importante contribuição para a diminuição do *Burnout* entre jovens atletas seria a aplicação da carga de treinamento adequada em conformidade com os princípios científicos, e também a variação dos métodos utilizados nos treinos, com finalidade de torná-los menos monótonos.

Bara Filho e Garcia (2008) complementam que nos esportes individuais, as principais causas de abandono são a monotonia nos treinos e o excessivo tempo de dedicação a modalidade, já nos coletivos destacam-se as lesões e a falta de companheirismo. Com base nisto, os autores sugerem que nos coletivos deve-se enfatizar o trabalho em grupo sempre, e nos individuais, os técnicos devem buscar estratégias motivacionais que minimizem o problema da monotonia e da excessiva dedicação.

Ainda neste sentido, Verardi (2010) ressalta que alguns indivíduos suportam bem as demandas de treinamento; já outros têm mais facilidade em sofrer estresse físico e emocional com elevadas cargas de treino. A partir deste entendimento, se faz necessário que o pedagogo esportivo envolvido neste ambiente esteja ciente e atento à percepção e a resposta que cada atleta tem em relação ao treinamento realizado. Com isso, o autor recomenda que se faça uma investigação individual sobre o que pode delimitar o desenvolvimento esportivo do atleta para enfrentar este problema de forma adequada para cada indivíduo.

Em uma análise qualitativa, feita por Chiminazzo e Montagner (2009), foi constatado que para os técnicos de tenistas, os principais fatores desencadeadores de *Burnout* são os treinamentos sem controle e mal elaborados, o excesso de jogos ou a não participação em partidas, a pressão dos pais, patrocinadores, dirigentes ou do próprio atleta, a rotina estressante, a falta de companhia nas viagens e a falta de uma vida social mais intensa.

Em pesquisa, realizada por Pires, Brandão e Machado (2005), aponta que o *Burnout* em atletas se origina principalmente da incompatibilidade dos planos e metas iniciais dos mesmos nas modalidades esportivas com as demandas crônicas de caráter sócio-psico-físico exigidas pelo esporte e por todos os atores envolvidos neste ambiente, podendo assim, culminar no abandono precoce da modalidade pelo esportista. Portanto, a prevenção deste problema promove benefícios, pois além de

contribuir para a diminuição dos índices de desistência do esporte, este tipo de conduta por parte de técnicos e professores, também coopera para a aquisição de ganhos na qualidade de vida para o atleta tanto no ambiente esportivo quanto fora dele.

Pires et al. (2012), após sua revisão sobre Síndrome de *Burnout* no esporte brasileiro, destaca a saturação crônica como um dos pontos principais que deve ser observado e que pode implicar no *Burnout* e conseqüentemente no abandono, e com isso conclui que se faz de extrema importância a prevenção e a detecção da síndrome pelo pedagogo esportivo. O abandono da modalidade, entre outros aspectos, pode revelar a falta de motivação para o esporte competitivo, bem como a falta de autorrealização e satisfação do atleta perante a rotina de treinos e competições. Assim sendo, de posse do conhecimento das características do *Burnout* e dos conhecimentos científicos ligados ao treinamento esportivo, o pedagogo esportivo envolvido neste contexto deve elaborar estratégias de prevenção e detecção precoce do problema. Esta é uma maneira com que este agente poderá contribuir efetivamente para a diminuição do abandono no esporte causado por este motivo no país.

Gould et al. (1996), também consideram que o *Burnout* seria o motivo de abandono do esporte por estresse excessivo crônico. Porém, os autores ainda conceituam outro termo, o *Dropout*, que seria o abandono por outro motivo que não o já citado anteriormente, entre estes estão mudança de interesse, falta de diversão e a baixa percepção de competência. Porém nota-se que na maioria das vezes o termo *Burnout* é utilizado para caracterizar o abandono no esporte em qualquer situação.

Portanto, salienta-se que o abandono no esporte não advém apenas do *Burnout*. Apesar de alguns autores usarem este termo como sinônimo de desistência da prática, foi evidenciado, em nossos estudos, que este abandono também pode ser ocasionado por outras motivações. Desta forma, neste estudo considera-se que além do estresse físico e emocional característicos do *Burnout*, existem outros fatores que influenciam neste contexto, como, por exemplo, o desejo de atuar em outra modalidade, uma proposta de emprego, uma lesão, entre outros. Assim sendo, o *Burnout* exerce influência no processo de abandono, porém não se deve esquecer que existem outros caminhos que também levam ao abandono.

2.3.1.2 Aspectos Relacionados à Especialização Precoce

A especialização precoce é um ponto que deve ser levado em consideração neste contexto. Nas pesquisas de Kunz (1983) e Oliveira et al. (2007), por exemplo, fica evidenciada sua relação com o processo de abandono prematuro da modalidade.

A procura por talentos e a busca por resultados imediatos tem provocado a inserção no esporte de crianças em idades cada vez mais precoces; este fato tem chamado a atenção para os possíveis efeitos negativos do treinamento excessivo precoce sobre o bem estar físico e psicológico dos iniciantes na prática.

Segundo Paes e Balbino (2009), este é um grave problema da pedagogia do esporte. Os autores ressaltam que a busca por resultados em curto prazo tem levado profissionais a promover a especialização como elemento de constituição de seus procedimentos pedagógicos. Os autores relatam que tal prática pode resultar em problemas de diferentes dimensões: físicas, técnicas, táticas, psicológicas e filosóficas.

Este procedimento, comum em diversas modalidades esportivas, tem se caracterizado geralmente por uma prática intensa, onde muitas vezes as crianças são submetidas a treinamentos de adultos e que tem como objetivo principal o resultado imediato. Isto além de não ser saudável para o seu processo biológico natural, acaba muitas vezes antecipando várias etapas do seu crescimento, desenvolvimento e maturação, o que pode resultar em abandono precoce (OLIVEIRA et al., 2007).

Balbino et al. (2013) enfatizam que a organização do programa de esporte infantil deve ter como objetivo a evolução do ser até chegar à categoria adulta, portanto não se deve aplicar o modelo do esporte profissional no ambiente de iniciação.

Paes (1989) complementa que a busca por resultados e plenitude nas categorias menores dificulta a manutenção destes níveis em categorias superiores. Lima (2000) conclui que este tipo de especialização pode limitar o potencial de desenvolvimento motor da criança, e conseqüentemente pode vir a faltar à base ampla necessária para o melhor desempenho em idades mais avançadas.

Paes (2006) comenta ainda que a definição precoce, no que diz respeito ao posicionamento tático em esportes coletivos, também deve ser evitada. Segundo o

autor, este tipo de especialização tática pode acarretar em inúmeros problemas para as crianças; acrescenta que esta situação pode resultar até mesmo no abandono da prática, uma vez que o processo de aprendizado fica restrito a apenas uma parte da modalidade, ou somente a uma posição, sendo negada a elas a oportunidade de conhecer o novo, ou a modalidade como um todo. Como consequência elas perdem a chance de enriquecer seu repertório motor, técnico e tático, fato que pode vir a lhe fazer falta em categorias mais avançadas.

Entre as principais consequências de se especializar a criança precocemente, está o fato de, geralmente, ser adotado por um longo período de tempo uma metodologia de treinamento incompatível com as características, interesses e necessidades da criança. Entende-se que são realizadas por um longo período de tempo ações que não condizem com os indivíduos envolvidos no contexto (SANTANA, 2005).

A partir desta situação, Kunz (1994), enumera alguns problemas que tal prática pode acarretar às crianças ou adolescentes que vivenciaram tal tipo de prática:

- formação escolar deficiente, devido às exigências do treinamento;
- a unilaterização do desenvolvimento, descartando assim a pluralidade inerente ao ser humano;
- reduzida participação em outras atividades fora do esporte, que são indispensáveis para o desenvolvimento da personalidade da pessoa.

Ainda pode-se ressaltar neste contexto de consequências negativas da especialização precoce: o estresse na competição, que pode causar medo, insegurança e baixa autoestima; a saturação esportiva, ou seja, o enjoo e desinteresse de continuar a praticar o esporte devido aos excessos, a monotonia e as experiências negativas, e as lesões, que são advindas principalmente da prática em excesso, sem adequação para a faixa etária. Todos estes pontos podem acarretar no abandono da modalidade (SANTANA, 2005).

Em pesquisa realizada por Oliveira et al. (2007), que relacionava a especialização precoce e o abandono prematuro da natação, percebeu-se que 42% dos participantes abandonaram a modalidade citada na categoria juvenil, 33% na categoria júnior, e apenas 8% na categoria sênior, em média abandonavam a modalidade aos 16±2 anos de idade. Também foi notado que 67% dos atletas que abandonaram precocemente a modalidade atingiram o pico na categoria infantil,

25% na categoria mirim e petiz e 8% na categoria juvenil. Com base nisso a pesquisa conclui que existe uma relação altamente significativa entre especialização precoce e o término da carreira prematuramente.

Kunz (1983) encontrou resultados semelhantes numa investigação sobre atletas de categorias juvenis e adultas da modalidade de atletismo, que constatou que 75% dos atletas que foram campeões nas categorias menores não atingiram a fase adulta.

Outro fato relevante neste contexto, diz respeito à escolha da modalidade esportiva a se especializar. Paes (2006) ressalta que tal decisão não pode ser tomada a partir de alguns referenciais pré-estabelecidos, como, por exemplo, o tipo físico, ou fator social. O autor defende que o processo de iniciação esportiva tem que ser o mais diversificado possível; deve ser proporcionado à criança o conhecimento de diferentes modalidades.

Pesquisas têm apontado que a maioria dos atletas que apresentam um alto nível de desempenho no esporte em idades adultas não se especializou precocemente em uma modalidade, mas sim vivenciou atividades diversificadas no início de sua formação esportiva.

Dentre estas pesquisas podemos destacar o estudo de caso sobre a trajetória esportiva de um nadador brasileiro que foi medalhista olímpico. Vieira, Vieira e Krebs (1999) observaram que o processo de especialização do atleta, foi realizado de forma adequada e favoreceu o seu desenvolvimento, pois respeitou cada etapa do processo de formação e as capacidades e necessidades do indivíduo em cada período; foi notado que a partir de quatro anos ele teve uma estimulação voltada para atividades variadas; a partir dos nove anos, ele teve a oportunidade de vivenciar várias modalidades esportivas; aos catorze anos começou a praticar especificamente a natação e somente aos dezesseis anos intensificou a dedicação aos treinamentos.

Em pesquisa recente, Marques et al. (2014) investigou a formação esportiva de 52 jogadores profissionais de voleibol masculino, atuantes no Campeonato Paulista e Superliga Nacional; os dados desta pesquisa indicaram que aproximadamente 2/3 destes atletas tiveram a oportunidade de vivenciar uma iniciação esportiva com modalidades variadas, o que indica a diversificação de experiências como um ponto positivo do início do processo de formação esportiva. Com base nos resultados desta pesquisa, os autores apontam que na iniciação deve

ser priorizado o aprendizado por meio de práticas variadas e também que quando os treinamentos com foco nos resultados competitivos se iniciam após ou durante a puberdade há maiores chances de sucesso esportivo em comparação à especialização esportiva precoce.

Outras pesquisas também indicaram a mesma direção; em pesquisa feita por Massa et al. (2010) com judocas, pertencentes à seleção brasileira olímpica nos Jogos Olímpicos de Atenas, 2004, foi constatado que 83% deles não foram considerados talentos precoces e não se destacavam no início da prática. Com base nestes dados, os autores concluíram que é necessário no processo de iniciação evitar qualquer estratégia que venha excluir crianças que podem se tornar futuros talentos e, também, evidenciaram que nos anos iniciais de formação é importante o oferecimento de diversas práticas indiscriminadamente, para que os envolvidos possam vivenciá-las com prazer, descobrindo e desenvolvendo suas vocações, aptidões, e, conseqüentemente, despertando seus talentos.

Com base nisso podemos observar que a especialização precoce não está entrelaçada ao desenvolvimento de futuros atletas, mas sim à busca pelos resultados imediatos, e nota-se nos estudos que o ideal no processo de desenvolvimento de possíveis talentos seria uma sequência progressiva de objetivos que deve ser adequada aos níveis de desenvolvimento da criança e, posteriormente, do atleta.

Portanto, deve ser dada, para todos os ingressantes no processo de iniciação esportiva, independentemente de suas características físicas, classe social, entre outros critérios pré-estabelecidos, a oportunidade de vivenciarem, de forma adequada para cada faixa etária, as diversas formas de esporte existentes, para que a partir disso, seja escolhida a modalidade que deverá ser enfatizada no processo futuro de treinamento específico. Ademais, é direito da criança a possibilidade de escolha, pois afinal quem está envolvida e sente prazer ou não na prática é ela. Aos outros indivíduos envolvidos, neste ambiente, cabem os papéis de estruturação e organização deste oferecimento de possibilidades e, também, o de orientação da prática, porém sem imposições. Desta forma, os pedagogos esportivos estarão efetivamente contribuindo para um processo adequado de escolha e especialização da modalidade.

2.3.1.3 Aspectos Relacionados ao Técnico e ao Treinamento

Motivos ligados à figura do técnico têm sido frequentemente citados neste contexto de abandono no esporte, assim como as metodologias de treinamento utilizadas por eles. A falta de apoio do técnico ou problemas pessoais com este (REIS, 2014; HALLAL et al., 2004; GARCIA, 2000), a pressão excessiva do técnico (DIAS; TEIXEIRA, 2007), o não reconhecimento ou a falta de valorização do indivíduo praticante por parte do técnico (DIAS; TEIXEIRA, 2007), os excessos de carga de treinamento (SILVA, 1990), as lesões (SANTOS; NASCIMENTO, 2012), a forma como os treinos são elaborados (GARCIA, 2000; CHIMINAZZO; MONTAGNER, 2009), a monotonia dos treinos (REIS, 2014; BARA FILHO; GARCIA, 2008), a falta de satisfação e prazer no ambiente esportivo (DIAS; TEIXEIRA, 2007; CHIMINAZZO; MONTAGNER, 2009) são pontos que merecem destaque neste cenário.

Nota-se que o mau relacionamento com o técnico ou também o comportamento considerado inadequado por parte deste, pode ter como consequência o abandono da modalidade (MARQUES, 2006).

Em pesquisa recente realizada por Hallal et al. (2004) com jogadores de futsal foi diagnosticado que os principais motivos que causaram o abandono da modalidade foram os prejuízos com os estudos e a falta de apoio do técnico. Ainda consta nesta pesquisa que entre onze e doze anos o principal motivo além da falta de apoio do técnico foi a dificuldade de relacionamento com este; entre treze e catorze anos, aponta-se também os motivos citados anteriormente e o interesse por outros esportes; e finalmente entre quinze e dezessete, além dos já citados, destaca-se a falta de apoio financeiro como um dos motivos de abandono. Com isso, observa-se nesta pesquisa que em todas as faixas etárias, os aspectos negativos relacionados à figura do técnico tiveram uma importante contribuição para o processo de abandono da modalidade.

Outro aspecto que deve ser levado em consideração neste contexto são as formas de valorizar o que o indivíduo faz e o seu desenvolvimento. De acordo com Marques (2006), o reconhecimento e os *feedbacks* são necessários para as os jovens atletas envolvidos no ambiente esportivo. O técnico tem que reconhecer e valorizar o que cada realização significa no progresso dos jovens e também ser capaz de reconhecer quando estes ficam abaixo de suas possibilidades.

É preciso também estar atento ao fato de que o ambiente esportivo deve ser sempre prazeroso e trazer satisfação aos praticantes, e, além disso, deve-se evitar que os treinos se tornem monótonos, pois tal situação pode tornar-se maçante e resultar também numa insatisfação por parte do indivíduo praticante. Greco (1998), falando mais especificamente do processo de iniciação esportiva, alerta que a escolha do método a se utilizar neste período pelo professor exerce influência direta no sucesso ou não do praticante. Portanto, este método deverá facilitar o processo de ensino-aprendizagem, além de preparar o iniciante para o processo de treinamento. Porém, deve-se tomar cuidado para que esta ação não se torne maçante ou tediosa. Além disso, se faz necessário o oferecimento de tarefas que estejam adequadas à capacidade do aluno.

Paes et al. (2008) comentam que os elementos constituintes das modalidades esportivas, tais como os fundamentos, princípios, características, regras, estratégias e táticas, devem ser introduzidos gradativamente e apresentadas de maneira simples e em nível adequado às habilidades e capacidades, físicas, motoras, cognitivas, emocionais e sociais da criança em processo de formação. Os autores ressaltam ainda que o esporte na infância deva educar e ser prazeroso, tido que é pela satisfação com a prática que a criança permanece no ambiente esportivo.

Vieira, Vieira e Krebs (2005), complementam dizendo que é importante neste contexto de ensino e aprendizagem do esporte, o fato que desde a iniciação sejam desenvolvidas práticas gratificantes e motivadoras para as crianças e jovens envolvidos.

Além disso, o técnico, na sua prática pedagógica, deve ter plena consciência de que, para as crianças, ele não é apenas a pessoa que vai lhe ensinar o esporte. Para elas, o técnico é uma das figuras adultas com as quais mais se identificam e com quem partilham algum tempo significativo em suas vidas. Portanto, cabe ao técnico conhecer, dar atenção e transmitir confiança as crianças envolvidas neste processo de formação (MARQUES, 2006).

O técnico deve estar atento ao fato de que suas atitudes, tanto dentro, quanto fora do ambiente esportivo servem de modelo a todos aqueles jovens que estão envolvidos no processo. Assim sendo, mais do que ensinar simples gestos técnicos ou aspectos táticos dos esportes, este ator no contexto da formação esportiva deve se empenhar em transmitir valores que possam contribuir efetivamente para o pleno desenvolvimento do indivíduo que passar sobre sua “tutela” durante algum período

de vida.

Ademais, percebe-se que a prática do esporte que não leva em consideração o indivíduo praticante pode acarretar alguns problemas. Portanto, o pedagogo esportivo deve estar atento a todos os fatores envolvidos no cotidiano do atleta. É necessário levar em consideração toda a complexidade relacionada com a prática, pois, quando o objetivo principal é apenas o desenvolvimento e o aperfeiçoamento técnico e tático de forma isolada, sem levar em consideração a cultura e as necessidades do ser praticante, podem ser gerados danos biopsicossociais que serão levados para o resto da vida do indivíduo.

2.3.1.4 Aspectos Relacionados à Competição

Dante De Rose Junior e Korsakas (2006) consideram que a competição está presente na relação do homem com a natureza, no seu cotidiano, porém nota-se que o vínculo mais forte sempre será com o esporte. Neste âmbito esportivo, os autores se referem à competição como uma disputa entre indivíduos ou grupos que, a partir de regras pré-estabelecidas e princípios de iguais possibilidades, buscam objetivos definidos dentro de um evento esportivo.

Para Balbino et al. (2013), a competição não é a “priori” um problema, visto que competir é um ponto atrativo para as crianças, porém o problema parece estar na forma como essa competição é proposta e conduzida.

A competição esportiva na infância se torna prejudicial quando tem seu início antecipado, foca a prática de gestos específicos, está relacionado à especialização precoce, e se há exigência da busca da vitória a qualquer custo (DE ROSE JUNIOR, 2002a).

Existem pesquisas que apontam a pressão competitiva gerada por pais e técnicos e também a ênfase exagerada na vitória, como fatores que podem resultar num processo de abandono. Entre eles podemos citar Chiminazzo e Montagner (2004), Chiminazzo e Montagner (2009), Knijnik, Greguol e Seleno (2001) e Garcia (2000).

Os aspectos envolvidos na questão da vitória e da derrota exercem influência neste contexto. Com isso, se torna papel básico dos atores envolvidos neste cenário, expandirem os significados da competição infantil para além da determinação de vencedores e vencidos (BALBINO et al., 2013).

A preocupação exagerada relacionada com os resultados de eventos esportivos - vitórias e derrotas - é um problema grave na iniciação esportiva. Paes (2006) comenta que o esporte não pode ser reduzido a uma prática de valorização dos vencedores. Neste sentido, vencer não se resume em ganhar um jogo, significa sim participar de um processo de aprendizagem social e de desenvolvimento integral e prazeroso.

Knijnik, Greguol e Seleno (2001), citam que a ênfase exagerada na vitória e o excesso de pressão por parte dos pais e dos técnicos, têm se demonstrado como fatores relevantes no abandono precoce do esporte. García (2000) também sugere que entre outros fatores que têm levado os jovens a abandonarem o esporte estão: a excessiva insistência na vitória, a pressão competitiva, a falta de diversão, a conduta do técnico, a forma em que estão organizados os treinamentos e as competições, e a pobre comunicação com técnicos e companheiros. O autor ainda coloca que na juventude é importante a influência dos pais, dos técnicos, dos companheiros e dos amigos tanto na motivação para iniciar quanto para continuar praticando um esporte.

As pressões externas, entre elas a exigência de vitória por parte dos pais ou técnicos, a comparação entre atletas de um mesmo grupo, a preocupação com o investimento que está sendo aplicado nele, podem contribuir para que o indivíduo deixe de praticar a atividade com prazer. Estes fatores podem reduzir as possibilidades do jogo para tão somente na busca pela vitória a fim de satisfazer as expectativas externas. Esta cobrança de perfeição pode acarretar no abandono da modalidade (CHIMINAZZO; MONTAGNER, 2004).

De Rose Junior (2002b) diz que competir significa enfrentar desafios e demandas, que de acordo com aspectos individuais e situacionais podem representar uma considerável fonte de estresse para os indivíduos envolvidos, dependendo de seus atributos físicos, técnicos e psicológicos.

Segundo De Rose Junior (2002a), o estresse pode ser gerado na competição a partir da complexidade da tarefa, das pressões exercidas por pessoas envolvidas no processo, da definição de objetivos irrealistas, do comportamento inadequado dos adultos, do nível de expectativa (próprio e das pessoas ao seu redor) e do excesso de treinamentos e cobranças.

Em pesquisa realizada por De Rose Junior (2002b) sobre fatores competitivos de estresse em atletas infanto-juvenis foi evidenciado que as situações que

causaram mais elevados níveis de estresse foram:

- cometer erros que provocam a derrota;
- cobrança interna exagerada;
- perder jogo praticamente ganho;
- perder para adversário ou equipe tecnicamente mais fraco;
- cometer erros em momentos decisivos;
- erros de arbitragem;
- companheiro egoísta;
- companheiro que reclama exageradamente;
- companheiro que não se esforça;
- técnico que só critica;
- técnico que não reconhece o esforço do atleta;
- técnico que só enxerga o lado negativo;
- atletas que falam mal de outros no grupo;
- inveja;
- diferença de tratamento por parte do técnico.

O autor conclui a partir desta pesquisa que além dos fatores ligados ao próprio desempenho, deve-se destacar que as outras pessoas que fazem parte deste processo competitivo, como o técnico, e os companheiros de equipe também podem representar fontes de estresse significativas, a partir de suas atitudes e relacionamentos.

Com base nisso, e, também nas características das crianças e dos jovens, o profissional envolvido neste contexto esportivo deve basear-se numa prática educativa e buscar estimular as crianças a regular seus interesses com autonomia. Este pedagogo esportivo deve entender a competição como uma ferramenta que auxilia no desenvolvimento pleno do ser humano (DE ROSE JUNIOR; KORSAKAS, 2006).

No processo de formação esportiva de crianças e jovens, a competição deve assumir o seu papel como meio de aprendizagem, prazer e satisfação, portanto esta não pode ser entendida como um momento único de culminância dos treinamentos, mas sim como uma etapa deles, a fim de contribuir para o desenvolvimento de capacidades e habilidades dos envolvidos.

Em relação à participação de crianças e jovens em competições, Ferraz (2002) considera dois fatores importantes:

- prontidão da criança – se refere às competências já desenvolvidas pela criança, ou seja, se esta já possui pré-requisitos necessários para enfrentar novas situações mais complexas, como, por exemplo, competições. O conceito de prontidão esportiva é composto pela prontidão nos domínios físico, motor, cognitivo, afetivo, moral e social;

- período ótimo de aprendizagem – se baseia na identificação de períodos em que o indivíduo está mais sensível para novas aprendizagens, indicando então sua condição para vivenciar novas situações e desenvolver novas habilidades e capacidades. Ressalta-se que cada domínio citado anteriormente apresenta períodos distintos, ou seja, uma criança não se apresenta “pronta” em todos os domínios no mesmo momento, sendo assim se torna necessária a identificação de da etapa de desenvolvimento de cada domínio, com intenção de se oferecer estímulos adequados às potencialidades das crianças em cada momento de desenvolvimento.

Portanto, se faz necessário ajustar a competição das fases iniciais de formação esportiva ao estágio de prontidão característico de cada etapa de desenvolvimento. Neste sentido não se deve reproduzir com crianças os mesmos moldes de competições dos adultos, visto que elas ainda não estão preparadas para tal tipo de atividade.

Para Mesquita (2000), a competição para indivíduos mais jovens deve ser organizada em função das características do escalão etário a que os atletas pertençam; esta deve apresentar sistemas de provas que não conduzam à eliminação, incremento de um ambiente de cooperação entre todos os participantes, realização de provas de pequena duração e que contemplem as capacidades dos participantes.

De Rose Junior e Korsakas (2006) sugerem que as competições na iniciação esportiva devem proporcionar aos envolvidos, experiências desafiadoras, que contribuam para a firmação de cada uma delas e não a superação de colegas. Os autores ainda apontam que tais eventos esportivos competitivos devem privilegiar a variedade de atividades individuais e coletivas, e, além disso, devem ressaltar o caráter lúdico do esporte, a importância da participação, o prazer de jogar brincando, e o prazer de “brincar” por intermédio de uma modalidade esportiva.

Segundo Tani (2001) a competição tem que ser utilizada em prol do desenvolvimento esportivo, psicológico e social dos envolvidos. Nela os praticantes

devem exercer seus conhecimentos técnicos e táticos, vivenciar diferentes formas de executar os fundamentos, e ter a chance de dividir responsabilidades tanto na vitória quanto na derrota.

De Rose Junior (2002a) destaca que a competição na infância pode ser favorável ao processo de formação quando se inicia espontaneamente, privilegia a prática diversificada de atividades motoras, expande a oportunidade da prática do esporte, respeita as capacidades e limites de cada um, possibilita a diversão e o prazer no desenvolvimento da atividade.

Balbino et al. (2013) sugerem que a competição quando desenvolvida de forma adequada pode promover melhorias de habilidades, diversão, construção de ciclos sociais e desenvolvimento pessoal nas dimensões física, social e emocional. E, além disso, contribui para a construção de um conceito de vitória que vai além do triunfo sobre os outros, mas que se direciona para a realização e o alcance de metas, por meio da superação de desempenho anterior, em diversas dimensões pessoais.

Desta forma, a competição deve ser o momento de aferir o processo e não o produto final. Neste sentido, as competições devem ser entendidas como parte do processo de formação do atleta, e não como um meio de estresse e de pressão. O jovem praticante deve encará-las com alegria e motivação. Assim, se torna papel do técnico contextualizar pedagogicamente o sentido da vitória e da derrota e desmistificar a importância dos resultados, demonstrando ao jovem o sentido formativo inerente à competição, tais como, afirmação pessoal, o enfrentamento de desafios e de dificuldades, entre outros.

Balbino et al. (2013), complementam dizendo que é imprescindível num ambiente de competição que as crianças tenham suas vontades e necessidades respeitadas, priorizando-se sempre sua formação global e não somente sua formação atlética e os resultados imediatos das partidas. Enfim, De Rose Junior e Korsakas (2006) afirmam que competir é um processo de aprendizado constante que vale para todos os momentos da vida, seja no esporte ou em qualquer outra atividade do ser humano.

2.3.1.5 Aspectos Relacionados aos Fatores “Extracompetitivos”

São vários os fatores “extracompetitivos” que devem ser levados em

consideração neste processo de abandono. Neste estudo, entenderemos que fatores “extracompetitivos” são constituídos por elementos que estão ligados à formação esportiva e situados fora do ambiente de treinamento e competição.

Dentre eles, podemos destacar a falta de uma vida social mais intensa (COAKLEY, 1992; CHIMINAZZO; MONTAGNER, 2009), a falta de tempo para amigos, namoro, lazer e outros interesses fora do esporte (BARA FILHO; GARCIA, 2008), a incompatibilidade com trabalho e estudos (SANTOS; NASCIMENTO, 2012; BARA FILHO; GARCIA, 2008; HALLAL et al. 2004), a falta de apoio financeiro (DIAS; TEIXEIRA, 2007; HALLAL et al. 2004; ROCHA; SANTOS, 2010) e a transição para a carreira adulta (VIEIRA, 1999; ROCHA; SANTOS, 2010).

Em pesquisa, sobre fatores “extracompetitivos” realizada por De Rose Junior, Deschamps e Korsakas (2001), foi notado que a falta de uma vida social mais intensa, ou seja, a pouca participação em eventos sociais e a falta de estabelecimento de vínculos de amizades mais constantes e duradouros são algumas situações apontadas como sendo geradoras de estresse entre atletas, portanto este fato deve ser considerado num processo pedagógico de formação.

Segundo Marques (2006), crianças e jovens necessitam da convivência e das relações sociais com outros indivíduos da mesma idade. Algumas investigações indicam que jovens esportistas demonstram tristeza pelo fato de terem convivido pouco com amigos e companheiros que não integrassem o ambiente do treinamento esportivo.

Os técnicos devem ficar atentos para que seus métodos e práticas de treinamento não contribuam para esta restrição, pelo contrário, devem traçar estratégias que instiguem no jovem o desejo de ampliar seus relacionamentos sociais, visto que este aspecto é essencial para o bom desenvolvimento esportivo, e também para integralidade de sua formação. Além disso, é necessário cultivar este aspecto dentro da prática esportiva, mesmo em modalidades individuais; é preciso criar e valorizar momentos e situações que podem fomentar a ampliação destas relações.

Na pesquisa sobre abandono do esporte entre jovens tenistas, realizada por Dias e Teixeira (2007), evidenciou-se que entre os principais motivos extracompetitivos que geraram o abandono está à falta de tempo para amigos/namoro/lazer e os outros interesses fora do esporte.

O tempo para as atividades esportivas deve estar em consonância com o

tempo com as outras atividades do cotidiano da criança e do adolescente. Neste contexto, devem ser levados em consideração atividades escolares, tempo para a família, e para atividades livres. Marques (2006) comenta que este tempo é igualmente importante ao tempo dedicado ao esporte no processo de formação.

A diminuição do tempo livre em detrimento do esporte é um problema pedagógico que deve ser de interesse de todos os atores envolvidos neste cenário, visto que o tempo livre não é simplesmente um tempo sem ocupação, e sim, um instrumento fundamental no processo de sociabilização. É neste período que surgem oportunidades dos jovens vivenciarem outras experiências fora do esporte e também não direcionadas pelos adultos (MARQUES, 2006).

A limitação de tempo, realidade cada vez mais frequente na vida de crianças e adolescentes, devido ao envolvimento em muitas atividades dirigidas geralmente impostas pelos adultos, gera também uma atenção especial do técnico em relação à gestão adequada do tempo disponível para o esporte. É necessário o estudo conjunto de estratégias para a otimização deste tempo. Podem ser analisadas adequações práticas, como por exemplo, a diminuição do tempo gasto com transporte e logística de horários, mas principalmente podem ser elaborados mais criteriosamente os conteúdos do treino; estes devem visar uma melhor e mais rápida aprendizagem, de modo que o tempo não seja desperdiçado (MARQUES, 2006).

O autor ainda considera que sempre que possível o adequado seria a carga, horário e plano de treinamento, ser estruturado conjuntamente com as outras atividades do jovem atleta, principalmente as escolares.

Além disso, segundo Marques (2006), não só o tempo, mas sim toda a vida escolar dos jovens esportistas, também deve ser considerada neste processo, pois o bom rendimento do esporte deve estar acompanhado do bom rendimento escolar. Segundo o autor, a motivação que os jovens atletas têm para obter o sucesso no esporte pode refletir-se em todos os domínios de sua vida, ou seja, a consciência que adquirem no esporte, de que só com dedicação, esforço e disciplina é possível alcançar o objetivo almejado, pode ser transferida para a escola e para os estudos. Por este motivo os técnicos devem ficar atentos a este contexto que expressa à vida escolar do jovem esportista, pois o desempenho escolar também está intimamente ligado à formação integral do indivíduo.

Neste âmbito de fatores “extracompetitivos”, destaca-se outro fato que exerce influência no contexto que pode levar ao abandono, que é a transição para idade

adulta. De acordo com a pesquisa feita por Vieira (1999), com talentos no atletismo, entre 16 e 19 anos, o possível futuro atleta entra em conflito social, pois lhe são atribuídas responsabilidades, tais como trabalho e estudo, ou mesmo a participação nas responsabilidades financeiras da família. Portanto, o jovem é colocado diante de duas situações: arriscar-se a seguir a carreira, mesmo que o suporte financeiro, técnico e social não seja suficiente, ou abandonar a modalidade e seguir em outro caminho.

Rocha e Santos (2010) citam, em sua pesquisa sobre abandono entre atletas do atletismo, que a transição para a vida adulta, repleta de novas responsabilidades e desafios sociais, são determinantes para o abandono da modalidade. De acordo com os autores a falta de suporte técnico, humano e financeiro coincide neste período com amplas mudanças e escolhas na vida do atleta, o que acaba gerando no indivíduo a vontade de desistir do esporte. Concluem ainda que o comprometimento e o respeito com as regras e convenções inerentes à prática esportiva muitas vezes convertem para outro vértice, que se refere à adequação de regras sociais impostas para o ser que chega à idade adulta, na sociedade em que vivem.

Com base nisso, Rocha e Santos (2010) afirmam que a orientação esportiva recebida pelo indivíduo durante todo o seu período de treinamento, desde a infância até a adolescência, e também os fatores intervenientes, como maturação, família e responsabilidades sociais, terão influência nesta decisão, podendo levar à manutenção da carreira ou ao abandono da modalidade na transição para a idade adulta.

2.3.1.6 Aspectos Relacionados à Família

O apoio da família é crucial no processo de formação esportiva da criança e do adolescente. Pesquisas apontam que a família exerce influência tanto no reconhecimento quanto no desenvolvimento do talento de um indivíduo. Moraes, Rabelo e Salmela (2004) e Chagas (2008) demonstram em seus estudos a importância do suporte familiar e o impacto deste sobre o desenvolvimento dos jovens considerados talentosos.

A família exerce a função de servir como modelo de valores e atitudes, como por exemplo, trabalho árduo e dedicação, que são aspectos ligados ao bom

desempenho. Desta forma, os pais servirão de exemplo para os jovens, portanto, além de apresentarem empenho ao desenvolver suas respectivas atividades, também é importante que estes transmitam valores relacionados à disciplina, responsabilidade e respeito ao próximo, que são inerentes à prática esportiva (SILVA, 2009).

A família possui papel importante em relação a vários aspectos, dos quais se destacam: o suporte material, o suporte informativo, o suporte emocional, a transmissão de valores e o envolvimento com a prática esportiva dos jovens (SILVA; FLEITH, 2010).

Além disso, inúmeros desafios são impostos aos jovens atletas durante todo o processo de formação esportiva. Neste sentido, os familiares desempenham um papel importante, fornecendo o apoio, incentivo e reconhecimento necessários para que eles superem estas dificuldades e persistam na prática buscando o aperfeiçoamento (SILVA, 2009).

No entanto, algumas pesquisas demonstraram que certas formas de conduta por parte da família podem gerar problemas que chegam a resultar inclusive no abandono da modalidade. Isso ocorre, por exemplo, quando há cobrança excessiva em relação à carreira dos filhos; esta situação fica exemplificada nas pesquisas de Dias e Teixeira (2007) e Chiminazzo e Montagner (2009).

No esporte, a relação de influência dos pais sobre os seus filhos tem sido tema de pesquisas, no âmbito esportivo, psicológico e pedagógico. Algumas pesquisas têm constatado que muitas vezes o jovem fica subordinado à vontade dos pais, principalmente no que diz respeito à escolha da atividade a ser praticada (MARQUES, 2006).

Acredita-se que este tipo de atitude por parte da família, que muitas vezes não leva em consideração as vontades e desejos da criança, acaba transformando a atividade - que a princípio deveria ser prazerosa - numa atividade maçante e obrigatória.

Em relação a isto, Winner (1998) afirma que a família deve conceder a liberdade para que seus filhos façam suas próprias escolhas. Considera que os pais devem sim acompanhar de perto o progresso do desempenho destes, porém devem incentivar a independência dos filhos para que estes tomem suas próprias decisões.

Segundo Paes (2006), a interferência dos pais no ambiente esportivo pode ocorrer de forma positiva ou negativa:

- negativa, na medida em que os pais limitam a prática esportiva dos filhos a conquista de títulos. Geralmente essa situação ocorre pela ausência da compreensão da total dimensão do esporte;

- positiva, quando os pais são participativos e compreendem melhor o fenômeno social esporte e a importância de sua prática na vida de seus filhos, independentemente dos resultados obtidos.

Após análise da conduta dos pais no processo de formação esportiva dos filhos, Vilani e Samulski (2002) destacaram a existência de algumas formas de envolvimento e caracterizaram comportamentos que podem afetar negativamente o desenvolvimento dos jovens atletas:

- pais desinteressados - transferem a responsabilidade de cuidar de seus filhos para o técnico, colocam seus filhos em qualquer prática, sem saber se estes gostam ou não da determinada atividade. As crianças por vezes, passam por situações de estresse, visto que muitas vezes são obrigadas a se envolver numa modalidade sem motivação suficiente que a leve a gostar e querer praticar. Esta conduta por parte dos pais pode gerar não somente o abandono, mas também uma futura intolerância a esta modalidade;

- pais mal informados - permitem a prática esportiva de seus filhos, mas depois não se envolvem no processo de treinamento e competições, muitas vezes não compreendem a importância do seu papel na formação esportiva de seu filho;

- pais excitados - nas competições se empolgam de forma exacerbada, protestando e gritando com todos os atores do meio, prejudicando todo o ambiente competitivo e além de causarem constrangimento a seus filhos, lhes dão um mau exemplo de conduta social e esportiva;

- pais fanáticos - desejam que seus filhos se tornem heróis do esporte. Nunca estão satisfeitos com o desempenho e sempre têm sugestões para a melhoria deste. Acabam interferindo em todo processo de preparação e no trabalho do técnico, cobram excessivamente seus filhos, ao ponto de gerar neles pressões e falta de prazer na prática de esportes.

Ainda levando em consideração os efeitos negativos do envolvimento dos pais na prática esportiva dos filhos, Brustad (1988), sugere que alguns comportamentos dos pais possuem relação direta com a pressão vivenciada pelos jovens durante o desenvolvimento de suas práticas. Segundo o autor, geralmente isto ocorre em virtude de um receio do jovem de não corresponder às expectativas

de seus pais.

As expectativas dos pais, de acordo com Eccles e Harold (1991), afetam o desempenho do jovem e a forma como este se dedica e se esforça na atividade realizada. Esta influência, segundo os autores, pode ser direta devido ao fornecimento oportunidades, ou indireta, em virtude dos aspectos ligados à motivação e autoconfiança para a realização de uma atividade.

Alguns pais se envolvem de forma ativa na preparação esportiva dos seus filhos, e isso é importante e pode trazer inúmeros benefícios para a formação integral do indivíduo, porém a família deve ter atenção especial com a alta expectativa que pode ser criada em torno da carreira das crianças e dos adolescentes. Geralmente este tipo de entusiasmo exacerbado pode gerar nos jovens o medo de desapontar sua família, que, além disso, muitas vezes investe tempo e dinheiro neste processo, o que pode culminar numa pressão exagerada, e conduzir ao uso de cargas excessivas de treino.

Ablard e Parker (1997), por exemplo, sugerem que as expectativas irreais ou exageradas em relação ao desempenho dos jovens atletas, fazem com que os mesmos se sintam pressionados e ansiosos na prática de sua atividade.

Neste sentido, se torna papel do técnico o diálogo com a família, a fim de, informar as possibilidades dos jovens em cada período e também explicitar o verdadeiro papel do esporte no processo de formação destes.

Com base em sua revisão de literatura Vilani e Samulski (2002) apresentam recomendações para que as inter-relações entre os pais e seus filhos sejam mais adequadas no processo de formação esportiva dos jovens atletas:

- oportunizar e encorajar a participação de seus filhos em diferentes modalidades esportivas e permitir a escolha da própria criança sobre qual ou, quais modalidades ela irá praticar;
- ajudar os filhos a decidirem o quanto de compromisso poderão assumir com determinada atividade;
- certificar que seus filhos estão praticando as atividades num ambiente propício para o seu desenvolvimento integral, para tanto devem conhecer a filosofia da instituição e os valores ressaltados por ela;
- auxiliar na construção da autoestima da criança, na compreensão do sucesso ou insucesso, orientando-a e motivando-a para a possível melhora;
- ajudar a criança a determinar objetivos reais;

- aprender a controlar as próprias emoções e enaltecer emoções positivas nos filhos;
- entender quais os interesses e necessidades da criança no esporte;
- auxiliar a criança no entendimento das lições que o esporte pode proporcionar;
- incentivar a criança a cumprir as responsabilidades inerentes ao processo de formação esportiva;
- aceitar o papel do técnico.

Portanto é fundamental para os técnicos identificar como cada família pode influenciar positivamente nas experiências dos jovens, e motivar a utilização dessas práticas. Da mesma forma, é igualmente importante, apontar as práticas que podem causar uma influência negativa no desenvolvimento dos seus filhos para de forma conjunta tentar minimizá-las ou se possível eliminá-las.

Marques (2006) ainda complementa que formar e “educar” os pais para que estes possam contribuir de forma efetiva, sem serem omissos e também sem gerar pressões desnecessárias para a carreira esportiva dos seus filhos, é um desafio dos investigadores de pedagogia do esporte.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os pontos fundamentais discutidos neste estudo estão ligados aos processos de treinamento esportivo pelos quais os sujeitos passaram e aos motivos que os fizeram abandonar a prática da modalidade esportiva precocemente, muitas vezes, antes mesmo de chegarem ao esporte profissional, mesmo sendo caracterizados como “talentos” durante a infância ou adolescência. Com isso, foi propósito estudar fatores que influenciaram suas vivências e experiências, ou seja, o que ele viveu, experimentou e pensou. Enfim, quais foram os significados dos conhecimentos adquiridos e acumulados por eles.

Este foi um estudo de campo, que teve como técnica de coleta de dados a entrevista semiestruturada. Devido às particularidades do tema, caracterizamos este estudo como sendo qualitativo, pois buscou compreender a dinâmica do ser humano e caminhar mais profundamente pelo fenômeno em questão, e não apenas descrevê-lo. Portanto, voltou-se para a busca de significados de fatos, ocorrências, vivências, experiências de vida, ideias, sentimentos e o que isto representou na vida dos sujeitos pesquisados. Além disso, o estudo também se desenvolveu no ambiente natural do sujeito, ou seja, aconteceu sem o controle das variáveis (TURATO, 2005).

Com a finalidade de se ter entendimento desse contexto geral e pela própria composição do estudo sugerido pelo método da pesquisa, foi desenvolvido um corpo teórico a partir de periódicos, artigos científicos, livros e capítulos de livros, dissertações e teses buscados nos sistemas de bibliotecas da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), do Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e de ferramentas específicas da Internet, a partir das palavras-chave: esporte, pedagogia, pedagogia do esporte, talento esportivo, promoção/formação esportiva e abandono no esporte.

3.1 Sujeitos do Estudo

A escolha dos sujeitos aconteceu de forma intencional, a partir de uma busca

proposital de sujeitos que vivenciaram o problema em foco, e que atenderam às seguintes condições, concomitantemente:

- ter participado de processo de treinamento em longo prazo em determinada modalidade esportiva, com intenção de chegar ao esporte profissional;
- ter sido caracterizado como talento esportivo, por técnicos ou professores, durante as categorias de base;
- ter sido campeão ou vice-campeão em torneios ou campeonatos de nível estadual, nacional ou internacional em categorias de base, ou ter sido convocado para compor equipe estadual ou nacional, ou ter sido aprovado em processos seletivos de equipes profissionais;
- ter abandonado precocemente o processo de formação esportiva visando o esporte profissional;
- ser voluntário para participar do estudo.

Foram entrevistados oito sujeitos, sendo três mulheres e cinco homens, entre dezoito e trinta e um anos de idade, que praticaram modalidades olímpicas individuais (tênis, ginástica rítmica, natação, judô e atletismo) e coletivas (basquetebol, voleibol, handebol) e contemplaram os critérios de inclusão citados anteriormente. Salienta-se que segundo Turato (2005) em pesquisas qualitativas, comumente a quantidade de sujeitos é impertinente, desde que a amostra apresente as características da subpopulação estudada.

A seleção da amostra foi feita por meio da indicação de professores e técnicos, observando os seguintes passos:

1º passo – o pesquisador entrou em contato, ou pessoalmente, ou por telefone ou por correio eletrônico com técnicos e professores, com a finalidade de explicar de maneira breve e sintética o projeto e solicitar a estes a indicação de sujeitos que possivelmente se enquadrariam aos critérios de inclusão do estudo;

2º passo – o pesquisador entrou em contato com o sujeito indicado e solicitou que este respondesse um questionário (Anexo B), para confirmar se ele realmente atendia aos critérios de inclusão do estudo;

3º passo - caso o sujeito se enquadrasse e fosse voluntário para participar do estudo, eram marcadas data e local, de acordo com a disponibilidade do sujeito, para a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo A) e para a realização da entrevista.

Ressalta-se que os sujeitos não receberam nenhuma remuneração pela sua

participação no estudo, e também que os procedimentos empregados pelo estudo não acarretaram em nenhum gasto aos voluntários.

3.2 Método do Estudo

O método do estudo, tomado como de caráter qualitativo, foi a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977). O instrumento utilizado para coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, sendo que a análise dos dados se deu pela inferência do pesquisador com base em corpo teórico desenvolvido e indicado anteriormente na revisão da literatura específica sobre o tema do estudo.

Como define Bardin (1977, p. 42), a Análise de Conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

O método de análise de conteúdo indica a execução de três etapas básicas, distintas e complementares: pré-análise, descrição analítica e interpretação inferencial. A seguir, as etapas descritas detalhadamente.

A. Pré-análise:

- escolha dos sujeitos participantes do estudo;
- organização e desenvolvimento do corpo teórico de análise, determinação das estratégias de coleta dos dados, pela elaboração de entrevista semiestruturada;
- formulação das perguntas da entrevista dentro das áreas gerais de investigação, a partir dos indicativos do campo epistemológico determinado;
- realização e transcrição das entrevistas.

B. Descrição analítica:

- análise dos documentos que constituem as partes essenciais e relevantes da investigação, orientados pelos objetivos e referenciais teóricos, com a finalidade de descrever o conteúdo coletado nas entrevistas e elaboração de categorias de análise do material;
- produção dos dados de interesse, a partir da transformação das transcrições em subcategorias, números e achados empíricos;
- elaboração do material em subcategorias relativas a eventos de

relevância presentes nas categorias e subcategorias construídas previamente.

C. Análise inferencial:

- extração dos conteúdos que expressam pensamentos, ou seja, conceitos, teorias, história e habilidades, a partir do material obtido, devidamente condensado em categorias;
- elaboração da análise inferencial individual e coletiva, com o apoio das fases anteriores e dos materiais que construíram as fontes de informação. Análise dos conteúdos manifestos e latentes apresentados pela coleta de dados, no caso, as entrevistas dos sujeitos, sob a abordagem do corpo teórico desenvolvido na fase de pré-análise;
- organização e composição final do estudo, em cumprimento aos objetivos estabelecidos no projeto e aos propósitos indicados na justificativa do estudo.

O método análise de conteúdo foi escolhido porque possibilita, de maneira sistemática, coletar dados e organizá-los, tendo como base experiências dos sujeitos no cenário do Esporte. Pelo método, essas experiências podem ser manifestas pela linguagem verbal, tornando possível a análise com base científica. De maneira sintética, o método é representado na Figura (2).

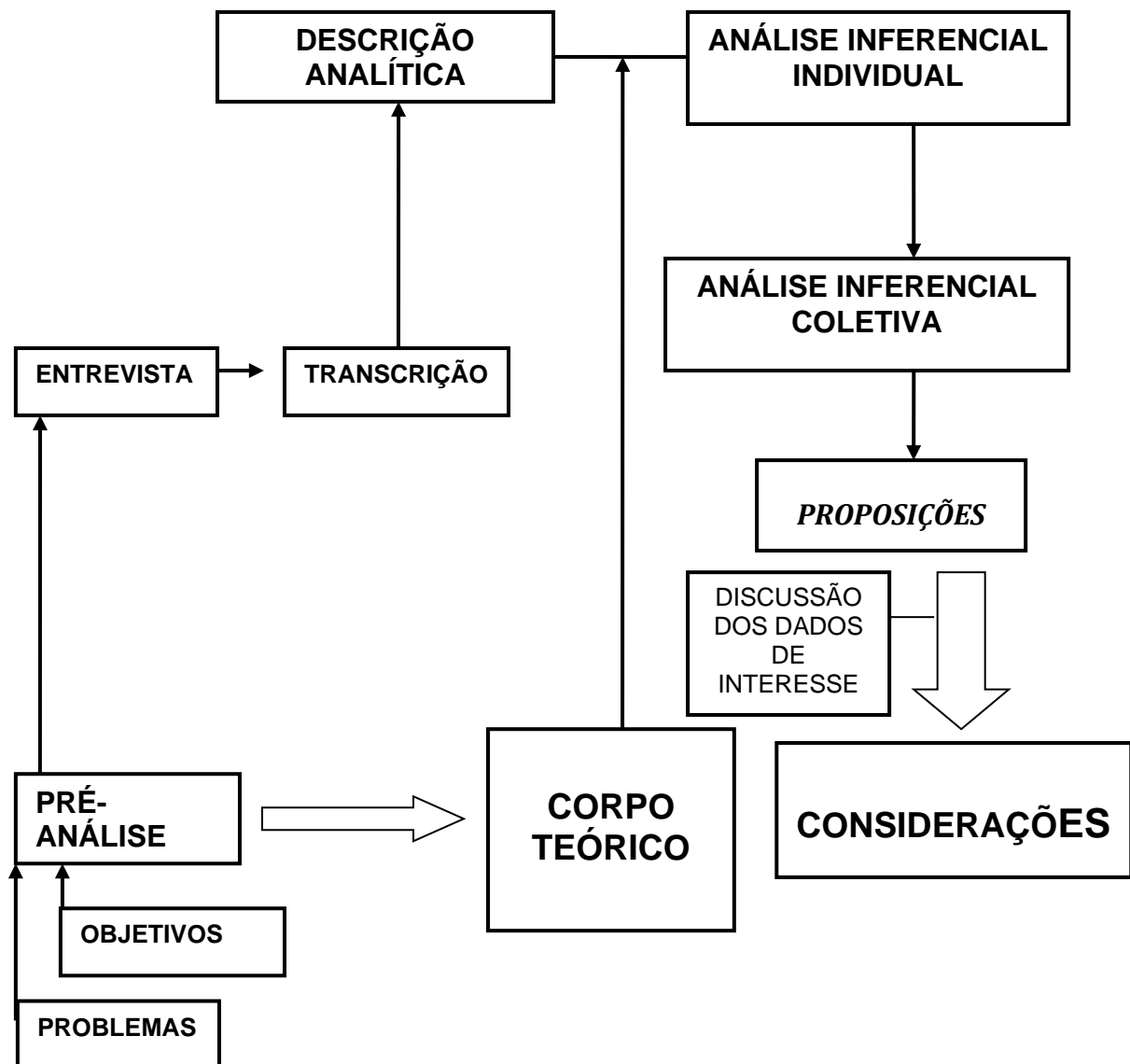


Figura 2. Esquema Representativo dos Processos do Método do Estudo (adaptado de BALBINO, 2005).

É importante esclarecer que antes de prosseguir nas análises minuciosas do problema pesquisado, torna-se oportuno realizar alguns apontamentos quanto à realização de estudos que utilizam entrevistas em seus procedimentos metodológicos. Ressalta-se que é certa sua validade científica e comprovado seu rigor metodológico (TURATO, 2005). Nota-se que devido à natureza subjetiva da técnica utilizada, principalmente em pesquisas de caráter qualitativo, não se pode, pelas próprias características do método, mensurar ou afirmar as intenções do seu pensamento, mas sim do que foi enunciado a partir da sua manifestação verbal. Ao

final do estudo foram feitas considerações sobre o assunto, e não conclusões como são geralmente tecidas ao final de pesquisas de caráter quantitativo. Como este estudo de caráter qualitativo dirige-se a identificar características de manifestação específica de comportamento humano, os resultados compor-se-ão pela análise dos dados coletados, tendo que o pesquisador tomar o devido cuidado para não influenciar nas respostas dos sujeitos, respeitando os próprios objetivos do estudo.

Como já citado anteriormente, o instrumento utilizado para a coleta de dados do estudo foi a entrevista semiestruturada, cujo roteiro se encontra no Anexo C deste documento. Esta foi constituída de perguntas previamente elaboradas com respostas abertas, todas relacionadas ao processo de treinamento pelo o qual o sujeito foi submetido, e também sobre os possíveis fatores que o levaram a abandonar precocemente o processo de formação esportiva visando o esporte profissional. As entrevistas foram gravadas, e as perguntas apresentadas com antecedência ao entrevistado, não contendo caráter de invasão de privacidade, dizendo somente a respeito dos problemas levantados pelo estudo. Foi mantido o sigilo da autoria específica das respostas referentes às perguntas e não foram divulgados os nomes dos participantes do estudo. Este estudo se encontra aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Metodista de Piracicaba, sob o protocolo número 466/12.

As entrevistas foram realizadas de acordo com a disponibilidade dos sujeitos, em locais e datas sugeridas pelos mesmos. Depois de realizadas e devidamente gravadas, as entrevistas foram transcritas e analisadas, de acordo com as etapas previstas pela Análise de Conteúdo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Apresentação dos Dados - Entrevista e Análise

4.1.1 Caracterização dos Entrevistados

Entrevistado 1 (E1)

O sujeito é do sexo masculino e tem vinte e dois anos de idade, atualmente é estudante, do terceiro ano do curso de Engenharia de Materiais; praticou tênis dos sete aos dezenove anos, e há aproximadamente três anos parou de treinar visando o esporte profissional da modalidade; durante sua trajetória esportiva, sempre foi reconhecido por técnicos e pessoas envolvidas neste ambiente como um talento para a modalidade. Treinou em academias no interior de São Paulo e posteriormente foi aceito por uma academia de Tênis nos Estados Unidos; destacam entre suas conquistas o título do Torneio Aberto Sociedade Hípica Campinas e o primeiro lugar no Ranking Paulista de Tênis na categoria até 18 anos.

Entrevistado 2 (E2)

O sujeito é do sexo feminino e tem trinta e um anos de idade, atualmente é estudante de mestrado na área de História da Arte; praticou ginástica rítmica dos dez aos dezoito anos, e após esta idade parou de treinar visando o esporte profissional, foi reconhecida como talentosa pela comissão técnica da equipe nacional. Treinou num clube da região metropolitana de São Paulo e posteriormente foi aprovada num processo seletivo e passou a treinar com a equipe nacional; destacam entre suas conquistas os títulos dos campeonatos paulista, brasileiro e dos jogos pan-americanos.

Entrevistado 3 (E3)

O sujeito é do sexo masculino e tem vinte e dois anos de idade; atualmente é estudante do curso de Engenharia; praticou natação dos três aos dezessete anos, e após esta idade parou de treinar visando o esporte profissional. Durante sua trajetória esportiva, sempre foi reconhecido por técnicos e por representantes de federações como um talento para a modalidade. Treinava em um clube no interior do

Rio de Janeiro e também fez parte da seleção deste estado; destacam entre suas conquistas os títulos e medalhas nos campeonatos estaduais três anos consecutivos, nas provas de cinquenta, cem e duzentos metros borboleta, além do quinto lugar no campeonato brasileiro na sua categoria.

Entrevistado 4 (E4)

O sujeito é do sexo masculino e tem vinte e dois anos; atualmente é estudante do curso de Engenharia Elétrica; praticou judô dos quatro aos dezessete anos, e após esta idade parou de treinar visando o esporte profissional, durante sua trajetória esportiva foi reconhecido por técnicos e atletas medalhistas olímpicos como um talento para a modalidade. Treinou por um clube do interior de São Paulo, e também já compôs a equipe paulista de judô e disputou um campeonato internacional representando a equipe nacional; destacam entre suas conquistas os títulos do campeonato paulista individual, e brasileiro por equipes, e a terceira colocação, em dois campeonatos paulistas, no campeonato brasileiro individual e na copa sul americana.

Entrevistado 5 (E5)

O sujeito é do sexo masculino e tem vinte e um anos de idade, atualmente é estudante do curso de Educação Física; praticou atletismo dos treze aos vinte anos, e após esta idade parou de treinar visando o esporte profissional, durante sua trajetória esportiva, seus técnicos o reconheciam como um talento para a modalidade. Treinou em duas equipes do interior de Minas Gerais e também já fez parte da delegação mineira em campeonatos nacionais de nível escolar, universitário e federado, e integrou a seleção brasileira escolar, nos jogos sul-americanos, pan-americanos e mundiais escolares. Destacam entre suas conquistas o título do campeonato mineiro escolar, dois vice-campeonatos em brasileiros escolares e um vice-campeonato em brasileiro universitário.

Entrevistado 6 (E6)

O sujeito é do sexo feminino e tem dezoito anos de idade; atualmente é estudante do curso de Administração; praticou basquetebol dos oito aos dezesseis anos, e após esta idade parou de treinar visando o esporte profissional. Durante sua trajetória esportiva, foi reconhecida por técnicos e até por ex-atletas da seleção

brasileira adulta de basquete como um talento para a modalidade. Treinou num grande clube do interior de São Paulo, numa equipe do interior de Minas Geras e também nos Estados Unidos, fez parte das seleções paulista e mineira, e também foi convocada para fazer parte da equipe nacional sub-15; destacam entre suas conquistas os títulos do campeonato brasileiro e do sul-americano de clubes em sua categoria.

Entrevistado 7 (E7)

O sujeito é do sexo masculino e tem vinte anos de idade, atualmente é estudante do curso de Engenharia, praticou voleibol dos doze aos dezessete anos e abandonou o treinamento da modalidade visando o esporte profissional com esta idade; durante sua trajetória esportiva, diversos técnicos de times profissionais o apontavam como um talento para a modalidade. Treinou em equipes do interior de São Paulo e posteriormente foi aprovado num processo seletivo e passou a treinar num clube de destaque no cenário nacional, na capital deste estado. Destacam entre suas conquistas os títulos de regionais do interior paulista, o vice-campeonato paulista na categoria infanto-juvenil (sub-18) e a terceira colocação no campeonato paulista categoria juvenil (sub-21).

Entrevistado 8 (E8)

O sujeito é do sexo feminino e tem trinta e um anos de idade; atualmente é professora de Educação Física; praticou handebol dos treze aos vinte anos, e abandonou o treinamento visando o esporte profissional com esta idade. Durante sua trajetória esportiva foi reconhecida como um talento para a modalidade por diversos técnicos de clubes, pelo técnico da Seleção Brasileira, e pelos dirigentes da Federação Mineira de Handebol. Treinou em equipes do interior de Minas Gerais e de São Paulo, fez parte da seleção do estado de Minas Gerais durante cinco anos e também foi convocada para a categoria cadete da Seleção Brasileira. Destacam entre suas conquistas o segundo lugar no campeonato brasileiro juvenil e os vários títulos mineiros na categoria cadete, e atuando por equipes de São Paulo aponta a primeira colocação dos Jogos Regionais, dos Jogos Abertos e da Copa Brasil.

4.1.2 Apresentação dos Conteúdos Extraídos

4.1.2.1 Com quantos anos começou a prática da modalidade esportiva? O que o levou a praticar esta modalidade?

4.1.2.1.1 Descrição Analítica Individual

Entrevistado 1	Iniciou na modalidade aos sete anos, por influência do tio que era técnico, e também porque na visão de seus pais o tênis faria bem para a sua saúde e auxiliaria na questão disciplinar.
Entrevistado 2	Iniciou na modalidade aos dez anos, porém praticava balé clássico desde os cinco anos, que segundo E2 é a base para a ginástica rítmica. Comenta que sua mãe era viúva e tinha uma preocupação em não deixar os filhos sem atividades após o período de aulas, então quando foi questionada por sua mãe sobre o que gostaria de fazer optou pelo balé, porém não se lembra porque escolheu esta prática, mas enfatiza que teve que escolher principalmente devido a esta necessidade de sua mãe. Cita que começou na ginástica rítmica por assistir e gostar. Explica que participava de um projeto de ginástica artística próximo à sua casa, porém a sua professora nesta época comentou que ela apresentava algumas características que não se encaixavam na ginástica artística, como, por exemplo, a pouca força e o excesso de flexibilidade; então esta professora sugeriu que ela fizesse um teste para outra equipe no Centro Olímpico de São Paulo. Foi aprovada no teste e começou a treinar neste Centro, porém lá conheceu a ginástica rítmica, pois havia o treinamento de uma equipe desta modalidade. Comenta que ficou deslumbrada com o esporte, principalmente porque tinha uma ligação com o balé que ela praticava. O projeto foi interrompido por motivos financeiros e políticos, porém posteriormente sua mãe descobriu um clube na região metropolitana de São Paulo que oferecia o treinamento da ginástica rítmica. Afirma que ficou feliz e começou a praticar a modalidade, ressalta que o que a levou a escolher este esporte foi por assistir as meninas treinarem no Centro Olímpico.
Entrevistado 3	Iniciou na natação aos três anos, por influência dos seus pais que acreditavam que esta prática faria bem para a sua saúde e o ajudaria a se recuperar de problemas respiratórios.
Entrevistado 4	Iniciou na modalidade aos quatro anos. Cita que seu pai resolveu colocá-lo nesta atividade, porque tinha afinidade com a modalidade. Comenta que pelas vivências e por gostar da atividade, quis continuar treinando.
Entrevistado 5	Iniciou na modalidade aos treze anos. Cita que seu pai era o técnico de

	atletismo da equipe de sua cidade, e que por isso teve contato com o esporte desde pequeno, e por insistência do pai decidiu começar a treinar e não parou mais.
Entrevistado 6	Iniciou na modalidade aos oito anos, incentivada pelos seus pais que praticavam a modalidade. Afirma que quis experimentar, gostou e continuou praticando.
Entrevistado 7	Iniciou na modalidade aos doze anos de idade, cita que foi por influência de sua mãe, que jogava vôlei. Comenta que sempre gostou de vários esportes, mas que o voleibol foi uma modalidade presente na sua infância, e que este ambiente, que incluía família e amigos, o influenciou a se dedicar mais a esta modalidade.
Entrevistado 8	Iniciou no handebol aos treze anos de idade, cita que foi por influência de suas amigas que começaram a praticar na escola. Nesta época, praticava atletismo, mas seu professor a convidou para disputar um campeonato escolar de handebol na própria cidade. Diz que aceitou porque a maioria de suas amigas fazia parte do time. Destaca que depois deste campeonato foi convidada pelo técnico de sua cidade para fazer parte do time municipal. Comenta que aceitou novamente por causa da amizade que tinha com as meninas que formavam o time. Aponta que depois do primeiro campeonato que disputou fora da cidade começou a sentir interesse pela modalidade e, também teve mais vontade de treinar visando melhorar seu desempenho.

4.1.2.1.2 Análise Inferencial Individual

Entrevistado 1

E1 afirma que começou a praticar Tênis devido à influência de seus pais e tios e que estes objetivavam o desenvolvimento dos aspectos disciplinares relacionados ao esporte e, também os benefícios à saúde que a prática poderia gerar. Pode-se inferir aqui que não foi dada a ele a oportunidade de vivenciar outras práticas para que posteriormente ele conseguisse escolher a modalidade a ser praticada com base em suas experiências, ou seja, a escolha da modalidade e o início da prática aconteceram devido aos pressupostos dos familiares. Além disso, infere-se também que a prática específica do tênis foi iniciada precocemente.

Entrevistado 2

E2 afirma que começou a praticar o balé devido à preocupação de sua mãe em não deixá-la sem atividades após o período escolar. Cita que escolheu esta prática, mas não se lembra o porquê disto. Infere-se, aqui, que foi obrigada a escolher uma modalidade sem ter vivenciado outras experiências, percebe-se que E2 iniciou precocemente uma prática específica por uma necessidade de sua mãe e não por vontade própria, visto que ainda não conhecia outras modalidades. A entrevistada destaca que aos dez anos, após conhecer o treinamento de uma equipe de ginástica

rítmica ficou deslumbrada com a modalidade, afirma que o fator que a levou a escolher este esporte foi assistir os treinos das meninas que treinavam no mesmo local que ela. Pode-se inferir aqui que a escolha da modalidade, a qual E2 se dedicou pelo resto de sua carreira, se deu pela vivência de novas experiências e pelo conhecimento de novas possibilidades de prática. Nota-se também que não precisou nem praticar a modalidade, apenas assistir algo novo já fez com que ela se deslumbrasse com o esporte.

Entrevistado 3

E3 considera que começou a prática da natação aos três anos por influência de seus pais, que objetivavam os benefícios à saúde que este esporte poderia lhe proporcionar. Infere-se aqui que o entrevistado era novo e que não teve a possibilidade de escolher a prática, visto que nesta fase ainda não apresentava maturidade para tal decisão e, também, porque não conhecia nenhuma outra atividade. Portanto, a escolha da prática, aconteceu devido aos pressupostos familiares.

Entrevistado 4

E4 destaca que iniciou na prática do judô aos quatro anos por influência de seu pai que tinha afinidade com a modalidade. Infere-se que a escolha da prática se deu por um desejo de seu pai que gostava do esporte. E4 diz que após vivenciar a modalidade gostou e quis continuar praticando. Nota-se que o gosto pela atividade surgiu após sua vivência, no entanto infere-se que não teve opção de escolha e que não lhe foi dada a oportunidade de vivenciar outras práticas, para que posteriormente pudesse fazer uma escolha consciente.

Entrevistado 5

Nota-se que o entrevistado iniciou na prática do atletismo por influência e insistência de seu pai, que era o técnico da equipe da cidade, motivo pelo qual teve contato com o esporte desde pequeno. Infere-se que E5 optou pela prática da modalidade devido à proximidade que tinha com esporte dentro de seu ambiente familiar.

Entrevistado 6

E6 iniciou na modalidade aos oito anos incentivada pelos seus pais que jogavam basquetebol. Infere-se que a maior proximidade com o esporte devido ao ambiente familiar, fez com que a entrevistada optasse por esta modalidade, ou seja, o exemplo dos pais a influenciou na escolha desta modalidade. E6 afirma que quis experimentar, gostou e que por isso continuou praticando. Infere-se que o desejo de avançar no desenvolvimento da prática surgiu após sua experiência com a modalidade.

Entrevistado 7

E7 iniciou na modalidade por influência de sua mãe que jogava vôlei e porque este foi um esporte presente em seu ambiente durante a infância. Pode-se inferir aqui que a opção do entrevistado pelo voleibol se deu por causa de sua maior proximidade e experiência com a modalidade. Infere-se que o seu ambiente familiar foi o diferencial no momento de escolha da atividade.

Entrevistado 8

E8 iniciou no handebol no ambiente escolar e por influência de suas amigas que praticavam a modalidade. Infere-se que foi dada a entrevistada a oportunidade de vivenciar o esporte de forma sistematizado dentro da escola, e que isto possibilitou sua vivência da modalidade. Pode-se inferir

também que o ciclo de amizades influenciou diretamente na escolha da entrevistada, pois percebeu que todas suas amigas praticavam esta modalidade, e por isso sentiu vontade de fazer parte deste grupo. E8 menciona também que após disputar este campeonato escolar passou a fazer da equipe da cidade e posteriormente, quando disputou a primeira competição intermunicipal, sentiu o desejo de avançar na modalidade. Nota-se que a oportunidade de vivenciar o esporte na escola e o posterior contato com o ambiente competitivo traçou o caminho para que a entrevistada sentisse o desejo de continuar na modalidade. Portanto, infere-se que o ambiente social, composto por suas amigas, a vivência da modalidade de forma sistematizada, na escola e no município, e a experiência da competição, foram elementos cruciais e determinantes na escolha final da entrevistada.

4.1.2.1.3 Análise Inferencial Coletiva

A família como principal influência no início da prática. Em relação ao início da prática, percebemos que a maioria deles iniciou no esporte devido à influência familiar, nota-se isso nas experiências de todos os entrevistados, com exceção de E8 que iniciou na prática de handebol devido à influência de amigos, e também por causa da oportunidade que teve de conhecer e vivenciar de forma organizada a atividade no ambiente escolar. Salienta-se que a família, principalmente pai e mãe, escolhiam a atividade para o filho por causa da proximidade que tinham ou que tiveram com o esporte, por gostar da prática, devido a pressupostos de que tal modalidade escolhida poderia auxiliar a criança a melhorar aspectos relacionados à disciplina e saúde e também pela necessidade de não deixarem seus filhos com tempo ocioso fora do período escolar. Infere-se que nestes casos a família não tenha levado em consideração a vontade do sujeito, visto que seus filhos além de serem novos para decidirem o que queriam, também na maioria dos casos não tiveram a oportunidade de experimentar outras atividades para posteriormente conseguirem escolher de forma consciente aquela que mais lhe desse prazer. Percebe-se que E8 considerou significativas as experiências esportivas que teve na escola, e que com base nelas pode optar de forma consciente pelo handebol. Infere-se que a escola deveria cumprir este papel de oportunizar de forma organizada as diversas possibilidades que o esporte pode oferecer, porém nota-se que nenhum outro sujeito cita a escola como um ambiente significativo no momento da iniciação, sendo assim o papel de criar tais oportunidades para este momento ficou inteiramente na mão da família, que na maioria das vezes não está preparada para lidar com isso e não entende a importância de uma iniciação diversificada para a

formação das crianças. Neste sentido nota-se que o professor de educação física escolar poderia desenvolver um papel fundamental de orientar os pais e responsáveis sobre a importância e a função do esporte no processo de desenvolvimento integral das crianças e adolescentes, além de explicitar conceitos básicos sobre a pedagogia do esporte e também sobre aspectos básicos sobre o processo de formação esportiva, principalmente no que diz respeito as fases de iniciação e especialização. Salientamos que a falta de uma iniciação diversificada, a especialização precoce na modalidade e o não respeito à vontade do sujeito praticante, são fatores que podem gerar um esgotamento físico e psicológico, e, conseqüentemente, contribuir para o abandono da prática.

4.1.2.2 Já praticou outras modalidades? Em qual momento você começou a se dedicar especificamente a uma modalidade esportiva? Como se deu esse processo?

4.1.2.2.1 Descrição Analítica Individual

Entrevistado 1	Comenta que nunca praticou outras modalidades, desde o início, aos sete anos de idade, se dedicava unicamente ao tênis.
Entrevistado 2	Comenta que praticou outras modalidades apenas nas aulas de Educação Física, mas, que de forma sistematizada praticou somente balé e as ginásticas artística e rítmica. Começou a praticar balé aos cinco anos, e a ginástica rítmica aos dez anos e passou a se dedicar especificamente a esta modalidade por volta dos treze anos.
Entrevistado 3	Comenta que já praticou futsal apenas no colégio, mas que não era nada sério e sistematizado, mas deixou de praticar esta modalidade aos treze anos por medo de sofrer alguma lesão. Menciona, também, que praticou judô dos quatorze aos dezessete anos, e que a modalidade foi indicada pelo seu técnico de natação que, segundo E3, visava os ganhos de força que este esporte poderia proporcionar. Treinava judô apenas duas vezes por semana, como se fosse um complemento do treino de natação. Comenta que iniciou na natação aos três anos e a competir aos dez, mas se dedicou especificamente a modalidade aos treze anos devido ao alcance de resultados expressivos nas competições, cita que seu técnico sempre falava que ele tinha que tomar cuidado com os outros esportes que poderiam causar alguma lesão. Menciona que tinha uma mágoa em relação a isto porque gostava de praticar outras modalidades, porém seu técnico sempre chamava seus pais para expor a situação, e assim E3 também cita que foi amadurecendo e começou a se

	dedicar exclusivamente à natação.
Entrevistado 4	Comenta que já praticou tênis, basquete e futebol. Iniciou no Judô aos quatro anos e começou a levar a sério a modalidade a partir de oito anos, com quatorze já apresentava resultados significativos em campeonatos de níveis estadual e nacional. Cita que praticou tênis dos treze aos quatorze anos, porém resolveu se dedicar somente ao judô por causa destes bons resultados alcançados. Fala que as outras modalidades mencionadas eram apenas práticas escolares e que parou de desenvolver tais atividades antes dos oito anos. Explica que optou pelo judô por que, além de ter mais afinidade com a prática e vários amigos que praticavam o esporte, sempre participava de campeonatos desta modalidade e apresentava bons resultados nestes, e, também, por perceber sua evolução dentro do esporte. Acrescenta que nunca participou de campeonatos de outras modalidades.
Entrevistado 5	Comenta que já praticou futebol, mas parou com a modalidade, antes dos treze anos, devido ao afastamento do professor que ministrava os treinos na sua cidade. Cita que optou por se especializar no atletismo porque existia um grupo bacana de treinamento, as viagens eram legais e logo no primeiro ano de prática já se consagrou campeão mineiro e vice-campeão brasileiro escolar nas provas de arremesso de peso e lançamento de disco, e também participou de um campeonato sul-americano. Afirma que o alcance de resultados expressivos nas competições foi o principal fator que despertou nele a vontade de continuar e evoluir na prática. Complementa que além do atletismo só realiza as práticas normais da educação física.
Entrevistado 6	Comenta que já praticou diversos esportes, dentre estes, o handebol, o futebol e o atletismo. Diz que praticou estas modalidades antes dos oito anos e destaca que começou a se dedicar especificamente ao basquete nesta idade, quando começou a treinar numa equipe do interior de São Paulo. Afirma que tomou esta decisão por conta própria e que desde o início além dos treinos da sua categoria, também treinava com as meninas da categoria superior.
Entrevistado 7	Comenta que além das práticas normais nas aulas de educação física, já participou de escolinhas de futebol e de tênis e que treinou de forma sistematizada o tênis de mesa. Destaca que sua mãe sempre o incentivava a praticar esportes. Cita que praticou tênis de mesa por três anos, dos onze aos treze anos, acrescenta que chegou a treinar seis horas por dia esta modalidade, destaca, ainda que, disputou alguns campeonatos e que gostava da prática. Nesta fase, mais especificamente aos doze anos, começou a praticar o vôlei, destaca que em determinado momento teve que optar entre uma ou outra modalidade, porque era impossível conciliar as duas atividades mais os estudos. E, então, optou pelo vôlei, passando a se dedicar exclusivamente a ele.

Entrevistado 8	Comenta que antes do handebol, dos dez aos treze anos, treinava atletismo na equipe da cidade, menciona também que dentro da escola se envolveu com a prática do futsal, vôlei e handebol. Começou a se dedicar especificamente ao handebol com treze anos depois da primeira viagem que fez com o time da cidade para disputar uma competição. Destaca que neste campeonato teve a oportunidade de conhecer mais a modalidade em si e conhecer outras pessoas envolvidas neste ambiente o que a motivou a optar pelo handebol.
-----------------------	---

4.1.2.2.2 Análise Inferencial Individual

Entrevistado 1

Nota-se que desde o início da prática E1 se dedicava especificamente ao tênis. Infere-se que foi negada a ele a oportunidade de vivenciar outras atividades esportivas. O entrevistado especializou-se precocemente na modalidade e, também não houve variabilidade da prática, ou seja, todas as atividades que desenvolveu durante sua trajetória esportiva estavam diretamente relacionadas aos movimentos do tênis.

Entrevistado 2

Inferimos que E2 não teve oportunidade de vivenciar outras modalidades além do balé e das ginásticas rítmica e artística, que possuem movimentos e elementos semelhantes, ou seja, seu repertório motor ficou restrito a este tipo de atividade. Ao afirmar que vivenciou algumas práticas apenas na escola, mas que de forma sistematizada somente experimentou o balé e a ginástica, podemos inferir que suas experiências esportivas nas aulas de Educação Física não foram relevantes durante sua trajetória. Assim, infere-se que a escola não desempenhou seu papel de proporcionar vivências, de forma sistematizada e organizada, das diversas possibilidades do esporte.

Entrevistado 3

Ao falar que praticou apenas futsal no colégio, mas que a atividade não era séria nem sistematizada podemos inferir que a escola não oportunizou ao entrevistado experiências diversificadas relacionadas ao esporte, pois E3 cita apenas o futsal como modalidade vivenciada neste ambiente. Infere-se ainda que as suas vivências escolares não foram relevantes no seu processo de formação esportiva. Nota-se que o entrevistado sente uma mágoa relacionada ao fato de não poder ter praticado outras modalidades, devido às restrições impostas pelo técnico de natação que tinha medo de que ele pudesse se lesionar. Inferimos que E3 precisava ter a oportunidade de continuar vivenciando outras práticas pois estas eram prazerosas e estimulantes para o indivíduo, para talvez depois se especializar em algum esporte, porém nota-se que isto lhe foi negado. Aqui, infere-se que esta restrição não levou em consideração as vontades do entrevistado e pode ter prejudicado o seu desenvolvimento integral. Nota-se, que E3 começou a competir aos dez e aos treze anos já apresentava resultados expressivos e que por este motivo optou por se dedicar somente a natação.

Pode-se inferir, aqui, que E3 se especializou precocemente na natação, porque além de não ter a oportunidade de continuar praticando outras modalidades esportivas, seus treinos privilegiavam o alcance imediato de resultados, o máximo desempenho em categorias menores e não valorizava a formação a longo prazo.

Entrevistado 4

Ao afirmar que já praticou basquete e futebol, mas que estas eram apenas práticas escolares, e que antes dos oito anos parou de realizá-las, inferimos que a escola não forneceu ao entrevistado a possibilidade de vivências sistematizadas de outras modalidades, visto que aos oito anos já parou de praticar as poucas modalidades citadas e começou a se dedicar especificamente ao judô. Infere-se que as atividades desenvolvidas no ambiente escolar não foram relevantes para o entrevistado em sua trajetória esportiva. Aos catorze anos já apresentava resultados expressivos em níveis estaduais e nacionais. Aqui, inferimos que o entrevistado se especializou precocemente na modalidade, visto que não vivenciou de forma sistematizada outras modalidades e desde os oito anos treinava especificamente o judô, visando alcançar resultados imediatos. Por outro lado, nota-se que o clima competitivo e o alcance de resultados expressivos, aspectos estes não vivenciados em outros esportes, foram fatores motivadores para a escolha do entrevistado pela prática do judô.

Entrevistado 5

Nota-se que E5 optou por se especializar no atletismo principalmente por que se sentiu motivado com as participações em campeonatos e pelos resultados expressivos que conseguiu atingir nestes, logo no primeiro ano de treinamento. Infere-se que o entrevistado desde o início da prática treinou visando alcançar resultados imediatos e não a preparação para as fases mais avançadas de sua formação esportiva. Infere-se também que E5 não teve oportunidade de vivenciar todas as possibilidades que o atletismo poderia lhe proporcionar, pois, já no início da prática se dedicava somente às provas de arremesso de peso e lançamento de disco. Sendo assim, E5 passou por uma especialização precoce também dentro do próprio esporte, visto que não teve oportunidade de vivenciar outras possibilidades que a modalidade poderia lhe proporcionar. Infere-se que as atividades desenvolvidas pelo entrevistado no início da prática ficaram restritas aos movimentos específicos destas provas, devido à busca por bons resultados em curto prazo em competições. Ao afirmar que parou de praticar futebol porque seu professor parou de ministrar o treino da cidade e que além do atletismo realizava somente as atividades normais das aulas de educação física, podemos inferir que E5 não teve oportunidade de continuar na prática de futebol devido a problemas externos e não por opção e que as atividades desenvolvidas na escola não foram relevantes no seu processo de iniciação e escolha da prática para especialização.

Entrevistado 6

Nota-se que E6 praticou diversas modalidades, mas parou de realizar estas atividades precocemente, antes dos oito anos. A entrevistada afirma que nesta idade começou a treinar numa equipe e a se dedicar somente ao basquete. Observa-se a falta de incentivo para que a entrevistada continuasse vivenciando outras modalidades, visto que aos oito anos ela poderia usufruir dos benefícios de uma prática diversificada. Infere-se que o processo de formação esportiva da entrevistada não privilegiou a vivência de outras modalidades, e que com isso sua especialização no

basquete foi realizada de forma precoce.

Entrevistado 7

Nota-se que o entrevistado teve a oportunidade de vivenciar diversas modalidades de forma sistematizada, porém estas foram realizadas por meio de escolinhas de esportes. Infere-se que E7 teve a possibilidade de passar por uma formação diversificada devido ao incentivo familiar e ao apoio financeiro que tinha para frequentar escolinhas. Inferimos que o esporte vivenciado no ambiente escolar não foi relevante durante sua formação esportiva. Nota-se que o entrevistado vivenciou atividades diferenciadas e que no momento da especialização optou pelo voleibol de forma autônoma e consciente. Destaca-se que apesar de sua mãe praticar voleibol, esta possibilitou que o filho conhecesse outras práticas, assim nota-se que a família exerceu um papel adequado na iniciação e especialização do entrevistado.

Entrevistado 8

Neste caso infere-se que a escola desenvolveu um papel relevante no processo de formação da entrevistada, pois oportunizou a ela a vivência de diversas práticas esportivas. Nota-se com base nas respostas da entrevistada que o município também possibilitava a vivência sistematizada e organizada de várias práticas, visto que além do handebol também praticou o atletismo na equipe da cidade. Portanto, percebe-se que a escola e o município ofereceram a entrevistada um processo de iniciação esportiva diversificada e com isso inferimos que E8 no momento de sua especialização optou pelo handebol de forma autônoma e consciente. Inferimos também que experiência competitiva exerceu influencia nesta decisão.

4.1.2.2.3 Análise Inferencial Coletiva

Falta de contribuição da escola no processo de iniciação e especialização esportiva. Nota-se que a maioria dos entrevistados não vivenciaram experiências significativas no ambiente escolar, no que diz respeito à prática de modalidades esportivas. Com exceção de E8, que vivenciou experiências relevantes na escola e no município, e compreendeu a importância da competição na sua formação, fatores que influenciaram positivamente na sua iniciação e especialização na modalidade, e que permitiram de forma consciente a escolha do esporte a se especializar, com base em suas experiências, todos os outros consideraram que as atividades desenvolvidas no ambiente escolar eram apenas práticas normais das aulas de educação física, que não eram sérias e nem sistematizadas como as práticas que desenvolviam em outras instituições que proporcionavam um processo de treinamento esportivo. Fica evidenciado que a prática do esporte nas aulas de educação física não foi relevante no processo de iniciação e especialização dos entrevistados, e, além disso, não contribuiu para um processo de iniciação

diversificado e nem para a escolha consciente da modalidade a se especializar. Percebemos que a criança ou adolescente teve que buscar por estas experiências esportivas diversificadas e orientadas em outras instituições disponíveis na região e que nesta procura a família exerceu um importante papel; fato que fica evidenciado no caso de E7 que sempre recebeu incentivo de sua família para praticar esportes e tinha o apoio financeiro necessário para desenvolver estas atividades em escolinhas particulares. Nota-se que a oferta de atividades organizadas pelos municípios e clubes, na maioria dos casos é a única opção dos jovens de determinada região no momento de escolha da modalidade. Notamos também que a competição exerceu relevância no processo de escolha da modalidade e especialização dos entrevistados. A participação em campeonatos foi citada pela maioria dos entrevistados como um fator que exerceu influência no momento de escolha modalidade a se especializar, porém podemos perceber também que, por vezes, esta opção era motivada, não apenas pela participação nas competições, mas sim pelos resultados expressivos que as crianças e adolescentes já apresentavam no início do seu processo de treinamento, o que pode revelar a valorização exagerada de resultados em idades menores e também uma especialização precoce na busca por estes resultados a curto prazo. Percebemos também que a formação destes não privilegiou a diversificação, visto que em alguns casos os entrevistados não tiveram a oportunidade de vivenciar outras modalidades além das que se especializaram, outros não foram incentivados a continuar praticando outras atividades, e alguns ainda foram obrigados a abandonar as demais práticas precocemente em detrimento das cargas de treinamento específicas, e também ao medo de que esta pudesse prejudicar seu desempenho na modalidade específica. Percebemos que, com exceção de E7 e E8, todos os outros entrevistados se especializaram precocemente em determinada modalidade e que isto pode ter influenciado negativamente no seu processo de formação e contribuído para o abandono precoce da modalidade.

4.1.2.3 Como eram os treinos na sua formação esportiva? Como se sentia em relação aos treinos e a carga de atividades de treinamento? O que esta prática significava para você?

4.1.2.3.1 Descrição Analítica Individual

Entrevistado 1	<p><u>Dos sete aos nove anos</u>, considerava os treinos como brincadeiras que sua família participava. Comenta que geralmente nos treinos as tarefas eram premiadas com recompensas e no final os participantes brincavam de acertar alvos ou bater bola com os colegas e quem errasse tinha que “pagar prenda”. Segundo o entrevistado, seu técnico tinha a consciência de que o treino não podia ser algo tão sério. Porém, complementa dizendo que, além disso, eles treinavam intensamente o aspecto técnico da modalidade com exercícios de movimentação e batida de bola. Afirmar, também, que neste início, o técnico não os deixava jogar, pois de acordo com o entrevistado se jogassem começariam a inventar. Ele ainda complementa que o jogo deixa as pessoas frustradas, se estas começam a errar. Comenta que sempre treinou somente o tênis, não praticava outras modalidades. Complementa que neste período treinava com seus primos, duas vezes por semana, uma hora por dia.</p> <p><u>Aos nove anos</u>, começou a treinar sozinho porque seu técnico considerou que ele estava se sobressaindo e que os outros poderiam atrasar o desenvolvimento dele. Cita que o treino começou a ficar mais sério e intenso, e era desenvolvido de forma bem específica, três vezes por semana. Ainda comenta que, nesta época começou a encarar os treinos de forma mais séria.</p> <p><u>Aos treze anos</u>, começou a treinar todos os dias, pelo menos duas horas por dia.</p> <p><u>Aos dezessete anos</u>, iniciou sua preparação almejando conseguir uma vaga numa academia de Tênis nos Estados Unidos.</p> <p><u>Aos dezoito anos</u>, foi aceito por uma academia de tênis norte-americana. Comenta que lá o treino mudou radicalmente. Cita que realizava um treinamento físico intenso, que treinava todos os dias, seis horas por dia, sendo quatro horas na quadra e duas horas na academia. Cita que no período da manhã treinava troca de bola e movimentação, visando à perfeição técnica; e no período da tarde era só jogo, o que considerou bom para o seu desenvolvimento “mental”.</p>
Entrevistado 2	<p><u>Dos dez aos catorze anos</u>, comenta que treinava em um clube na região metropolitana de São Paulo, de cinco a seis vezes por semana, aproximadamente quatro horas por dia. E2 cita que primeiro passou por um período de iniciação no esporte, que durou cerca de um ano. Afirmar que este período consistia basicamente em aprender a manusear os aparelhos e aprender os elementos principais de cada aparelho, além disso, praticava balé clássico todos os dias. Após este período de iniciação E2 cita que começou a intensificar e especificar os treinamentos visando campeonatos, tais como o paulista e o brasileiro, neste período os treinos focavam a preparação física específica e a repetição das coreografias, além da intensificação do balé clássico. Enfatiza que nesta época não sentia nenhum peso em relação à</p>

	<p>prática do esporte. E2 enaltece que gostava da modalidade e que a ginástica rítmica nesta fase significava tudo para ela, que era a vida dela, visto que sua rotina era ir para o colégio de manhã, voltar para casa, almoçar rapidamente, atravessar a cidade para treinar e voltar para casa à noite. E2 complementa que a única coisa que talvez tenha faltado nesta fase foi a preparo psicológico, que segundo ela fez falta nas fases posteriores de treinamento.</p> <p><u>Dos quatorze aos dezessete anos.</u> Foi aprovada em um processo seletivo para a seleção nacional e teve que se mudar para começar a treinar junto com a equipe em Londrina-PR. Cita que os treinos nesta fase eram bem mais extensos, duravam cerca de oito horas e aconteciam seis dias por semana. E2 comenta que os treinos eram compostos pelo balé clássico, pela preparação física e pela composição de coreografia. Complementa que após a composição da coreografia começava a parte de repetição dos exercícios que seriam apresentados na competição, sempre com uma cobrança excessiva em relação aos erros. Cita como exemplo principal destes exercícios o movimento de “troca”, que segundo E2 consiste na troca de aparelhos entre as ginastas do conjunto durante a coreografia. Ela comenta que na seleção elas não paravam de repetir este exercício até executarem corretamente cinquenta vezes consecutivas, com isso, ficavam até oito horas repetindo o exercício. Comenta que nesta época a carga de treinamento era extensa e cansativa.</p>
Entrevistado 3	<p><u>Dos três aos dez anos,</u> treinava três vezes por semana e uma hora por dia; E3 comenta que havia muita brincadeira nos treinos e também que aprendeu a nadar os quatro estilos nesta época. Cita que desde o início já se destacava entre as outras crianças e que sempre nadava com a turma mais velha. Menciona que nesta fase não gostava muito de natação e que achava chato, e acrescenta que este não era o seu esporte preferido, gostava mais de futebol que era um esporte coletivo. Destaca que, neste período, sua família não o deixou desistir da natação e complementa que a prática era uma rotina. Ainda afirma que os principais motivos que o levaram a optar pela natação foram as conquistas e o clima de competição, e que não existia isto antes dos dez anos, por isso nesta fase não sentia motivação para participar dos treinos.</p> <p><u>Dos dez aos treze anos,</u> treinava todos os dias da semana, três horas por dia. Coloca que foi uma fase de adaptação e que os treinos focavam em ganho de resistência e aprimoramento técnico. Complementa que nesta fase não apresentava bons resultados, mas que seu técnico dizia que isto era apenas uma questão de tempo.</p> <p><u>Dos treze aos dezessete anos,</u> treinava 4 horas por dia, todos os dias da semana. Menciona que a carga de treinamento melhorou que, já estava mais forte e aguentava treinar mais. Comenta que aos treze anos se especializou</p>

	<p>no nado borboleta, principalmente na prova de duzentos metros do estilo, e começou a focar suas séries de treinamento somente neste nado. Cita que os treinamentos acompanhavam os campeonatos principais que aconteciam no meio e no final do ano, portanto havia dois ciclos idênticos de treinamento, um do início até o meio do ano, e outro do meio até o final. Explica que no início destes ciclos nadava aproximadamente quatro mil metros por dia, sem se preocupar com correções técnicas, e, em seguida, começava a desenvolver séries mais fortes que exigiam explosão, e o ciclo terminava com o “polimento”, termo utilizado na natação que expressa o processo final de preparação do nadador para a competição principal da temporada. E3 complementa dizendo que os exercícios utilizados nos ciclos eram semelhantes; cita que fazia praticamente a mesma coisa todos os dias. E3 comenta que aos treze anos começou a se destacar tanto nos treinos como nas competições e que por causa disso seu técnico passou a treiná-lo separadamente da equipe. Comenta que estava em um nível acima dos demais, e seu técnico via que ele queria e tinha potencial para chegar ao esporte profissional e que por isso tomou essa decisão de começar a treinar mais intensamente e separado da equipe.</p>
Entrevistado 4	<p><u>Dos quatro aos oito anos</u>, treinava três vezes por semana. Cita que os treinos eram leves e que focavam os aspectos físico e disciplinar da modalidade e que a parte técnica do treino era branda. Destaca que, nesta fase, quase não disputava campeonatos. Comenta que gostava do judô, mas não levava os treinos tão a sério. Menciona que tinha o esporte, como um meio de relaxar. Cita que descarregava suas energias no treino e chegava à sua casa calmo e cansado. Complementa que neste período o treinamento privilegiou mais o aspecto disciplinar que o competitivo.</p> <p><u>Dos nove aos doze anos</u>. Seu técnico percebeu que ele e mais cinco atletas estavam se destacando dentro do grupo, que era composto por aproximadamente cinquenta atletas. Por este motivo a partir dos nove anos, ele e estes cinco amigos começaram a treinar mais intensamente, separados dos demais. Passou a treinar cinco vezes por semana, duas horas por dia. Comenta que todos os dias treinava a parte física e técnica e neste período participou de mais competições e isto melhorou seu desempenho.</p> <p><u>A partir dos treze</u>, passou a treinar seis vezes por semana, acrescenta que aos sábados os treinos eram específicos para as competições. Cita que nesta fase começou a ter acompanhamento de um nutricionista e de um preparador físico. Além dos treinos, praticava musculação três vezes por semana. Acrescenta que as partes física e técnica do treino ficaram mais intensas. Cita que este acompanhamento especializado e a maior intensidade dos treinos melhoraram seu desempenho nas competições. Comenta que com isso ficou</p>

	<p>“apaixonado” pelo esporte e com vontade de treinar cada vez mais. Menciona que nesta fase sentia que era um atleta e que precisava ter uma responsabilidade maior com o esporte. Neste período recebia um excelente suporte técnico, e que seus pais o apoiavam moralmente e financeiramente. Acrescenta que dos treze aos quinze anos alcançou os melhores resultados de sua trajetória esportiva em campeonatos de nível estadual e nacional e se sentia recompensado, pois estava se dedicando intensamente aos treinos.</p>
Entrevistado 5	<p><u>Dos treze aos dezessete anos</u>, treinava na equipe de sua cidade, cinco vezes por semana cerca de três horas por dia, e acrescenta que esta carga mudava de acordo com a disponibilidade do local de treinamento. Cita que a equipe tinha que treinar em vários locais diferentes. Destaca que nesta fase os treinos privilegiavam a parte técnica da modalidade e eram conduzidos pelo seu pai, que era o técnico da equipe. Às vezes realizava a parte física orientado por um instrutor na academia, mas que nem sempre havia este acompanhamento, e que por isso em várias ocasiões organizava seus próprios treinos. Menciona ainda que passado certo tempo seu pai foi deixando-o de lado porque já estava mais experiente e havia um número elevado de atletas para serem orientados. Com isso E5 passou a elaborar seus próprios treinos técnicos, com base em suas experiências em campings e de exercícios que pesquisava na internet. Cita que no início se sentia motivado com os treinos, porque percebia a melhora no seu desempenho e que seu organismo respondia bem aos treinos. Com o passar do tempo percebeu que não conseguia melhorar seu desempenho como no início, e além disso, devido aos estudos em tempo integral passou a treinar separado do grupo no período noturno. E5 diz que estas situações somadas ao fato de que ele mesmo elaborava, sistematizava e controlava os seus treinos, começaram a fazer ele se sentir desanimado com a prática. Acrescenta que, nesta fase, o atletismo era uma parte importante da sua vida, pois estava envolvido com treinos, eventos, competições e também sempre buscava aprender mais sobre a modalidade.</p> <p><u>Dos dezessete aos vinte</u>. Aos dezessete, foi aprovado no vestibular e ingressou numa Universidade do interior de Minas que desenvolvia um treinamento organizado e sistematizado de atletismo. Acrescenta que, optou por esta universidade por causa desta possibilidade de continuar treinando. Nesta fase, os treinos aconteciam de cinco a seis vezes por semana, cerca de três horas por dia. Comenta que a carga de treinamento era bem mais alta e intensa que na sua cidade. Destaca que, nesta fase, teve a oportunidade de vivenciar um treino bem elaborado e sistematizado, pois segundo E5 na sua cidade isto não existia. Percebia que seu treinamento era diferente dos treinos de seus principais rivais, que segundo E5 estavam melhores e mais bem preparados do que ele no momento, e que por isso nesta fase seus treinos</p>

	<p>visavam prepará-lo para suportar um nível mais avançado de treinamento para que pudesse progredir e atingir o patamar destes adversários. Porém, acrescenta que a rotina de estudante universitário, que envolvia má alimentação e pouco descanso e uma lesão dificultaram sua evolução nesta época. Comenta que por causa destes fatores citados anteriormente não respondeu como deveria as cargas de treinamento e que por isso ficou estagnado e não conseguiu avançar na modalidade. Cita que nesta fase ainda gostava da prática, porém foi ficando desestimulado por não conseguir melhorar seu desempenho e ficar atrasado em relação aos seus adversários.</p>
Entrevistado 6	<p><u>Dos oito aos treze anos.</u> Comenta que no início treinava uma vez por semana, duas horas por treino, e que gradativamente foi aumentando a frequência até atingir cinco vezes por semana, de quatro a cinco horas por treino. Cita que na iniciação os treinos eram constituídos por brincadeiras que estimulavam movimentos exigidos pela modalidade e por exercícios de coordenação, como por exemplo, coordenar a batida de duas bolas e realizar diversos tipos de deslocamentos. Acrescenta que, após este período de iniciação, o treino passou a ser dividido em três partes: o aquecimento, que era composto por exercícios de alongamento e corrida; a parte técnica, que era realizada dentro de quadra; e a preparação física, que geralmente era realizada na academia. E6 cita que o treino técnico era dividido da seguinte forma: segunda, treino de arremesso; terça, exercícios de habilidade; quarta e quinta feiras os exercícios de 1x1, 2x2 e 3x3; e sexta-feira acontecia o coletivo e o treino das jogadas. Destaca que, neste período, gostava da prática e a considerava uma diversão. Ainda comenta que nesta época via as meninas do time adulto treinar e jogar, algumas até que faziam parte da seleção nacional, e ficava encantada com isso e tinha vontade de atingir o mesmo nível delas.</p> <p><u>Dos treze aos quinze,</u> se mudou para uma cidade do interior de Minas Gerais por motivos familiares. Comenta que gostaria de ter ficado em sua cidade, mas seu pai não permitiu porque ela era nova para ficar sozinha. Cita que nesta cidade os treinos eram desorganizados e não havia regularidade e que isto era um fator desestimulante, complementa que o treino era uma correria, que parecia mais atletismo do que basquete. Comenta que passou a treinar com o masculino, e assim melhorou um pouco o nível de treinamento. Acrescenta que, neste período, a única coisa que a motivava era a expectativa de voltar para o seu time do interior de São Paulo. Neste período teve duas convocações para a seleção mineira, aos treze e aos catorze anos, destaca como a mais importante a convocação para a seleção brasileira sub-15, também aos catorze anos.</p> <p><u>Na seleção brasileira sub-15,</u> treinou por quinze dias. Cita que de manhã havia uma parte física intensa, que existiam momentos com o psicólogo, com o</p>

	<p>fisioterapeuta e com o médico. Na parte da tarde, os treinos eram na quadra conduzidos pela técnica, que era uma ex-atleta da seleção. Neste treino predominava a parte tática, movimentações de cinco contra cinco, contra – ataque e o jogo. Comenta que estava realizando um sonho e aquilo era tudo para ela, complementa que até mesmo quando foi cortada, não ficou tão triste porque estava certa de que iria ser convocada novamente.</p> <p><u>Aos quinze anos</u>, conseguiu voltar para o seu time no interior de São Paulo, e neste período treinava seis vezes por semana e cinco horas por dia, e que por vezes, treinava em duas categorias a sub-15 e a sub-17. Comenta que os treinos eram mais intensos que na sua primeira passagem pela equipe, e que era difícil conciliar os estudos com os treinos. Menciona que, nesta fase, ela morou na casa de uma família, que segunda ela, a “adotou”, e que esta foi uma boa experiência. Menciona que nesta época visava jogar profissionalmente e voltar para a seleção brasileira, e que por isso aprovava sua carga de treinamento.</p> <p><u>Aos dezesseis</u>, treinou nos Estados Unidos por uma estação e, em seguida, abandonou a modalidade visando o esporte profissional.</p>
Entrevistado 7	<p><u>Dos doze aos quinze</u>, treinava de seis a sete vezes por semana, aproximadamente duas horas por dia. Explica que praticava a modalidade em três locais de sua cidade do interior de São Paulo, numa escolinha particular, onde ocorria a prática sistematizada de diversas modalidades, e em dois clubes. Comenta que sempre procurava os locais de prática e que buscava treinar o maior tempo possível. Na escolinha, local que aponta como o principal deste período, treinava três vezes por semana e comenta que este treino começava com a parte física, que depois havia uma ênfase maior nos fundamentos técnicos do voleibol, e cita como exemplo de exercício típico desta fase o “paredão”, longas séries de toques, cortadas e manchetes sucessivas realizadas contra a parede. Diz que, nesta fase, os exercícios dentro de quadra eram direcionados para o aperfeiçoamento dos fundamentos técnicos, como, por exemplo, sacar em determinado alvo e ficar dando toque e manchete para cima sem deixar a bola cair, aponta que neste treino era raro acontecer um jogo, mas que nos outros lugares que praticava durante a semana, o jogo era o elemento predominante dos treinos, conclui que este treinamento que recebeu contribuiu para a evolução do seu desempenho, visto que conseguiu ter ao mesmo tempo uma sólida base técnica e física e uma boa experiência de jogo. E7 afirma que sentia bem em relação aos treinos porque gostava da prática e se sentia desafiado e instigado por ela, pois, segundo ele, a prática desta modalidade necessita de inteligência. Cita que, neste período, além do gosto pelo esporte, também tinha a prática como uma “válvula de escape” dos estudos. Acrescenta que, era um momento que</p>

	<p>conseguia se distrair, se libertar dos problemas e fugir das pressões.</p> <p><u>Dos quinze aos dezessete.</u> Após ser aprovado num processo seletivo passou a treinar em um time da capital paulista, que figurava entre os melhores no cenário nacional na época. Cita que treinava de cinco a seis vezes por semana, cinco horas por dia. Comenta que nesta época os treinos eram intensos do começo ao fim. Destaca que todos os dias realizava duas horas de treino físico, geralmente musculação. Menciona que em quadra, os treinos começavam com o aquecimento e com alongamento, e que depois os treinos eram divididos por fundamentos técnicos, destaca, ainda que, treinava exaustivamente movimentos de defesa, visto que se especializou na posição de líbero. E7 afirma que esta especialização aconteceu devido à sua pouca estatura. Acrescenta que era rara a realização de jogos nos treinos, mas que nesta época disputava campeonatos toda quarta e sábado, e comenta que esta rotina de escola, treino e competição era bem cansativa. E7 diz que sentia pressionado nos treinos, pois tinha que ser melhor todo o dia e não podia errar. Segundo E7 se não apresentasse um bom rendimento era esculachado por seu técnico e corria o risco de ser retirado do treino. Cita que esta pressão também vinha do medo de não apresentar resultados e não atingir as metas estipuladas pelo time, visto que recebia um auxílio financeiro do clube, além de alimentação, uniforme, viagens e academia, entre outros benefícios. Cita que, nesta época, almejava ser melhor que os outros meninos da sua posição e alcançar a posição de titular. Menciona ainda que participar da categoria de base do time, que era um dos melhores do Brasil, significava o alcance de um dos seus objetivos. Conclui que, neste período, o vôlei deixou de ser uma “válvula de escape” e passou a ser uma obrigação, uma “semiprofissão”.</p>
Entrevistado 8	<p><u>Dos treze aos dezesseis,</u> treinava na seleção da sua cidade, situada no interior de Minas Gerais, três vezes por semana, duas horas por dia, já no período de férias escolares e de competições treinava todos os dias, às vezes dois períodos por dia. Neste período, os treinos enfatizavam o “jogo individual” que segundo ela tratava-se da capacidade técnica individual, que eram as fintas, giros, arremessos, complementa que não havia muita variação tática nem de defesa e nem de ataque; acrescenta que esta parte era bem limitada. Complementa que nesta fase fazia a parte física do treino dentro da quadra. Menciona que no início não tinha interesse de viver do handebol, mas que com a vivência das competições começou a ter vontade de evoluir na modalidade e se dedicar mais aos treinos, acrescenta que já no primeiro ano de prática começou a sentir o desejo de integrar a seleção nacional. Acredita que a sua carga de treinamento era baixa e não supria suas necessidades, e que por isso, começou a frequentar também o treino do time masculino da</p>

	<p>cidade.</p> <p><u>Na seleção mineira.</u> Comenta que aos quinze anos foi convocada para a seleção mineira pela primeira vez e destaca que recebeu diversas convocações até os vinte anos. Cita que os treinos desta equipe aconteciam nos finais de semana. Todas as sextas-feiras, E8 pegava um ônibus e viajava até a capital do estado para treinar e no domingo voltava para a sua cidade, e continuava a rotina normal de treinos. Destaca que treinava em dois períodos no sábado e dois períodos no domingo e que na maioria das vezes além destes treinos também aconteciam amistosos. Acrescenta que algumas vezes, ainda treinava com a equipe masculina. Afirma que havia uma parte física bem elaborada e específica para a modalidade. Comenta que essa rotina de viagens e treinos intensos era bem exaustiva e que chegou até a se lesionar por causa disso.</p> <p><u>Na seleção brasileira.</u> Cita que recebeu convocações para a seleção brasileira, nas categorias cadete, juvenil e júnior, entre quinze e dezenove anos. Comenta que os treinos da seleção brasileira aconteciam cada vez em uma cidade diferente do país e que treinavam por um período que variava de quinze a trinta dias. Cita que havia uma equipe completa para o treinamento, com nutricionistas, fisioterapeutas, psicólogos e comissão técnica. Menciona que treinava dois períodos por dia, cerca de três horas por período, e que ainda aconteciam diversos amistosos. Nestes períodos de treino com a seleção brasileira, E8 comenta que não se sentia cansada, visto que tinham um tempo adequado de descanso, e que também não fazia mais nada além dos treinos. Cita que nesta fase estava realizando um sonho, porque tinha conseguido chegar à seleção nacional, e que começou a ser valorizada e a ter o reconhecimento de seus técnicos, familiares e amigos.</p> <p><u>A partir dos dezesseis,</u> passou a jogar no nível adulto e atuou por diversos clubes de São Paulo e de Minas Gerais. Cita que em cada temporada jogava por um clube diferente.</p>
--	--

4.1.2.3.2 Análise Inferencial Individual

Entrevistado 1

Nota-se que E1 aprovava a metodologia do treino que privilegiava os aspectos técnicos da modalidade, mas também continha atividades que eram tidas por ele como brincadeiras. Infere-se que estas brincadeiras eram tidas como agradáveis pelo sujeito, porém percebe-se que apesar destes elementos existirem no treinamento, eles não eram estimulados como um instrumento que pode auxiliar neste processo de formação esportiva, visto que E1 enfatiza que além das brincadeiras, nesta época, treinava intensamente a parte técnica por meio de exercícios de

movimentação e batida de bola. Percebe-se também que neste período os treinos não privilegiavam os jogos, pois E1 considera que o jogo nesta fase poderia ser prejudicial e coloca que este tipo de prática poderia fazer com que ele “inventasse” movimentos do tênis, que talvez não fossem os mais eficientes, e, ainda acrescenta que os erros, comuns aos iniciantes, cometidos em um jogo poderiam acarretar em frustração para as crianças. A partir disso percebe-se que E1 não vivenciou experiências positivas relacionadas ao jogo. Neste ponto, inferimos que não foram estimuladas com ele todas as possibilidades esportivo-educacionais que este jogo poderia lhe proporcionar. Infere-se que essas características somadas podem ter influenciado negativamente o seu desempenho em idades mais avançadas e contribuído para o não alcance do esporte profissional. Nota-se também que a partir dos nove anos, ele começou a aumentar o volume e a intensidade dos treinos gradativamente até chegar à academia nos Estados Unidos aos dezoito anos. E1 cita que lá a intensidade aumentou ainda mais, porém jogava todos os dias e acrescenta que isso foi bom para o seu desenvolvimento “mental” em relação ao tênis. Infere-se, aqui, que E1 percebeu o lado positivo do jogo e todos os benefícios que ele poderia lhe trazer, principalmente em relação aos aspectos emocionais e de inteligência de jogo. Portanto, após esta mudança de pensamento em relação ao jogo, inferimos que este é um importante instrumento no processo de formação esportiva e que poderia ter sido utilizado desde o início da prática.

Entrevistado 2

Nota-se que a entrevistada sempre treinou ao menos cinco vezes por semana, quatro horas por dia, e que desde o início, inclusive no primeiro ano de contato com a prática, os treinos se resumiam à parte técnica da modalidade, que envolve o manuseio e os movimentos de cada aparelho, e o balé clássico. Infere-se que desde a iniciação E2 tinha uma carga de treinamento extensa, incompatível com a idade, visto que os treinos impossibilitavam que a entrevistada tivesse um tempo livre para exercer outras atividades e não privilegiavam a diversidade de movimentos e sim a repetição de exercícios. Percebe-se que aos onze anos, com apenas um ano de prática já intensificou seu treinamento visando a participação em campeonatos de nível estadual e nacional. A entrevistada afirma que gostava da prática da ginástica rítmica e acrescenta que esta modalidade era a sua vida, visto que sua rotina se resumia em ir à escola, voltar para casa, almoçar rapidamente, atravessar a cidade para treinar e voltar para casa só de noite. Aqui, podemos inferir que E2 não foi estimulada a vivenciar outras experiências além do esporte, ou seja, sua vida ficou entrelaçada apenas a prática da modalidade. Infere-se também por intermédio das palavras da entrevistada que a distância do local de treinamento e o tempo gasto com sua locomoção era algo que a incomodava. Nota-se também que a entrevistada sentia falta de um preparo psicológico, que segunda ela fez falta nas fases posteriores de treinamento. Já na fase de seleção brasileira destaca que os treinos ficaram ainda mais extensos; e eram compostos pela parte física, pelo balé clássico, pela composição de coreografia e pela repetição extensiva dos exercícios que compunham esta coreografia. Afirma que nesta fase não parava de repetir certo exercício enquanto não conseguisse acertá-lo determinado número de vezes estipulado pela técnica, cita que às vezes ficavam até oito horas repetindo o mesmo movimento. Complementa que nesta fase a carga de treino era extensa e cansativa. Infere-se que os mesmos elementos que compunham os treinos desde o início da prática continuaram se

repetindo nesta fase avançada de treinamento, porém de forma mais intensa e com o nível maior de cobrança, percebe-se que esta monotonia de exercícios repetitivos somados a cobrança por acerto, se tornaram exaustivos para a entrevista, porém percebemos que o cansaço e os sentimentos da entrevistada não foram levados em consideração no processo.

Entrevistado 3

Nota-se que dos três aos dez anos o entrevistado tinha a natação como uma obrigação, afirma que achava a modalidade chata e que gostava mais de futebol, porém sua família não o deixava desistir do esporte. Infere-se aqui que a vontade do entrevistado não foi respeitada visto que ficou por um longo período da infância realizando uma atividade que não era prazerosa e era tida como uma rotina por ele. Ao falar que preferia esportes coletivos e que desde o início se destacava dentre as outras crianças da mesma idade e que por isso, sempre treinava com a turma mais velha, podemos inferir que os treinos não estimulavam atividades em equipe, e sim o trabalho individual e o desempenho, visto que o entrevistado era remanejado de turma de acordo com o seu rendimento. Percebe-se que a competição foi o instrumento que fez com que o entrevistado começasse a sentir prazer pela prática. Ao dizer que antes dos dez anos não sentia motivação para participar dos treinos por causa da ausência de competições podemos inferir que este é um elemento motivador no processo de formação esportiva e que pode ser utilizado desde a iniciação, porém devem ser adaptadas as idades e necessidades dos participantes. Nota-se que sua carga de treinamento foi aumentando gradativamente até os dezessete anos. Percebe-se que a partir dos treze anos se especializou na prova de duzentos metros borboleta e seus treinos começaram a focar as principais competições que aconteciam no meio e no final do ano. Com isso, o entrevistado afirma que durante o ano realizava dois ciclos idênticos de treinamento, que eram constituídos de exercícios bem semelhantes, e acrescenta que fazia quase a mesma coisa todos os dias. Com base nisso infere-se que a prática da modalidade passou a ser repetitiva e voltada para a busca por resultados imediatos nas competições em categorias menores, nota-se também que os treinamentos não valorizavam o trabalho a longo prazo, visto que não havia progressão e nem diferenciação nos ciclos de treinamento.

Entrevistado 4

E4 afirma que os treinos no início da prática focavam a parte física e disciplinar da modalidade. Com base nisso podemos inferir que desde os quatro anos de idade desenvolvia atividades específicas que objetivavam moldar certas características necessárias para a prática do judô, como, por exemplo, o aspecto disciplinar. Percebe-se que após participar dos treinos E4 chegava a sua casa, cansado e calmo. Podemos inferir aqui que os treinos eram utilizados para disciplinar e acalmar o entrevistado tanto no âmbito esportivo, quanto no âmbito pessoal. Ao citar que entre quatro e oito anos participou de poucas competições, inferimos que o entrevistado sentia falta deste elemento nesta fase, pois nas fases superiores de treinamentos percebemos que a competição despertou a “paixão” do entrevistado pela prática. Assim, inferimos que os estímulos competitivos, desde que utilizados de forma adequada as idades e necessidades dos indivíduos envolvidos desempenha um importante papel no processo de formação esportiva. Percebe-se que quando começou a se destacar, aos nove anos, o entrevistado intensificou a parte física e técnica dos treinos, aumentou a

carga horária de treinamento e com um grupo de cinco pessoas passou a treinar separadamente dos outros cinquenta meninos. Infere-se aqui que já com nove anos os treinos visavam especificamente a melhora no desempenho na modalidade, e o alcance de resultados imediatos, visto que não privilegiavam a formação diversificada e não facilitavam o contato do entrevistado com os demais companheiros. Nota-se que aos treze anos o entrevistado já apresentava resultados expressivos em competições e sentia as responsabilidades de ser um atleta. Ao afirmar que a partir dos treze alcançou os melhores resultados de sua carreira, e que se sentia gratificado com isso porque estava treinando intensamente com este objetivo, podemos inferir que o treinamento almejava a busca de resultado imediato e visava sempre à competição e não o desenvolvimento esportivo a longo prazo, pois percebemos que o entrevistado apresentou seus melhores resultados entre treze e quinze anos.

Entrevistado 5

Nota-se que o entrevistado não tinha um local fixo para treinar, pois constantemente tinha que mudar sua carga de treinamento devido a disponibilidade dos possíveis locais de treino. Com isso podemos inferir que não havia uma estrutura adequada para a prática e desenvolvimento do atletismo em sua cidade. Nota-se que seus treinos focavam a parte técnica da modalidade. Somando este fato a resposta da pergunta anterior, podemos inferir que seus treinos foram limitados a repetições de movimentos técnicos específicos das provas de arremesso de peso e lançamento de disco. Infere-se que não existia organização e nem sistematização nos treinamentos, pois E5 era novo e não possuía conhecimento suficiente para montar seu próprio treino e, além disso, estes não estavam em consonância com as outras partes dos treinos. Nota-se também que foi significativo para o entrevistado o fato de depois de certo tempo, seu pai, que também era seu técnico ir deixando-o de lado para dar mais atenção aos atletas mais novos que necessitavam de mais orientação. Ao afirmar que elaborava e controlava seus treinos com base nas suas experiências, percebemos que o entrevistado apesar de ter a possibilidade de experimentar o atletismo não teve oportunidade de vivenciar uma prática adequada de iniciação e especialização que pudesse contribuir no seu processo de treinamento a longo prazo. Infere-se que esta falta de acompanhamento, organização e sistematização do treinamento prejudicaram o desempenho de E5 nas fases mais avançadas de treinamento. Ao citar que com o passar do tempo foi se sentindo desanimado por que não conseguia melhorar seu desempenho como no início, pode-se inferir que talvez as condições de treinos oferecidas não contribuíssem para esta evolução no desempenho. Infere-se também que houve uma valorização exacerbada do desempenho e dos resultados alcançados nos anos iniciais de treinamento, o que pode ter gerado no sujeito expectativas que não puderam ser atingidas, inclusive devido às más condições de treinamento pelo qual E5 passou. Nota-se também que o fato de ter que treinar sozinho também causou desânimo no entrevistado. Com isso infere-se que a presença de um grupo de treinamento é importante no processo de formação esportiva mesmo em modalidades individuais. Nota-se que o entrevistado enxergou na Universidade a possibilidade de experimentar um treinamento sistematizado de atletismo, pois segundo ele na sua cidade não existia isso. Ao afirmar que percebia que seu treinamento visava prepará-lo para suportar um nível mais avançado de treinamento para que pudesse progredir e

atingir o patamar dos seus adversários fica evidente que os treinos na fase inicial de sua formação foram falhos, e fizeram com que ele ficasse atrasado em relação aos seus adversários, visto que não suportava o mesmo nível de treino que eles. Infere-se que o foco ao alcance de resultado nas categorias iniciais somadas à falta de treino sistematizado e organizado, prejudicaram a formação esportiva do entrevistado. Ao afirmar que foi ficando desanimado com o fato de não conseguir melhorar o seu desempenho, podemos afirmar que as experiências que o entrevistado teve com esporte na iniciação e especialização na modalidade, fizeram com que E5 chegasse desgastado na sua segunda fase de treinamento o que contribui para um progressivo abandono da modalidade.

Entrevistado 6

Percebe-se que desde a iniciação os treinos eram tidos como prazerosos, pois E6 considerava a prática uma diversão. Nota-se que exercícios adequados a idade tidos pela entrevistada como brincadeiras eram estimulados nos treinos durante a iniciação, e E6 reconhece que estas atividades além de serem prazerosas auxiliaram no seu processo de formação esportiva. Inferimos aqui que as “brincadeiras” foram utilizadas de forma adequada durante a fase de iniciação da entrevistada, visto que ela reconhece que estes não eram utilizadas apenas como um passatempo, ou como intervalo entre atividades sérias de aspecto técnico ou físico, mas sim como parte principal no processo de desenvolvimento esportivo dela. Nota-se que a entrevistada apresentou uma progressão de intensidade e volume de treinamento entre os oito e os treze anos e que junto com esta evolução foram sendo incluídos elementos novos nos treinos, tais como jogos reduzidos e coletivos. Percebemos também que o fato de treinar desde o início em uma equipe de destaque no cenário nacional e ter a oportunidade de assistir as meninas do time adulto jogar, foram pontos que contribuíram para a motivação e formação esportiva da entrevistada. Com base nestas percepções podemos inferir que a presença de atividades adequadas à faixa etária como principal instrumento no processo de iniciação, a evolução adequada de intensidade e volume da carga de treinamento, a presença do jogo em diferentes formas no treino, a sistematização e organização dos treinamentos e a oportunidade de assistir e conviver com meninas do time profissional, foram fatos que motivaram a entrevistada e que influenciaram positivamente seu processo de formação esportiva. Por outro lado aos treze anos quando teve que se mudar por motivos familiares para uma cidade do interior de Minas, a entrevistada passou dois anos por um treinamento que segundo ela era o oposto do treinamento que recebia anteriormente. Ao afirmar que nesta cidade os treinos eram desorganizados, desestimulantes e que nesta época só continuou treinando porque objetivava voltar para o seu time no interior paulista podemos inferir que existe uma desigualdade de oportunidades entre as regiões do país, visto que no primeiro período de treino, devido à localização de sua residência, E6 teve a possibilidade de ingressar num ambiente de treinamento organizado, porém quando se mudou percebeu que o novo local nunca apresentaria as mesmas condições, e por isso objetivava voltar para o lugar melhor em sua opinião, com isso inferimos que a desigualdade de oportunidades entre as regiões pode inibir a formação esportiva de jovens talentosos. Quando conseguiu voltar para o seu time do interior de São Paulo aos quinze anos afirma que a intensidade e o volume de seu treinamento aumentaram ainda mais, porém aprovava isto porque visava ser uma atleta profissional de basquete. No entanto, considera que era difícil conciliar o esporte com os

estudos. Inferimos aqui que mesmo num time organizado, bem estruturado e de destaque no âmbito nacional, a prática do esporte não é compatível com a continuidade dos estudos.

Entrevistado 7

Nota-se que o entrevistado buscava de forma autônoma aumentar sua carga de treinamento, pois fala que sempre procurava os locais onde havia a prática do voleibol em sua cidade, visando estar em contato com a modalidade o maior tempo possível. Ao afirmar que na escolinha de esporte, que considerava ser seu local principal de treinamento, os treinos privilegiavam os aspectos físicos e técnicos da modalidade e que nos outros locais o jogo era o elemento predominante dos treinos podemos inferir que esta variedade de locais de treinos possibilitou a diversidade do processo e contribui para a formação do entrevistado visto que este não ficou restrito apenas a prática da escolinha que estimulava basicamente o aprimoramento dos fundamentos técnicos. Podemos confirmar isso quando E7 diz que por causa disso conseguiu ter ao mesmo tempo uma boa base técnica e física, e também experiência de jogo. Nota-se que, neste caso, a experiência de vivenciar estímulos diferentes em mais de um local de treinamento no início da prática contribuiu para o desenvolvimento esportivo do entrevistado. Após passar num processo seletivo começou a treinar num time da capital paulista. Podemos inferir que lá o entrevistado teve poucas oportunidades de jogar, tanto nos treinos, quanto nas competições, pois fala que quase não havia jogos nos treinamentos, e apesar de seu time participar de jogos duas vezes por semana devido as competições, não tinha oportunidades de jogar, pois não era titular. Inferimos que este foi um fator desestimulante, visto que E6 se sentia desafiado em situação de jogo. Além disso, o entrevistado não teve a possibilidade de aumentar sua experiência competitiva, o que pode ter ampliado a pressão e insegurança que sentia nos treinos e nos jogos. E6 afirma que neste time da capital paulista, o volume e a intensidade do treinamento eram altos e, que, sua rotina se resumia em escola, treinos e competições e que isto era bem cansativo. Ao afirmar que se sentia pressionado, pois tinha que ser o melhor todo dia e não podia errar, inferimos que existia uma cobrança excessiva por parte da comissão técnica e dos dirigentes envolvidos neste ambiente, pois afirma que se não apresentasse um bom rendimento era esculachado pelo seu técnico. Podemos inferir também que não existia um acompanhamento dos sentimentos do entrevistado, pois este se sentia cansado e pressionado e ninguém agia para que isto pudesse ser resolvido, e percebe-se também que seu técnico contribuía para a ampliação desta pressão por meio de palavras e atitudes tida como brutas por E7. Nota-se que a pressão também era proveniente da busca por resultados nas categorias menores e também devido ao medo da possibilidade de ter que sair do time caso não agradasse os dirigentes. Diz que no início tinha a prática do vôlei como uma válvula de escape para os seus problemas, mas que depois que começou a treinar no time da capital paulista, passou a ter o vôlei como uma obrigação ou “semiprofissão”. Inferimos que o excesso de cobrança nos treinos, a desvalorização dos sentimentos do entrevistado, e a chantagem indireta relacionada com a possibilidade de sair da equipe a qualquer momento caso não apresentasse um bom desempenho, contribuiram para o desgaste emocional do entrevistado, para a falta de prazer com a prática e, conseqüentemente, para o abandono da modalidade.

Entrevistado 8

Percebe-se que a entrevistada teve a oportunidade de vivenciar um treinamento desenvolvido de forma organizada e sistematizada em sua própria cidade, o que aumentou sua possibilidade de iniciar e evoluir no esporte. Porém, nota-se que a entrevistada destaca que os treinos focavam a parte individual do jogo e os fundamentos técnicos, e que quase não existiam variações táticas nem de ataque e nem de defesa, e que esta era uma parte limitada do seu treinamento. Com base nisso inferimos que E8 sentia falta de treinos que estimulassem o jogo coletivo e não apenas a técnica de forma isolada e individual. Este fato pode ter prejudicado a evolução da entrevistada em fases mais avançadas de treinamento. Ao afirmar que após as suas primeiras experiências competitivas, teve vontade de continuar na prática e de evoluir na modalidade, podemos inferir que o estímulo competitivo exerceu um papel motivador na formação esportiva da entrevistada e foi um elemento que contribuiu para a melhora do seu desempenho. Destaca que na fase que representava a seleção mineira além dos treinos em sua cidade também viajava para a capital do estado para treinar com a equipe nos finais de semana. Ao afirmar que esta rotina de viagens e treinamento intenso era exaustiva e que até se lesionou por causa disso, inferimos que o volume e intensidade de treinamento eram maiores do que a entrevistada poderia suportar. Nota-se que não houve diálogo entre os pedagogos esportivos envolvidos neste processo de formação de E8, tanto em relação ao volume do treino, quanto em relação às capacidades da entrevistada. Nota-se que nos períodos de seleção brasileira a entrevistada aprovava a carga de treinamento e não se sentia cansado, pois havia o tempo adequado de descanso. Com isso podemos inferir que a entrevistada não considerava o tempo de descanso adequado nas fases anteriores de treinamento. Percebe-se também que E8 só começou a ser valorizada e reconhecida após a convocação para a seleção brasileira. Com isso inferimos que E8 não recebia este tipo de *feedback* nas fases anteriores de treinamento, e que sentia falta disto.

4.1.2.3.3 Análise Inferencial Coletiva

A falta de valorização do treinamento a longo prazo estimula ações que podem prejudicar o processo de formação das crianças e adolescentes e contribuir para o abandono precoce da modalidade. Fica evidenciado que os processos de treinamento pelos quais os entrevistados passaram durante sua trajetória esportiva, em algum momento apresentou características que podem ter distorcido os objetivos da formação esportiva. Podemos dizer que a maioria dos sujeitos vivenciou treinamentos que não privilegiavam a formação a longo prazo, e sim o máximo desempenho para a idade e a busca por resultados a curto prazo em competições. Nota-se que este tipo de conduta acarretou em uma série de fatores que podem ter gerado sentimento de decepção, desânimo e esgotamento com a modalidade. Dentre estas ações podemos destacar que desde o momento da iniciação os treinos

focavam a parte técnica específica do esporte e não valorizavam a diversificação de tarefas e nem de movimentos. Nota-se que o treinamento privilegiava o desenvolvimento de exercícios técnicos repetitivos e específicos da modalidade. Este aspecto pode transformar os treinos em momentos maçantes e tediosos e resultar numa insatisfação por parte do sujeito praticante e prejudicar o desempenho em níveis mais avançados de treinamento. Outra ação que derivou da busca pelo desempenho máximo em categorias menores foi pressão e a cobrança excessiva nos treinos e competições, por parte dos técnicos. Este fato também acarretou em cansaço físico e emocional e contribuiu para o esgotamento dos sujeitos com a modalidade. Nos esportes individuais podemos perceber que a busca por excelência no desempenho nas fases iniciais de treinamento levaram os técnicos a individualizar mais o treinamento e diminuir as possibilidades da criança e do adolescente de conviver em equipe. Notamos ainda, neste contexto, que além da especialização precoce, também foi característico do processo de formação dos entrevistados, o fato de que vivenciaram desde muito jovens uma carga elevada e intensa de treinamento, que pode ser a causa de sentimentos de cansaço e exaustão. Percebemos ainda que a ausência de um acompanhamento técnico adequado e também a falta de organização e sistematização dos treinamentos, em qualquer período do processo, seja na no momento de iniciação e especialização, como no caso de E5, ou em uma fase mais avançada, como no caso de E6, são aspectos desestimulantes que contribuem para o esgotamento físico e emocional do sujeito com a modalidade. Percebemos que a sensação de ser deixado de lado ou de vivenciar um treinamento “relaxado”, ou sem controle e acompanhamento também contribui para esta situação. Fica evidente também que ausência de jogos nos treinos, e a pouca participação em campeonatos, durante algum período da trajetória esportiva, também foram fatores que prejudicaram a evolução dos entrevistados no esporte. Além da carga elevada e intensa de treinamento em idades menores, da não valorização da convivência em grupo, da busca por resultados imediatos em competições e do desempenho máximo em idades menores, da falta de variabilidade dos treinos desde a iniciação, da ausência de jogos nos treinos e da pouca participação em campeonatos, da ausência de suporte técnico adequado, podemos destacar também como características que podem ter prejudicado o processo de formação dos sujeitos: a exagerada competitividade interna; a falta de estrutura adequada para a prática da modalidade; a forma grosseira de transmissão

dos *feedbacks* por parte dos técnicos; e principalmente a não valorização das vontades e sentimentos dos sujeitos e a falta de respeito de suas características e fase de desenvolvimento. Nota-se que estes aspectos estiveram presentes no processo de formação dos entrevistados e podem ter contribuído para a diminuição do prazer com a prática e para esgotamento dos entrevistados com o esporte.

4.1.2.4 Quais os pontos atrativos que você destaca? Quais tipos de práticas eram desinteressantes para você?

4.1.2.4.1 Descrição Analítica Individual

<p>Entrevistado 1</p>	<p>Falando mais especificamente em relação ao início da prática, E1 destaca como ponto atrativo e divertido o fato de jogar com outras crianças, e também o desenvolvimento de treinos sérios que proporcionaram a todos uma boa base da modalidade. Ainda cita como ponto positivo o fato do técnico adaptar o treino para as crianças, não as tratando como adulto logo cedo. Como ponto negativo ele cita a quantidade reduzida de treinos, porém complementa que na época ele achava que estava bom e que ansiava ir ao treino, porém posteriormente começou a considerar os poucos dias de treino um ponto negativo. Ainda cita o fato de ser o mais baixo e mais novo da turma como outro ponto negativo, pois na época se sentia inferior, porém agora acredita que isso o ajudou no futuro, porque julga que se esforçou mais que os outros para superar esta característica física considerada negativa por ele, e também para tentar alcançar os que estavam mais avançadas nos níveis de treinamento.</p>
<p>Entrevistado 2</p>	<p>Falando em relação ao início da prática, E2 destaca como positivo o fato de viajar para competir e o contato com as outras ginastas, além disso, cita também a composição de coreografias, que incluía a parte da interpretação e de escolha de músicas, como um fator atrativo do treino. Como ponto negativo ela cita que na iniciação a parte mais chata do treino era a excessiva repetição de um exercício, também comenta que não gostava da parte de preparação física do treino. Além do treino destaca como negativo e cansativo o fato de morar longe do local de treinamento e perder tempo com sua locomoção todos os dias tanto para ir, quanto para voltar para casa, ainda complementa que já chegava ao treino cansada por causa disso. Já no período de seleção destaca como positivo o fato de estar concretizando um sonho, de fazer viagens para lugares novos, de ter uma equipe de apoio completa, composta por preparador físico, professor de balé, psicólogo, nutricionista, massagista, entre</p>

	<p>outros. Também destaca como positivo do treino o intercâmbio de conhecimento, cita que sempre havia técnicos estrangeiros que também acompanhavam os treinos. Menciona como negativo o fato de estar longe de casa com catorze anos e assumir todas as obrigações inerentes a esta situação, porém cita que o fato de morar junto com outras meninas e fazer tudo junto com elas, lhe ajudou a lidar com sua timidez. Comenta que era ruim a questão da briga constante pela titularidade na equipe, E2 complementa dizendo que nunca sabia o motivo de ser titular ou reserva, afirma que a técnica só informava quem eram as titulares e não passava mais nenhum <i>feedback</i> sobre isso. Além disso, comenta que era difícil assimilar que as meninas que moravam junto com ela quando entravam no ginásio se tornavam adversárias. Também cita o fato de participar de poucos campeonatos, visto que treinava apenas para campeonatos internacionais, não participava mais de campeonatos regionais e estaduais. E segundo E2, a participação em campeonatos é importante, visto que é nestes momentos de competição que as ginastas ganham experiência e segurança.</p>
<p>Entrevistado 3</p>	<p>Falando do início da prática E3 destaca como ponto positivo as amizades que foram feitas, e a boa convivência. Cita que a ausência de campeonatos até os dez anos era um fator negativo, mas que só percebeu isso depois que começou a competir. Dos dez aos treze anos, destaca como positivo o fato de sua equipe ser numerosa, a boa convivência com todos e o clima de revezamento. Dos treze anos em diante comenta que experimentou do alto nível de desempenho da natação para a categoria, e afirma que isso foi bom, aponta também como positivo o fato de conviver com outras pessoas que treinavam e apresentavam um alto nível de desempenho. Porém, indica que na sua equipe havia poucas pessoas treinando no seu nível, e que isso gerava uma falta de competição interna, o que segundo E3 era um aspecto desmotivante do treinamento. Desta fase também aponta como negativo o fato de ter que parar os treinos para estudar e a mudança do técnico para outra cidade distante, o que dificultou a sua locomoção até o local de treinamento, visto que teria que viajar todos os dias para treinar.</p>
<p>Entrevistado 4</p>	<p>Em relação ao início da prática cita como atrativo a parte de combate. Porém destaca como ponto negativo desta fase o fato de não participar de competições, explica que a partir do momento que começou a disputar campeonatos, sentiu mais interesse pelo esporte e pelos treinos. A partir dos nove anos até o momento em que parou, cita como pontos positivos, o contato diário com a modalidade, a intensificação da parte física e técnica do treino, o aumento do nível dos atletas que treinavam em seu clube e a consequente melhora da competitividade interna, e o número maior de participação em competições. Cita como ponto negativo do seu processo de treinamento a</p>

	falta de acompanhamento psicológico.
Entrevistado 5	<p>Da primeira fase de treinamento em sua cidade destaca como positivo o fato de perceber que conseguia evoluir no esporte e aprender sobre a modalidade por conta própria. Como negativo ele destaca a falta de estrutura para a prática da modalidade, cita que não havia material e nem um local adequado para o treinamento. Aponta que seu pai não estava preparado para ministrar treinos de atletismo, e complementa que a falta de um técnico mais instruído também fez falta nesta época. Complementa que, no âmbito esportivo, não chegou onde poderia ter chegado devido a estes pontos negativos citados anteriormente. Dos dezessete aos vinte anos, cita como positivo o convívio com o grupo de treinamento, que segundo ele era uma família. Acrescenta que o atletismo é um esporte desestimulante, e o fato de existir um grupo de treino formado e unido contribuiu para a motivação e evolução no esporte. Cita também como positivo a realização de treinos bem elaborados e organizados por um técnico. Menciona que o local de treino e os equipamentos eram melhores que na sua cidade. Como negativo ele cita o fato de se alimentar e dormir mal devido a rotina da universidade e de ter se empenhado pouco.</p>
Entrevistado 6	<p>Da sua primeira passagem pelo time do interior de São Paulo E6 comenta que não achava nada negativo. Comenta que gostava da prática e destaca como positivo o fato de morar perto do local de treinamento, a boa convivência com todos os membros da equipe e a organização e rigidez dos treinos. Já na cidade do interior de Minas cita que tudo era ruim, destaca como negativas a desorganização e a falta de regularidade dos treinos, comenta que nem havia separação por idade, acrescenta que os técnicos não eram abertos a sugestões e que também não havia jogadas nem treinos técnicos, E6 comparava os treinos a uma “pelada de basquete” Da sua segunda passagem pelo time do interior de São Paulo, destaca como positivo a atenção de toda a comissão técnica, principalmente para as meninas que assim como ela estavam morando longe da família; complementa que havia diálogo relacionado ao treino e também a aspectos pessoais. Cita como ponto negativo desta época a parte “política” do esporte, comenta que objetivava voltar para a seleção nacional, mas percebia que devido aos conchavos formados pelos técnicos da seleção, perdia espaço para meninas que segundo ela tinham um desempenho inferior ao dela, e comenta que isso acontecia de acordo com o poder de influência do clube. Na seleção brasileira cita como positivo o alto nível de desempenho das atletas e o apoio de diversos profissionais na preparação da equipe, e aponta como negativo o fato de haver muita rivalidade entre as meninas, e também a formação de pequenos grupos que excluía a outros em um grande grupo. Aponta também que a possibilidade de ser cortada a qualquer momento era um ponto que</p>

	causava tensão.
Entrevistado 7	<p>Cita como atrativo os valores que aprendeu com o esporte, a melhora nos aspectos físicos e da saúde, e a oportunidade de se libertar dos problemas e da alta carga de estudos por intermédio da prática da modalidade. Cita que de doze aos quinze anos, não gostava quando tinha que correr nos treinos e também quando por algum motivo seu técnico não podia ir ao treino e mandava outra pessoa que não era tão disciplinada e o treino ficava bagunçado. Aponta também como ponto negativo desta fase o nível fraco dos campeonatos que disputava, e acrescenta que não ter participado de campeonatos mais fortes, competitivos, e que exigissem mais dele, neste período, fez falta posteriormente, porque percebeu que quando começou a treinar no time da capital paulista ainda não estava preparado para lidar com essa pressão. Já dos quinze aos dezessete anos, período em que treinava no time da capital paulista, destaca como positivo o profissionalismo e a equipe técnica completa que o clube oferecia. Menciona que a pressão que sentia nos treinos e competições, às vezes, funcionava de forma positiva, quando estava rendendo bem, e, às vezes, de forma negativa, quando estava num dia ruim ou não tinha um bom rendimento em quadra. Complementa que nesta segunda situação a pressão o deixava bem triste, e que muitas vezes chegava a chorar por causa disto, porque se sentia decepcionado por estar se dedicando tanto e não conseguir agradar a comissão técnica e nem ele mesmo. Comenta que o fato de não estar preparado para lidar com jogos importantes, e com essa pressão, prejudicou o seu desempenho na equipe. Acrescenta ainda que seu técnico sempre falava que no jogo ele “perdia a cabeça”. Aponta como aspecto negativo desta época, também o fato de ter perdido o convívio com as pessoas de sua idade, devido à carga de treinos e competições e de ter deixado de fazer passeios, viagens e até mesmo um intercâmbio por causa do esporte. Cita como negativo também o fato de ser reserva e jogar pouco, mas acrescenta que não sabe se jogaria bem caso fosse titular, por causa desta pressão que sentia. Comenta ainda como ponto negativo a formação de pequenos grupos excludentes que geralmente eram compostos pelos titulares da equipe.</p>
Entrevistado 8	<p>Da época que treinava no time de sua cidade do interior de Minas, cita como ponto atrativo a convivência com as outras meninas, as viagens e o nível de cobrança, que existia, mas não era exagerado. Menciona que considerava como negativo a baixa carga de treinamento, acredita que poderia treinar mais vezes na semana, e a pouca diversificação de atividades, pois via quando viajava que as meninas dos outros times faziam coisas diferentes, que ela nem sabia que existia. Cita como aspecto negativo também a baixa intensidade da parte física do treino, que segundo ela fazia falta nos jogos.</p>

Acrescenta que não gostava quando o treino era cancelado porque a quadra estaria sendo utilizada pela prefeitura da cidade para fins não esportivos. Já na seleção mineira destaca como positivo o aumento da intensidade dos treinos, e da variabilidade técnica e tática. Cita também como atrativo os fatos de ter contato com outras pessoas que tinham um estilo de jogo diferente e de aprender a analisar o jogo de forma mais crítica. Menciona como negativo nesta seleção a competitividade que havia entre as atletas e a forma como os técnicos lidavam com isso. Segundo E8, os técnicos não tratavam igualmente a todas, comenta que as pessoas que se destacavam eram tratadas de uma forma especial, enquanto as outras eram tratadas normalmente, acrescenta que isto acontecia até na hora dos treinos, geralmente as meninas que se destacavam faziam exercícios diferentes das outras. Cita como negativo também que pelo fato de ser considerada destaque do time e treinar mais que as outras meninas o técnico lhe dava uma atenção especial, e comenta que as outras atletas não entendiam isso, e a tratavam mal por causa desta situação. Complementa que muitas vezes se sentia rejeitada pela maioria da equipe e conclui que isso era desmotivante. Comenta que ser considerada um dos destaques do time e ser tratada de forma diferente foi um ponto negativo, visto que isto dificultou o jogo coletivo dentro de quadra e também o convívio com as outras meninas fora de quadra. Já na seleção brasileira cita como positivo a equipe completa, com todos os profissionais necessários para o bom desenvolvimento dos treinos, a organização, a utilização de vídeos e o contato que os técnicos tinham com técnicos da Europa, pois segundo E8 a partir deste contato, os técnicos nacionais obtinham novos conhecimentos e os repassavam para as atletas. Destaca como ponto negativo na seleção nacional um fato que ocorreu com ela na primeira seletiva que fez na equipe para disputar o campeonato mundial. Comenta que no último dia de treinamento antes do mundial, o técnico a chamou e também outras duas meninas e falou que não poderiam disputar o campeonato porque mesmo sabendo que elas eram superiores tecnicamente ele não poderia tirar da equipe três meninas que treinavam no clube que estava patrocinando a ida da seleção para o mundial. Complementa que isto foi um fato decepcionante, pois percebeu que o esforço e a dedicação não eram o suficiente, e que existiam questões políticas e financeiras que superavam o desempenho e o talento. Acrescenta que esta foi sua primeira frustração com o esporte. E8 afirma que na maioria dos clubes que passou entre os dezesseis e vinte anos, o convívio com as outras atletas era o aspecto mais difícil. Menciona que quando as pessoas não priorizavam o trabalho em equipe, se juntavam em pequenos grupos e excluía meninas do convívio, não respeitavam o limite das outras, falavam mal das outras e criavam conflitos por motivos pessoais, o clima se

	<p>tornava ruim e conseqüentemente o desempenho do time em quadra também declinava. Complementa que o diferencial dos clubes era como a comissão técnica tratava estas situações, cita como positivo quando os técnicos ou psicólogos rapidamente conversavam com as atletas a fim de resolver o problema de forma conjunta e igualitária; e cita como negativo quando os técnicos fingiam que nada estava acontecendo ou quando contribuíam para o aumento deste tipo de situação, acrescenta que por causa disso, já viu muitas meninas desistirem.</p>
--	---

4.1.2.4.2 Análise Inferencial Individual

Entrevistado 1

Nota-se que no início E1 destaca como ponto atrativo o fato de jogar com outras crianças, e também o fato do técnico adaptar as práticas às crianças, não as tratando como adultos. Infere-se aqui que o treino com outros indivíduos da mesma faixa etária, mesmo em modalidades individuais, e o respeito à complexidade e características inerentes a fase de desenvolvimento das crianças em processo de formação são aspectos que devem sempre ser respeitados. E1 coloca como pontos negativos o fato de ter baixa estatura e ser o mais novo da turma, porém hoje acredita que as dificuldades causadas por estas características podem ter o ajudado a se esforçar mais para alcançar os outros do grupo. Infere-se, a partir disso, que as características físicas não prejudicaram a formação esportiva do entrevistado, inclusive este acredita que isto o auxiliou no desenvolvimento de outras características e habilidades, físicas e emocionais.

Entrevistado 2

Percebe-se que a entrevistada destaca como pontos positivos do início da prática o contato com as outras ginastas e as viagens para competição. Infere-se que era importante para entrevistada o convívio com outras pessoas que realizavam as mesmas atividades que ela e a criação de momentos que pudessem favorecer este tipo de situação, como, por exemplo, as viagens. Ao falar que gostava também da composição de coreografias, pois esta envolvia elementos diferentes, tais como escolha de música e interpretação, e que achava a parte de repetição de exercícios chata, podemos inferir que estas fases dos treinos permitiam que E2 se libertasse da monótona rotina de repetição excessiva de exercícios técnicos e executasse estímulos novos, nos quais poderia usar seus conhecimentos, sua criatividade e ser ativa no processo de treinamento. Nota-se também que o tempo gasto com a locomoção de sua casa até o local de treino era extenso e cansativo, e dificultava o seu desempenho nos treinamentos. Já na seleção brasileira nota-se que as viagens continuaram sendo significantes para a entrevistada. Assim, infere-se que este tipo de estímulo permitia que ela vivenciasse outras situações além do esporte, mas que motivavam sua permanência neste, tais como o conhecimento de novas pessoas e lugares. Ao dizer que era positivo o intercâmbio de conhecimentos que tinha nesta fase devido ao contato com técnicos estrangeiros, inferimos que estas trocas de conhecimento são importantes, pois ampliavam a visão

da entrevistada sobre o esporte e aumentavam a possibilidade de vivência de exercícios novos e diferentes. Nota-se que era negativo para a entrevistada estar longe de casa com catorze anos, e também o fato de morar com meninas que eram suas adversárias na disputa pela titularidade na equipe. Infere-se que talvez a entrevistada não estivesse preparada para assumir a responsabilidade de morar sem a família e de lidar com a situação de competição todos os dias. Percebe-se que isto incomodava a entrevistada, e que neste momento de mudança de vida, ela não recebeu apoio adequado, dos pedagogos esportivos envolvidos neste contexto, visto que apesar de mencionar a existência de uma equipe completa, nota-se que a entrevistada não cita o apoio deles neste sentido em nenhum momento. Nota-se que E2 destaca como negativo a falta de *feedbacks* de sua técnica, pois nunca sabia o motivo de ser titular ou reserva. Infere-se que a falta de *feedbacks* dificultou a evolução da entrevistada no esporte, visto que não compreendia em qual ponto precisava melhorar ou o que faltava para ela atingir a condição de titular. A entrevistada considerava de extrema importância a participação em campeonatos. Infere-se que a competição é um elemento crucial que deve ser estimulado durante todo o processo de treinamento, porém a entrevistada evidencia que participou de poucas competições durante um longo período de treinamento intenso. Assim, inferimos que este instrumento não foi valorizado durante uma longa etapa de sua formação, o que impossibilitou o ganho de experiência e o aumento de segurança, que segundo a entrevistada são aspectos fomentados por meio de participação em campeonatos.

Entrevistado 3

Inferimos que a formação de laços de amizade e a convivência foram fatores positivos que incentivaram a prática da modalidade. Nota-se que E3 considera a ausência de competições antes dos dez anos era um fator negativo, mas que só percebeu isso depois que começou a competir. Com isso inferimos que E3 não passou por nenhum estímulo competitivo durante um longo período de prática e que a competição foi um elemento motivador no seu processo de formação esportiva. Infere-se que a competição pode ser utilizada desde o início da prática desde que seja realizada nos moldes adequados à faixa etária e respeite as necessidades dos envolvidos. Ao afirmar que, dos dez aos treze anos, gostava do fato de fazer parte de uma equipe numerosa, de ter um convívio com todos e também aprovava o clima de revezamento, podemos inferir que os momentos e as atividades que privilegiavam o contato do entrevistado com o grupo foram significantes e contribuíram para o seu desenvolvimento na atividade de forma prazerosa, percebe-se também que a oportunidade de conviver com outras pessoas que treinavam e apresentavam um alto nível de desempenho também influenciou positivamente no seu processo de formação esportiva. Por outro lado o entrevistado sentia falta de competitividade interna, pois na sua equipe não havia ninguém no mesmo nível que o dele. Nota-se que este era um fato que causava desânimo ao entrevistado. Aponta como negativo a mudança do técnico para outra cidade e a viagem que teria que fazer todos os dias para continuar treinando. Inferimos que o tempo gasto com a locomoção impossibilitou a continuidade de E3 no processo de treinamento, nota-se que a mudança de seu técnico para outra cidade não foi suprida, evidenciando que não havia uma preocupação dos órgãos responsáveis com a prática nesta região, com isso percebemos que a falta de condições de treinamento em sua cidade contribuiu para o abandono da modalidade.

Entrevistado 4

O entrevistado afirma que era um ponto negativo o fato de não participar de competições no início da prática e que percebeu isso a partir do momento que participou dos primeiros campeonatos, pois foram nestes que aumentou seu interesse pelo esporte. Infere-se novamente que as competições desempenham papel crucial na motivação e na formação esportiva do sujeito e que, portanto, devem ser estimuladas desde o início da prática desde que respeitem as características dos participantes. Nota-se que a parte de combate era tida como a mais atrativa pelo entrevistado. Infere-se com isso que era nestes momentos que o entrevistado parava com a parte técnica de forma isolada e estimulava a realização destes movimentos numa prática mais livre, onde poderia usar inteligência, criatividade e ser mais ativo no seu processo de treinamento. Ao afirmar que considera positiva a melhora do nível dos atletas do seu grupo de treinamento e o aumento da competitividade interna, inferimos que este é um aspecto que foi relevante no seu processo de formação e contribuiu para a sua evolução no esporte. Nota-se que o entrevistado sentiu falta de um apoio psicológico durante sua trajetória esportiva.

Entrevistado 5

Nota-se que da primeira fase de treinamento E5 enfatiza como positivo apenas o fato de conseguir aprender sobre a modalidade, sozinho. Com isso inferimos que ele não considerou significativo o suporte técnico que recebeu neste período, o que segundo ele fez falta e prejudicou seu desempenho em fases superiores de treinamento. Esta falta que sentia de um acompanhamento técnico mais efetivo fica evidenciada quando diz que seu pai não estava preparado para trabalhar com o atletismo e que não avançou mais na modalidade por falta de um técnico mais instruído nas fases iniciais de treinamento. Infere-se que em sua cidade o entrevistado não tinha uma condição adequada de treinamento, não somente no que diz respeito ao acompanhamento técnico, mas também em relação à falta de estrutura necessária para o bom desenvolvimento do atletismo. Já na sua segunda fase de treinamento o entrevistado considera positivo o convívio com o grupo e afirma que o atletismo é um esporte desestimulante e que neste sentido a formação de um grupo unido nos treinamentos é essencial para a motivação e evolução no esporte. Com base nisso inferimos que mesmo em modalidades individuais, o treinamento em conjunto e a integração entre todos os indivíduos da equipe, são aspectos cruciais para a continuidade e evolução dos indivíduos na modalidade, portanto isto deve ser valorizado pelos pedagogos esportivos envolvidos neste contexto. Nota-se também que o fato de não se alimentar e nem descansar adequadamente devido a rotina de estudante prejudicou seu desenvolvimento.

Entrevistado 6

Nota-se que gastar pouco tempo com a locomoção entre sua casa e o local de treinamento, vivenciar treinos bem organizados e ter uma boa convivência com toda equipe foram destacados por E6, como pontos positivos de sua primeira fase de treinamento. Ao afirmar que no período em que treinou na cidade do interior de Minas, experimentou o oposto disso, e que tudo era ruim, podemos inferir que a falta de um treinamento sistematizado fez com que a entrevistada ficasse desestimulada com a prática, isto fica claro quando diz que os treinos eram desorganizados e mais parecia uma “pelada de basquete”. Infere-se que a forma livre como os treinos eram conduzidos, a

falta de um suporte técnico mais efetivo e a ausência de diálogo com o técnico foram fatores que não agradaram a entrevistada e influenciaram negativamente no seu processo de formação. Já na sua segunda passagem pela equipe na qual iniciou no basquete cita como positivo a atenção da equipe técnica, tanto em relação a aspectos relacionados aos treinos, mas também em relação a questões pessoais. Infere-se que este acompanhamento também das questões além dos treinamentos foi significativo para a entrevistada, auxiliaram no seu processo de adaptação ao nível mais elevado de treinamento e também as mudanças ocasionadas pelo fato de estar morando longe da família. Porém, ao citar como negativo desta fase a parte “política” do esporte, podemos inferir que a entrevistada vivenciou situações que foram frustrantes em relação à prática, pois percebeu que às vezes alguns fatores externos superavam o esforço e o desempenho dentro de quadra. Nota-se que estas situações foram marcantes no seu processo de formação esportiva e contribuíram para o seu desgaste com a modalidade e, conseqüentemente, para o processo de abandono. Nota-se que na fase de seleção brasileira a entrevistada se sentia pressionada devido à possibilidade de ser cortada a qualquer momento e não sabia lidar com a rivalidade existente entre as meninas, e também com os pequenos grupos excludentes que estas formavam. Nota-se que pelo fato de ser nova, e de não ter vivenciado este tipo de situação anteriormente, a entrevistada não estava preparada para encarar este ambiente. Infere-se também que estes sentimentos de pressão, e a competitividade interna exacerbada deve ser percebida e trabalhada pelos pedagogos esportivos envolvidos no contexto, ainda mais em categorias menores. Porém, nota-se, que isto não aconteceu com a entrevistada, visto que apesar de destacar como positivo a existência de diversos profissionais na equipe, não cita em nenhum momento um acompanhamento relacionado a estas situações.

Entrevistado 7

Nota-se que em relação a sua primeira etapa de treinamento o entrevistado aponta como negativo o nível fraco dos campeonatos que disputava. Afirma que o fato de não ter participado de competições mais fortes que exigissem mais dele, prejudicou a sua evolução no esporte, porque posteriormente percebeu que não estava preparado para lidar com a pressão inerente a competições de um nível mais alto. Infere-se que o nível técnico e de cobrança da competição deve estar de concordância com as possibilidades do indivíduo e devem acompanhar sua evolução. Infere-se que a falta de estímulos competitivos adequados ao nível do entrevistado, influenciou negativamente no seu processo de formação esportiva de duas formas: inicialmente as competições não acompanharam sua evolução e, conseqüentemente não o preparam para os níveis competitivos que exigiriam mais dele; já na segunda fase não soube lidar com os jogos importantes devido as falhas na fase inicial, o que lhe causava pressão e prejudicava seu rendimento. Nota-se que o entrevistado saltou diretamente de um ambiente sem cobrança nenhuma para um ambiente segundo ele profissional onde sentia muita pressão. Com isso infere-se que a evolução no nível de cobrança deve acontecer de forma gradativa durante o processo, ou seja, este nível não pode ficar estagnado e nem ser exagerado, principalmente em categorias de base. Percebe-se ainda que E7 jogava pouco porque não era titular na equipe. Com isso infere-se que o time não ofereceu oportunidades para que E7 pudesse suplantar esta deficiência causada pela estagnação do nível competitivo que vivenciou.

Nota-se que esta pressão que E7 sentia nos treinamentos e competições também era proveniente do medo de ser cortado da equipe, que visava os resultados nas competições. Assim infere-se que mesmo este time, de destaque no cenário nacional, onde passou a segunda fase de treinamento, visava exclusivamente o resultado e não a formação do sujeito para a categoria adulta. Ao falar que por muitas vezes chorou por causa da pressão e por perceber que mesmo se dedicando ao máximo não conseguia agradar aos técnicos, inferimos que apesar de haver uma equipe profissional completa para o desenvolvimento da modalidade, nenhum deles observava ou acompanhava o que o entrevistado estava pensando ou sentindo; nota-se que estes deixavam de lado a formação integral do sujeito em prol da valorização do resultado imediato e da melhora do desempenho em quadra. Infere-se que isto influenciou negativamente no processo de formação do entrevistado e contribuiu para o seu desgaste emocional em relação à modalidade. Aponta também como negativo desta fase o fato de ter deixado de viver com as pessoas de sua idade e de não ter tempo de fazer mais nada além dos treinos e competições. Infere-se que além de ter que superar as pressões que sentia longe de seus pais sem nenhum acompanhamento, ainda não tinha chances de vivenciar outras atividades que poderiam ajudá-lo a se libertar do peso que carregava devido aos treinos e competições todos os dias. Além disso, ao afirmar que existiam pequenos grupos excludentes, que eram formados principalmente pelos titulares da equipe, podemos inferir que o entrevistado não tinha com quem desabafar nem mesmo no ambiente de treinamento e, portanto, tinha que resolver sozinho seus dilemas. Nota-se que não havia intervenção em relação a esta situação causada pelos pequenos grupos que excluía aos outros membros da equipe, o que prejudicava o convívio do entrevistado com o grupo.

Entrevistado 8

Percebe-se que foi positivo no início de seu treinamento o convívio com o grupo, as viagens e o nível de cobrança, que segundo E5 existia, mas não era exagerado. Aqui, infere-se que a boa convivência com o grupo e o nível adequado de cobrança, motivou a prática e influenciou positivamente o processo de formação da entrevistada. Ao afirmar que era negativo pra ela o fato de o treino não ser diversificado, e que percebia isso nos campeonatos, quando via meninas de outros lugares fazerem coisas que ela nem sabia que existia, podemos inferir que os pedagogos esportivos envolvidos no seu processo de formação não buscavam aprimorar e variar as atividades desenvolvidas, o que é importante, principalmente no âmbito da iniciação, no entanto nota-se que a oportunidade de vivenciar estas situações diversificadas nas competições, já contribuía para a ampliação da visão da entrevistada em relação à modalidade e também para o aumento de seu repertório. Percebe-se que esta variabilidade da prática foi significativa para entrevistada e contribuiu para o seu desenvolvimento, pois em seguida cita como positivo o fato de poder vivenciar esta variedade técnica e tática nos treinos da seleção mineira. Porém, cita como ponto negativo dos treinamentos desta seleção a competitividade exacerbada entre as atletas e a forma como os técnicos lidavam com isso. Destaca também como ponto negativo, o fato de os técnicos tratarem de forma diferenciada aquelas atletas que se destacavam. Infere-se que os técnicos da entrevistada nesta fase eram omissos e não visavam resolver estas questões entre as meninas; na maioria das vezes contribuíram para que esta situação se agravasse, isto fica evidente quando fala que pelo fato

de se destacar na equipe recebia um tratamento especial, o que causava um descontentamento nas outras meninas do grupo, e que muitas vezes era rejeitada pela equipe por causa disso. Nota-se que isto prejudicava o desempenho esportivo e o convívio com a equipe. Infere-se que este tratamento desigual foi desestimulante para a entrevistada e influenciou negativamente no seu processo de formação. Já na primeira passagem que teve na seleção brasileira a entrevistada destaca como positivo o contato que os técnicos tinham com técnicos europeus. Nota-se que E8 valorizava a busca constante por conhecimentos novos e a aplicação disso na prática. Destaca como negativo desta fase o fato não poder participar de um campeonato mundial por causa da influência de um clube patrocinador. Infere-se que este foi um fato decepcionante para a entrevistada, pois percebeu que a dedicação e o esforço não são suficientes no esporte e que existiam questões políticas e financeiras que estavam acima disso. Ao falar que esta foi sua primeira frustração, podemos inferir que ela vivenciou situações similares a esta durante sua trajetória esportiva e que isto foi deteriorando a imagem que tinha do esporte. Nos clubes pelos quais passou E8 afirma que a questão mais complicada era o convívio com as atletas. Comenta que sempre existiam meninas que falavam mal das outras, conflitos por motivos pessoais, pequenos grupos que excluía as demais da equipe, e que normalmente havia meninas que eram rejeitadas. Nota-se que estes tipos de atitudes eram acentuados quando os técnicos eram omissos, e não buscavam resolver os problemas de forma conjunta e igualitária. Infere-se que a falta de diálogo, e forma desigual no tratamento entre atletas de uma mesma equipe, por parte dos técnicos podem prejudicar o desempenho individual e da equipe, influenciar negativamente na formação integral do indivíduo e contribuir para o processo de abandono da modalidade, visto que a entrevistada afirma que já viu muitas meninas desistirem por causa disso.

4.1.2.4.3 Análise Inferencial Coletiva

A convivência com o grupo pode ser um ponto negativo ou um ponto positivo no processo de formação dos indivíduos: o diferencial é o modo como os técnicos lidam com as situações. A boa convivência em grupo é considerada por todos entrevistados como um ponto positivo, principalmente no início da prática. Nota-se que este foi um aspecto motivador e prazeroso para os sujeitos, que contribuiu para a manutenção e evolução destes no esporte, porém percebemos que a estimulação deste aspecto tido como positivo nem sempre foi valorizado, pois comparando estas inferências com as análises da questão anterior podemos apontar que na maioria dos casos dos entrevistados que praticavam modalidades individuais, a convivência em grupo e o trabalho coletivo não foram valorizados em detrimento da busca por um melhor desempenho imediato, ou seja, por se destacarem entre os demais membros da equipe, por serem considerados

talentosos, e na visão dos técnicos terem capacidade de avançar até o esporte profissional, estes eram estimulados a treinar cada vez mais individualmente e separadamente dos demais da equipe. Por outro lado, nas modalidades coletivas observamos que o convívio com o passar do tempo se tornou para os entrevistados uma das maiores dificuldades dentro do contexto esportivo. Nota-se que a formação de pequenos grupos que excluem a outros em um grande grupo, a rejeição de membros da equipe, a existência de pessoas que ficam falando mal das outras, os conflitos gerados por causa de motivos pessoais, foram fatores que causaram sentimento de tristeza e falta de motivação com a prática. Nota-se que o tratamento diferenciado, por parte dos técnicos, entre atletas de uma mesma equipe, a competitividade interna exacerbada e a briga pela titularidade também contribuíram para estas dificuldades de convivência. Fica claro que a conduta do técnico influencia diretamente nestes aspectos relacionados ao convívio. Nota-se que estes tipos de atitudes são acentuados quando os técnicos são omissos, e não buscam resolver os problemas de forma conjunta e igualitária. Por outro lado, destacamos que, principalmente nos esportes individuais, a baixa competitividade interna também é tida como um fator desestimulante nos treinos. Observamos que a ausência de competições em algum momento do processo de formação, seja no início como nos casos de E3 e E4, ou em fases mais avançadas, como nos casos de E2 e E7, também foram destacados como pontos negativos. Nota-se que estes estímulos são motivadores no processo de formação e faz falta quando não são frequentes. Portanto a competição pode estar presente no processo de formação desde o início, desde que respeite as necessidades e características dos participantes. Nota-se ainda que a evolução do nível competitivo e do nível de cobrança deve acompanhar o processo de desenvolvimento dos indivíduos, pois percebemos que a vivência de estímulos competitivos fracos, que não correspondem à fase de desenvolvimento do jovem esportista, exerce influência negativa no processo de formação esportiva. Por outro lado, o excesso de cobrança e a pressão exagerada, podem gerar sentimento de tristeza, insegurança e contribuir para o esgotamento físico e emocional com a modalidade. Nota-se também que, a percepção de que no esporte existe uma força política e financeira que pode superar a dedicação, trabalho e desempenho foi um fator que acarretou em frustração e contribuiu para o processo de abandono da modalidade de E6 e E8. Destacamos ainda como pontos negativos da formação dos entrevistados, que podem ter

contribuído para o processo de abandono da modalidade: a falta de estrutura adequada para o treinamento; a monotonia dos treinos causada pela repetição excessiva de movimentos até mesmo no momento de iniciação esportiva; a distância do local de treinamento e o tempo gasto com transporte; o fator distância da família para treinar; a desorganização dos treinos; a falta de um suporte técnico adequado; a impossibilidade de realizar outras atividades além das envolvidas no contexto esportivo; a falta de estrutura e material adequado para o desenvolvimento da modalidade; a ausência de *feedbacks* por parte dos técnicos e principalmente a não preocupação destes com os fatores além do esporte envolvidos neste contexto de formação integral de crianças e adolescentes.

4.1.2.5 Disputava torneios ou campeonatos durante sua formação esportiva? Como eles eram organizados? Como se sentia neles?

4.1.2.5.1 Descrição Analítica Individual

<p>Entrevistado 1</p>	<p>Disputava torneios desde o início da prática. Menciona que no início os participantes eram os estudantes da própria academia e de outras academias da cidade. Os campeonatos eram realizados nos moldes normais, assim como campeonatos de adultos. Encarava o torneio como complemento do treino, como se fosse uma aula mais séria. Aos catorze anos se filiou a federação paulista e começou a disputar torneios oficiais ligados a esta entidade, em diversas cidades de São Paulo. Lembra também que nesta época, seu pai torcia e o apoiava nos torneios, e queria que ele jogasse bem, mas várias vezes E1 jogava mal e decepcionava seu pai, e os dois sofriam com isso. Ainda comenta que aos dezoito anos, já nos Estados Unidos, as competições eram mais prazerosas, porque nunca participava sozinho, sempre estava envolvido com o grupo da academia.</p>
<p>Entrevistado 2</p>	<p>E2 participava de campeonatos que eram organizados pelas federações e separados por categorias conforme a idade, porém E2 destaca que no adulto competiam as meninas de quinze anos. Complementa que participava de campeonatos de níveis regionais e nacionais. Menciona que o campeonato para ela era um momento tenso, cita que preferia treinar a competir. Segundo E2 a competição era o momento único para apresentar tudo o que ela havia feito o ano inteiro. Destaca que não gostava desta tensão relacionada ao fato de ter uma única chance para mostrar tudo sem nenhum erro. Por outro lado E2 cita que gostava de estar participando dos campeonatos e conhecendo</p>

	<p>outras ginastas e equipes. Já na seleção nacional se sentia bem mais tensa e nervosa nos campeonatos. E2 cita que a exigência era maior que antes, e, além disso, ela se sentia pressionada pelo fato de que o desempenho dela na competição estava diretamente ligado com a continuidade na equipe. E2 também destaca como ponto negativo o fato de ser reserva da equipe e ter disputado apenas um campeonato como titular durante todo o período de seleção nacional; aponta que treinava da mesma forma que as titulares, porém na maioria das vezes não sabia o motivo de ser reserva; complementa que se sentia mal como reserva porque na ginástica rítmica a titular só é substituída caso alguma titular se lesionasse, e esse era um fato que a incomodava, pois ela só entraria se alguém se machucasse. Conclui que, neste período de seleção competiu pouco e considera que isso dificultou sua evolução no esporte.</p>
<p>Entrevistado 3</p>	<p>Cita que começou a disputar campeonatos a partir dos dez anos. Comenta que estes eram organizados pelas federações e eram divididos por categorias de idade. Menciona que algumas provas tinham uma metragem diferente das tradicionais de acordo com a categoria. Afirma que gostava de participar dos campeonatos, e que sempre fazia “tempos” melhores que nos treinos, mas que algumas vezes era frustrante, quando, por exemplo, errava alguma coisa ou queimava a largada. Porém acrescenta que sempre reagia bem em relação à frustração, comenta que se flagelava no início, mas depois esquecia o fato. Enfim, afirma que lidava bem com a competição e isto era um diferencial dele, e acredita que esta conduta se deu pelo fato de ter se destacado em todos os esportes que praticou o que criou nele uma grande confiança. Destaca que as primeiras frustrações que teve em competições foram no período dos treze aos dezessete anos, quando começou a disputar os campeonatos nacionais e percebeu que o nível era mais forte do que ele estava habituado nos regionais e estaduais. Comenta que não se sentia pressionado nas competições, mas aponta que quando seus pais iam assisti-lo seu rendimento caía, E3 destaca que talvez isso se deva ao fato de querer mostrar sua evolução para eles.</p>
<p>Entrevistado 4</p>	<p>Comenta que até os nove anos participou de poucos campeonatos e acrescenta que não os levava a sério. Cita que estes eram realizados em forma de festivais e apresentavam as mesmas regras do esporte adulto, porém não eram permitidos estrangulamentos e chaves, menciona que esta era a única adaptação para as crianças. Menciona que estes tipos de golpes são liberados a partir dos catorze anos. A partir dos nove anos começou a participar de campeonatos de níveis regionais, inter-regionais, estaduais e nacionais, organizados pelas federações. Comenta que a partir desta idade começou a entrar nos campeonatos visando à primeira colocação. Menciona que nesta fase obteve resultados expressivos e conseguiu manter as</p>

	<p>primeiras colocações nos campeonatos durante vários anos. Cita que a participação nestes campeonatos de nível técnico elevado foi crucial para a melhora do seu desempenho esportivo. Complementa dizendo que isto o motivava. Cita que nestes campeonatos sempre sentia uma pressão, porém esta era maior quando os seus pais iam assistir. Comenta que se cobrava mais e queria mostrar para eles o seu potencial. Cita que seus pais perceberam esta situação e pararam de ir às competições. Comenta que a partir dos doze ganhou quase todas as lutas que participou, porém quando perdia ficava nervoso e chateado. Cita que nestes momentos sempre recebia o apoio da sua família que lhe dava motivação. Cita que quanto maior o campeonato maior a pressão, e que por isso segundo E4 deve ser trabalhado além da parte técnica e física, a parte psicológica, a concentração e a preparação para a vitória e para a derrota. Comenta que isto tem que ser melhorado no esporte do Brasil.</p>
<p>Entrevistado 5</p>	<p>Comenta que disputava torneios desde o início da prática. No início, participou de pequenos festivais regionais e cita que eram motivadores, pois possibilitavam o contato com outros praticantes da modalidade e o alcance de suas primeiras metas. Destaca que logo no primeiro ano de treinamento foi campeão mineiro e vice-campeão brasileiro escolar, comenta também que neste ano participou de um campeonato sul-americano. Menciona que nestes campeonatos aprofundou seus conhecimentos e aprendeu várias novidades sobre a modalidade. Aponta que no início se sentia bem e motivado nas competições, comenta que não tinha receio de perder e sempre conseguia melhorar suas marcas nas competições. Porém, cita que com o passar do tempo seu rendimento nas competições caiu, e mesmo se dedicando ao máximo nos treinos não conseguia mais apresentar bons resultados. Cita que isto o deixou inseguro, e foi o prejudicando cada vez mais. Comenta que antes das competições já conhecia seus adversários, e imaginava quem iria ganhar e qual seria a sua colocação. Complementa que com isto acabava se limitando, e não conseguiu evoluir mais.</p>
<p>Entrevistado 6</p>	<p>Cita que no início participava de festivais de escolinhas que eram realizados uma vez por mês na sua cidade e nas cidades da região. Comenta que gostava e que se divertia neles, porque reuniam várias crianças que gostavam de “brincar” de basquete. Acrescenta que a partir dos dez anos começou a disputar campeonatos maiores, organizados por federações, em níveis estaduais, nacionais e continentais. Comenta que a partir desta idade o ambiente competitivo se tornou bem mais sério e cita que neste momento começou a se sentir realmente parte de uma equipe. Já em Minas, comenta que o nível das competições era bem mais fraco, e que praticamente só existia um time além do qual ela treinava, complementa que gostava do</p>

	<p>campeonato, por estar jogando e por querer se destacar, a fim de voltar para o seu time do interior de São Paulo. Cita ainda que, durante os jogos, as outras meninas do time fugiam da responsabilidade e só passavam a bola para ela, e que por isso, enquanto nos jogos pelo time de São Paulo fazia uma média de quinze pontos, em Minas tinha uma média de quarenta e sete pontos. Complementa dizendo que gostava disto porque estava se destacando, mas que não era tão bom quanto jogar em equipe. Quando voltou para o seu time do interior de São Paulo, cita que não tinha mais lugar garantido na equipe, e que, portanto tinha que aproveitar cada oportunidade de jogar como se fosse única e comenta que isto se tornou um desafio para ela; e acrescenta que neste período começou a perceber que não seria tão fácil quanto ela imaginava chegar ao esporte profissional, visto que havia muita concorrência. Comenta que disputou apenas dois amistosos pela seleção brasileira, e que se sentiu pressionada neles, visto que segundo ela só havia aquele momento para mostrar tudo o que ela sabia, menciona que por causa deste nervosismo entrou perdida em quadra e jogou mal, e que logo após os jogos sentiu que seria cortada da equipe.</p>
<p>Entrevistado 7</p>	<p>Menciona que dos doze aos quinze anos participava de campeonatos de níveis municipais e regionais, organizados pelos próprios técnicos, mas acrescenta que o nível deles era fraco. Cita que, apesar disso, se sentia bem nos campeonatos, e fala que era divertido participar deles. Acrescenta que sua família sempre assistia a seus jogos, e que ele sempre se destacava neles. Dos quinze aos dezessete anos, já na equipe da capital paulista, menciona que participou de diversas competições organizadas pelas federações, diz que estas eram longas e de pontos corridos. Destaca que era do time reserva, e que o titular da sua posição era um jogador mais velho e mais experiente que ele, mas acrescenta que jogava como titular em jogos que este outro não podia participar por causa da idade. Afirma que estes campeonatos tinham um nível técnico elevado, e que quando jogava se sentia cobrado e pressionado, comenta que sentia medo ao entrar na quadra e que isso não o deixava sentir prazer quando jogava. Conclui que não se sentia bem nestes campeonatos e que isso com o tempo o fez perder o prazer de jogar vôlei. Acrescenta que essa pressão era proveniente do técnico e do clube.</p>
<p>Entrevistado 8</p>	<p>Comenta que disputava campeonatos desde o início da prática, pelo time da sua cidade disputou torneios em níveis, regionais e estaduais. Cita que gostava destes torneios, porque apesar da rivalidade, o convívio era bom com todas as pessoas. Acrescenta que o nível das competições era bom porque não havia nenhum time que era fraco e nem extremamente forte. Destaca também como positivo o fato de acontecerem muitos campeonatos, o que</p>

	<p>possibilitava o intercâmbio de conhecimento entre as atletas. Comenta que com a seleção mineira disputava o campeonato brasileiro da categoria. Cita que a convivência neste já não era tão legal, comenta que as meninas do seu próprio time, por causa de rinchas entre os clubes, não conversavam e não faziam amizade. Mas, complementa que estar representado seu estado num campeonato de nível nacional era interessante. E8 gostava também que neste campeonato tinha a oportunidade de assistir ao jogo de atletas conhecidas, inclusive algumas que faziam parte da seleção brasileira adulta. Destaca que tanto pelo time de sua cidade, quanto pela seleção mineira e também por alguns clubes por onde passou sentia-se pressionada quando seu técnico, antes dos jogos, conversava com ela isoladamente, por considerá-la um destaque do time, e falava que se ela não jogasse bem o time iria perder. E8 comenta que com este tipo de atitude ficava nervosa e sentia que toda a responsabilidade de ganhar o jogo estava com ela, comenta que se sentia mais cobrada que o resto da equipe e que muitas vezes isso refletia negativamente dentro de quadra, acrescenta que quando o time perdia, sentia como se a culpa fosse dela, e por isso ficava frustrada. Comenta que pela seleção nacional não chegou a disputar campeonatos, comenta que participou apenas de amistosos, e acredita que isto fez falta, pois não teve a oportunidade de vivenciar um campeonato internacional e de aprender as coisas que esta experiência poderia lhe proporcionar.</p>
--	--

4.1.2.5.2 Análise Inferencial Individual

Entrevistado 1

Nota-se que E1 participou de torneios em moldes tradicionais desde o início da prática, e que seu pai, muitas vezes ficava decepcionado com seu desempenho nas competições. Percebe-se também que considerava as competições nos Estados Unidos eram mais prazerosas devido ao fato de estar envolvido com o grupo da academia. Infere-se que, muitas vezes nas competições ele sentia uma pressão por parte de seu pai, e também que preferia quando participava de campeonatos onde mais indivíduos de seu convívio faziam parte. Com isso infere-se que, mesmo em esportes individuais, no momento das competições é importante a presença de um grupo no qual o indivíduo esteja envolvido. Infere-se também que deve ser trabalhado, tanto com os envolvidos quanto com os seus familiares, o objetivo e sentido formativo inerente à competição, que está relacionado não apenas a vitórias e derrotas, mas sim aos aspectos de afirmação pessoal, de enfrentamento de desafios e de dificuldades, ao respeito ao adversário, entre outros.

Entrevistado 2

Nota-se que E2 participou de campeonatos de nível estadual e nacional em moldes tradicionais desde o início da prática e cita como característica do seu esporte o fato de meninas de quinze anos

participarem da categoria adulta. Infere-se que a entrevistada teve que se envolver com competições de alto nível de exigência desde bem jovem, porém percebe-se que isto acontece devido as exigências da modalidade praticada. Ao afirmar que se sentia tensa nas competições, porque tinha uma única chance para apresentar tudo o que havia feito durante um longo período de treinamento e que não podia errar, pode-se inferir que desde o início da prática a entrevistada era cobrada e se sentia pressionada em relação ao alcance imediato de resultados. Infere-se que a entrevistada percebia a competição como um momento de busca pela vitória e não como parte do seu processo de formação. Nota-se que na seleção nacional esta pressão competitiva aumentou ainda mais, pois um mau desempenho poderia ocasionar o seu desligamento da seleção. Infere-se que apesar de considerar atrativo o fato de conhecer outras ginastas e equipes, E2 nunca teve a competição como um momento prazeroso, o que pode ter contribuído negativamente do seu processo de formação esportiva. Com base nisso inferimos que não foram estimuladas com a entrevistada as possibilidades formativas inerentes a competição e que não foram criadas oportunidades para que ela pudesse superar suas dificuldades relacionadas a este momento, visto que o fato de ser reserva e de ter participado apenas de um campeonato durante todo o período que passou na seleção nacional, segundo ela prejudicou sua evolução no esporte. Ao afirmar que treinava da mesma forma que as titulares, e que não sabia por que era reserva, inferimos que não havia diálogo e nenhum tipo de *feedback* por parte da técnica, o que prejudicava ainda mais a evolução da entrevistada, pois não sabia em que ponto precisava melhorar para se tornar titular da equipe. O fato de na ginástica rítmica a reserva só substituir uma titular em caso de lesão incomodava a entrevistada.

Entrevistado 3

Nota-se que o entrevistado recebeu estímulos competitivos a partir dos dez anos; sete anos depois do início da prática. Com base nisso e nas respostas anteriores do entrevistado inferimos que a participação em campeonatos o motivava, portanto poderia ter vivenciado tais situações competitivas já no começo de sua formação esportiva, desde que estas respeitassem suas características e necessidades, e que isto poderia ter tornado a prática mais prazerosa neste período. Ao falar que a diferença entre as categorias da modalidade era a adaptação na metragem das provas, inferimos que não existia uma adequação dos objetivos de acordo com a faixa etária, e nem as necessidades do sujeito, somente um ajuste de distância. Coloca que lidava bem com a competição e sempre melhorava seus tempos nas provas, e acredita que isto se dava pelo fato de ter tido um bom desempenho em todos os esportes que praticou. Infere-se que E3 considerou significativa a experiência que teve em outras modalidades, e que isto o tornou seguro, confiante e contribui para o seu bom desempenho nas competições específicas de natação. Percebe-se que a mudança de nível das competições provocou frustrações no sujeito, talvez porque saiu de um local que era valorizado pelo seu desempenho superior para um cenário nacional onde não era tão superior aos demais competidores. Com isso inferimos que não foram elucidadas ao entrevistado suas reais possibilidades em cada momento de sua formação, o que provocou no início uma confiança exagerada em razão da valorização dos resultados positivos e posteriormente decepção relacionada à percepção de que existiam pessoas que apresentavam um nível superior ao dele em

determinado período. Além disso, infere-se que a família do entrevistado não valorizava suas conquistas e nem sua evolução no esporte, pois sentia a necessidade de mostrar para seus pais o quanto se destacava dos demais, porém por causa desta cobrança seu rendimento caía quando eles estavam presentes nas competições.

Entrevistado 4

Inferimos que o entrevistado sentiu falta de estímulos competitivos no começo da prática pois afirma que até os nove anos participou de poucos campeonatos. Nota-se que a competição foi um fator motivador durante toda trajetória esportiva de E4 e que poderia ter sido vivenciada de forma adequada desde o começo da prática, porém inferimos que os poucos campeonatos que o entrevistado participou nesta primeira fase de treinamento, não eram compatíveis as suas características e necessidades, pois afirma que estes apresentavam as mesmas regras dos campeonatos adultos, com exceção da proibição da execução de alguns golpes. Ao afirmar que a partir dos nove anos entrava nos campeonatos visando ser campeão, e que já nesta fase obteve resultados expressivos e que manteve as primeiras colocações durante vários anos, podemos inferir que os pedagogos esportivos envolvidos neste contexto visavam resultados imediatos em categorias menores. Nota-se que o entrevistado tinha a necessidade de mostrar para os seus pais o seu potencial para o esporte, e que por causa disso se sentia pressionado quando eles estavam presentes nas competições. Ao afirmar que a partir dos doze anos ganhou quase todas as lutas que disputou e que quando perdia ficava chateado, podemos inferir que no início da sua formação esportiva ocorreu uma ênfase exagerada na vitória e que não foram expandidos os significados da competição para além da determinação de vencedores e vencidos, o que pode ter causado frustrações a prejudicado o seu desempenho em fases mais avançadas de treinamento.

Entrevistado 5

Nota-se que o fato de se destacar em competições estaduais e nacionais logo no início da prática, demonstra que seus treinamentos focavam o alcance imediato de resultados. Aqui inferimos que a competição não foi valorizada como parte do processo de formação a longo prazo e sim como produto final. Infere-se que houve uma valorização exagerada das vitórias nesta fase de iniciação, pois com o passar do tempo o entrevistado começou a se sentir frustrado, pois não conseguia mais atingir os mesmos resultados do início. Nota-se que este foi um fator de desânimo para E5, que lhe causou insegurança e contribuiu para o seu distanciamento da modalidade. Ao falar que antes das competições, pelo fato de já conhecer os adversários, ficava imaginando quem iria ganhar e qual seria sua colocação, e que isto era um fator limitante para ele, podemos inferir que E5 após esta percepção de queda no rendimento não se sentia mais motivado com as competições, pois a percebia apenas pelos resultados finais e não reconhecia mais nela a oportunidade de ter experiências novas, melhorar seu desempenho e de vivenciar um processo de aprendizagem social e de desenvolvimento integral de forma prazerosa.

Entrevistado 6

Nota-se que no início da prática a entrevistada vivenciou estímulos competitivos prazerosos, em formas de festivais, e aponta como ponto positivo destes o fato de poder “brincar de basquete” com outras crianças. Aqui, infere-se que estes estímulos respeitaram as características dos envolvidos e

contribuíram para a formação esportiva da entrevistada. Ao afirmar que na fase que treinou em Minas o nível dos campeonatos era fraco inferimos que esta queda de nível competitivo pode ter influenciado negativamente no processo de formação da entrevistada. Nota-se que quando voltou para o seu time do interior de São Paulo, E6 experimentou a sensação de ter que conquistar sua posição na equipe, e cita que isto foi um desafio para ela, e a fez perceber que não seria tão fácil chegar ao esporte profissional. Infere-se que talvez o fato de ser sempre um destaque nas equipes por onde passou possa ter gerado uma ilusão na entrevistada em relação ao seu futuro. Nota-se que os pedagogos esportivos envolvidos neste contexto devem apontar os objetivos de cada fase e elucidar o jovem atleta sobre as dificuldades de se chegar ao esporte profissional, a fim de se evitar frustrações.

Entrevistado 7

Apesar de se sentir bem e gostar dos campeonatos que participava no começo de sua prática, o entrevistado coloca que estes tinham nível fraco. Nota-se que o nível dos estímulos competitivos não acompanhou a evolução de E7, o que segundo ele prejudicou sua preparação para as categorias superiores. Infere-se que o nível técnico e de cobrança da competição deve ser compatível com as possibilidades do indivíduo e acompanhar sua evolução. Ao afirmar que no time onde realizou sua segunda fase de treinamento o nível de exigência dos campeonatos era elevado e que se sentia pressionado por causa disso inferimos que os pedagogos esportivos envolvidos nesta equipe focavam o resultado em categorias de base e não a formação do sujeito para a categoria adulta. Nota-se que esta pressão que E7 sentia nos treinamentos e competições também era proveniente do medo de ser cortado da equipe que visava os resultados nas competições. Infere-se ainda que o fato de jogar pouco, porque não era titular na equipe, também influenciou negativamente no seu processo de formação. Percebe-se que o excesso de pressão que segundo ele era proveniente do técnico e do clube resultou na falta de prazer com a prática e contribui para o desgaste físico e emocional do entrevistado.

Entrevistado 8

Nota-se que as competições pela qual a entrevistada passou no início da prática da modalidade, foram prazerosas e motivadoras, pois apresentavam um nível compatível com o seu nível de desenvolvimento esportivo, privilegiam o convívio e a troca de experiência com outras atletas e equipes, e apesar de haver rivalidade não havia uma cobrança exagerada em relação aos resultados. Infere-se que os estímulos competitivos foram significantes e contribuíram para a continuidade e evolução de E8 na modalidade, além disso, estas experiências competitivas positivas no começo da prática preparam a entrevistada para os campeonatos que exigiram mais dela em níveis superiores de treinamento. Ao afirmar que nos campeonatos que disputava com a seleção mineira havia uma rivalidade interna, devido às rinchas entre clubes, e que isto não era legal, inferimos que este convívio entre as atletas do mesmo time deve ser levado em consideração no processo de formação, pois além de prejudicar o desempenho da equipe em quadra, este pode ser um fato desestimulante para o atleta. Nota-se que E8 só sentia-se pressionada nas competições quando seu técnico, por considerá-la um destaque do time, a tratava de forma diferente das outras integrantes da equipe e atribuía a ela a responsabilidade de ganhar algum jogo. Infere-se que este

tipo de atitude influenciava negativamente no desempenho da entrevistada na competição, pois se sentia mais cobrada que as outras meninas da equipe. Infere-se que este tipo de conduta deve ser evitado pelos pedagogos esportivos envolvidos no contexto da formação esportiva, pois podem acarretar em frustrações, além de causar sentimentos de cobrança excessiva e estimular conflitos internos, sendo assim os membros de uma mesma equipe, independentemente de suas características ou de seu desempenho, devem ser tratados igualmente. Ao afirmar que não teve oportunidade de participar de campeonatos na fase de seleção brasileira, e que isto fez falta, inferimos que a competição sempre foi um elemento crucial no desenvolvimento da entrevistada.

4.1.2.5.3 Análise Inferencial Coletiva

A forma como a competição é estimulada e conduzida define o seu papel no processo de formação do indivíduo. Fica evidenciado que a princípio a competição foi um aspecto prazeroso e motivador na trajetória esportiva dos entrevistados, pois possibilitou a ampliação do conhecimento sobre a modalidade, estimulou a convivência com outras pessoas, oportunizou o intercâmbio de experiências e instigou o alcance de metas. Porém notamos que a forma como estas foram conduzidas pelos pedagogos esportivos envolvidos no processo de formação dos sujeitos pode ter contribuído para que a competição se tornasse mais um ponto que colaborou para o processo de abandono da modalidade. Nota-se que a ausência da competição em algum período da formação foi considerada um aspecto negativo que pode ter prejudicado o desenvolvimento dos entrevistados. Percebemos que E3 e E4 associam a falta de motivação nos treinos no início da prática à ausência de campeonatos, assim, podemos afirmar que o estímulo competitivo é uma ferramenta atrativa para as crianças no processo de iniciação, porém estes estímulos devem acontecer de forma adequada às capacidades e necessidades dos indivíduos. A competição deve assumir o seu papel como meio de aprendizagem, prazer e satisfação e respeitar o estado de prontidão físico, motor, cognitivo, afetivo, moral e social da criança. Neste sentido não se deve reproduzir com as crianças os mesmos moldes de competições dos adultos, visto que elas ainda não estão preparadas para tal tipo de atividade. Porém, o que notamos por intermédio das análises foi a vivência, em idades precoces, de competições que continham as mesmas características das competições adultas. Ainda, percebemos que a participação em poucos campeonatos, em níveis mais avançados do treinamento, também prejudicou o desenvolvimento esportivo dos entrevistados. Isto

fica evidenciado nos casos de E2 e E7, que pelo fato de serem reservas ficaram durante um longo período sem participar de forma ativa das competições, fato que colaborou para o aparecimento de sentimentos de medo, insegurança e insatisfação com a prática e também impossibilitou a criação de oportunidades para que eles pudessem superar suas dificuldades relacionadas a esta situação. Percebemos que o nível de exigência das competições deve progredir de acordo com o desenvolvimento dos sujeitos, pois, a cobrança exagerada por parte dos técnicos em competições de nível técnico elevado pode prejudicar o processo de formação. Fica claro que estes tipos de experiências acarretaram em pressão excessiva e esgotamento do sujeito com a modalidade. Por outro lado, a vivência de competições sem nenhum tipo de cobrança e de nível técnico fraco, abaixo das capacidades dos jovens atletas, pode ser desestimulante e prejudicar a preparação dos indivíduos para etapas mais avançadas de treinamento. Observa-se que a ênfase exagerada na vitória e o excesso de pressão por parte dos técnicos, foi uma característica do processo de formação dos entrevistados. Percebemos que a cobrança por resultados em idades menores foi causadora de estresse e acarretou em sentimento de pressão, o que resultou algumas vezes em falta de prazer com o esporte. Com isso, técnicos e professores devem procurar expandir os significados da competição para além da determinação de vencedores e vencidos, ou seja, devem estimular a competição como um processo de aprendizagem social e de desenvolvimento integral e prazeroso. Fica evidente também que a valorização exacerbada do desempenho e dos resultados positivos em idades menores pode gerar ilusões nos indivíduos em relação ao seu futuro esportivo, esta conduta no início pode provocar uma confiança exagerada e posteriormente gerar sentimento de decepção, caso ocorra uma queda no rendimento na mudança de nível ou categoria ou se o indivíduo não apresentar o mesmo desempenho em níveis mais avançados do treinamento. Nota-se que os pedagogos esportivos envolvidos neste contexto devem apontar os objetivos de cada fase e elucidar o jovem atleta sobre as dificuldades de se chegar ao esporte profissional, a fim de se evitar frustrações. A pressão gerada pela família também prejudicou o desempenho esportivo dos sujeitos, percebemos que está pressão pode ser ocasionada pelo excesso de cobrança ou pela falta de reconhecimento, ou seja, quando a família não valoriza as conquistas e nem a evolução esportiva do jovem atleta, este sente a necessidade de mostrar suas habilidades e sua posição de destaque e provar que pode avançar

dentro do esporte. Enfim, além destes já citados, outros fatores relacionados a competição podem ter influenciado negativamente no processo de formação dos entrevistados, dentre eles destacamos: a falta de um grupo, no momento da competição, com o qual o sujeito esteja envolvido; a percepção de que a competição é um momento único de culminância de um longo período de treinamento, onde não pode haver erros; a diferença de tratamento por parte do técnico nos aspectos relacionados a competição pelo fato do sujeito exercer papel de destaque na equipe; e falta de *feedback* do técnico em relação aos fatos acontecidos na competição. Assim podemos dizer que alguns estímulos competitivos que os entrevistados vivenciaram, apresentaram características que podem ter colaborado para a diminuição do prazer pela prática, para o esgotamento físico e emocional com a modalidade e conseqüentemente para o abandono.

4.1.2.6 Como era o seu ambiente esportivo?

4.1.2.6.1 Descrição Analítica Individual

Entrevistado 1	Inicialmente sentia-se sozinho nele, havia pouca gente na academia no horário dos treinos, então conversava pouco com outras pessoas. Aos dezessete anos, quando começou a treinar em outra academia maior, existiam mais pessoas envolvidas, e os treinamentos eram em grupo; neste período ele começou a conversar mais com o “pessoal” e fazer mais amizades. Enaltece que nos Estados Unidos o ambiente era perfeito, porque lá, ele “vivia o Tênis”, morava com seus amigos, e convivia o dia inteiro com eles, tanto dentro de quadra, quanto em outras atividades fora do treinamento.
Entrevistado 2	Comenta que no Clube na região metropolitana de São Paulo era bom e tranquilo, diz que não sentia o clima de competição entre as ginastas, e, além disso, estava perto de sua família. Já na seleção, E2 cita que o ambiente era tenso o tempo todo, inclusive comenta que aprendeu a desconfiar das pessoas lá. Complementa que, às vezes, se sentia sozinha por não ter alguém em quem confiasse por perto, principalmente no período da adolescência. Comenta ainda que, lá as ginastas tinham alojamento, alimentação e escola.
Entrevistado 3	Cita que o ambiente era bem descontraído, e que o clube onde treinava tinha várias filiais no estado, e que quando os atletas destas se reuniam o clima era bom.
Entrevistado 4	Cita que o clube tinha uma área específica para o treinamento de judô, bem estruturada. Comenta que o clima era bom e que a partir dos nove anos

	<p>começou a passar mais tempo neste ambiente do que com sua família. Menciona que tinha uma convivência maior com seu técnico e amigos de treino, do que com seus pais. Destaca que passou por momentos felizes e difíceis ao lado das pessoas que faziam parte deste ambiente e já ajudou e foi ajudado por elas. Conclui que eles eram uma família unida.</p>
<p>Entrevistado 5</p>	<p>Cita que no início do seu treinamento em sua cidade o ambiente era bom, havia um grupo formado e experiente. Porém, depois membros deste grupo foram abandonando por vários motivos, dentre estes aponta que alguns tiveram filhos e outros tiveram que parar para trabalhar. Cita que com isso o grupo foi renovado e houve uma mudança no seu papel, deixou de ser aprendiz e passou a ser aquele que ensinava. Cita que foi se distanciando do grupo aos poucos e que no final passou a treinar sozinho no período noturno por causa dos estudos. Destaca que isto era desanimador. Já no seu segundo treinamento de treinamento, a partir dos dezessete anos, cita que o ambiente era ótimo, pois existia um grupo de treino que o apoiava, tinha pessoas com quem treinar e também com quem se comunicar sobre o atletismo. Cita que isto reacendeu nele a vontade de querer treinar mais.</p>
<p>Entrevistado 6</p>	<p>Cita que o clima no time do interior de São Paulo era bom. E3 comparava o time a uma família; e complementa que tinha uma relação próxima com a técnica. E ainda destaca que o clima era de amizade até mesmo entre as meninas que disputavam uma vaga no time. E3 acredita que este clima era sempre agradável por causa da conduta de seu técnico que privilegiava o diálogo e a resolução de problemas logo quando estes surgiam. Já na equipe do interior de Minas, cita que o ambiente era conturbado e desorganizado, havia meninas que falavam mal das outras, e até o técnico contribuía para este tipo de comportamento, comenta também que as meninas levavam o problema de fora de quadra para dentro de quadra. Cita que na seleção mineira o ambiente era agradável, mas que na paulista havia uma grande rivalidade entre as meninas de clubes diferentes. Já na seleção brasileira destaca que o ambiente era tenso. Comenta que dentro de quadra, perto da comissão técnica as meninas agiam normalmente, mas que quando ficavam sozinhas só falavam sobre quem achavam que deveria ser a próxima cortada da equipe. E6 comenta que não sabia lidar com isso e conclui que ainda não estava preparada nem fisicamente e nem psicologicamente para estar na seleção, acrescenta que se fosse no ano seguinte estaria mais apta para lidar com esta situação.</p>
<p>Entrevistado 7</p>	<p>Cita que nos treinos que participava na sua cidade não havia cobrança, menciona que não precisava mostrar resultado, pois de qualquer forma continuaria treinando e participando dos campeonatos. Cita que era um clima bom e que tinha prazer na prática, acrescenta que tinha amigos no vôlei e que</p>

	<p>conseguia passear com eles. Destaca que o ambiente era integrativo e não competitivo. Já no time da capital paulista destaca que se sentia num ambiente de trabalho e que havia toda uma infraestrutura para que os atletas apresentassem bons resultados. Aponta que teve que se mudar para casa de uma tia que morava na capital paulista, e que não precisou utilizar o alojamento que era fornecido pelo clube. Comenta que continuou estudando numa escola particular, por que seus pais não o deixavam largar os estudos, menciona, que os outros meninos do time estudavam em escola pública e quase não frequentavam as aulas, acrescenta que devido à carga intensa de sua escola chegava atrasado aos treinos. E conclui que nesta época sua vida se resumia a escola e treinos. Comenta que não tinha amizade com os outros meninos do treino, e que se sentia isolado devido aos pequenos grupos excludentes que eram formados pelos titulares da equipe.</p>
<p>Entrevistado 8</p>	<p>Menciona que o ambiente no time da sua cidade era agradável, porque havia união e comissão técnica tratava as meninas como se fossem filhas, cuidando e educando, tanto dentro quanto fora de quadra. Comenta que sempre aconteciam confraternizações organizadas pelos técnicos para comemorar a conquista de algum campeonato ou aniversário de alguém, e cita que eles sempre valorizavam o convívio. Comenta também que havia um bom relacionamento com os técnicos e atletas das outras modalidades da cidade, e cita que isto contribuía para a ampliação do ciclo de amizades. Já nas seleções mineira cita que o ambiente era mais restrito. Menciona que fazia parte do seu convívio apenas às outras meninas da equipe, os dirigentes e a comissão técnica. Comenta que havia pequenos grupos que excluía aos outros membros da equipe, e diversos conflitos por causa do tratamento diferenciado que a comissão dava para as atletas que se destacavam. Na seleção brasileira, cita que o ambiente era profissional, composto por comissão técnica e atletas e que não havia tempo para as pessoas se conhecerem, visto que o ritmo de treinamento era intenso.</p>

4.1.2.6.2 Análise Inferencial Individual

Entrevistado 1

Percebe-se que E1 sentia falta de um convívio maior com outras pessoas. Ele destaca como positivo o fato de nos Estados Unidos conviver com outros jovens o dia inteiro tanto nos treinamentos, quanto em outras atividades do cotidiano. Infere-se que um maior convívio com as pessoas (aspecto citado pelo entrevistado com frequência) é um importante fator no processo de formação esportiva, portanto não se deve retirar do jovem atleta a oportunidade da vivência em grupo e da criação de novos relacionamentos.

Entrevistado 2

Ao afirmar que na seleção brasileira o clima era tenso e que aprendeu a desconfiar das pessoas neste ambiente, podemos inferir que havia um nível elevado de competitividade interna entre as atletas e que isto a incomodava. Nota-se também que nesta fase se sentia sozinha por não ter ninguém de sua confiança por perto. Aqui inferimos que a comissão técnica não intervinha buscando a resolução dos problemas entre as atletas, e não dava o suporte necessário para as meninas que abandonavam sua família e seus para treinar, pois apesar de fornecerem alojamento, alimentação e escola não estimulavam o bom convívio entre as atletas e nem ofereciam o acompanhamento necessário relacionado aos sentimentos das atletas e questões pessoais, inerentes a faixa etária.

Entrevistado 3

Percebe-se que o entrevistado vivenciou experiências prazerosas em seu ambiente esportivo, e destaca a convivência com outros atletas como algo positivo neste contexto. Inferimos que a valorização de momentos que estimularam a ampliação do convívio social é importante para a formação integral e pode ser um fator motivador e prazeroso para atletas de esportes individuais.

Entrevistado 4

Nota-se que E4 valorizava no seu ambiente de treinamento as relações que tinha com seus companheiros de treino e com seu técnico, e destaca que eles formavam uma família unida. Aqui inferimos que o bom relacionamento com os membros da equipe contribuiu para a formação integral do entrevistado e tornou a prática mais prazerosa. Inferimos também que em modalidades individuais devem ser criadas atividades e provocadas situações que valorizem a vivência em grupo.

Entrevistado 5

Nota-se que no início da prática E5 associava o clima agradável dos treinos com a existência de um grupo formado e experiente. Ao afirmar que com o passar do tempo este grupo foi se desfazendo e no final deste período passou a treinar sozinho e que isto era desanimador, podemos inferir que a convivência com outras pessoas com as quais poderia trocar experiências motivava a prática do entrevistado, porém estes momentos não foram valorizados na sua formação esportiva, o que resultou em falta de prazer na atividade e contribuiu para o seu desgaste com a modalidade. Isso fica evidenciado quando diz que na sua segunda fase de treinamento tinha um grupo unido que o apoiava com o qual podia se comunicar sobre o atletismo e que isto reascendeu nele a vontade de treinar. Assim, situações que permitam a criação de novos relacionamentos e valorizem a convivência em grupo devem ser estimuladas durante todo o processo de formação esportiva, mesmo em modalidades individuais.

Entrevistado 6

Percebe-se que no início da prática E6 considerava seu ambiente agradável devido à relação próxima que tinha com a técnica e com os outros membros da equipe. Ao afirmar que o clima era de amizade até entre as meninas que disputavam uma vaga no time e que sua técnica privilegiava o diálogo na resolução de problemas internos, podemos inferir que a conduta da técnica, que valorizava a criação de vínculos entre as atletas e buscava a resolução de problemas por intermédio do diálogo, foi significativa na prática da entrevistada e contribuiu de forma positiva no seu ambiente e na sua formação esportiva. Já na equipe do interior de Minas destaca que o ambiente era

desorganizado, conturbado e que havia meninas que falavam mal das outras. Ao afirmar que o técnico contribuía para este tipo de problema, inferimos que para a entrevistada o técnico, além de ser omissivo, não conduzia de forma adequada a equipe, pois incitava a ocorrência de situações que impossibilitavam o bom convívio coletivo. Nota-se que a competitividade interna exagerada incomodava a entrevistada na fase de seleção paulista e que isso se intensificou na época de seleção brasileira, quando cita que não estava preparada para lidar com este tipo de situação. Aqui, infere-se que os pedagogos esportivos envolvidos neste contexto não intervinham para tentar solucionar tais problemas, que segundo a entrevistada tornava o ambiente tenso, ou seja, mesmo nas categorias de base, não foram levados em consideração os sentimentos da entrevista e nem foram criados momentos que pudessem contribuir para a redução da rivalidade interna e possibilitasse uma maior proximidade entre as atletas, fato que poderia ter colaborado para a existência de um ambiente mais prazeroso e menos tenso.

Entrevistado 7

Nota-se que a amizade que tinha com os outros membros da equipe e a oportunidade de vivenciar outras situações além do esporte com estes, foram aspectos que influenciaram de forma positiva na iniciação esportiva do entrevistado. Infere-se que estes relacionamentos foram valorizados e contribuíram para que E7 tivesse prazer com a prática. Ao afirmar que na sua cidade vivia num clima integrativo e que no clube da capital paulista passou a se sentir num ambiente de trabalho, podemos inferir que nesta segunda fase de treinamento o entrevistado não foi incentivado a ampliar suas relações dentro da equipe e nem teve a oportunidade de vivenciar outras situações além dos treinos que lhe permitissem um maior convívio social; estas situações somadas a cobrança excessiva por resultados podem ter contribuído para um estresse físico e emocional precoce do entrevistado. Ao destacar que não tinha amizades com os outros meninos da equipe e que se sentia isolado por causa dos pequenos grupos que excluía os demais membros da equipe, inferimos que a comissão técnica era omissiva e não intervinha nestas situações, ou seja, não estimulavam o bom convívio entre os atletas e nem ofereciam o acompanhamento necessário relacionado aos sentimentos dos atletas e suas questões pessoais, visto que o atleta se sentiu pressionado e incomodado com essas situações durante todo este período de treinamento. Percebe-se ainda que os pedagogos esportivos nesta época de treinamento não davam a devida importância ao desempenho escolar dos atletas.

Entrevistado 8

Nota-se que a entrevistada associa o clima agradável do ambiente de treinamento com a união da equipe. Ao afirmar que os técnicos valorizavam o convívio e educavam as meninas tanto dentro quanto fora de quadra, podemos inferir que o incentivo à criação de vínculos, seja nos treinos ou em desenvolvimento de outras atividades em grupo além dos treinamentos foram aspectos motivadores para a entrevistada, tornaram o ambiente da prática prazeroso e contribuíram positivamente no seu processo de formação integral. Inferimos também que E8 considerou significativo o acompanhamento que recebeu de seus técnicos para assuntos além dos treinos e competições. Ao comentar que na seleção mineira havia pequenos grupos que excluía os demais membros da equipe e conflitos devido ao tratamento diferenciado que as atletas de destaque recebiam, inferimos que além de não promover situações que valorizassem a boa convivência do

grupo, a comissão técnica estimulava a rivalidade e o distanciamento entre as atletas por conduzir o grupo de maneira desigual. Nota-se que isso era considerado como negativo pela entrevistada e que pode ter dificultado seu processo de formação integral. Nota-se ainda que na seleção brasileira, mesmo nas categorias de base, também não havia o incentivo a criação de um grupo, visto que E8 afirma que devido ao ritmo de treinamento não havia tempo para as pessoas se conhecerem.

4.1.2.6.3 Análise Inferencial Coletiva

A vivência de um ambiente esportivo prazeroso está diretamente associada à existência de um grupo e de um bom convívio com este. Fica evidenciado que o fator que fazia o ambiente esportivo ser agradável, tanto em modalidades esportivas coletivas, quanto em modalidades esportivas individuais, era a existência de um grupo unido, no qual havia diálogo, troca de experiências, e formação de laços de amizade. Observa-se que todos os entrevistados associaram a vivência de um ambiente prazeroso à boa convivência com os membros da equipe e com a comissão técnica. Nota-se que a ausência desta característica no ambiente esportivo provocava sentimentos de solidão, exclusão e insatisfação. Portanto não se deve retirar do jovem atleta a oportunidade da vivência em grupo e da criação de novos relacionamentos. Notamos que o técnico exerce influência importante neste contexto, pois, ele pode estimular a formação e consolidação deste grupo, por meio da valorização de momentos que estimulem a ampliação do convívio social e possibilitem uma relação mais próxima entre os jovens atletas envolvidos neste ambiente de formação esportiva. Destacamos que alguns entrevistados vivenciaram situações nas quais os técnicos além de não incentivarem o bom convívio entre os atletas, contribuíram para a ampliação de dificuldades dentro do grupo, pois eram omissos e não intervinham buscando a resolução dos problemas entre os atletas, tratavam membros de um mesmo grupo de forma desigual e incitavam a ocorrência de situações que estimulavam a rivalidade e o distanciamento das relações. Observamos que quando o técnico apresenta estes tipos de conduta e não leva em consideração estes aspectos relacionados à boa convivência e a formação de relações mais próximas entre os membros da equipe, o ambiente se torna mais tenso e o clima de pressão aumenta, fato que pode acarretar no desgaste do indivíduo com a prática e contribuir para o abandono da modalidade.

4.1.2.7 O que você fazia além de treinar e competir? Deixava de fazer algo devido ao esporte? Como se sentia em relação a isto? E como isso influenciava no seu desempenho esportivo?

4.1.2.7.1 Descrição Analítica Individual

Entrevistado 1	Comenta que frequentava a escola, jogava vídeo game, e tinha o costume de ir para a chácara da família. Ressalta que no Brasil treinava bastante e competia quase todos os fins de semana, e, por causa disso, não tinha oportunidade de sair com os amigos, de ir a festas, perdia tudo o que acontecia nos fins de semana. Era conhecido na cidade como o “menino que jogava tênis”. Destaca como ponto negativo esta situação, ressalta que isto o prejudicou, o deixou “quietão”. Já nos Estados Unidos comenta que não existia este problema, porque convivia com muitas pessoas, tanto nos treinos, quanto em outros lugares, e tinha o lado social bem mais intenso que no Brasil. Acredita que isso o fez adquirir mais confiança e entrosamento com o esporte, e ainda complementa que sentia falta disso nos anos anteriores.
Entrevistado 2	Comenta que só estudava e treinava, e que não realizava nenhuma outra atividade além destas, desde o início até a seleção. Além disso, segundo E2 a comissão técnica não se preocupava em relação aos estudos, cita que elas passavam meses sem ir às aulas, mas que os professores por saberem que elas eram da seleção sempre facilitavam o processo de conclusão das séries, complementa que isso gerou uma deficiência no seu desempenho escolar. Comenta ainda que, não saía para passear e nem namorava, porém aponta que não sentia falta disso na época.
Entrevistado 3	Comenta que só estudava e tinha aulas de inglês e matemática como um reforço. Cita que não participava de festas, deixou de ir aos aniversários de quinze anos de suas amigas, e não brincava na rua, porque quase todo final de semana havia competição. Cita que vivia num mundo particular, bem diferente dos amigos deles, mas que não queria ser igual aos outros. E3 aprovava o seu modo de vida e não sentia falta das coisas que deixava de fazer devido ao esporte. Hoje em dia E3 menciona que faltou mais tempo para os estudos, mas que na época não pensava isso, por que era focado e cita até “alienado” na natação.
Entrevistado 4	Comenta que abdicou da sua vida pessoal por causa do judô. Cita que deixou de ir aos aniversários de amigos e viajar com a família. Devido as responsabilidades inerentes ao esporte comenta que não saía de final de semana e não ia em baladas porque procurava descansar nas suas horas vagas. Acrescenta que evitava ir a festas porque sempre estava de dieta e

	<p>não podia comer “besteiras”. Cita que sua vida se resumia a escola, treino, competição, alimentação regrada e descanso. Acrescenta que no início ficava chateado com esta situação, mas depois entendeu que precisava disto para melhorar seu desempenho esportivo e obter melhores resultados nas competições. Comenta que optou por trocar a parte social da sua vida pelo seu objetivo com o judô. Cita que isto influenciou positivamente seu desempenho como atleta. Cita que a parte de restrição alimentar foi difícil para ele, principalmente quando era criança; menciona que sempre precisava controlar seu peso e que por causa disso deixou de comer alimentos que gostava, destaca como exemplo disso a vez que não pode comer seu próprio bolo de aniversário por causa da dieta, comenta que ficava triste com isso. Cita que a parte mais complicada de sua carreira foi o controle do peso, cita que perder para a balança era pior que perder uma luta. Cita que depois que abandonou os treinos vivenciou tudo o que não tinha vivenciado antes, e que por isso não se sente reprimido. Acrescenta que não se arrepende porque era uma questão de objetivos e escolhas, na época objetivava a melhora de seu desempenho no judô.</p>
Entrevistado 5	<p>Comenta que além da prática do atletismo apenas estudava. Cita que não bebia, não fumava, deixou de ir a festas, fazer viagens com a família e com amigos. Destaca que tinha vontade de comemorar seus aniversários com sua família, mas que não conseguia porque estava sempre em competição. Aponta inclusive que no início da universidade também se privava destas coisas, devido aos treinamentos e competições, mas acrescenta que aos poucos foi se libertando e se tornando um “estudante universitário”. Comenta que principalmente na universidade o fato de não poder fazer nada além do atletismo, não beber, não ir a festas, não sair com os amigos da república, o fazia ser diferente e o distanciava das outras pessoas. Cita que a convivência com o grupo de treinamento era boa, porém acrescenta que nesta fase universitária não teve amigos do grupo do atletismo com quem saía ou realizava outras atividades além das ligadas à modalidade.</p>
Entrevistado 6	<p>Comenta que estudava e que sempre se reunia com as meninas do time para passear, correr e fazer churrasco. Menciona que não saía com os amigos que não eram do time e que deixou de fazer muitas viagens com sua família por causa do basquete. E3 cita que não achava isto um problema, porque se sentia bem na sua equipe e também sempre estava viajando com as pessoas que considerava ser sua segunda família.</p>
Entrevistado 7	<p>Cita que no período em que estava no time da capital paulista, não fazia nada além de treinar, competir e estudar. Comenta que, às vezes, esta situação era difícil para ele, principalmente quando não estava rendendo o que esperava, e também o quanto seu técnico esperava, fala que nestas ocasiões “não tinha</p>

	<p>para onde correr”, menciona que não dava para usar a escola como “válvula de escape”, assim se sentia mal, mas tentava afastar a tristeza e o choro, colocar a cabeça no lugar e tentar melhorar no próximo treino. Comenta que o fato de não fazer nada além dos treinos e da escola, não foi bom para ele, porém não sabe se seria melhor se tivesse outras coisas para fazer, visto que não teve a oportunidade de vivenciar estas outras situações. Conclui que este fato não foi o fator que o levou a parar de treinar, mas comenta que contribuiu para isto, visto que estava se dedicando ao máximo e não estava chegando onde queria, e não havia outras atividades para que ele pudesse aliviar estas tensões, portanto tinha que encarar esta realidade, sozinho todos os dias e pronto.</p>
<p>Entrevistado 8</p>	<p>Afirma que além de treinar e competir apenas estudava. Comenta que devido ao esporte deixou de viajar com a escola e com a família, de sair com os amigos e de namorar. Acrescenta que sua vida social ficou restrita aos treinos e competições. Cita que não se sentia falta destas coisas, porque tinha como prioridade jogar profissionalmente e integrar a seleção brasileira adulta.</p>

4.1.2.7.2 Análise Inferencial Individual

Entrevistado 1

Infere-se que no Brasil E1 vivenciou poucas experiências além do ambiente esportivo, e ele inclusive cita que isso o tornou pouco comunicativo. Ele ainda complementa que nos Estados Unidos não existia este problema, porque lá eles estimulavam este aspecto e incentivavam o convívio social, inclusive julga que isso o fez adquirir mais confiança e entrosamento com o esporte. Infere-se a partir disso que o jovem não pode ser definido unicamente como atleta, este deve ser incentivado a vivenciar os diversos papéis que são inerentes à faixa etária. Infere-se ainda, a partir da fala do entrevistado, que a vivência de outras experiências contribuiu para a diminuição da pressão relacionada à figura do atleta e isso, conseqüentemente, aumentou a confiança dele.

Entrevistado 2

Nota-se que a entrevistada não realizou nenhuma outra atividade além de treinar e estudar durante toda sua trajetória esportiva. Infere-se que desde a iniciação E2 não foi encorajada a vivenciar os diversos papéis inerentes a cada faixa etária, e que os pedagogos esportivos envolvidos neste contexto valorizaram apenas a atleta e não levaram em consideração a sua formação integral. Infere-se que a vida escolar da entrevistada foi deixada em segundo plano; e a prática da modalidade foi incompatível com os seus estudos, visto que devido aos treinos e competições tinha pouca frequência nas aulas, o que prejudicou seu desempenho escolar.

Entrevistado 3

Percebe-se que o entrevistado não realizava outras atividades além das relacionadas com os estudos, treinos e competições. Ao afirmar que vivia num mundo particular, que era bem diferente

dos amigos dele, mas que não queria ser igual aos outros, podemos inferir que o entrevistado não foi incentivado a vivenciar outros papéis, inerentes a cada faixa etária, ou seja, se definia exclusivamente como atleta. Isto fica evidenciado quando diz que era focado e as vezes até “alienado” na natação.

Entrevistado 4

Ao destacar que abdicou de sua vida pessoal por causa do judô, inferimos que o entrevistado não foi encorajado a realizar nenhuma outra atividade a não serem as relacionadas à prática da modalidade durante toda sua trajetória esportiva. Apesar de acreditar que isto melhoraria seu desempenho esportivo, nota-se que, às vezes, se sentia chateado esta situação. Ao falar que optou em trocar a parte social de sua vida em prol de seu objetivo com o judô, inferimos que o convívio social não foi considerado durante sua carreira esportiva, visto que E4 foi impossibilitado de assumir outros papéis a não ser o de atleta, situação que pode ter influenciado negativamente no seu processo de formação integral. Percebe-se que E4 ficava triste por não poder comer o que queria devido a sua dieta alimentar que visava o controle de peso, enaltece que este foi o ponto mais complicado de sua trajetória esportiva. Aqui inferimos que a prática da modalidade e principalmente as competições que desde a iniciação são divididas por categorias de peso, foram incompatíveis com as características e necessidades do entrevistado em todas as idades, o que acarretava num sentimento de tristeza e frustração. Ao destacar que depois que abandonou a modalidade experimentou tudo o que não havia vivenciado ainda e que por isso não se sente reprimido, podemos inferir que E4 se sentia limitado a prática da modalidade e achava falta de um convívio social mais intenso e de outras experiências além dos treinos e competições.

Entrevistado 5

Nota-se que o entrevistado não realizava muitas atividades além da prática do atletismo e dos estudos. Ao afirmar que se privava de muitas coisas devido aos treinamentos e competições, mas que aos poucos foi se libertando e se tornando um “estudante universitário”, podemos inferir que durante sua trajetória esportiva o entrevistado não foi encorajado a vivenciar situações fora do esporte, e que isto o fazia sentir preso a modalidade. Inferimos também que o entrevistado era impossibilitado de realizar outras atividades e de executar outros papéis no meio em que vivia; isto o fez sentir diferente, dificultou seu convívio social, contribuiu para o seu desgaste com a modalidade e influenciou no seu processo de abandono, visto que queria se libertar dessa imagem exclusiva de atleta e experimentar novas situações.

Entrevistado 6

Ao afirmar que deixou de fazer viagens com a família e que não saía com os amigos que não eram do time, mas que não achava isto ruim porque se sentia bem na sua equipe, inferimos que E6 não era encorajada a ampliar seu convívio social para além das pessoas envolvidas em seu contexto esportivo, porém com as meninas equipe, era estimulada e tinha oportunidade de vivenciar outras atividades além das relacionadas ao esporte. Nota-se que isso contribuía para o bom convívio entre as atletas e, conseqüentemente, para o desenvolvimento prazeroso das atividades ligadas a modalidade.

Entrevistado 7

Nota-se que no clube da capital paulista o entrevistado não fazia nada além de treinar, competir e estudar. Ao afirmar que se sentia mal com isso, porque quando não tinha um bom desempenho dentro de quadra não existia nenhuma “válvula de escape”, podemos inferir que os pedagogos esportivos envolvidos neste contexto não levavam em consideração as necessidades e sentimentos do entrevistado, não possibilitavam a ampliação do convívio social do atleta e nem a vivência de outras situações fora do esporte, e, além disso, contribuíam para o estresse emocional do entrevistado, visto que E7 era pressionado nos treinos e não tinha a quem recorrer. Isto fica evidente quando diz que chorava em casa, mas tentava se recuperar sozinho para melhorar seu desempenho no próximo treino. Infere-se que a falta de outras experiências além do esporte, prejudicou a formação esportiva do entrevistado, contribuiu para o seu desgaste emocional e exerceu influência no seu processo de abandono da modalidade.

Entrevistado 8

Nota-se que a entrevistada apenas estudava, treinava e competia. Ao afirmar que sua vida social ficou restrita aos treinos e competições, podemos inferir que os pedagogos esportivos envolvidos no processo de formação da entrevistada não incentivavam a convivência com pessoas que não faziam parte deste ambiente esportivo, o que limitou E8 a exercer somente o papel de atleta.

4.1.2.7.3 Análise Inferencial Coletiva

A criança e o jovem em processo de formação não podem ser definidos exclusivamente como atletas. Nota-se que todos os entrevistados deixaram de realizar atividades e de vivenciar experiências diferentes devido ao esporte. Entre estas podemos destacar: ir a festas; vivenciar relacionamento afetivos; sair com os amigos que não estavam envolvidos no contexto esportivo; viajar; conviver mais com a família. Todos consideram que a vida deles antes de abandonar a prática se resumia em treinos, competições e escola. E mesmo assim notamos que o desenvolvimento escolar em alguns casos não era levado em consideração no processo de formação, fato que fica explícito nas vivências de E2. Fica evidente que o jovem não pode ser definido unicamente como atleta, este deve ser incentivado a vivenciar os diversos papéis que são inerentes à faixa etária, pois observamos que esta restrição social vivenciada pelos entrevistados pode ter prejudicado os seus respectivos processos de formação, visto que apesar de considerarem esta privação necessária para o bom desenvolvimento esportivo, eles também atribuem a esta situação sentimentos de solidão, aprisionamento, falta de confiança, tristeza, alienação e também a sensação de serem diferentes das outras pessoas da sua mesma faixa etária e de viverem em um mundo particular. Nota-se que em prol de

um melhor desempenho esportivo imediato, os pedagogos esportivos envolvidos no processo de formação dos entrevistados não encorajaram os jovens a explorar outros papéis que não o de atleta. Como resultado disto, os jovens podem ter se definido exclusivamente como atletas ao invés de adotarem uma identidade multifacetada típica dos adolescentes; situação que pode ter influenciado negativamente o processo de formação integral dos entrevistados. No caso de E7, por exemplo, percebemos que a falta de oportunidade de conviver com outras pessoas e de realizar outras atividades além das ligadas ao meio esportivo, somadas a carga de treinamento intensa e a tensão do ambiente esportivo acarretaram em um desgaste emocional com a modalidade, fato que influenciou diretamente no seu processo de abandono. Percebemos assim que a vivência de outras experiências além do esporte contribui para a diminuição da pressão relacionada à figura do atleta e isso consequentemente gera um aumento de confiança. A partir da análise das entrevistas deste grupo que fez parte do estudo, é possível afirmar que, para este grupo, a falta de uma vida social mais intensa e de estabelecimento de vínculos de amizades mais constantes e duradouros são algumas situações apontadas como sendo geradoras de sentimentos negativos que estão relacionados ao processo de abandono da modalidade. Portanto, a partir deste ponto de vista e para este grupo que fez parte do estudo, este fato deve ser considerado durante todo o processo de formação.

4.1.2.8 Quais características do seu técnico/professor foram mais marcantes? Como era sua relação com ele? Como isso influenciava seu desempenho?

4.1.2.8.1 Descrição Analítica Individual

<p>Entrevistado 1</p>	<p>Comenta que seu técnico, que também era seu tio, foi o mesmo dos nove aos dezessete anos. Comenta que seu técnico era bom e conseguia transmitir a técnica de forma simples. Ressalta que ele nunca o mandava fazer nada, sempre o fazia querer aquilo; mostrava o porquê que algo era bom, sem impor. O entrevistado considerava isto bom para o aprendizado do esporte. Além disso, afirma que seu técnico era esforçado, e transmitia o sentimento de nunca desistir, porque ele nunca desistia de seus alunos. Lembra que ele também sabia dizer a verdade e ficar bravo quando havia necessidade. Já nos Estados Unidos, destaca como característica marcante de seu técnico a</p>
------------------------------	--

	<p>transmissão de confiança, segundo E1, este técnico demonstrava segurança no seu trabalho, e mostrava também como os jogadores que ele treinava se tornavam grandes. Acredita que nos Estados Unidos, a característica do seu técnico o ajudou a se tornar mais confiante, e controlar mais o seu jogo. Ainda ressalta de forma positiva, que seus técnicos sempre reconheciam e enalteciam suas evoluções. Além disso, considera que todo técnico tem que saber dizer a verdade, porém sempre incentivando. Afirma que tinha uma boa relação com seus técnicos; considera que no Brasil, seu técnico, muitas vezes, fez o papel de pai, ensinando-o diversas coisas além dos treinamentos. Ainda menciona que seu pai, às vezes, sentia ciúmes desta relação.</p>
<p>Entrevistado 2</p>	<p>Comenta que todas as suas técnicas, desde o clube até a seleção, eram exigentes e não trabalhavam com elogios, sempre apontavam os defeitos e o que tinha que ser melhorado. Cita que isto influenciava positivamente no seu desempenho, porque cada vez que recebia um apontamento negativo batalhava para futuramente conseguir um elogio. E2 destaca como ponto negativo da técnica da seleção o fato de ela não demonstrar o que estava pensando e transmitir poucos <i>feedbacks</i> em relação a performance das atletas. Cita como exemplo um dia em que todas as ginastas estavam errando, e a técnica parou o treino e disse que não iria perder mais tempo vendo-as errar e foi embora. E2 concluiu que esta maneira da técnica de não expor o que estava pensando e não apresentar <i>feedbacks</i> sobre o desenvolvimento das ginastas era ruim. Afirma que era bem próxima de sua técnica do clube da região metropolitana de São Paulo, cita que tinha uma relação de obediência. Já com a técnica da seleção era diferente, comenta que era uma relação bem distante, que havia pouco diálogo e que a relação entre elas era de chefe e funcionário. Complementa que uma relação mais próxima favoreceria seu desempenho, visto que talvez percebesse coisas que não percebeu por falta deste <i>feedback</i>, E2 também fala que por causa deste distanciamento, várias vezes teve medo de fazer perguntas quando surgia alguma dúvida em relação a uma performance.</p>
<p>Entrevistado 3</p>	<p>Cita que treinou com o mesmo técnico a vida inteira. Comenta que no treino ele brigava e gritava bastante, porém na competição era atencioso e motivador, e sempre conversava sobre os erros e acertos após a realização das provas. Acrescenta que ele sempre provocava um clima de competição nos treinos e também sempre passava <i>feedbacks</i> em relação ao nado, e cita que isto influenciava positivamente no seu desempenho. Menciona como negativo de seu técnico, o fato de que na época ele era jovem e não sabia ainda a quem recorrer nas questões de apoio financeiro e de infraestrutura. Aponta que deixou de participar de vários campeonatos por causa disso, e complementa que esta situação se tornou um fator desmotivante com o passar</p>

	<p>do tempo. Comenta que hoje este técnico conseguiu estabelecer esta rede de apoio financeiro e de infraestrutura e que atualmente treina oito campeões brasileiros. Afirma que tinha uma relação de amizade com seu técnico. Porém, cita que os dois brigavam bastante, principalmente por motivos relacionados à carga de treinamento e complementa dizendo que já foi até expulso de treino. Cita como exemplo de motivos de briga as vezes que vomitava na beira da piscina e queria parar, mas seu técnico o mandava beber água e continuar treinando. Comenta que no momento achava um absurdo esta conduta, porém depois se sentia orgulhoso por ter conseguido superar esta situação e ter continuado treinando.</p>
<p>Entrevistado 4</p>	<p>Cita que treinou apenas em um clube, e teve somente um técnico durante sua trajetória esportiva. Menciona que a principal característica dele era a cobrança. Às vezes tinha raiva desta cobrança excessiva, e destaca como exemplo destes momentos quando não estava conseguindo executar o que estava sendo pedido, e seu técnico continuava insistindo. Comenta que esta postura do técnico foi positiva do ponto de vista esportivo, porque o incentivou a nunca desistir. Acrescenta que sempre ele passava os <i>feedbacks</i> dos erros cometidos durante os treinos e lutas, mesmo quando venciam os combates seu técnico o parabenizava e em seguida já apontava o que precisava ser melhorado, cita que isto influenciou positivamente no seu desempenho porque percebia os erros e queria treinar mais para corrigi-los, mas aponta que as vezes esta cobrança era cansativa, estressante e o desgastava psicologicamente. Comenta que sempre teve uma boa relação com seu técnico; menciona que eles eram bem próximos. E4 tinha seu técnico como um pai. Este sabia de seus problemas e lhe dava conselhos, no âmbito esportivo e também na vida pessoal. Cita que seu técnico ajudou muitas pessoas a melhorarem de vida por intermédio do esporte, sem pedir nada em troca, e acrescenta que isto foi um exemplo para ele.</p>
<p>Entrevistado 5</p>	<p>Acredita que seu pai, que foi seu técnico dos treze aos dezessete anos, não tinha competência suficiente para criticá-lo e corrigi-lo, principalmente nos aspectos técnicos do arremesso de peso e do lançamento de disco. Cita que por causa disso eles sempre brigavam nos treinos, pois seu pai queria corrigi-lo, porém E5 julgava que não estava errado. Comenta que no início da prática gostava do fato de seu pai ser o técnico, e cita que inclusive não desistiu quando seu rendimento em competição começou a cair por causa da motivação dele, porém menciona que sua relação com ele foi piorando com o tempo, até chegar ao ponto que quase não conversavam mais sobre os treinos. Cita que nesta fase não considerava mais ele como um técnico, apenas como um aconselhador. Em relação ao técnico da sua segunda equipe de treinamento E5 cita que ele elaborava e organizava bons treinos, o</p>

	<p>estimulava nos treinamentos e o fez entender melhor as técnicas de suas principais provas. Acrescenta que nesta fase também recebeu as primeiras críticas e xingos de alguém que realmente tinha competência para isso. Comenta que isto influenciava positivamente seu desempenho, porque seus treinos eram sistematizados e preparados por alguém que entedia o que estava fazendo. Porém aponta como negativo que, as vezes, este técnico xingava e cobrava excessivamente seus atletas, segundo o entrevistado de forma desnecessária, complementa que em algumas situações ultrapassava dos limites. Com este técnico comenta que tinha uma relação profissional, de respeito entre atleta e professor. Cita que assim que chegou nesta equipe ele o acolheu bem e tentou criá-lo como um filho. Acrescenta que ele sempre o chamava para frequentar a casa dele. Porém E5 tinha medo de assumir os compromissos e as responsabilidades dentro da equipe que este técnico gostaria que ele assumisse. Menciona que ele esperava muito dele, e que não se sentia preparado para responder a tais expectativas. Com isso foi criando certo receio e optou por manter um distanciamento. Comenta que sua relação com o técnico passou a ser estritamente relacionada ao treinamento e que isto foi ruim para os dois. Além disso, comenta que apesar de admirar e respeitar seu técnico tinha medo de se tornar como ele, pois considerava que ele agia de forma grosseira com as pessoas desnecessariamente, e, além disso, quase todos seus amigos que não faziam parte deste ambiente do atletismo não gostavam dele. Cita que isto também contribuiu para um maior distanciamento entre ele e seu técnico.</p>
Entrevistado 6	<p>Cita que a principal característica da sua técnica do time do interior de São Paulo era a maneira como ela tratava as pessoas; aponta que ela era meiga, calma, não gritava, inteligente, estudiosa, atenciosa, conversava com as meninas sobre tudo e conhecia bem cada atleta. E6 acrescenta que ela sabia a forma e o momento certo de chamar a atenção de cada menina. E6 afirma que esta conduta influenciou positivamente no seu desempenho. Cita que ela também foi sua técnica na seleção paulista. Destaca que na seleção mineira era totalmente diferente, seu técnico era explosivo e gritava sem parar; comenta que, às vezes, ficava nervosa e revoltada com isso e que só não respondia para ele por questão de respeito, mas que com o passar do tempo teve que se adaptar a este estilo. Sobre o seu técnico do time do interior de Minas, E6 acredita que ele não era capacitado para conduzir uma equipe de basquete, menciona que ele só falava coisas que não faziam sentido e que não acrescentavam em nada. Cita que a técnica da seleção também era atenciosa, tirava as dúvidas, e dificilmente ficava nervosa e acredita que esta conduta a ajudou. Cita que com a técnica do time do interior de São Paulo tinha uma relação bem próxima, inclusive de uma frequentar a casa da outra,</p>

	<p>e destaca até que elas tinham uma relação de mãe e filha. Já com o técnico do time do interior de Minas, afirma que não manteve nenhum tipo de relação. Cita que na seleção brasileira havia um distanciamento da técnica, e comenta que era mais próxima dos outros membros da comissão técnica do que com ela.</p>
<p>Entrevistado 7</p>	<p>Cita que a característica mais marcante do seu técnico na escolinha de sua cidade era a transmissão de valores, comenta que todos os dias após os treinos, eles sentavam e conversavam sobre tudo, não só sobre o vôlei; e complementa que ele contribui para a construção de seu caráter. Cita que isto influenciava positivamente no seu desempenho, e comenta que queria ser o melhor do treino por causa dele, e complementa que realmente treinava melhor quando ele estava presente. Já no clube da capital paulista menciona que seu técnico apresentava como principal característica a rigidez, E7 comparava ele à um chefe que cobrava resultados e causava pressão em seus funcionários. Cita que as atitudes do seu técnico, às vezes, o motivava, quando estava treinando bem, e, às vezes, o deixava mal. Comenta que quando não tinha um bom desempenho seu técnico o esculachava e o fazia ficar se sentindo um “lixo”. Cita que com o passar do tempo esta situação o deixou cansado e desanimado, e acrescenta que este técnico o fez perceber que isto nunca acabaria, e que se continuasse no esporte profissional seria sempre assim, conclui que isto contribui para o abandono da modalidade. Comenta que com o técnico da escolinha do interior de São Paulo, possuía uma relação de amizade. Já com o técnico do time da capital paulista, comenta que teve uma relação de chefe e funcionário.</p>
<p>Entrevistado 8</p>	<p>E8 cita que treinou com dois tipos de técnicos durante sua trajetória, e afirma que o fator diferencial era a forma como tratavam a equipe. Menciona que um tipo respeitava as atletas e suas opiniões, tratava todas de forma igualitária, não deixava que pequenos grupos excludentes dominassem o ambiente e buscava diálogo para resolver estes problemas de relacionamento o mais rápido possível. Cita que o outro tipo era o oposto deste, não tinha diálogo com as atletas, tratava-as de forma diferenciada de acordo com o desempenho, e era omissivo ou estimulava conflitos e as divisões do grupo. Cita que este segundo tipo influenciava negativamente no rendimento da equipe, pois esta desestabilidade emocional provocada por este tipo de situação era refletida dentro de quadra. Cita também como características positivas de alguns de seus técnicos a lealdade, o exemplo de caráter e postura e a busca constante por novos conhecimentos, a fim de diversificar os treinos e transmitir as novidades do esporte para as atletas. Conclui que a comissão técnica que se preocupava, além da parte física, técnica e tática, com esta outra relacionada ao emocional, ao convívio e ao psicológico obtinha</p>

	melhores resultados com a equipe. Acrescente que com o técnico do time da sua cidade tinha uma boa relação, já com os técnicos da seleção brasileira e mineira não teve contato, pois afirma que não havia tempo e nem diálogos que possibilitassem esta aproximação.
--	---

4.1.2.8.2 Análise Inferencial Individual

Entrevistado 1

Nota-se que E1 aponta como características positivas de seu técnico/ tio, a forma simples de transmitir a técnica, o esforço e o constante incentivo que dava aos seus alunos. Já nos Estados Unidos considera que seu técnico tinha como principal característica a transmissão de confiança, devido à forma segura de trabalhar e aos exemplos de outros jogadores que já haviam treinado com ele. Infere-se que os pedagogos esportivos, principalmente os técnicos devem estar embasados cientificamente na organização dos seus treinos, para que na prática estes transmitam o conteúdo de forma segura. Percebe-se que E1 considerava positivo o reconhecimento de seu desenvolvimento esportivo por parte dos técnicos e afirma que estes devem saber dizer a verdade, e incentivar seus alunos. Infere-se ainda que E1 não apresentava dificuldades de relacionamento com seus técnicos. Inclusive comenta que aprendia sobre a vida com seu técnico no Brasil, e que isto causava ciúmes no seu pai. Infere-se aqui que o técnico reconhecia seu papel de educar para além do esporte, porém infere-se também que este deve estar atento a todos os envolvidos neste contexto, principalmente a família, visto que ambos devem trabalhar conjuntamente na tarefa de formação integral do indivíduo.

Entrevistado 2

Ao afirmar que sempre teve técnicas exigentes que não trabalhavam com elogios e sempre apontavam os defeitos, inferimos que este pode ter sido um fator desgastante para a entrevistada, visto que vivia numa batalha constante para conseguir um elogio, que na maioria das vezes não acontecia. Percebe-se que o progresso da entrevistada não era reconhecido e nem valorizado pelos pedagogos esportivos envolvidos neste contexto. Sobre a técnica da seleção brasileira E2 destaca como negativo o fato de não demonstrar o que estava sentindo e nem transmitir *feedbacks* em relação ao desempenho das atletas. Com base nisso inferimos que a ausência de diálogo e de *feedbacks* prejudicou a formação esportiva de E2, pois uma não sabia o que a outra pensava e sentia, e, além disso, não eram fornecidas informações para que a entrevistada percebesse seus erros e tentasse melhorar seu desempenho. Ao afirmar que com sua técnica da fase de seleção tinha uma relação bem distante, de chefe e funcionária, e que havia pouco diálogo entre elas, podemos inferir que a entrevistada não apresentava nenhum tipo de relacionamento com a técnica e que isto dificultou sua evolução no esporte, visto que tinha até medo de perguntar quanto surgia alguma dúvida relacionada ao seu desempenho. Infere-se ainda que em nenhum momento era levado em consideração as opiniões e nem sentimentos da entrevistada, não existia nenhum tipo de comunicação; nem mesmo em relação a prática do esporte havia troca de informações. Assim

infere-se que essa conduta da técnica, que causava pressão e sentimento de medo na entrevistada, contribuiu para o seu processo de abandono da modalidade.

Entrevistado 3

Nota-se que o entrevistado teve somente um técnico durante toda sua trajetória esportiva, e aponta como características positivas deste o fato de ser atencioso e de sempre transmitir *feedbacks*. Infere-se que estas características foram significantes para o entrevistado e influenciaram positivamente na sua formação. Porém, ao afirmar que na época seu técnico ainda era inexperiente e não sabia a quem recorrer em questões de apoio financeiro e de infraestrutura, pode-se inferir que E4 atribui ao técnico o papel de estabelecer redes que auxiliem no suporte financeiro, político e estrutural de desenvolvimento da modalidade. Inferimos também que estes fatores econômicos, políticos e sociais que estavam fora da alçada do seu técnico prejudicaram a evolução do entrevistado no esporte, pois este afirma que com o passar do tempo a falta deste apoio se tornou um fator desmotivante. Nota-se ainda que apesar de ter uma relação de amizade com seu técnico o entrevistado não concordava com algumas atitudes dele, principalmente as relacionadas ao excesso de carga de treinamento, inferimos que nestas ocasiões o entrevistado se sentia estressado por já estar no seu limite físico e ser obrigado a continuar treinando.

Entrevistado 4

Nota-se que o entrevistado teve apenas um técnico durante toda sua trajetória esportiva, e destaca como característica principal deste a cobrança. Ao citar que, às vezes, tinha raiva desta cobrança excessiva, inferimos que este era um fator que estressava E4, e que pode ter contribuído para um processo desgaste com a prática. Nota-se que este técnico preferia apontar os erros do que parabenizar os acertos, e apesar de E4 considerar que isso influenciava positivamente no seu processo de treinamento, pois sempre percebia que havia algo que ainda podia ser melhorado, comenta que esta situação somada a cobrança excessiva era cansativa, estressante e o desgastava psicologicamente. Aqui inferimos que a falta de reconhecimento e valorização de seu desenvolvimento somada a cobrança excessiva, podem ter influenciado de forma negativa seu processo de formação esportiva e ter colaborado para o abandono da modalidade. Inferimos que o entrevistado se relacionava bem com seu técnico, pois havia diálogo e troca de experiência sobre a vida. Nota-se também que a conduta deste era um exemplo para E4 dentro e fora do judô. Aqui inferimos que este tipo de conduta auxiliou no processo de formação integral do entrevistado.

Entrevistado 5

Infere-se que a percepção de incompetência relacionada ao atletismo que o entrevistado tinha em relação ao seu técnico/ pai, prejudicou sua evolução no esporte, visto que não aceitava seus *feedbacks* e ainda discutia com ele por causa disso. Esta insegurança que o entrevistado sentia no trabalho do seu técnico/ pai pode ter sido originada da falta de organização e sistematização dos treinamentos e também pelo fato de E5 não enxergar como característica de seu pai a busca por capacitação. Nota-se que no início da prática E5 tinha um bom relacionamento com seu técnico e gostava do fato deste ser o seu pai. Infere-se que esta relação bem próxima era um fator motivador e positivo no início da prática. Percebe-se que com o passar do tempo esta relação foi se degenerando, até chegar ao ponto em que E5 não considerava mais ele seu técnico. Aqui inferimos

que este distanciamento na relação prejudicou o desenvolvimento esportivo do entrevistado. Percebe-se que na sua segunda fase de treinamento o entrevistado destaca como característica positiva de seu técnico a forma como ele elaborava e organizava os treinos e a segurança que transmitia no seu trabalho. Inferimos que E5 sentiu falta disso na sua primeira fase de treinamento, o que influenciou negativamente no seu processo de formação esportiva. No entanto o entrevistado destaca que seu técnico, às vezes, criticava e cobrava excessivamente seus atletas. Infere-se que esta característica que seu técnico apresentava era negativa para o entrevistado, pois afirma que, às vezes, agia assim desnecessariamente e em algumas situações ultrapassava dos limites. Com este técnico o entrevistado tinha uma relação de respeito entre atleta e professor. Ao dizer que procurava manter certa distância por que tinha medo de assumir os compromissos e responsabilidades que este técnico gostaria que ele assumisse, inferimos que o entrevistado além de se julgar despreparado para responder a tais expectativas, também se sentia cobrado e pressionado pelo técnico. Inferimos que isto prejudicou a relação deles e, conseqüentemente, o processo de formação do entrevistado, visto que E5 acredita que esta relação restrita apenas ao atletismo foi ruim para os dois. Nota-se ainda que apesar de respeitar e admirar seu técnico o entrevistado não aprovava a forma grosseira que ele tratava as pessoas.

Entrevistado 6

Ao destacar que a técnica do seu time do interior de São Paulo tratava as pessoas bem, que era calma, não gritava, estudiosa, conversava com as meninas sobre tudo, e sabia a forma e o momento correto de chamar atenção de cada atleta, podemos inferir que estas características foram significantes para a entrevistada e contribuíram para o seu processo de formação. Além disso, pode-se inferir que sua técnica tratava todas as meninas de forma igualitária, que era atenta as características de cada atleta e buscava transmitir os *feedbacks* de acordo com esse conhecimento. Ao falar que na seleção mineira era totalmente diferente, pois seu técnico era explosivo, gritava sem parar e que às vezes ficava nervosa com isso, inferimos que a entrevistada não se sentia bem com este tipo de conduta, e que seu técnico nesta fase não levou em consideração as individualidades das atletas, visto que ela que teve que se adaptar ao estilo do técnico. Infere-se que o técnico que teve no time interior de Minas não contribuiu na formação esportiva da entrevista, visto que esta afirma que este não era capacitado e só falava coisas sem sentido. Em geral percebe-se que a entrevistada considerava que seus técnicos influenciavam de forma positiva na sua formação esportiva quando, valorizavam o diálogo, buscavam ser mais próximos e conhecer suas atletas, corrigiam e chamavam a atenção de forma calma e de acordo com as características de cada uma, e procuravam sempre estar se capacitando. Infere-se que com a técnica do time do interior de São Paulo a entrevistada tinha um bom relacionamento, destacado por ela como uma relação de mãe e filha. Ao afirmar que com o técnico do interior de Minas não manteve nenhum tipo de relação, inferimos que este não foi relevante no processo de formação da entrevistada. Infere-se também que na seleção brasileira a relação entre atleta e técnica não era valorizada, o que pode ter sido um ponto negativo, visto que a entrevistada considerava positivo o bom relacionamento que tinha com sua técnica do time do interior de São Paulo.

Entrevistado 7

Infere-se que o diálogo e a transmissão de valores, que eram aspectos privilegiados pelo seu técnico na primeira fase de treinamento, foram significantes para o entrevistado, influenciaram positivamente na sua formação integral e contribuíram para sua motivação e evolução na prática. Ao afirmar que no clube da capital paulista, onde realizou sua segunda fase de treinamento, a principal característica de seu técnico era a rigidez, a cobrança de resultados, e a forma grosseira de transmitir *feedbacks*, e que com o passar do tempo isto foi deixando cansado e desanimado, podemos inferir este técnico influenciou negativamente no desempenho e na evolução esportiva do entrevistado. Infere-se que este técnico não levava em consideração as características dos atletas e nem os sentimentos destes, visto que teve a mesma conduta durante toda esta fase de treinamento, o que gerou no entrevistado um sentimento de pressão e cansaço relacionado a prática. Inferimos que este técnico contribuiu para o estresse emocional e físico do entrevistado e, conseqüentemente, para o seu processo de abandono da modalidade. Infere-se ainda que a relação de amizade que o entrevistado tinha com seu técnico na primeira fase de treinamento, foi significativa para e contribuiu para sua formação integral. Já em relação ao seu técnico do time da capital paulista, comenta que teve uma relação de chefe e funcionário. Aqui inferimos que o entrevistado não tinha uma relação próxima com o técnico. Infere-se também que este não levava em consideração outros aspectos além do esporte, o que fez falta para o entrevistado e contribuiu para o seu desgaste com a modalidade.

Entrevistado 8

Nota-se que E8 teve vários técnicos durante sua trajetória esportiva e aponta que o fator diferencial entre eles era a forma como tratavam a equipe. Infere-se que era positivo para E8 quando os técnicos tratavam todas de forma igualitária, não eram omissos e nem contribuíam para a existência de pequenos grupos excludentes, buscavam resolver os problemas de relacionamento entre as atletas o mais rápido possível, privilegiavam o diálogo e respeitavam a opinião de cada uma, davam exemplo de caráter e postura e buscavam constantemente novos conhecimentos a fim de diversificar os treinos. Ao afirmar que quando essas características não existiam, acontecia um desgaste emocional e o rendimento da equipe caía, inferimos que E8 considerava essencial para a sua evolução no esporte a preocupação do técnico com aspectos emocionais e psicológicos, ou seja, com outros fatores além da parte física, técnica e tática. Infere-se que estes fatores exercem influência direta na formação esportiva dos indivíduos e contribuem para a continuidade ou abandono no esporte, por isso devem ser levados em consideração pelos pedagogos esportivos envolvidos neste contexto. Nota-se que E8 tinha um bom relacionamento com o técnico da sua cidade. Inferimos que esta relação próxima entre a entrevistada e o técnico pode ter sido um fator favorável no momento de sua iniciação esportiva. Infere-se que com os técnicos da seleção mineira e brasileira não havia diálogo e nem oportunidades de aproximação.

4.1.2.8.3 Análise Inferencial Coletiva

O mau relacionamento com o técnico, e também a conduta considerada

inadequada por parte deste, pode influenciar negativamente no processo de formação dos indivíduos e contribuir para o abandono da modalidade. Fica evidente que durante a trajetória esportiva da maioria dos entrevistados em algum período do treinamento a figura do técnico apresentou determinada característica que foi tida como negativa, e que pode ter prejudicado os seus respectivos processos de formação. Entre estas características podemos começar destacando o mau relacionamento ou o distanciamento da relação entre atleta e técnico. Nota-se que a maioria dos entrevistados em alguma fase do processo de treinamento vivenciou esta situação, e alguns deles associaram isso a sentimentos de tensão, medo e insegurança. Percebemos que falta de um acompanhamento mais próximo e de diálogo entre o técnico e o atleta foi um aspecto prejudicial no processo de formação, pois, muitas vezes devido a esta situação, não havia possibilidade do jovem expressar suas necessidades e sentimentos, fato que pode acarretar em esgotamento físico e emocional com a modalidade. Outro aspecto que podemos destacar neste cenário foi a percepção de que o técnico era incapacitado para conduzir os treinamentos. Nota-se que esta concepção por parte dos entrevistados era associada a falta de planejamento, organização e sistematização dos treinos e também pelo fato dos técnicos não buscarem se especializar e buscar novos conhecimentos para transmitir aos atletas. Percebe-se que isto foi tido como negativo pelos entrevistados, pois apontam que a falta de um suporte técnico adequado dificulta o progresso no desempenho esportivo. Nota-se ainda que os técnicos devem estar embasados cientificamente na elaboração dos seus treinos, para que na prática estes transmitam o conteúdo de forma segura. Outro ponto evidenciado neste contexto foi o alto nível de exigência, a rigidez e o excesso de cobrança por resultados em categorias menores. Nota-se que, grande parte dos entrevistados, vivenciou esta situação, e que apesar de considerarem isto necessário para o seu bom desenvolvimento esportivo, percebemos que estes excessos por parte dos técnicos se tornaram motivo de nervosismo, de desgaste emocional e de estresse, fato que, associado a outros fatores, pode ter contribuído para o processo de abandono da modalidade. Fica claro ainda que esta exigência por desempenho em categorias menores somada ao distanciamento entre técnico e atleta pode diminuir o prazer relacionado à prática do esporte e causar esgotamento físico e emocional na criança e no jovem em processo de formação. A forma como os técnicos conduzem o time nas questões relacionadas à convivência em equipe é

um fator também que pode acarretar neste desgaste com a modalidade. Nota-se que quando o técnico não valoriza a boa convivência e a criação de laços mais próximos entre os atletas, o clima geralmente se torna tenso, estressante e as dificuldades no ambiente esportivo começam a aparecer. Sendo assim, quando o técnico é omissivo e não busca solucionar os problemas entre os atletas, ou quando contribui para o surgimento de pequenos grupos que excluem a outros em um grande grupo, ou ainda quando tratam membros de uma mesma equipe de maneira desigual, além de influenciarem negativamente no rendimento da equipe, causam desestabilidade emocional e contribuem para o aparecimento de conflitos e divisões no grupo. Outro aspecto que também foi presente nas vivências dos sujeitos está relacionado à questão dos *feedbacks*. Nota-se que quando não há diálogo e nem presença de *feedbacks*, o jovem em formação se sente inseguro pelo fato de não saber o que o técnico está pensando e também por não receber informações e conseqüentemente não compreender o que precisa fazer para melhorar seu desempenho. Outro ponto a se destacar em relação a este ponto é a forma como são transmitidas estas informações. Quando estas são sempre emitidas de forma grosseira e negativa, e são acompanhadas de uma cobrança excessiva, nota-se o surgimento de nervosismo e estresse, fato que contribui para a sensação de esgotamento com a prática. Nota-se ainda que o jovem em formação se sente chateado quando não existem elogios ou *feedbacks* positivos por parte dos técnicos. Nota-se que a falta de reconhecimento e valorização do progresso esportivo dos jovens, somada à cobrança excessiva, podem influenciar de forma negativa o processo de formação esportiva e colaborar para o abandono da modalidade. Assim, os *feedbacks* não podem ser menosprezados, ao técnico cabe reconhecer a evolução e também saber quando há necessidade de alguma intervenção para a melhora no desempenho, porém este deve intervir, de forma a instigar no jovem a vontade de superar suas dificuldades. Em geral percebe-se que os técnicos influenciavam de forma positiva na formação esportiva dos entrevistados quando, respeitavam as vontades e necessidades dos sujeitos, se preocupavam com os aspectos emocionais e psicológicos, ou seja, com outros fatores além da parte física, técnica e tática, privilegiavam o diálogo e respeitavam a opinião de todos os membros da equipe, buscavam ser mais próximos e conhecer seus atletas, corrigiam e chamavam a atenção de forma calma e de acordo com as características de cada um, procuravam sempre estar se capacitando, tratavam a todos de forma

igualitária, não eram omissos e nem contribuíam para a existência de pequenos grupos excludentes, buscavam resolver os problemas de relacionamento entre as atletas o mais rápido possível, davam exemplo de caráter e postura, planejavam, organizavam os treinos, embasavam os treinos cientificamente e os transmitiam de forma segura e buscavam constantemente novos conhecimentos a fim de diversificá-los. Enfim percebemos que quando o técnico leva em consideração apenas a parte física, técnica e tática e a conquista de resultados imediatos e se esquece que está envolvido num processo de treinamento a longo prazo e que está lidando com crianças e adolescentes em processo de formação, que possuem desejos, vontades, sentimentos e características próprias, estes realizam ações que podem prejudicar a formação integral e contribuir diretamente para o abandono precoce da modalidade.

4.1.2.9 Como era o apoio de sua família? Como se sentia em relação a isto?

4.1.2.9.1 Descrição Analítica Individual

Entrevistado 1	Menciona que sua mãe sempre o apoiou em todos os aspectos desde o início, já seu pai era desconfiado, não acreditava no que estava acontecendo, achava que seu técnico o iludia em relação as suas possibilidades de chegar ao esporte profissional. Lembra também que seu pai sempre o apoiava nas participações em torneios, porém ficava decepcionado quando ele não jogava bem. Complementa dizendo que apoio educacional e financeiro fornecido pela família influenciou positivamente na sua evolução no esporte.
Entrevistado 2	Cita que sua família sempre a apoiou, mesmo quando teve que ir embora de casa recebeu incentivo de sua mãe para correr atrás de seus objetivos, e conclui que esta conduta de sua família influenciou de forma positiva no seu desempenho. Porém comenta que nunca teve uma família presente na sua vida esportiva, pois sua mãe e seu irmão trabalhavam e não tinham tempo de ir aos treinos e nem aos campeonatos e acrescenta que observava que as mães das outras ginastas sempre as acompanhavam. E2 menciona que no início se chateava com esta situação, porque queria que sua mãe fosse mais participativa, mas depois que ficou mais velha passou a não dar importância para isto.
Entrevistado 3	Cita que não recebia incentivo da sua família em relação a sua carreira esportiva. Menciona que seus pais nunca imaginaram que um dia ele seria nadador profissional, apoiavam a natação apenas como um complemento, E3

	<p>aponta que o objetivo deles era que ele estudasse e passasse numa universidade pública. Comenta que não gostava muito de estudar, e que não objetivava, por exemplo, ser engenheiro, complementa que gostava mesmo do esporte, porém menciona que não adiantava “nadar contra a correnteza”, e acrescenta que depois de inúmeras discussões com seus pais decidiu parar par estudar. Ainda complementa que não entendia por que seus pais não davam importância para tudo que estava acontecendo; cita que no seu quarto havia mais de quatrocentas medalhas, muitas de campeonatos nacionais, e que todos que viam aquilo ficavam impressionados, porém sua família não dava crédito para isto. E3 menciona que eles preferiam um boletim escolar com notas boas. Acrescenta ainda que mesmo quando apresentava bons resultados nas competições só recebia apenas parabéns e nada mais, e que mais tarde seus pais perceberam que ele não tinha um bom desempenho quando estavam presentes e num determinado momento, por causa disso, decidiram nunca mais irem a campeonatos. E3 destaca que sentiu muita falta deste apoio familiar, e comenta que na época não chegou a falar com seus pais sobre o desejo de ser profissional por que tinha vergonha de tocar neste assunto. E3 ainda cita que seu técnico também tinha receio de falar com seus pais sobre isso, devido ao fato de estar começando e ter pouca experiência.</p>
Entrevistado 4	<p>Comenta que sua família sempre apoiou e incentivou sua carreira esportiva, tanto nas vitórias, quanto nas derrotas. Comenta inclusive que seus pais mudaram até a rotina da casa para ajudá-lo nas dietas. Acrescenta que antes dos doze anos, idade que começou a ser bancado pelos patrocinadores, recebeu apoio financeiro de seus pais, e destaca que isso foi crucial para a sua manutenção na prática do judô. Cita que aos quinze anos, quando sofreu uma lesão e ficou seis meses afastado das competições, recebeu atenção e apoio psicológico de sua família e acredita que isso foi essencial para que ele voltasse a treinar bem, inclusive melhor tecnicamente do que antes da lesão. Conclui que o incentivo recebido contribuiu para o seu desenvolvimento no esporte.</p>
Entrevistado 5	<p>Cita que sempre teve apoio de sua família, inclusive financeiro, para a prática da modalidade. Acrescenta que teve tudo o que estava ao alcance de seus pais quando precisou. Comenta que nunca foi cobrado além dos limites por eles, e que não tem nada para reclamar.</p>
Entrevistado 6	<p>Cita que sempre teve apoio de sua família; comenta que eles respeitavam todas as suas decisões. Menciona que a única vez que eles não aceitaram sua decisão, foi quando teve que se mudar para Minas Gerais, visto que gostaria de continuar treinando com sua equipe, mas, porém seus pais não a deixaram ficar, afirmando que ela era nova para morar sozinha. Complementa que não recebia nada para jogar e que sua família sempre a apoiou também</p>

	financeiramente.
Entrevistado 7	Cita que sempre teve apoio de sua família, complementa que eles sempre o motivavam e davam todo o suporte, inclusive financeiro, para a realização da prática. Complementa que eles o apoiavam em todas as suas decisões e ficavam felizes com o seu progresso.
Entrevistado 8	Cita que no início sua mãe não gostava da prática, porque tinha medo das viagens; e também apresentava uma preocupação sobre o seu desempenho escolar e um possível abandono dos estudos. Cita que quando ela percebeu que E8 conseguiu conciliar as atividades escolares e o esporte, ficou mais tranquila e passou a apoiá-la, inclusive financeiramente. Comenta que toda sua família a incentivava, porém não acreditavam nas possibilidades que o esporte poderia proporcionar. Comenta que eles não se envolviam neste contexto, porque não conheciam este meio que envolvia contratações, bolsa de estudos e a questão financeira. Acrescenta que sua mãe deixava-a decidir esse tipo de coisa sozinha. Complementa que sua família nunca se envolveu diretamente com este ambiente esportivo; acrescenta que eles nem sabiam se ela jogava bem o mal e que também nunca assistiam aos seus jogos por motivo de trabalho. Cita que já jogou um amistoso contra a seleção brasileira, na sua própria cidade, e ninguém da sua família foi vê-la jogar. Aponta ainda que durante toda sua trajetória no handebol sua família só assistiu a um jogo. Destaca que ficava triste com esta falta de acompanhamento e envolvimento, mas que não guarda mágoas.

4.1.2.9.2 Análise Inferencial Individual

Entrevistado 1

Infere-se que o entrevistado sempre teve apoio familiar, principalmente educacional e financeiro, para a realização da prática, e segundo ele isto foi importante para sua evolução no esporte. Porém infere-se também que ele não sentia confiança e apoio do seu pai em relação ao seu sonho de chegar ao esporte profissional, conseqüentemente, infere-se que o sujeito carregava uma pressão por resultados, pois queria provar ao pai que jogava bem e que tinha chances de avançar mais no esporte. A partir disso infere-se que o apoio familiar é necessário no processo de promoção esportiva do sujeito, porém nota-se que a família deve estar atenta aos significados daquela prática, e moderar as expectativas de resultados imediatos, visto que estes necessitam ter a consciência de que a vitória ou a derrota, não são os aspectos mais importantes neste processo e sim apenas parte deste longo caminho de formação.

Entrevistado 2

Nota-se que apesar de receber apoio, sua família não tinha possibilidade de acompanhar sua trajetória esportiva. Devido ao excesso de trabalho, sua mãe não era presente nem em treinos e

nem em competições. Aqui inferimos que está ausência foi significativa e gerava na entrevistada sentimento de tristeza, visto que queria que sua mãe fosse mais participativa e acompanhasse mais sua carreira. Infere-se que esta ausência pode ter sido um fato negativo e desestimulador durante seu processo de formação.

Entrevistado 3

Infere-se que o entrevistado não recebeu apoio da sua família durante toda sua trajetória esportiva, e que isto influenciou negativamente na sua formação. Ao afirmar que não entendia o motivo pelo qual seus pais não davam importância para sua evolução esportiva, pois enquanto todas as outras pessoas que viam o seu quarto com mais de quatrocentas medalhas ficavam impressionadas, seus pais não davam nenhum crédito para isso, podemos inferir que a família do entrevistado não valorizava sua evolução na modalidade e nem suas conquistas e que isto gerava mágoas. Inferimos também que esta conduta dos pais causava pressão no entrevistado, pois este sentia a necessidade de reconhecimento e por isso queria provar aos pais que nadava bem e, que tinha chances de avançar mais no esporte. Este fato fica evidenciado quando diz que seu desempenho caía em competições que seus pais estavam presentes. Esta falta de incentivo da família foi significativa para o entrevistado e influenciou diretamente no seu processo de abandono da modalidade.

Entrevistado 4

Infere-se que o entrevistado recebeu incentivo de sua família durante toda sua trajetória, e que está lhe motivava, acompanhava, e lhe fornecia suporte emocional e financeiro necessário para a prática. Nota-se que o entrevistado considera que o apoio da família foi crucial para sua manutenção e evolução na prática. Assim inferimos que a família influenciou positivamente no processo de formação do entrevistado.

Entrevistado 5

Nota-se que o entrevistado considera que teve apoio de sua família durante a prática e que esta não o cobrava exageradamente. Inferimos que, apesar das dúvidas que E5 tinha em relação à capacidade técnica do seu pai em relação ao atletismo, o entrevistado se sentia satisfeito com o suporte que teve de sua família, e considerava o fato de não ser cobrado excessivamente por eles um ponto positivo neste processo de formação esportiva.

Entrevistado 6

Infere-se que E6 julgava adequado o apoio que recebia de sua família, e que o fato de ser respeitada em todas as suas decisões era um ponto positivo desta relação. Nota-se que em determinado momento sua família se mudou para outra região, e não permitiu que ela ficasse na cidade para continuar treinando com sua equipe. Inferimos que os pais da entrevistada julgavam que ela era nova para morar longe de casa, e que este fato foi significante no processo de formação da entrevistada, pois destaca que está foi a única vez que eles não aceitaram sua decisão. Este fato somado a falta de estrutura para o treinamento da modalidade que esta outra região apresentava, podem ter influenciado negativamente na evolução esportiva da entrevistada.

Entrevistado 7

Inferimos que o apoio que o entrevistado recebeu de sua família foi essencial para sua motivação e evolução na modalidade. Infere-se ainda que o respeito às decisões de E7 e o acompanhamento e

reconhecimento de seu progresso foram pontos significativos nesta relação, que influenciaram de forma positiva no processo de formação do entrevistado.

Entrevistado 8

Inferimos que E8 recebia apoio de sua família em relação ao esporte, porém esta não reconhecia as oportunidades que este poderia proporcionar para a vida da entrevistada. Nota-se que desde o início da prática a família da entrevistada não acreditava nas possibilidades que esporte poderia trazer para a vida de E8, e também não buscava informações sobre sua carreira e nem procurava se envolver neste contexto. Inferimos aqui que apesar de permitir que a entrevistada praticasse a modalidade, esta família foi ausente durante todo o processo e não compreendia a importância do esporte na vida de E8. Inferimos que E8 sentia que sua família não acompanhava e nem valorizava a sua trajetória e a sua evolução no esporte, e que isso gerava nela uma sensação de tristeza. Assim inferimos que a ausência, somada a falta de credibilidade em relação a evolução esportiva da entrevistada podem ter influenciado de forma negativa no seu processo de formação.

4.1.2.9.3 Análise Inferencial Coletiva

A família exerce um papel crucial no processo de formação esportiva da criança e do adolescente. Evidenciamos que a família pode influenciar positivamente ou negativamente no processo de formação esportiva dos indivíduos. Percebemos que, na visão de alguns entrevistados, a família não contribui de forma positiva durante suas respectivas trajetórias esportivas, principalmente quando foi ausente. Notamos que nestes casos, de acordo com estes entrevistados, a família, apesar de permitir a realização da atividade, não se interessava pela prática e não buscava se envolver no contexto esportivo ao qual faziam parte, além disso, não valorizava suas conquistas e seus progressos e não compreendia a importância e as possibilidades positivas que o esporte poderia proporcionar para a vida dos sujeitos. Nota-se que esta sensação de desprezo relacionada ao âmbito esportivo, por parte da família, gerou nos entrevistados sentimento de tristeza e desânimo. Portanto esta falta de participação e acompanhamento foi um fator desestimulante durante o processo de formação destes sujeitos, que pode ter exercido influência na decisão de abandono da modalidade. Destacamos que a família também influenciou negativamente quando além de não incentivar a prática, ainda não levava em consideração os sentimentos e decisões dos filhos que estavam envolvidos neste contexto esportivo, de acordo com E3, por exemplo, a sua família tinha a prática apenas como uma atividade complementar, que era um pensamento oposto aos seus objetivos, pois considerava a natação um dos principais elementos de sua vida

e ainda almejava praticar o esporte profissionalmente. Porém, neste ponto é importante destacar que a família também se preocupava com o futuro do sujeito no âmbito do esporte profissional, pois no cenário nacional atual é evidente o péssimo apoio político e econômico relacionado a este cenário, e é notório que poucos atletas conseguem viver apenas do esporte em nosso país. Assim nota-se que este tipo de situação somada a falta de credibilidade da família em relação às possibilidades de evolução no esporte e também ao desejo do jovem de alcançar o esporte profissional, podem ter gerado no indivíduo uma cobrança interna exagerada, pois este sentia a necessidade de reconhecimento e por isso queria mostrar sua posição de destaque na modalidade e provar aos pais que tinha chances de avançar mais neste contexto. Nota-se que este fato geralmente resultava em excesso de pressão e queda no rendimento. Enfim, fica claro que esta falta de incentivo da família, na visão do indivíduo, é um fato significativo, que pode gerar mágoas e influenciar diretamente no processo de abandono da modalidade. Percebe-se que a família exerce influência positiva quando é presente durante o processo de formação, incentiva, motiva, fornece suporte emocional e financeiro adequado, respeita as decisões dos indivíduos, acompanha e reconhece o progresso destes dentro da modalidade. Nota-se que o apoio da família é crucial para a manutenção e evolução no esporte. Assim, a família tem o papel de buscar o equilíbrio entre o incentivo/apoio e a cobrança exagerada, pois sem a família se torna mais difícil o processo de promoção esportiva.

4.1.2.10 Como você se sentia percebido como um talento esportivo?

4.1.2.10.1 Descrição Analítica Individual

Entrevistado 1	Comenta que aos oito anos de idade seu técnico/ tio já falava que ele tinha talento e potencial para ser um bom jogador. Acrescenta que, além do seu técnico, as outras pessoas que o viam jogar também o elogiavam seu talento para a modalidade. Complementa dizendo que nesta época não refletia sobre esta situação, porém ao mesmo tempo em que se sentia motivado, também se sentia pressionado. Destaca que nos jogos apresentava uma falta de confiança; hoje pensa que talvez fosse por causa dessa pressão, mas não pensava isso na época.
Entrevistado 2	Comenta que não pensava sobre isto na época e cita que apesar de ter sido

	reconhecida como um possível talento pela comissão técnica e também por estar na seleção nacional não se considerava talentosa, e acredita que isso se deve ao estilo de suas técnicas que dificilmente elogiavam as ginastas e que em geral, quando passavam um <i>feedback</i> positivo, este era sempre direcionado a equipe, nunca era feito de forma individual.
Entrevistado 3	Cita que seu técnico e as pessoas envolvidas neste contexto esportivo falavam que ele era talentoso e que tinha capacidade de avançar até o esporte profissional porque aprendia as coisas rapidamente, e também por que apesar de ter começado a competir aos dez anos, o que segundo E3 foi um início tardio, em um ano já ganhava de todos os meninos que já competiam desde os seis anos. E3 também chama atenção para o fato de ganhar, segundo ele devido a sua técnica e talento, de outros meninos que ele considerava ter idade biológica mais avançada que ele, devido ao fato de serem maiores, mais fortes e já apresentarem pelos no corpo. Comenta que se sentia bem com isso, às vezes, até um pouco superior aos demais, porém havia momentos em que ele percebia que não era tão superior assim.
Entrevistado 4	Comenta que se sentia bem e motivado com essa percepção de talento. Diz que era gratificante ver a admiração e o respeito que as outras pessoas tinham por ele. Mas comenta que ele era tratado igual a todos e que isso era importante, pois não podia ser idolatrado. Acrescenta que mesmo durante o longo período que ficou sem sofrer nenhuma derrota, recebeu o mesmo tratamento que seus outros colegas.
Entrevistado 5	Apesar de ser reconhecido com um possível talento pelos seus técnicos, comenta que tinha dúvidas em relação a isso e que não acreditava nele mesmo. Sentia esta insegurança porque tinha vontade de treinar em um centro de treinamento reconhecido no cenário nacional, porém nunca foi convidado, mesmo apresentando bons resultados, e, além disso, comenta que não apresentava as características físicas típicas de lançador e arremessador. Por causa disso se questionava em relação ao seu talento para a modalidade.
Entrevistado 6	Comenta que não pensava nisso na época. Cita que no início gostava dos elogios e do incentivo que recebia para continuar e almejar o esporte profissional, mas que mais tarde, quando conheceu as dificuldades de ser um destaque no esporte, principalmente no basquete feminino, passou a não dar importância a esta percepção de talento que os outros tinham em relação a ela.
Entrevistado 7	Cita que aos treze anos começou a se destacar na escolinha e ser chamado para jogar por vários times da região. Comenta que sempre era capitão das equipes, e que seus colegas de time o admiravam. Acrescenta que era um líder e exercia influência sobre a equipe que jogava. Destaca que isto era legal, e o fazia se sentir importante. Comenta que nesta época seus técnicos

	falavam que ele era talentoso, e que se treinasse conseguiria chegar ao esporte profissional. Cita também que o grupo o reconhecia como talentoso, e que todos estes fatores despertaram nele a vontade de participar de processos seletivos de equipes profissionais. Menciona também que o fato de ser aprovado na maioria das peneiras que participou o fez perceber que ele tinha capacidade para avançar no esporte, e complementa que a sensação de ser aprovado nestes processos foi uma das melhores da sua vida. Conclui que esta percepção de talento que tinha por parte dos técnicos e também das pessoas que o cercavam era um aspecto motivacional para ele.
Entrevistado 8	Comenta que quando era reconhecida com talento por seus técnicos e colegas se sentia valorizada, e percebia que seu esforço estava sendo recompensado. Porém cita que isto, às vezes, incomodava as outras meninas do grupo, que a maltratavam e a rejeitavam por causa deste reconhecimento, o que segundo E8 era dolorido e constrangedor. Conclui que se sentia como se estivesse sendo punida por algo bom.

4.1.2.10.2 Análise Inferencial Individual

Entrevistado 1

Nota-se que E1 não pensava sobre isso na época. Porém percebemos que esta percepção das pessoas ao seu redor de que era um talento o motivava, porém também o pressionava, e de acordo com a sua fala, isto também pode ter contribuído para a falta de confiança que citou novamente como um problema no seu desenvolvimento esportivo. Infere-se aqui que deve ser dada especial atenção a este aspecto, no intuito de que esta percepção de talento não seja mais um motivo de pressão, portanto os pedagogos esportivos envolvidos neste ambiente devem elucidar os jovens em relação as suas possibilidades esportivas em cada etapa do treinamento.

Entrevistado 2

Nota-se que mesmo sendo reconhecida com um possível talento esportivo pela comissão técnica da seleção nacional a escolheu para fazer parte da equipe, a entrevistada não tinha essa percepção de si mesma. Ao afirmar que acredita que isso se deve ao fato de suas técnicas dificilmente elogiarem as atletas, inferimos que E2 era durante toda sua carreira esportiva nunca teve seu progresso esportivo reconhecido, o que pode ter sido um fator desestimulante no seu processo de formação.

Entrevistado 3

Infere-se que ser percebido como um talento esportivo por todas as pessoas que faziam parte do seu ambiente esportivo era um fator motivador para o entrevistado. Podemos inferir também que este reconhecimento do sujeito como um talento foi feito de forma exagerada, pois E3 comenta que as vezes se sentia superior aos demais devido à esta percepção. Inferimos ainda que o fato de se destacar nas competições em categorias de base e de vários técnicos enaltecere, desde o início da prática, sua capacidade de avançar e atingir o esporte profissional, geraram no entrevistado

expectativas em relação ao seu futuro esportivo que podem ter acarretado em frustrações nos níveis mais avançados, visto que com o tempo percebeu que não era tão superior aos outros competidores.

Entrevistado 4

Infere-se que ser percebido como um talento esportivo era um fator motivador para o entrevistado, e que era gratificante para ele ser admirado pelas pessoas que faziam parte do seu ambiente esportivo. Infere-se também que o entrevistado julgou positivo o fato de ser tratado da mesma maneira que os outros membros da equipe, mesmo sendo reconhecido como um talento.

Entrevistado 5

Infere-se que apesar de seus técnicos o considerarem um possível talento para a modalidade e de apresentar resultados expressivos em campeonatos, o entrevistado não se sentia seguro em relação a isto. Nota-se que esta insegurança era proveniente da falta de oportunidade de treinar num centro de treinamento de destaque no cenário nacional e também devido as suas características físicas, que segundo ele não eram típicas de lançador e nem de arremessador. Infere-se que o entrevistado julga que as características físicas são relevantes na determinação de um talento.

Entrevistado 6

Infere-se que no início da prática esta percepção de talento era um fator positivo que a motivava. No entanto com o passar do tempo foi percebendo as dificuldades de ser um destaque no basquete feminino, e por causa começou a não importância para este reconhecimento. Infere-se que a entrevistada talvez não tenha sido elucidada sobre as suas possibilidades esportivas em cada etapa do treinamento.

Entrevistado 7

Infere-se que na primeira fase esta percepção de talentos que os técnicos, companheiros de equipe e adversários tinham a seu respeito era um fator motivador para o entrevistado e o fazia se sentir importante e valorizado. Por outro lado inferimos que o fato de exercer uma posição de destaque em sua região, ser aprovado em todas as “peneiras” que participou, e de ser considerado um talento por todas as pessoas envolvidas no meio em que vivia, logo nos primeiros anos de treinamento, geraram no sujeito expectativas relacionadas ao alcance do esporte profissional, o que pode ter acarretado em frustrações nos níveis mais avançados do seu processo de formação.

Entrevistado 8

Infere-se que a entrevistada se sentia valorizada e motivada devido à percepção de talento que as pessoas envolvidas em seu meio esportivo tinham dela. No entanto, inferimos também que por causa deste reconhecimento, alguns de seus técnicos a tratavam de forma diferenciada e supervalorização esta sua condição de talento, o que dificultava o processo de desenvolvimento da entrevistada, visto que este tipo de conduta geralmente gerava conflitos e dificuldades de convivência com as outras meninas da equipe. Infere-se ainda que este tratamento desigual pode ter sido um fato desestimulante para E8, visto que se sentia constrangida e que estava sendo punida por algo que era bom.

A autopercepção de ser reconhecido como talento pode causar motivação e também pode ser motivo de pressão. Fica claro que o sujeito em processo de formação se sente feliz, motivado e gratificado quando é reconhecido naquela atividade em que está se empenhando e também quando tem sua evolução na modalidade valorizada por pessoas que fazem parte de seu contexto esportivo e familiar. Percebemos que a ausência destas características pode ser um fator desestimulante. Assim, esta percepção de talento é um ponto positivo no processo de formação quando está associada ao reconhecimento do esforço, da dedicação e da progressão do indivíduo na modalidade. Porém os pedagogos esportivos envolvidos neste contexto de formação esportiva devem ter o devido cuidado em relação a este aspecto. Nota-se que a valorização exagerada do talento, e também a associação deste a conquista de títulos, principalmente nas categorias iniciais do treinamento, além de ser motivo de pressão para os jovens, contribuem para a criação de grandes expectativas em relação ao futuro dentro do esporte, o que em níveis mais avançados de treinamento pode acarretar em frustrações, caso tais expectativas não venham a ser correspondidas. Esta situação pode ser prejudicial durante a trajetória esportiva dos possíveis talentos e exercer influência no processo de abandono. Portanto os técnicos devem elucidar os indivíduos sobre suas reais possibilidades em cada etapa do treinamento. A forma como os técnicos lidam com o indivíduo considerado talentoso é outro aspecto relevante neste contexto. Percebemos que o jovem que se destaca perante os outros membros da equipe, mesmo sendo reconhecido como um talento deve continuar sendo tratado da mesma maneira que os demais, pois fica evidente que quando os técnicos supervalorizam a condição do talento e o tratam de forma especial e diferenciada estimulam a criação de conflitos e dificuldades de convivência dentro do grupo, fator desestimulante e prejudicial ao indivíduo considerado talentoso que pode contribuir para o seu esgotamento com a modalidade.

4.1.2.11 Quando e como atingiu seu auge esportivo? O que isto significou para você?

4.1.2.11.1 Descrição Analítica Individual

Entrevistado 1	Comenta que este foi o fato mais triste de sua carreira. Cita que atingiu seu auge no último mês de treinamento nos Estados Unidos; neste período ele sentia que tinha o controle de todo seu jogo. No entanto, mesmo com seus técnicos falando que ele estava bem e que tinha potencial para evoluir ainda mais na modalidade, teve que voltar para o Brasil. Considera que foi um processo inacabado; que não chegou onde poderia e queria ter chegado.
Entrevistado 2	Fala que treinar para os Jogos Pan-americanos foi o seu auge, E2 considera que este era o momento em que estava melhor tecnicamente e mais madura, com aproximadamente dezessete anos. E2 conclui que este momento foi importante para ela, porque estava fazendo o que gostava e no lugar que queria, e estava começando a “colher os frutos” de todos os seus esforços.
Entrevistado 3	Cita que atingiu seu auge no momento que teve que parar, aos dezessete anos, na categoria juvenil II. Menciona que no início não se importou com o fato de ter parado no seu melhor momento, mas que passado um tempo começou a sentir saudade e vontade de voltar, mas cita que quando comentava isso com sua mãe sentia que ela podava este desejo, então resolveu “desencanar” e seguir com novos objetivos.
Entrevistado 4	Cita que seu auge foi aos catorze anos quando foi campeão paulista, neste momento percebeu que poderia avançar além deste título. Comenta que se classificou para o campeonato brasileiro e que ficou na terceira colocação no individual e foi campeão na competição por equipes. Destaca que a sensação de estar no auge era boa e gratificante. Complementa que o dia da conquista do campeonato paulista foi o mais feliz da sua vida.
Entrevistado 5	Cita que atingiu seu auge esportivo entre dezessete e dezoito anos, no seu primeiro ano de treinamento em sua segunda equipe. Menciona que nesta fase se sentia estimulado e motivado novamente, pois estava realizando bons arremessos e lançamentos e seu organismo estava desenvolvendo e respondendo positivamente aos treinamentos. No entanto aponta que aos dezoito anos sofreu uma lesão na coxa que o afastou por um longo período dos treinos e competições. E5 cita que isto acabou com grande parte do trabalho que já tinha feito e acrescenta que não conseguiu usufruir de seu auge.
Entrevistado 6	Cita que atingiu seu auge aos catorze anos, quando fez parte da seleção mineira, e foi convocada para a seleção brasileira, além disso, conquistou os campeonatos, brasileiro e o sul-americano de clubes, com o time do interior de São Paulo, cita que inclusive neste último ganhou o troféu como melhor armadora da competição. Conclui que estava jogando bem, que este foi o seu ápice, e que a motivação de voltar para o time do interior de São Paulo contribuiu para isso.
Entrevistado 7	Menciona que atingiu seu auge esportivo no clube paulista, pois quando

	<p>treinava, geralmente fazia parte do time reserva que jogava contra o time dos titulares, e percebia que estava defendendo e raciocinando bem. Aponta que neste período que estava se sentindo no seu auge, físico, técnico e tático não chegou a disputar nenhum jogo como titular, e que esta situação o fez perceber que ele estava se dedicando ao máximo e ainda não estava sendo o melhor da equipe, então sentiu que estava no seu pico de dedicação e esforço e que isto ainda não era suficiente. Por outro lado comenta que atingiu seu auge competitivo, em situação de jogo, aos dezenove anos num campeonato estadual universitário, em que representou o time da universidade que estuda atualmente, menciona que não havia cobrança excessiva e se sentia à vontade para jogar, e acrescenta que estava tranquilo e confiante, e que neste campeonato apresentou o seu melhor vôlei. Então conclui que teve dois auge, o primeiro, físico, técnico e tático quando treinava no time da capital paulista, e o segundo, quando jogou e competiu melhor, no seu time universitário, após já ter abandonado a modalidade visando o esporte profissional.</p>
<p>Entrevistado 8</p>	<p>Comenta que foi aos vinte anos, acredita nisso porque estava disputando campeonatos estaduais e nacionais, tinha recebido uma nova convocação para a seleção brasileira nas categorias, júnior e adulto, e estava recebendo propostas de equipes todo o Brasil. Cita que neste momento estava entre as melhores jogadoras do país. E8 já era reconhecida no cenário do handebol nacional e foi convidada para atuar no melhor time do país na época, cuja técnica era a mesma da seleção nacional. Comenta que esta técnica elogiou seu desempenho, e acrescenta que este foi um dos melhores momentos da vida dela. Cita que nesta fase estava feliz, porque tinha reconhecimento do seu trabalho e estava concretizando seu sonho.</p>

4.1.2.11.2 Análise Inferencial Individual

Entrevistado 1

Observa-se que E1 atingiu o seu auge no último mês de treinamento antes de desistir do sonho de chegar ao esporte profissional. Nota-se que isto gerou tristeza, frustração e o sentimento de que este processo ficou inacabado. Infere-se aqui que ele foi obrigado a tomar uma decisão entre continuar ou não na prática no momento em que se sentia em sua melhor fase, ou seja, não foi dado a ele o apoio necessário para a continuação do seu processo de promoção esportiva. Infere-se também que talvez não tenham sido estimuladas com ele as possibilidades além do esporte para a sua vida, visto que ele carrega consigo um sentimento de frustração.

Entrevistado 2

A entrevistada considera que seu auge foi aos dezessete anos, quando estava treinando para os

jogos pan-americanos, pois estava mais madura e melhor tecnicamente. Porém, com base nesta resposta e pelas vivências da atleta, inferimos que a entrevistada não teve a oportunidade de vivenciar este auge em situação competitiva, visto que apenas treinou para os jogos, mas pelo fato de ser reserva, não teve oportunidade de se apresentar nesta competição.

Entrevistado 3

Observa-se que o entrevistado atingiu seu auge aos dezessete anos, e que neste momento teve que parar. Inferimos que o fato de não poder usufruir de seu auge, foi um fato significativo na trajetória esportiva do entrevistado e contribui para que ele se sentisse desestimulado e desanimado com a prática. Com base nisso e em respostas anteriores, inferimos também que o entrevistado foi impossibilitado de vivenciar seu auge, não por escolha própria, mas sim porque não foi fornecida a ele a estrutura necessária para que continuasse treinando. Ao citar que com o passar do tempo começou a sentir saudade e queria voltar, mas que não tinha o apoio da sua família para isso, podemos inferir que a falta de infraestrutura adequada para o desenvolvimento do esporte na região e a ausência de apoio da família no momento em que o entrevistado considerava estar no seu auge foram determinantes para o abandono da modalidade.

Entrevistado 4

O entrevistado considera que seu auge aconteceu aos catorze anos quando foi campeão paulista de judô, terceiro colocado no campeonato nacional, e campeão brasileiro na competição por equipes. Infere-se que o entrevistado associa seu auge a conquista de títulos. Inferimos também que este auge prematuro e valorização dos resultados em categorias menores, que no primeiro momento geraram no entrevistado sentimento de felicidade e gratificação, podem com o passar do tempo acarretar em frustrações, caso o indivíduo não consiga manter-se no mesmo patamar e não apresente bons resultados em algum período da sua formação esportiva.

Entrevistado 5

Nota-se que E6 atingiu seu auge esportivo aos dezoito anos, no primeiro ano de treinamento em sua segunda equipe. Ao afirmar que nesta fase se sentia estimulado e motivado novamente, podemos inferir que o entrevistado vinha de uma fase de treinamento desgastante e desestimulante, e enxergou nesta nova equipe a oportunidade de voltar a se motivar com a prática. Ao destacar que nesta fase estava executando bons arremessos e lançamentos, e sentia que o seu organismo estava respondendo positivamente aos treinamentos, mas que não pode usufruir disto devido a uma lesão que o afastou durante um longo período dos treinos e competições, podemos inferir que este foi um fato significativo na trajetória esportiva do entrevistado, que gerou nele um sentimento de desânimo e frustração, pois menciona que este fato acabou com grande parte do trabalho que já havia sido feito. Inferimos ainda que o fato de não poder usufruir do seu auge contribui para o seu processo de abandono da modalidade.

Entrevistado 6

A entrevistada considera que atingiu seu auge esportivo aos catorze anos quando foi convocada para as seleções mineira e nacional e conquistou o título do campeonato brasileiro e sul-americano de clubes. Infere-se que a entrevistado associa seu auge a convocações para seleções estaduais e nacionais e também a conquista de títulos. Inferimos aqui que este auge precoce pode ter gerado na

entrevistada altas expectativas em relação as suas possibilidades no esporte, o que, posteriormente, pode ter acarretado em frustrações.

Entrevistado 7

Nota-se que o entrevistado atingiu seu auge, físico, técnico e tático num determinado período que estava treinando com o time da capital paulista. Ao afirmar que nesta fase que considerava estar no seu auge não teve a oportunidade de disputar nenhum jogo como titular, podemos inferir que este foi um fato significativo na trajetória do entrevistado, e que gerou nele sentimento de inferioridade e percepção de baixo desempenho, pois diz que mesmo estando no seu pico e se dedicando ao máximo ainda não conseguia ser o melhor na equipe. Inferimos também que o técnico neste momento não valorizou o processo de desenvolvimento de E7 e nem o seu ápice, pois não deu oportunidade para que ele pudesse aplicar em situação de jogo tudo o que tinha vivenciado e aprendido. Infere-se que isto prejudicou a formação esportiva do entrevistado e contribui para o seu desgaste emocional e físico com a modalidade. Observa-se que, após já ter abandonado os treinamentos visando o esporte profissional, E8 considera que teve outro auge, o qual denominou de auge competitivo, este aconteceu numa competição universitária, onde não havia cobrança excessiva, fato que o deixou mais tranquilo e confiante. Aqui podemos inferir que o fato de ser reserva e por isso participar de pouco jogos, a falta de oportunidade de vivenciar situações competitivas no seu auge físico, técnico e tático, e o excesso de cobrança que tinha em relação a resultado e ao desempenho imediato, impossibilitaram que o entrevistado sanasse os problemas que possuía em relação à competição e, conseqüentemente, influenciaram negativamente no seu processo de formação.

Entrevistado 8

Nota-se que a entrevistada atingiu seu auge aos vinte anos, pois nesta fase recebeu propostas para treinar em vários clubes, inclusive em alguns de relevância no cenário nacional, e também havia recebido novamente convocações para a seleção nacional, nas categorias júnior e adulto. Infere-se que os elogios que recebia neste período e o reconhecimento de seu auge por parte dos clubes e da comissão técnica da seleção nacional foi um aspecto motivador na trajetória esportiva da entrevistada, que a fez se sentir feliz e ter a sensação de que todo seu esforço estava sendo recompensado. Porém inferimos, com base nesta resposta e nas vivências da entrevistada, que este auge esportivo aconteceu na mesma idade em que abandonou a modalidade.

4.1.2.11.3 Análise Inferencial Coletiva

A impossibilidade de usufruir do auge esportivo, - “auge” entendido como aspecto característico do processo de formação dos sujeitos - pode ter contribuído para o abandono precoce da modalidade. Observa-se que alguns entrevistados consideram que seu auge esportivo aconteceu em idades precoces. Este fato fica evidenciado nas experiências de E4 e E6 que citam que sua melhor fase dentro da modalidade aconteceu aos quatorze anos, e associam este auge aos

resultados expressivos conquistados em campeonatos de níveis estaduais, nacionais e internacionais. No entanto, percebe-se que a valorização deste auge prematuro e dos resultados em categorias menores, podem gerar grandes expectativas e com o passar do tempo acarretar em frustrações, caso o indivíduo não consiga manter-se com regularidade de desempenho e não apresente bons resultados em algum período da sua formação esportiva. Nota-se que, com exceção de E4 e E6, todos os outros sujeitos não puderam usufruir do momento que consideravam ser o seu ápice dentro do esporte. Esta impossibilidade de vivência do auge se deu por vários motivos. Para E2 e E7, por exemplo, pelo fato de serem reservas, não tiveram a oportunidade de experimentar este ápice esportivo em situação competitiva. Fica evidente que este fato pode gerar sentimento de inferioridade, além de percepção de baixo desempenho e contribuir para o desgaste emocional e físico com a modalidade. Nota-se ainda que a ocorrência de lesões, a falta de estrutura necessária para continuidade na prática, a falta de suporte técnico adequado e de apoio e incentivo da família no momento de transição para a vida adulta, foram outros aspectos que impossibilitaram que os jovens considerados talentosos usufríssem de seu auge esportivo, fato que exerceu influencia negativo no processo de formação dos sujeitos. Nota-se que este foi um aspecto significativo na trajetória esportiva dos entrevistados, que culminou em sentimento de tristeza, desânimo, frustração, inferioridade, e a sensação de que algo ficou inacabado. Observa-se que este ápice esportivo aconteceu próximo do momento em que por algum motivo os jovens tiveram que desistir da prática, isto pode revelar que no momento do abandono os entrevistados ainda estavam em ascensão dentro do processo de treinamento a longo prazo, e que isto não foi levado em consideração pelos pedagogos esportivos envolvidos neste contexto esportivo, fato que pode ter contribuído para o abandono precoce da modalidade.

4.1.2.12 Alguma vez antes da decisão definitiva de abandonar o processo para chegar ao esporte profissional, você teve vontade de parar? Em qual período e o que levou a isso?

4.1.2.12.1 Descrição Analítica Individual

Entrevistado 1	Comenta que sim, e várias vezes. Principalmente nos períodos que jogava torneios da Federação Paulista, dos quatorze aos dezoito anos. Menciona que nesta época treinava bem, e às vezes não conseguia refletir este desempenho nas competições, inclusive perdia para indivíduos que tinham níveis inferiores. Cita que devido ao fato de estar treinando bem, ficava ansioso e querendo participar da competição logo, porém muitas vezes era derrotado e jogava mal. Isto o fazia ficar decepcionado, e refletindo se era isso mesmo que ele queria para a vida dele. Enfim, considera a derrota o motivo que mais lhe dava vontade de desistir do esporte, mesmo considerando que se aprende mais com a derrota do que com a vitória.
Entrevistado 2	Comenta que sim, e várias vezes. Principalmente na época de seleção nacional. Comenta que logo na primeira semana que estava longe de casa, teve vontade de parar, sentia que não pertencia àquele lugar, acrescenta que no decorrer do período de treinamento quando tinha dias difíceis também tinha vontade de voltar para casa. Destaca que quando saiu da seleção foi outro momento que teve vontade de parar, porque estava decepcionada e não queria voltar a competir campeonatos paulistas e brasileiros.
Entrevistado 3	Afirma que nunca teve vontade de parar, e acrescenta que foi uma série de situações que culminaram com o seu abandono. Dentre estes cita o fato do técnico ir embora e eles ficarem sem piscina para treinar na sua cidade. Cita que perderia muito tempo para se locomover até a cidade que seu técnico passou a dar treino. Conclui que não parou por vontade própria e que se tivesse oportunidade continuaria treinando.
Entrevistado 4	Afirma que teve vontade de parar duas vezes. A primeira foi aos oito anos de idade, devido à pouca participação em campeonatos, destaca que por causa disso não via resultados, menciona a falta de competição era desmotivante. A segunda vez que teve vontade de parar foi quando seu amigo recebeu o diagnóstico de uma doença degenerativa grave, e posteriormente veio a falecer, porém acrescenta que depois esta situação o impulsionou a continuar e almejar o esporte profissional. Acrescenta que nas duas situações recebeu suporte e incentivo da sua família para não desistir.
Entrevistado 5	Comenta que sim, principalmente entre catorze e quinze anos na fase de transição de categoria, pois parou de apresentar resultados expressivos, segundo ele devido as mudanças de peso dos implementos e também ao fato de parar de usar suplementação. Cita que isto foi uma fase desanimadora e que só não parou porque seu pai não o deixou desistir.
Entrevistado 6	Comenta que sim, principalmente quando teve que se mudar, por motivos familiares, para o interior de Minas, visto que teria que abandonar a sua equipe. Acrescenta que também teve vontade de desistir nos dois anos que passou nesta região, por causa da desorganização dos treinamentos, do

	pouco relacionamento com o time e do baixo nível das competições. Quando voltou para a sua equipe do interior de São Paulo cita que o quê a fazia ter vontade de desistir era a parte política do esporte, e destaca como exemplo disto, o fato de perceber que meninas que treinavam menos que ela e que tinham um desempenho inferior ao dela eram convocadas para a seleção brasileira, só porque treinavam no clube cujo o técnico fazia parte da comissão técnica da equipe nacional.
Entrevistado 7	Afirma que nunca teve vontade de parar antes de abandonar definitivamente a modalidade.
Entrevistado 8	Afirma que antes de abandonar a modalidade, nunca teve vontade de parar.

4.1.2.12.2 Análise Inferencial Individual

Entrevistado 1

Infere-se aqui que o principal motivo, que despertava no entrevistado a vontade de abandonar o esporte, foi a pressão competitiva. Nota-se ainda que quando era derrotado ficava decepcionado e refletindo sobre parar ou continuar com a prática. Infere-se que neste caso a competição foi causa de pressão, assim o jogo foi transformado apenas na busca pela vitória a fim de satisfazer as expectativas externas, ou seja, não foi um aspecto prazeroso e motivador no seu processo de desenvolvimento, talvez porque não tenha sido corretamente estimulado com ele a importância desta e o seu papel para a sua formação esportiva.

Entrevistado 2

Nota-se que algumas situações vivenciadas no período de seleção brasileira fizeram com que E2 tivesse vontade de parar. Inferimos que os aspectos mais significativos para a entrevistada neste contexto foram: ser nova e ter que morar longe de casa para treinar, passar por momentos difíceis, sozinha e não receber apoio de ninguém, e sentir que não pertencia a aquele lugar. Infere-se aqui também que a comissão técnica não levava em consideração os outros aspectos além da prática esportiva. Nota-se ainda que, quando foi cortada da seleção também teve vontade de parar. Infere-se que este corte da equipe somado ao processo de treinamento que não levava em consideração o sujeito praticante como um todo, e valorizava apenas os aspectos ligados a prática da modalidade, foram fatores desestimulantes na trajetória esportiva da entrevistada, que contribuíram para o seu desgaste físico e emocional e influenciaram diretamente no seu processo de abandono do esporte.

Entrevistado 3

Infere-se que nunca teve vontade de parar, porém alguns fatores impossibilitaram sua continuidade na modalidade, tais como falta de técnico e piscina para treinar, e o tempo que gastaria com transporte caso quisesse continuar treinando em outra cidade. Ao afirmar que não parou por vontade própria e que se tivesse oportunidade continuaria treinando, podemos inferir que E3 não recebeu nenhum apoio para continuar na prática neste momento adverso, e que estes fatores foram determinantes no seu processo de abandono da modalidade.

Entrevistado 4

Nota-se que o entrevistado teve vontade de parar logo nos primeiros anos de prática devido à pouca participação em campeonatos. Inferimos que a competição foi um fator motivador durante a trajetória esportiva do entrevistado e que poderia ter sido utilizada no início da sua prática, desde que respeitasse suas características e necessidades, afim de tornar o processo de formação mais estimulante e prazeroso. Nota-se ainda que, o diagnóstico da doença do amigo, inicialmente, provocou em E8 a vontade de parar, mas depois o impulsionou a continuar e almejar o esporte profissional. Inferimos que nas duas situações o apoio da família foi essencial para a continuidade do entrevistado na prática.

Entrevistado 5

Inferese-se que o fato de deixar de apresentar resultados expressivos em competições na fase de mudança de categoria foi o principal motivo, que despertou no entrevistado a vontade de abandonar o esporte. Nota-se que esta queda no desempenho competitivo, fazia com que E5 se sentisse desanimado com a prática. Inferimos aqui que os bons resultados conquistados no início da prática geraram no entrevistado expectativas que quando não foram correspondidas causaram frustração, e, além disso, inferimos que a competição foi um aspecto desestimulante que contribui para o processo de abandono da modalidade, talvez porque não tenha sido corretamente estimulado com E5 os objetivos formativos da competição que vão além da determinação de vencedores e derrotados.

Entrevistado 6

Observa-se que a mudança de residência do interior de São Paulo para o interior de Minas, despertou na entrevistada o desejo de desistir da modalidade. Nota-se que E6 gostava de sua equipe e aprovava a metodologia de treino e foi obrigada a abandonar tudo isso. Inferese-se que este foi um fato significativo na trajetória esportiva da entrevistada, que pode ter contribuído para o seu processo de abandono da modalidade, ainda mais porque nesta nova cidade não havia condições adequadas para que E6 pudesse continuar no seu processo de desenvolvimento esportivo. Inferimos aqui que os pontos mais desestimulantes para a entrevistada, que podem ter influenciado negativamente o seu processo de formação durante os dois anos que passou nesta região foram, a desorganização dos treinos, o mau relacionamento com o técnico e com a equipe e o baixo nível das competições. Ao afirmar que quando voltou para a sua equipe do interior de São Paulo o quê a fazia ter vontade de desistir era a parte política do esporte, podemos inferir que E6 passou por situações, onde a parte política e financeira superava a dedicação e o desempenho dentro de quadra, que a fizeram se sentir desiludida com a prática. Isso fica evidente quando menciona que algumas meninas com desempenho inferior ao dela eram convocadas para a seleção brasileira só porque treinavam num clube cujo técnico era envolvido com a comissão técnica da equipe nacional. Inferimos que essa percepção de que só esforço e dedicação não são suficientes para a evolução no esporte, e de que existem fatores políticos que influenciam nisto, foi um aspecto que influenciou diretamente no seu processo de abandono.

Entrevistado 7

Observa-se que E7 nunca teve vontade de parar antes de abandonar definitivamente a modalidade.

Entrevistado 8

Nota-se que antes de abandonar a modalidade, E8 nunca teve vontade de parar.

4.1.2.12.3 Análise Inferencial Coletiva

A maneira com que os técnicos conduzem os treinamentos e lidam com aspectos relacionados à competição, são fatores que podem gerar nos jovens em processo de formação a vontade de abandonar o esporte. Percebemos que aspectos relacionados à competição foram os mais citados pelos entrevistados como fatores que despertavam o desejo de desistir da prática antes mesmo da decisão definitiva de abandonar o esporte. Nota-se que estes aspectos podem exercer este papel desestimulante e negativo nas trajetórias esportivas dos sujeitos de formas diferentes. Primeiro podemos destacar que a ausência da competição é um fator desanimador em qualquer período do processo de formação. Participar de competições é um meio prazeroso de aprendizagem, pois o indivíduo tem a oportunidade de desenvolver e expressar suas capacidades e habilidades e também exerce um papel motivador durante toda a trajetória esportiva. Portanto a competição está diretamente ligada a evolução do jovem dentro da modalidade e pode ser utilizada desde o início da prática, desde que respeite as características e necessidades dos envolvidos. Outro aspecto negativo da competição foi o fato de o jovem atleta não saber lidar com as derrotas. Nota-se que isto pode acontecer devido à ênfase exagerada que os técnicos e professores envolvidos no processo de iniciação e especialização dão para a vitória, ou seja, quando estes valorizam apenas o resultado final e não estimulam com os atletas as funções formativas das competições, que estão relacionadas ao aprimoramento das habilidades e capacidades, ao alcance de metas pessoais, a construção de ciclos sociais e ao desenvolvimento pessoal nas dimensões física, social e emocional. Portanto a competição não pode ser entendida como um momento único de culminância dos treinamentos, mas sim como uma etapa deles. Notamos ainda que a conquista de resultados expressivos em idades menores e a supervalorização destes pelos técnicos também podem ser fatores prejudiciais durante o processo de formação, visto que esta situação, além de ser motivo de pressão, pois o sujeito se sente obrigado a manter o mesmo patamar de destaque na modalidade durante todo o processo de treinamento, também podem gerar expectativas, que quando não são

correspondidas podem acarretar em frustração e sentimento de inferioridade. Assim, a percepção de baixo desempenho, em algum período do processo de formação pode contribuir diretamente para o desgaste físico e emocional com a modalidade e acarretar em abandono. Fica claro ainda que a vivência de competições com baixo nível técnico, aquém das capacidades do sujeito em processo de formação, além de prejudicar a preparação dos sujeitos para etapas mais avançadas de treinamento, também é um fator desestimulante, que pode despertar a vontade de desistir da prática. Por outro lado o excesso de cobrança também exerce influência neste contexto, pois pode acarretar em pressão excessiva e estimular o processo de esgotamento com a modalidade. Assim o nível exigência da competição deve ser compatível com as possibilidades do indivíduo e acompanhar sua evolução. Fica evidenciado que a forma como os técnicos conduzem os treinamentos também pode desencadear o desejo de abandono da modalidade. Nota-se que o mau relacionamento com o técnico e a vivência de treinamentos desorganizados, mal elaborados e sem controle, são fatores desestimulantes durante o processo de formação. Percebemos ainda que os técnicos também contribuem para o esgotamento do sujeito com a modalidade quando não valorizam o jovem como um todo, não levam em consideração os outros aspectos além da prática esportiva e não estimulam a ampliação dos relacionamentos e a boa convivência ente os membros da equipe. Entre outros fatores que também estimularam nos entrevistados o desejo de abandonar a prática podemos destacar o fato de ter que morar longe de casa para treinar, a ausência de suporte técnico, a falta de estrutura necessária para o desenvolvimento da prática e a percepção de que só esforço e dedicação não são suficientes para a evolução no esporte, e de que existem fatores políticos que são superiores a isto.

4.1.2.13 Quando e por qual motivo parou de treinar almejando o esporte profissional? Afinal, o que o fez abandonar o esporte?

4.1.2.13.1 Descrição Analítica Individual

Entrevistado 1	Afirma que foi aos dezenove anos, quando voltou para o Brasil. Considera este um período triste, pois estava no seu auge. Comenta que seus técnicos nos Estados Unidos lamentaram este fato, pois acreditavam no seu potencial.
-----------------------	---

	<p>Explica que teve que voltar por que o seu tempo de ficar lá havia acabado, os custos eram altos e ele tinha um prazo para almejar uma bolsa em alguma universidade. Ele conseguiu, porém em cursos que ele não tinha interesse, sendo assim, decidiu voltar para o Brasil para pleitear uma vaga no curso que ele queria, em alguma universidade pública. No entanto, se arrepende profundamente pelo fato de não ter continuado nos Estados Unidos treinando e fazendo qualquer curso, mesmo que não gostasse, e futuramente tentar um curso que lhe interessasse mais. Cita que na época não enxergava este caminho, e isso foi uma das suas maiores decepções, acredita que se tivesse essa visão, talvez ele não fosse tão frustrado. Enfim considera que o principal motivo que o fez abandonar o esporte foi à pressão familiar e social. Diz que o abandono foi resultado de tudo o que aprendeu com a família e com a sociedade sobre como deveria ser a vida. Com base nisso, aos dezenove anos, conclui que estava velho e que não poderia continuar tentando; tinha que voltar e estudar.</p>
<p>Entrevistado 2</p>	<p>E2 considera que parou de treinar visando o esporte profissional aos dezoito anos quando foi cortada da seleção, cita que só voltou a treinar por causa da insistência de sua técnica da iniciação, mas que não tinha mais motivação nem para treinar e nem para participar dos campeonatos em níveis regionais e nacionais. E2 explica que após a conquista dos Jogos Pan-americanos, competição em que foi reserva da equipe, aconteceu uma nova seletiva, somente entre as ginastas da própria seleção, para formar o grupo que iria treinar para as Olimpíadas. Menciona que a comissão técnica mais alguns árbitros e a presidente da federação brasileira de ginástica as avaliaram durante cinco dias de treinamento. E2 cita que foi cortada nesta seletiva e nem foi informada por qual motivo, e devido a este relacionamento distante que tinha com a técnica também não teve coragem de perguntar. E complementa dizendo que, além disso, não pode continuar treinando com a seleção, então comenta que o fato de ter que ir embora, depois de ter treinado e se dedicado tanto, foi triste e decepcionante e complementa dizendo que foi um momento bem difícil. Considera que ter saído da seleção foi o principal fator que a fez abandonar o esporte e outro fato que ela cita que exerceu influencia neste contexto foi querer construir um futuro mais seguro. Comenta que teve que abandonar os treinos para estudar com o objetivo de ingressar numa universidade pública pois não tinha condições de pagar uma instituição particular. E complementa que era impossível conciliar estudos e treinamento.</p>
<p>Entrevistado 3</p>	<p>E3 afirma que parou de treinar almejando o esporte profissional aos dezessete anos, quando ficou sem piscina para treinar. Cita que o período de definição da vida, a questão dos estudos, a falta de uma estrutura adequada para a prática e do apoio financeiro de alguma instituição contribuíram para esta</p>

	<p>decisão. Destaca a mudança de seu técnico para outra cidade e o fato de ter perdido a piscina de treino como fatos cruciais neste processo de abandono. Cita que nesta época teve a oportunidade de participar da equipe de um clube em Belo Horizonte, de destaque no cenário nacional, porém se fosse treinar neste clube teria que terminar o ensino médio numa instituição pública, o que segundo ele, o prejudicaria no momento do vestibular, e conclui que não conseguiu aceitar isso porque foi “moldado” para dar prioridade aos estudos. Cita que sua mãe até procurou este clube em Belo Horizonte, porém ao saber esta situação do colégio público, nas vésperas do vestibular, preferiu acabar com o assunto.</p>
Entrevistado 4	<p>Cita que parou de treinar almejando o esporte profissional aos dezessete anos, quando estava no terceiro ano do ensino médio e resolveu abdicar dos treinos para estudar visando o vestibular. Comenta que depois que entrou na universidade quis retomar os treinos, porém não havia estrutura e nem apoio da instituição. Conclui que abandonou o esporte por falta de incentivo moral e financeiro. Destaca que se tivesse recebido apoio da universidade ou de qualquer outro órgão teria continuado na prática. Explica que aos dezessete anos teve que escolher entre apenas concluir o ensino médio e continuar treinando judô, ou estudar para ser aprovado no vestibular. Cita que como neste momento não enxergava a possibilidade de um retorno financeiro por meio do esporte escolheu parar com os treinos e se dedicar aos estudos visando ser aprovado no vestibular de uma universidade pública, porém tinha o pensamento de retomar os treinos quando ingressasse na universidade. Porém ao começar o curso superior na universidade pública percebeu que não havia condições de conciliar os estudos e os treinos, e que por isso teve que desistir da sua carreira esportiva. Menciona que não existia nenhum tipo de bolsa para atleta, nem apoio para participar de competições e nem professor para ministrar os treinos. Cita que não recebia incentivo e nem reconhecimento da universidade, fato que o deixou chateado e desmotivado. Comenta que fez intercâmbio na Alemanha e experimentou algo oposto. Menciona que na universidade que estudou recebeu um tratamento especial por ser atleta e por apresentar resultados expressivos. Cita que lá existia a estrutura necessária para o desenvolvimento da modalidade e que recebia o reconhecimento de suas conquistas e era incentivado na sua carreira esportiva, até financeiramente. Menciona que lá percebeu que é possível conciliar esporte e estudos. Cita que este é o principal motivo pelo qual o Brasil não se destaca no cenário esportivo mundial, pois o atleta chega na universidade e não recebe nenhum incentivo para continuar praticando o esporte. E4 acredita que no Brasil não faltam pessoas talentosas, falta apenas o apoio adequado principalmente das universidades.</p>

Entrevistado 5	<p>Cita que foi aos vinte anos que parou de treinar visando o esporte profissional, quando já estava desgastado e desmotivado com a modalidade e seus pais se separaram, acrescenta que nesta fase também teve alguns problemas envolvendo seu pai. Complementa que este foi o momento que decidiu abandonar a modalidade definitivamente. Explica que no final de sua trajetória esportiva não conseguia mais apresentar os resultados que tinha no início. Menciona que sempre disputava os campeonatos em igualdade com os seus rivais, mas que com o passar do tempo suas marcas foram ficando inferiores as deles, e esta diferença foi aumentando cada vez mais. Destaca que isto foi causando desânimo e complementa que aos poucos foi parando de acreditar em si mesmo; no final não se via mais como um futuro atleta e foi deixando de desejar isto para a vida dele. Aponta como fato crucial de sua desistência um motivo pessoal relacionado a separação de seus pais e algumas coisas que descobriu que não o agradaram em relação ao seu pai, que havia sido seu maior incentivador no início da prática. Cita que depois destes fatos se sentiu desmotivado e quis se afastar completamente do atletismo, porém percebeu que não precisava ser tão radical, cita que após um período decidiu voltar para a modalidade, no entanto não teve mais vontade de treinar visando o esporte profissional.</p>
Entrevistado 6	<p>Afirma que foi aos dezesseis anos. E6 comenta que parou de treinar devido aos fatos já citados anteriormente, como a “politicagem” do esporte e também porque seu time não quis assinar o contrato com ela devido ao intercâmbio de três meses. Cita também o medo de continuar jogando e não se dedicar aos estudos, visto que estava nas vésperas de prestar vestibular. Destaca a insegurança em continuar somente com basquete e depois por algum motivo político ou de lesão não poder viver do esporte. Comenta também que já se sentia cansada. Cita como crucial no seu processo de abandono da modalidade o fato de não ser convocada novamente para a seleção brasileira. Cita que na sua primeira passagem a técnica afirmou que a convocaria novamente, visto que ela ainda teria idade para a seleção sub-15 no ano seguinte, porém neste período ocorreram mudanças na comissão técnica e segunda ela sua convocação não por causa de motivos políticos e também devido aos conchavos formados pelos clubes “poderosos”. Complementa que neste período também já estava desanimada e cansada com o esporte. Também menciona como ponto decisivo o fato de querer fazer um intercâmbio de três meses nos Estados Unidos e seu clube do interior paulista, não aceitar esta situação, visto que eles queriam assinar um contrato com ela de um ano, e por causa deste intercâmbio, que já estava programado, o contrato teria que ser de seis meses. Afirma que eles não entraram em acordo e então ela teve que optar entre o intercâmbio e o contrato, e acabou optando pelo intercâmbio</p>

	<p>e o contrato não foi assinado. Diz que neste tempo começou a comparar as oportunidades que estava tendo com o basquete e as oportunidades que teria, caso se dedicasse mais aos estudos e chegou à conclusão que os estudos seriam a melhor opção para ela, e a partir deste momento parou de objetivar chegar ao esporte profissional, e passou a ter o basquete como hobby. Cita ainda que recebeu um convite para jogar por uma universidade americana, mas diz que já havia passado da fase e que não tinha mais vontade de se dedicar ao basquete. E ainda complementa que no Brasil é impossível conciliar os estudos e o esporte.</p>
<p>Entrevistado 7</p>	<p>Cita que parou de treinar almejando o esporte profissional aos dezessete anos, quando ingressou na universidade. Explica que nesta fase um dirigente de seu time, após dois anos de treinamento, fez uma reunião com seus pais, para falar que ele não estava rendendo o tanto que eles desejavam. Destaca que este dirigente falou para seus pais que E7 era com certeza o mais dedicado, esforçado e o que treinava mais, mas que isso não significava que ele era o melhor. Após esta reunião seus pais contaram-lhe o que tinha acontecido, e assim ele confirmou o que estava sentido, que por mais que se dedicasse não chegaria a ser o melhor. Cita que neste momento poderia dar um passo atrás e ir para outros times um pouco menores, mas que também tinham um bom nível e disputavam o campeonato paulista, mas segundo ele por mais que se esforçasse não chegaria ao nível de alguns meninos que de acordo com ele já nascem com uma predisposição para o esporte. Acrescenta que nesta época também passou no vestibular e teve que optar entre continuar tentando no vôlei ou abandonar para estudar, e cita que com base nas suas experiências e por perceber que sempre seria bom, mas nunca seria o melhor, optou por ingressar na universidade. Cita que este abandono do esporte lhe ensinou a lição de que nem tudo na vida acontece conforme o planejado, e também que quando algo não está dando certo tem que se tentar mudar de objetivo.</p>
<p>Entrevistado 8</p>	<p>Cita que parou de treinar visando o esporte profissional aos vinte anos quando pediu dispensa da seleção brasileira. E8 comenta que o comportamento antiético de alguns técnicos, o tratamento diferenciado que recebia em algumas equipes pelo fato de ser um destaque e as dificuldades de convívio em grupo, foram fatores que influenciaram nesta decisão de abandonar a modalidade. Porém, acrescenta que o ponto final, o motivo pelo qual abandonou a modalidade foi perceber o domínio da parte política no esporte, que segundo E8 supera o trabalho e o desempenho do atleta. Cita que após vivenciar algumas situações neste contexto político do esporte, notou que para se manter no nível profissional da modalidade teria que tomar decisões que iriam contra os seus princípios. Cita que estas situações a fez perder o prazer</p>

	<p>de jogar e levaram ao abandono da modalidade. Explica que havia sido convocada novamente para a seleção brasileira e estava treinando visando o campeonato mundial júnior. Neste mesmo período atuava por uma equipe de Minas e estava disputando dois campeonatos de nível estadual. Destaca que seu time tinha chegado à final das duas competições, e que sua técnica ligou pra ela pedindo que participasse destes dois jogos, porque isto fazia parte dos objetivos de sua contratação. Cita que ao saber desta situação um dirigente da seleção conversou com ela e disse que não poderia dispensá-la nestes dois dias porque estava na fase final de treinamento e que isto não seria um problema para ela porque estava prestes a se mudar para um clube de São Paulo. Porém E8, cita que ficou decepcionada com esta conversa, visto que várias meninas de clubes paulistas já tinham saído mais de cinco vezes para disputar jogos do campeonato estadual que ainda nem estava na fase decisiva. Acredita que esta permissão acontecia por causa da força política dos clubes do estado de São Paulo, e, também pelo apoio financeiro que na época alguns times forneciam para as viagens e fases de treinamento da seleção. Comenta que não poderia abandonar o seu clube naquele momento, pois tinha um compromisso, moral e contratual, com ele, e, além disso, este pagava seu salário e contribui para o reconhecimento dela como atleta de destaque no cenário nacional, e acrescenta que foi devido aos campeonatos que disputou com essa equipe que foi novamente convocada para a seleção brasileira. E8 cita que explicou isto para o dirigente, mas que este foi irredutível e afirmou que se ela pedisse dispensa nunca mais seria convocada. Cita que novamente a parte política superou os seus esforços como atleta, e que por causa deste fato e também de outras situações que vivenciou nos clubes e na primeira passagem pela seleção, percebeu que para se manter no esporte profissional teria que passar por cima de valores pessoais, o que não achava certo. Então neste momento pediu dispensa da seleção e foi jogar as finais com o seu clube. Cita que este foi um motivo final para o abandono, e que depois disso mudou seu objetivo de vida e decidiu continuar com o handebol apenas como lazer.</p>
--	---

4.1.2.13.2 Análise Inferencial Individual

Entrevistado 1

Observa-se que E1 parou de treinar almejando o esporte profissional aos dezenove anos, e notamos que este foi um fato triste e frustrante para ele. Infere-se que E1 teve que decidir se a sua prioridade naquele momento seria o estudo ou o esporte, e acabou optando pelo estudo. Percebe-se que E1 na época só enxergava essa opção como possibilidade, no entanto se arrepende desta decisão até

hoje, pois acredita que poderia ter evoluído mais no esporte. Infere-se a partir disso que a entrada numa universidade, ou seja, a continuidade nos estudos foi o fator determinante para o abandono da modalidade. Infere-se que este fator foi incompatível com a continuidade da prática na transição para a vida adulta. Infere-se também, que provavelmente não houve nenhum tipo de acompanhamento em relação aos sentimentos do sujeito, visto que este não foi preparado para a possibilidade de não atingir o esporte profissional, o que gerou nele um sentimento de frustração, e também não foi levado em consideração à vontade dele no momento da desistência, pois observamos em sua fala que, apesar de poder escolher entre parar ou continuar, a sociedade ao seu redor indicava que ele tinha somente a opção de parar. Inferimos assim que o principal motivo que o levou a abandonar o esporte foi a pressão familiar e social em relação ao seu papel na sociedade no momento de transição para a carreira adulta, e infere-se também aqui a incompatibilidade entre esporte e a continuidade nos estudos, visto que teve que escolher entre um ou outro.

Entrevistado 2

Nota-se que E2 parou de treinar visando o esporte profissional aos dezoito anos. Inferimos que o principal aspecto que fez a entrevistada abandonar a modalidade foi a decepção e a frustração relacionada ao corte da seleção nacional, que ocorreu sem nenhum tipo de explicação, depois de um longo período de treinamento, esforço e dedicação exclusiva ao esporte. Infere-se ainda que este fato foi o ponto final de sua carreira esportiva, porém as características deste período de treinamento também contribuíram para este desfecho. Nota-se que ser cortada da seleção brasileira, depois de um longo período de treinamento foi o principal fator que levou E2 a abandonar o esporte. Inferimos que esta decepção gerada pelo corte foi o ponto final na carreira da entrevistada, porém inferimos que várias experiências vivenciadas durante o seu processo de formação, principalmente no período de seleção nacional, contribuíram para este desfecho, dentre ele podemos destacar a cobrança exagerada que causava sentimento de pressão, a pouca participação em competições pelo fato de ser reserva da equipe, a falta de acompanhamento de outros aspectos além da parte, física e técnica, a falta de valorização e reconhecimento de seu esforço e de sua evolução na modalidade e principalmente o distanciamento entre ela e a técnica e a ausência de *feedbacks*, fato significativo neste processo de abandono, que fica evidente no momento de seu corte, pois não foi informada sobre o motivo de seu desligamento e ainda não teve nem coragem de perguntar o porquê desta decisão. Infere-se ainda que todas estas situações provocaram na entrevistada um desgaste físico e emocional com a modalidade e contribuíram para o abandono. Inferimos também que houve a incompatibilidade entre esporte e a continuidade nos estudos, visto que considera impossível conciliar estes dois elementos e que optou pelos estudos visando construir um futuro mais seguro.

Entrevistado 3

E3 parou de treinar visando o esporte profissional aos dezessete anos e inferimos que isto se deu principalmente devido à falta de uma estrutura necessária para o desenvolvimento da natação em sua região. Infere-se também este aspecto foi somada a incompatibilidade entre esporte e a continuidade nos estudos, visto que teve que escolher entre um ou outro, e preferiu os estudos por

que não tinha condições adequadas para continuar com os treinamentos. Inferimos ainda que a falta de apoio técnico, de suporte financeiro também foram fatores que levaram o entrevistado a abandonar a modalidade. Inferimos que a falta de apoio familiar também exerceu importante influência neste processo de abandono, pois durante todo processo de formação do entrevistado, sua família nunca valorizou a importância do esporte na sua vida e nem reconheceu sua evolução na modalidade, e também não levou em consideração os anseios e objetivos que E3 tinha dentro deste contexto. Estes fatos contribuíram para que o entrevistado no momento de transição para a vida adulta optasse pela continuidade nos estudos, aspecto que era valorizado pela sua família. Aqui inferimos também que houve incompatibilidade entre a continuidade na carreira esportiva e os estudos, pois teve que abandonar o esporte para se dedicar aos estudos.

Entrevistado 4

Inferimos que o entrevistado abandonou o treinamento visando o esporte profissional aos dezessete anos, na fase de transição para a vida adulta, devido a incompatibilidade entre os estudos e a carreira esportiva e também por causa da falta de apoio moral e financeiro para a continuidade na prática. Infere-se ainda que o desinteresse pelo esporte, por parte da instituição de ensino superior que o sujeito ingressou, também contribui para este processo de abandono. Inferimos que os fatores que levaram o entrevistado a abandonar a modalidade visando o esporte profissional foram a falta de valorização e reconhecimento de sua dedicação e desempenho, e também a ausência de incentivo, técnico e financeiro para a continuidade na prática no momento de transição para carreira adulta. Inferimos ainda que a continuidade nos estudos foi incompatível com seu processo de treinamento, pois nesta fase teve que optar entre um ou outro. Inferimos ainda que a universidade também exerceu influência neste processo de abandono, pois nesta E4 não recebeu nenhum tipo de suporte para continuar treinando, fato que acarretou em sensação de desânimo e o fez desistir definitivamente do esporte. Nota-se ainda que E4 julga que no Brasil é impossível conciliar a carreira esportiva com os estudos. Infere-se que para o entrevistado a falta de apoio adequado das universidades é um dos principais problemas do esporte brasileiro.

Entrevistado 5

Nota-se que E5 abandonou o esporte aos vinte anos. Inferimos que nesta idade o entrevistado já estava esgotado tanto fisicamente, quanto emocionalmente e desestimulado com a modalidade, devido a uma série de fatores que estiveram presentes em seu processo de treinamento, como, por exemplo, a especialização precoce, a falta de acompanhamento técnico adequado e de sistematização e organização dos treinamentos no início da carreira, o excesso de cobrança na segunda fase de treinamento, e a valorização apenas do resultado imediato da competição e não de seu aspecto motivador e formador durante o processo. Inferimos que isto somado a decepção que teve, neste momento da vida, com a conduta de seu pai, indivíduo que era seu técnico e também o seu maior incentivador, levaram E5 a abandonar a modalidade. Inferimos que a frustração com o mau desempenho em competições foi o principal fator que levou E5 a abandonar a modalidade. Inferimos que os resultados expressivos alcançados logo no início da prática, e a supervalorização destes por parte dos pedagogos esportivos envolvidos neste contexto, levaram o sujeito a criar expectativas em relação ao seu futuro que quando não foram atendidas culminaram em desânimo e

sentimento de inferioridade. Inferimos ainda que não foi estimulado com o entrevistado o sentido formativo da competição, pois este tinha uma preocupação exagerada relacionada apenas com os resultados dos eventos. Inferimos ainda que, o processo de treinamento pelo qual o entrevistado passou principalmente no momento de sua iniciação esportiva, apresentou falhas, dentre as quais podemos destacar, falta de acompanhamento até mesmo físico e técnico e a não sistematização e organização dos treinos, que contribuíram para este mau desempenho em competições e, conseqüentemente, para o seu processo de desmotivação com a prática. Infere-se ainda que uma decepção que teve com seu pai, que foi o seu principal motivador no início da prática, também exerceu influência neste processo de abandono da modalidade.

Entrevistado 6

E6 parou de treinar visando o esporte profissional aos dezesseis anos. Inferimos que esta decisão de abandonar o basquete se deu pela decepção que teve com os aspectos políticos que envolvem o esporte e pela insegurança que tinha em relação às condições de vida que teria se optasse por continuar na prática, pois afirma que tinha medo de não se dedicar aos estudos e depois não conseguir viver do basquete. Inferimos aqui também que a incompatibilidade da carreira esportiva com a dedicação aos estudos somada a estes fatores citados anteriormente foram cruciais para este abandono. Nota-se ainda que aos dezesseis anos a entrevistada já se encontrava cansada com a prática. Inferimos que as experiências negativas relacionadas aos fatores políticos do esporte contribuíram para este desânimo, porém outras características do processo de treinamento de E6 também podem ter contribuído para este esgotamento precoce, como, por exemplo, a falta de acompanhamento técnico, organização e sistematização de treinamento durante dois anos de sua formação, e também o fato de não ter vivenciado muitas experiências além do contexto esportivo. Inferimos que o motivo principal que levou a entrevistada a abandonar a modalidade foi a força política envolvida neste contexto, que gerou em E8 sentimentos de cansaço, desânimo, frustração e a sensação de que o esforço, a dedicação e o desempenho esportivo não eram suficientes para sua evolução dentro do esporte. Este tipo de experiência, que foi desgastante para a entrevistada, fica evidenciado ao citar que não foi convocada novamente para a seleção brasileira devido à influência de clubes que tinham um maior poder político e financeiro. Infere-se ainda que, no momento de transição para carreira adulta, quando assinaria seu primeiro contrato, outros dois fatores foram determinantes neste processo de abandono. Primeiro a percepção de que mesmo se continuasse no basquete e conseguisse permanecer no nível profissional da modalidade teria poucas oportunidades de crescer e se realizar profissionalmente. O outro ponto está ligado a incompatibilidade do esporte com sua continuidade nos estudos, o que fica evidenciado quando diz que no Brasil é impossível conciliar as duas coisas.

Entrevistado 7

Nota-se que o entrevistado parou de treinar visando o esporte profissional aos dezessete anos, quando ingressou na universidade. Inferimos que a continuidade nos estudos foi incompatível com o processo de treinamento esportivo do entrevistado, pois teve que optar entre um ou outro. Podemos inferir também com base nesta e nas questões anteriores que E7 preferiu a universidade porque passou por um processo desestimulante, que lhe retirou o prazer que sentia com a prática do

esporte e provocou nele um esgotamento físico e emocional. Inferimos que o entrevistado abandonou a modalidade devido a percepção de incapacidade e de baixo desempenho. Inferimos que essa impressão de que nunca conseguiria ser bom o suficiente foi proveniente de seu corte da equipe, e também de todas as experiências negativas que passou durante dois anos de treinamento nesta, das quais podemos destacar a pouca participação em jogos, o excesso de pressão, a forma grosseira como o técnico transmitia os *feedbacks*, a falta de acompanhamento de outros aspectos além da parte, física, técnica e tática, a falta de oportunidade de vivenciar situações competitivas no momento de seu auge, o fato de não haver a valorização do processo de formação a longo prazo e a cobrança exacerbada por desempenho e resultados imediatos. Infere-se ainda que, todas estas situações provocaram no entrevistado um desgaste físico e emocional com a modalidade e contribuíram para esta sensação de inferioridade. Ao falar que por mais que se dedicasse não atingiria o patamar de alguns meninos, que segundo ele nascem com uma predisposição para o esporte, podemos inferir que E7 acredita que existem indivíduos talentosos que apresentam certas características que facilitam o seu bom desenvolvimento em determinada atividade. Inferimos ainda que, houve incompatibilidade entre o esporte e a continuidade nos estudos, pois teve que optar entre continuar tentando no voleibol ou abandonar para ingressar numa universidade.

Entrevistado 8

E8 parou de treinar visando o esporte profissional aos vinte anos. Inferimos que o principal motivo que levou a entrevistada a abandonar o treinamento visando o esporte profissional foi a percepção do domínio político no esporte. Nota-se que a frustração relacionada à sensação de que existem forças políticas e financeiras que superam esforço, dedicação, trabalho e desempenho, foi um aspecto crucial neste contexto. Infere-se também que aspectos diretamente relacionados a figura de alguns técnicos também contribuíram para este processo de abandono, tais como apresentar conduta antiética na condução dos trabalhos, e tratar de forma desigual meninas de uma mesma equipe. Nota-se que estas situações fizeram E8 perder o prazer pela modalidade e influenciaram diretamente no seu processo de abandono do esporte. Infere-se que o fato de se desligar da equipe nacional no momento em que foi impedida de disputar alguns jogos pela sua equipe de Minas Gerais, segundo ela devido a fatores políticos, refletiu toda a frustração e o desgaste que já carregava de outras vivências similares. Nota-se que está percepção de que para se manter no esporte, além de continuar aceitando este tipo de conduta, teria que passar por cima de seus valores pessoais, foi um fator que influenciou nesta decisão de abandono da modalidade. Inferimos que esta decepção com o ambiente esportivo foi crucial na sua decisão de tentar mudar de objetivos e levar o handebol apenas como prática de lazer. Infere-se ainda que a continuidade de E8 na modalidade foi incompatível com seus princípios e caráter, que segundo ela havia sido formado com a contribuição do esporte.

4.1.2.13.3 Análise Inferencial Coletiva

O abandono é resultante das falhas do processo de formação, da não

valorização do treinamento a longo prazo e do desrespeito as características, necessidades e vontades do jovem considerado talentoso. Vários motivos foram destacados pelos entrevistados como determinantes para o abandono do processo de treinamento visando o esporte profissional. Dentre estes podemos destacar: a decepção com a família ou com um pedagogo esportivo que exerceu importante influencia durante o processo de formação do sujeito; o desligamento de uma equipe após um longo período de esforço e dedicação; a falta de suporte técnico e familiar no momento de transição para a vida adulta; a falta de estrutura necessária para continuidade na prática; a insegurança e a perspectiva financeira negativa relacionada ao futuro esportivo; a falta de um suporte financeiro adequado; a falta de apoio moral e reconhecimento; a cobrança social relacionada ao papel do sujeito na sociedade no momento de transição para a vida adulta; a falta de incentivo da universidade para a continuidade dos treinamentos; a queda no rendimento em competições; o sentimento de inferioridade em relação aos outros atletas; o fato de o sujeito não entrar em acordo com um clube no momento de assinar um contrato; o comportamento antiético de pedagogos esportivos envolvidos no esporte; as dificuldades de convivência em grupo, que muitas vezes são estimuladas pela conduta dos técnicos; a percepção de que a parte política domina o esporte e é superior ao esforço, a dedicação e ao desempenho do atleta; e principalmente a incompatibilidade do esporte com os estudos. Nota-se que, para este grupo de entrevistados, é impossível conciliar a continuidade nos estudos e o processo de treinamento, ou seja, na atual realidade brasileira em um determinado momento da vida o indivíduo, segundo o grupo de sujeitos que participou deste estudo, tem que optar entre um dos dois. Assim o jovem é colocado diante de duas situações: arriscar-se a seguir a carreira, mesmo que o suporte financeiro, técnico e social não seja suficiente, ou abandonar a modalidade e prosseguir com os estudos almejando um futuro mais seguro. Assim, percebemos que é disponibilizado aos possíveis talentos esportivos um prazo definido para que estes atinjam um patamar de destaque que poderia lhe proporcionar alguma segurança em relação ao seu futuro no esporte. Porém notamos nas vivências dos entrevistados que o tal limite de tempo estipulado pela sociedade não é compatível com o processo de treinamento a longo prazo, visto que a idade em que o jovem tem que se decidir entre continuar ou parar devido aos estudos, geralmente não respeita o processo de desenvolvimento do indivíduo, que ainda se encontra em processo de formação visando o esporte

profissional, muito menos o alcance do seu ápice no momento adequado na modalidade. Isso fica evidenciado quando os entrevistados afirmam em questões anteriores que estavam no seu auge no momento em que tiveram que abandonar os treinamentos, ou seja, eles ainda estavam em processo de evolução dentro da modalidade. Assim, percebemos que a incompatibilidade com os estudos foi um dos motivos principais que levaram os jovens a abandonar o processo de treinamento, porém notamos que este fato é apenas a culminância de um processo de treinamento que privilegiou o alcance de resultados em categorias menores e não visou à formação do possível sujeito talentoso para as categorias adultas, pois notamos que os pedagogos esportivos que apóiam os indivíduos considerados talentosos e os incentivam a objetivar o alcance do esporte profissional, na fase de transição para as categorias adultas, não fornecem o suporte necessário para a continuidade do jovem na prática. Nota-se que algo semelhante acontece com a família que inicialmente incentiva, ou, pelo menos, permite que os jovens se dediquem intensamente e invistam a maior parte de seu tempo na prática esportiva, e depois no momento de transição para a vida adulta, fase na qual deveriam fornecer o suporte necessário para que os jovens pudessem decidir os rumos da sua vida de maneira autônoma e consciente, preferem não levar em consideração os desejos e objetivos deste e se juntar a sociedade para cobrar e determinar o que será melhor para o indivíduo envolvido na prática. Assim, a pressão familiar e social em relação ao papel do indivíduo na sociedade no momento de transição para a carreira adulta, se torna um dos principais motivos que levam o jovem a abandonar o esporte. Percebemos que estes motivos já citados foram os pontos finais das trajetórias esportivas dos entrevistados, porém destacamos que este abandono não aconteceu somente devido a estes fatores, visto que eles são reflexos de um processo de treinamento que apresentou falhas que exerceram influência neste contexto. Isso ficou evidente quando percebemos que em idades precoces, entre dezesseis e vinte anos, os entrevistados já sentiam cansados, desgastados e esgotados fisicamente e emocionalmente com a modalidade. Ou seja, este motivo final foi determinante para o abandono, mas algumas características do processo de formação dos entrevistados, que já foram mencionadas no decorrer das análises das questões anteriores, contribuíram para este desfecho.

4.1.2.14 Você acredita que algum aspecto do treinamento pelo qual você passou

prejudicou o seu desempenho esportivo? O que o leva a pensar assim?

4.1.2.14.1 Descrição Analítica Individual

Entrevistado 1	Acredita que sim. Menciona o fato de treinar sozinho. Cita que se tivesse sido incentivado a treinar com outras pessoas, jogar mais e sair mais da academia seria importante. Pensa que seu técnico tinha medo de perdê-lo para outros, tanto que no Brasil, ele só o deixava treinar com outro técnico, se este fosse de confiança dele. Enfim, ressalta que esta restrição e dependência, talvez tenha sido prejudicial, pois considera que por causa desta situação não teve muitas experiências. Além disso, julga que também deveria ter existido um melhor acompanhamento “mental”; cita como exemplo deste acompanhamento, uma maior preocupação sobre o que ele estava sentindo. Acredita que se tivesse sido mais bem amparado neste sentido, conseguiria ter superado alguns problemas como atleta mais facilmente.
Entrevistado 2	Menciona que talvez a falta de um apoio psicológico tenha prejudicado seu desempenho. Comenta também que o fato de estar o tempo inteiro brigando pelo seu lugar era um fator prejudicial. Além disso, E2 teve uma lesão no joelho aos quinze anos, o que a deixou insegura nos treinamentos, e acredita que esta lesão talvez tenha sido um dos motivos para o “corte” dela da seleção.
Entrevistado 3	Acredita que não, porque ele conhecia o treino de outros meninos e notava que todos tinham quase o mesmo padrão que o dele. Porém cita que em alguns lugares a infraestrutura era ideal para a prática, principalmente nos grandes clubes das capitais, e acredita que isto fazia com que os meninos destas equipes tivessem um rendimento melhor.
Entrevistado 4	Cita que em algumas situações faltou um suporte psicológico. Menciona que percebeu isso quando seu amigo faleceu. Destaca que vários amigos pararam de treinar por este motivo.
Entrevistado 5	Acredita que a primeira fase de treinamento em sua cidade possa ter prejudicado sua formação esportiva, pois já foi desgastado para a sua segunda fase de treinamento. Cita que não estava preparado, nem tecnicamente e nem fisicamente da forma que deveria estar para conseguir suportar um nível mais avançado de treinamento. Acredita que se tivesse passado por um melhor treinamento na fase de iniciação poderia ter alcançado um melhor desempenho posteriormente, e até mesmo poderia ter chegado ao esporte profissional. Hoje pensa também que o fato de ter se especializado desde o início da prática nas provas de arremesso de peso e lançamento de disco, pode também ter dificultado a evolução do seu

	desempenho. Pois segundo ele a especialização precoce prejudica no ápice do atleta.
Entrevistado 6	Acredita que o fato de ter ficado dois anos longe do seu time do interior de São Paulo dificultou sua evolução esportiva. E6 menciona que os treinos que recebeu neste período não agregaram tanto quanto os treinos recebidos pelas meninas que continuaram no clube do interior de São Paulo. Pensa isso porque comparava seu desempenho nos dois lugares e notava que no interior de Minas ele era inferior.
Entrevistado 7	Acredita que não, menciona que tudo o que passou contribui para sua evolução na modalidade.
Entrevistado 8	Cita que por um dos clubes que passou o treinamento não era adequado as competições que estava disputando. Comenta que a carga e a intensidade dos treinos eram baixas, e a parte técnica e tática era ultrapassada. Comenta que sabia disso porque já tinha vivenciado treinamentos mais adequados em outros clubes. Porém não podia sair, devido a multa que deveria pagar caso quebrasse o contrato. Cita que este foi um ano perdido no seu processo de desenvolvimento.

4.1.2.14.2 Análise Inferencial Individual

Entrevistado 1

Infere-se como características negativas do processo de treinamento do entrevistado os fatos de ter treinado sozinho, ter jogado pouco, e ter permanecido no mesmo local de treinamento durante um longo período. Observa-se que o entrevistado destaca o medo do seu técnico em perdê-lo como um motivo que pode ter levado a estes fatos. Infere-se com isto que não foi dada ao jovem a oportunidade de vivenciar experiências novas e estímulos diferentes, ou seja, seu processo ficou restrito a um único técnico, processo de treinamento e ambiente, assim houve pouca diversidade neste contexto, tanto em relação ao esporte quanto fora dele, a partir disto infere-se que isto pode ter prejudicado o seu desenvolvimento técnico, tático, psicológico, entre outros, e, conseqüentemente ter contribuído para o processo de desistência da modalidade. Além disso, ele cita que sentiu falta de um melhor acompanhamento em relação aos seus sentimentos. Aqui se infere que durante este processo de treinamento pelo qual passou, foram enfatizadas apenas as possibilidades esportivas do atleta, e que poucas vezes, foram levados em consideração os sentimentos e vontades deste ser humano que poderia vir a desenvolver essas tais possibilidades.

Entrevistado 2

Nota-se que a falta de um apoio psicológico, e o fato de ser reserva e estar constantemente tentando conquistar seu lugar na equipe, foram aspectos do processo de formação da entrevistada que podem ter prejudicado sua evolução no esporte. A partir disso inferimos que a entrevistada sentiu falta de um acompanhamento não só psicológico, mas também de seus sentimentos e

desejos, visto que durante seu processo de formação E2 foi tratada somente como atleta, e não como um ser humano em fase de desenvolvimento. Nota-se que este foi um aspecto significativo, que segunda a entrevistada prejudicou seu desempenho. Infere-se ainda que pelo fato de ser reserva, vivenciou poucas experiências competitivas durante um longo período de sua formação, e, além disso, esta luta constante pela titularidade contribuía para o aparecimento de dificuldades no convívio e também para uma competitividade interna exagerada; fatores que podem ter prejudicado o processo de formação da entrevistada. Nota-se ainda que uma lesão que E2 teve aos quinze anos gerou insegurança e também prejudicou seu desenvolvimento no esporte.

Entrevistado 3

Nota-se que o entrevistado considera que seu processo de treinamento foi adequado pois seus treinos eram similares aos de outros meninos que conhecia. Percebe-se que para E3 o diferencial do seu treino para o treino de nadadores de grandes clubes era a infraestrutura. Infere-se que a falta desta estrutura adequada para a prática na sua região foi um aspecto que pode ter prejudicado sua evolução no esporte.

Entrevistado 4

Nota-se que o entrevistado destaca que a falta de um suporte psicológico pode ter prejudicado seu desempenho esportivo. Infere-se que o entrevistado além do apoio psicológico também sentia falta de um acompanhamento mais próximo, que levasse em consideração aspectos além do esporte, isso fica evidenciado quando cita que sentiu falta deste apoio psicológico quando seu amigo faleceu e que vários amigos pararam de treinar por causa disso.

Entrevistado 5

Inferimos que a falta de um treinamento cientificamente organizado e sistematizado nas fases de iniciação e especialização dificultou o processo de desenvolvimento esportivo do entrevistado, pois este afirma que já chegou desgastado para sua segunda fase de treinamento e que não estava preparado, nem tecnicamente e nem fisicamente para suportar um nível mais avançado de treinamento. Inferimos também que este processo de iniciação e especialização apresentou falhas cruciais, tais como valorização dos resultados imediatos, falta de acompanhamento físico e técnico, que prejudicaram E5 nas fases posteriores de treinamento. Nota-se ainda que E5 se especializou precocemente dentro da modalidade, pois desde o início da prática só vivenciou treinos específicos direcionados as provas de arremesso de peso e lançamento de disco. Infere-se aqui que esta especialização precoce dentro do próprio esporte também prejudicou seu desempenho esportivo em fases mais avançadas de sua formação, pois E5 afirma que a especialização precoce é um elemento que prejudica o ápice do atleta.

Entrevistado 6

Nota-se que a entrevistada acredita que o período de treinamento pelo qual passou durante os dois anos que ficou longe do seu clube em São Paulo, prejudicou o seu processo de formação. Aqui inferimos que algumas características desta fase de treinamento, tais como, o mau relacionamento com o técnico e com a equipe, a falta de organização e sistematização dos treinos e o baixo nível das competições, podem ter prejudicado o desenvolvimento esportivo da entrevistada.

Entrevistado 7

E7 acredita que nenhum aspecto do seu treinamento prejudicou sua evolução no esporte.

Entrevistado 8

Observa-se que a entrevistada vivenciou um ano de treinamento que não era adequado as competições que estava disputando. Infere-se que o fato de treinar um ano com carga e intensidade de treinos abaixo do nível que já se encontrava, e com a parte técnica e tática que não condizia à situação atual da modalidade, provavelmente porque os pedagogos esportivos envolvidos neste contexto não planejavam os treinos cientificamente e nem buscavam novos conhecimentos, foi um fator desestimulante na trajetória da entrevistada que pode ter dificultado seu processo de desenvolvimento esportivo, pois afirma que este foi um ano perdido no seu processo de formação.

4.1.2.14.3 Análise Inferencial Coletiva

O técnico, além de organizar, sistematizar, embasar cientificamente seus treinos e buscar novos conhecimentos, deve também ser atento a todos os fatores envolvidos no cotidiano da criança e do jovem em processo de formação. Nota-se, com exceção de E7, que todos os entrevistados consideram que algum aspecto durante o seu processo de treinamento prejudicou a evolução de seu desempenho dentro da modalidade. Percebemos que estes aspectos estão ligados geralmente a algum período do processo onde os treinos, na visão dos sujeitos, não eram conduzidos da forma adequada. Fica evidenciado que a falta de um treinamento cientificamente organizado e sistematizado nas fases de iniciação e especialização pode dificultar o processo de desenvolvimento esportivo do sujeito, e além de limitar suas possibilidades de evolução no esporte, pode também ser motivo de esgotamento com a modalidade. No caso de E5, por exemplo, as falhas do processo de iniciação e especialização, vinculadas a valorização exagerada dos resultados imediatos no início da carreira e também a falta de um acompanhamento técnico adequado, acarretaram em sentimento de desgaste com a modalidade e geraram deficiências que impossibilitaram a evolução do sujeito em níveis mais avançados de treinamento. Outra falha destacada por E5 foi a especialização precoce dentro da própria prática, que restringiu o seu processo de aprendizado a apenas uma parte da modalidade, ou seja, foi negada a ele a oportunidade de conhecer o novo e a modalidade como um todo. Percebemos que isto pode limitar o repertório motor, técnico e tático, dos sujeitos, o que pode vir a fazer falta em categorias mais avançadas. É notório que quando os técnicos não planejam, não organizam, não embasam seus treinos cientificamente e não buscam novos

conhecimentos, além de promoverem práticas desestimulantes, estes também podem desacelerar ou até mesmo prejudicar a progressão dos jovens na modalidade, mesmo em fases mais avançadas do processo de treinamento. Isto fica claro nas vivências de E6 e E8, que em determinado momento de sua trajetória esportiva vivenciaram este tipo de experiência e associaram esta situação à um tempo perdido de treinamento. Observamos ainda que o fato de treinar durante um longo período com um único técnico e ficar restrito há um único processo e ambiente de treinamento, também pode ser prejudicial para os jovens atletas. No caso de E1, por exemplo, esta situação foi relacionada a falta de oportunidades de vivenciar experiências novas e estímulos diferentes, assim houve pouca diversidade neste contexto, tanto em relação ao esporte quanto fora dele, o que pode ter prejudicado o desenvolvimento técnico, tático, psicológico do entrevistado. Nota-se também que outros elementos tais como, a competitividade interna exagerada, a falta de jogos durante os treinos, o relacionamento inadequado com o técnico e com a equipe, o fato de treinar sozinho também foram considerados aspectos negativos durante o processo de formação. Portanto os pedagogos esportivos envolvidos neste contexto devem ficar atentos a estes aspectos. A falta de apoio psicológico, de valorização dos sentimentos e de um acompanhamento mais próximo em relação aos outros aspectos além dos diretamente ligados ao esporte, foi outro ponto destacado pelos entrevistados. Fica claro que quando são enfatizadas apenas as possibilidades esportivas do atleta, e não são levados em consideração os sentimentos e as vontades do jovem como um todo, são gerados problemas que podem prejudicar a evolução do desempenho dos jovens durante o processo de formação. Assim, o pedagogo esportivo deve estar atento a todos os fatores envolvidos no cotidiano do atleta. É necessário levar em consideração toda a complexidade relacionada com a prática, pois quando o objetivo principal é apenas o desenvolvimento e o aperfeiçoamento técnico e tático de forma isolada, sem levar em consideração a cultura e as necessidades do ser praticante, podem ser gerados danos que além de prejudicar o processo de formação integral do sujeito, contribuem para o esgotamento físico e emocional com a modalidade e, conseqüentemente, influenciam na decisão de abandonar o esporte.

4.1.2.15 Quais fatores, além dos treinamentos, influenciaram nesta de decisão de abandonar a modalidade?

4.1.2.15.1 Descrição Analítica Individual

Entrevistado 1	Considera a idade e o seu papel na sociedade. Comenta que com dezenove anos não dava mais para ficar brincando de tênis, tinha que decidir a sua vida. Complementa que pesou o fato de levar em consideração o que a sociedade pensava dele, e qual seria o seu papel nesta para a sua idade.
Entrevistado 2	Comenta que quando voltou para São Paulo não queria mais treinar, pois estava decepcionada com o “corte” da seleção, mas mesmo assim ainda treinou um ano devido a insistência de sua antiga técnica, porém sentiu que seu rendimento havia caído e que com dezoito anos já estava se tornando adulta e tinha que decidir sobre os rumos de sua vida, então optou por estudar visando ingressar numa universidade pública visto que não conseguiria pagar uma instituição particular. Complementa que a dedicação aos estudos e queda do rendimento após o corte da seleção foram um dos principais motivos do abandono da modalidade.
Entrevistado 3	Aponta que o estudo visando o vestibular foi um aspecto que exerceu influência na decisão de abandonar a modalidade.
Entrevistado 4	Aponta que o principal fator foi o financeiro, conhecia várias pessoas que não conseguiram viver do esporte porque não ganharam dinheiro. Menciona também a falta de apoio da universidade para que ele continuasse treinando.
Entrevistado 5	Cita a questão da separação de seus pais e a decepção que teve com seu pai nesta fase. Aponta também que as mudanças de hábito também influenciaram nesta decisão, pois depois de um tempo na universidade passou a ir em festas, a se alimentar mal e a descansar pouco.
Entrevistado 6	Cita o “corte” da seleção brasileira e o fato de não ser convocada novamente, segunda ela por motivos políticos, e também a questão de seu time não ter entrado em acordo com ela em relação ao intercâmbio de três meses nos Estados Unidos que ela queria fazer. O clube queria assinar um contrato com ela de um ano, e por causa deste intercâmbio, que já estava programado, o contrato teria que ser de seis meses. Afirma que eles não entraram em acordo e então ela teve que optar entre o intercâmbio e o contrato, e acabou optando pelo intercâmbio e o contrato não foi assinado.
Entrevistado 7	Cita a aprovação numa universidade pública, e ainda num curso que ele gostava, e também o fato de não estar se sentindo feliz com a sua rotina na cidade de São Paulo. Menciona como pontos que influenciaram nesta decisão de abandonar a modalidade o tempo que gastava com o transporte todos os dias e o fato de estar morando fora de casa, numa cidade que ele não gostava e também. Cita que neste momento não estava se sentindo bem, nem onde morava e nem nos treinos, e que por isso resolveu aproveitar esta

	oportunidade de mudança, e preferiu ir para esta universidade localizada no interior de Minas Gerais.
Entrevistado 8	Cita a questão de ser tratada diferente por ser um destaque do time. Comenta que por causa disso ficava constrangida e as vezes jogava mal, só para depois não ficar sendo excluída pelo grupo. Cita que sempre ficava triste e sem vontade de continuar, quando aconteciam estas situações.

4.1.2.15.2 Análise Inferencial Individual

Entrevistado 1

Percebe-se que E1 considera que o pensamento da sociedade sobre ele, contribuiu para a decisão de abandonar o esporte, pois, com o avanço da idade ele foi “obrigado” a decidir o que iria fazer da vida, ou seja, definir qual seria o seu papel nesta sociedade. Infere-se que o quanto determinado aspecto é valorizado ou não pelo meio onde vive o praticante, é um fato que exerce influência na decisão de manutenção ou abandono da carreira na transição para a vida adulta. Inferimos também que neste contexto destaca-se o apoio do técnico e da família.

Entrevistado 2

Inferimos que a decepção que teve com o corte da seleção brasileira foi um fator desmotivador na trajetória esportiva da entrevistada, que influenciou diretamente no seu processo de abandono da modalidade, pois afirma que depois deste acontecimento não tinha mais vontade de treinar. Nota-se ainda que no momento de transição para a vida adulta, segunda ela fase de dar um rumo à vida, optou por se dedicar aos estudos, visando ingressar numa universidade pública. Inferimos que a frustração causada pelo corte sem explicação da seleção e a incompatibilidade dos estudos com a carreira esportiva, foram fatores significativos no processo de abandono da modalidade.

Entrevistado 3

Nota-se que estudar para passar no vestibular, foi um fato que influenciou E3 na sua decisão abandonar o esporte. Inferimos que a incompatibilidade com os estudos no momento de transição para a vida adulta foi um fator, além do treinamento, que contribui para o seu processo de abandono da modalidade.

Entrevistado 4

Inferimos que a perspectiva financeira negativa que o entrevistado tinha em relação a prática da modalidade no Brasil, foi um aspecto signficante no momento de transição para a vida adulta que influenciou diretamente na sua decisão de abandonar o esporte. Este fato fica evidenciado quando afirma que conheceu vários judocas que não conseguiram viver do esporte porque não ganharam dinheiro. Inferimos ainda que a falta de apoio da universidade, e, a consequente incompatibilidade do ensino formal com o esporte, também exerceu influência neste contexto, pois impossibilitou sua continuidade nos treinos.

Entrevistado 5

Inferimos que a uma decepção ligada à conduta do seu pai, que havia sido seu maior incentivador

no esporte, foi um fato além dos treinamentos, que contribuiu para a decisão do entrevistado de abandonar a modalidade. Nota-se ainda que a rotina de estudante universitário, que envolvia má alimentação, pouco descanso e ir a festas, também prejudicou o desenvolvimento esportivo de E5 e exerceu influencia neste processo de abandono.

Entrevistado 6

Inferimos que a percepção que a entrevistada tinha de que a força política e financeira envolvida no esporte supera esforço, trabalho e o desempenho dentro de quadra, influenciaram na sua decisão de abandonar a prática. Nota-se que, devido a uma conversa que teve com a técnica da seleção brasileira na sua primeira passagem pela seleção, E7 criou a expectativa de que seria convocada novamente no ano seguinte; porém esta convocação não aconteceu e está expectativa não foi correspondida. Inferimos que este aspecto acarretou em sentimento de frustração e decepção e contribuí para o desgaste de E6 com a modalidade. Observa-se ainda que o fato de E7 não entrar em acordo com seu time, porque este não queria aceitar que ela realizasse um intercâmbio, que já havia sido planejado pela entrevistada com antecedência, também foi um aspecto que contribui no seu processo de abandono da modalidade.

Entrevistado 7

Inferimos que a incompatibilidade com os estudos, o fato de ter que morar fora de casa numa cidade que ele não gostava, e também o tempo que ele gastava com o transporte para treinar, foram aspectos além dos treinamentos que fizeram com que E7 se sentisse infeliz e, conseqüentemente, contribuíram para o seu processo de abandono da modalidade. Inferimos ainda que, o entrevistado não recebeu nenhum tipo de apoio, por parte dos pedagogos esportivos envolvidos neste contexto esportivo, relacionado a estes aspectos que o incomodavam e nem aos seus sentimentos, pois cita que chegou um momento em que não se sentia bem nem nos treinos e nem fora deles. Inferimos que este foi um fator crucial neste processo de esgotamento físico e emocional do entrevistado com a prática do esporte.

Entrevistado 8

Observa-se que o tratamento especial que recebia de alguns técnicos devido ao fato de exercer um papel de destaque na equipe, era um aspecto que entristecia a entrevistada e a fazia ter vontade de parar. Inferimos que, este tipo de tratamento heterogêneo, por parte de alguns técnicos, além de provocar dificuldade de convivência e conflito dentro do grupo, também fez com que a entrevistada se sentisse pressionada e mais cobrada que o restante da equipe. Estes aspectos foram significativos na trajetória esportiva da entrevistada e contribuíram para o seu processo de abandono da modalidade

4.1.2.15.3 Análise Inferencial Coletiva

A incompatibilidade entre o processo de formação esportiva e a continuidade nos estudos, é tido como principal fator, além dos treinamentos, que exerce influência no processo de abandono do esporte. Todos os entrevistados

apontam motivos além dos treinamentos que exerceram influência na decisão de abandonar o esporte. Fica evidente que a incompatibilidade com os estudos no momento de transição para a vida adulta foi o fator, que mais contribui neste processo. Percebe-se que não é dada ao jovem a possibilidade de conciliar o esporte e os estudos, portanto nesta fase ele tem que optar entre um ou outro. Nota-se que este período de decisão geralmente ocorre na fase de transição do ensino médio para o ensino superior e está vinculado a uma cobrança social relacionada ao momento de se definir os rumos da vida. Observamos ainda que a falta de apoio da universidade, e a conseqüente incompatibilidade do ensino formal com o esporte, também exerce influência neste contexto, pois impossibilita a continuidade do processo de treinamento. Assim o jovem em processo de formação que ainda não alcançou o patamar que gostaria de atingir dentro do esporte é obrigado a optar pelos estudos e abrir mão de seus desejos, sonhos e desprezar todo o processo de treinamento pelo qual passou, com a finalidade de satisfazer as formalidades e exigências sociais. Geralmente esta situação desencadeia sensação de frustração e decepção. A falta de suporte técnico, humano e financeiro coincide neste período com amplas mudanças e escolhas na vida do atleta, o que acaba gerando no indivíduo a vontade de desistir do esporte. Nota-se ainda que o comprometimento e o respeito com as regras e convenções inerentes a prática esportiva muitas vezes convertem para outro vértice, que se refere à adequação de regras sociais impostas para o ser que chega à idade adulta, na sociedade em que vive. Assim o quanto determinado aspecto é valorizado ou não, pelas pessoas que fazem parte do ambiente onde vive o praticante, é um fato que exerce influência direta na decisão de manutenção ou abandono da carreira no momento de transição para a vida adulta. Destaca-se que neste contexto a orientação esportiva recebida pelo sujeito durante todo o seu período de treinamento, desde a infância até a adolescência, e também os fatores intervenientes, como o apoio da família e do técnico e as responsabilidades sociais, são aspectos cruciais que influenciam na escolha do sujeito. Percebemos ainda que a perspectiva financeira negativa relacionada a prática do esporte no Brasil, também é um aspecto significativo neste momento de transição que pode exercer influência na decisão de abandonar o esporte. Nota-se ainda que alguns outros fatores, além dos treinamentos, contribuíram para o processo de abandono dos entrevistados. No caso de E2, por exemplo, a frustração causada pelo “corte” sem explicação da seleção nacional foi determinante no seu

processo de abandono. Já E7 destaca que, o fato de ter que morar longe da família para treinar e em uma cidade que não gostava, ter que gastar tempo com o transporte, e, ainda, não receber apoio de ninguém em relação as outras questões além do esporte, foram aspectos além dos treinamentos que causaram infelicidade, falta de prazer com a prática, esgotamento físico e emocional e que consequentemente contribuíram para o seu processo de abandono da modalidade. Podemos destacar também o fato de ser tratado diferente por ser considerado talentoso pelo técnico, as dificuldades de convivência com o grupo, decepções relacionadas a família e aos pedagogos esportivos envolvidos no processo de formação, o fato de não entrar em acordo no momento de fechar um contrato e também a percepção de que a força política e financeira envolvida no esporte supera esforço, trabalho e o desempenho, foram outros fatores que influenciaram na decisão dos entrevistados de abandonar a prática.

4.2 Síntese do Estudo - Considerações sobre as Análises

Diante das análises das entrevistas, podemos observar que o processo de promoção esportiva é algo complexo, que está relacionado a diversos atores e variáveis, dentre as quais podemos destacar, o técnico e a comissão técnica envolvida no processo de treinamento a longo prazo, a família, o meio onde vive o sujeito e o quanto determinada atividade é valorizada ou não pelas pessoas, que fazem parte deste ambiente e as condições estruturais, políticas e financeiras para o desenvolvimento do esporte na região.

Nota-se que todos estes elementos podem influenciar positivamente ou negativamente no processo de formação dos jovens considerados talentosos. Quando algum destes aspectos apresenta falhas ou deficiências, podem se transformar em fatores desestimulantes no contexto esportivo e acarretar em estresse, pressão, tristeza e sentimento de cansaço e esgotamento com a modalidade em idades precoces. Assim, o acúmulo destes fatores com o passar do tempo pode culminar no abandono da prática, principalmente no momento de transição para a vida adulta, quando o sujeito é cobrado pela sociedade a definir os rumos de sua vida.

Percebemos que foi dado aos sujeitos deste estudo, um prazo definido para que alcançassem o máximo desempenho e resultados expressivos em competições,

que poderiam lhe fornecer alguma segurança no âmbito do esporte profissional. Porém notamos que este limite de tempo, nem sempre esteve em concordância com o período de evolução do sujeito na modalidade esportiva, e nem levou em consideração as etapas do processo de treinamento a longo prazo, e muito menos o alcance do auge esportivo no momento adequado para a modalidade.

Portanto, a partir das vivências dos sujeitos do estudo, fica evidenciado que na atual realidade brasileira, no momento de transição para as categorias adultas, que geralmente coincide com a transição do ensino médio para o ensino superior, o jovem que ainda se encontra em ascensão dentro do processo de formação esportiva visando o esporte profissional, devido a impossibilidade de conciliar os estudos e o esporte, geralmente tem que decidir entre abandonar seu processo de formação esportiva e dar continuidade nos estudos, o que seria o mais seguro de acordo com a pressão da sociedade, ou se arriscar no esporte, mesmo sem um suporte social, técnico e financeiro adequado.

Fica claro que, neste momento, os sujeitos entrevistados optaram ou foram “obrigados” a optar pelos estudos, abdicaram de suas vontades e desejos em relação ao esporte profissional e desprezaram todo o processo de treinamento pelo qual passaram, na maioria das vezes, com a finalidade de satisfazer as formalidades e exigências sociais. Fica evidenciado que neste período de transição, os entrevistados optaram por abandonar o esporte, não somente porque gostariam de prosseguir nos estudos por ser um meio que transmite uma perspectiva de vida melhor e mais segura, mas também porque levaram em consideração tudo o que já haviam passado dentro do esporte. Ou seja, vários motivos foram apontados pelos sujeitos como aqueles que os fizeram desistir do processo de treinamento esportivo visando o esporte profissional, porém fica evidenciado que este processo de abandono é também algo complexo que não está relacionado apenas a um motivo crucial, e sim a todas as experiências e vivências pelas quais os sujeitos passaram durante um longo período de esforço, trabalho e dedicação quase que exclusiva ao esporte.

Portanto, percebemos que para os sujeitos entrevistados, a incompatibilidade entre o processo de formação esportiva e a continuidade nos estudos, principalmente no momento de transição para a vida adulta, que geralmente coincide com a fase de transição do ensino médio para o ensino superior e está vinculado a uma cobrança social relacionada ao momento de se definir os rumos da vida, foi tida

como um dos principais fatores que exerceu influência no processo de abandono do esporte. Nas vivências dos sujeitos foi notado também que a falta de um suporte técnico, humano e financeiro adequado coincide neste período com amplas mudanças e escolhas na vida do jovem, o que acaba gerando neste a vontade de desistir do esporte.

Portanto, a partir deste estudo podemos entender que o abandono é resultante das falhas e deficiências ocorridas durante todo o processo de formação do sujeito, da não valorização do treinamento a longo prazo e do desrespeito as características, necessidades e vontades do jovem considerado talentoso.

4.2.1 Motivos Finais do Abandono

Em cada uma das perguntas realizadas, o conjunto de respostas gerou uma análise inferencial coletiva, síntese das outras análises e inferências individuais. Assim a partir deste ponto, por intermédio destas análises e inferências, trilharemos um caminho para refletir sobre os objetivos e problemas deste estudo, que estão relacionados aos motivos que levaram jovens considerados talentosos a abandonar precocemente o processo de formação esportiva visando o esporte profissional.

Inicialmente, atendendo ao objetivo geral do estudo, percebemos a existência de uma diversidade de motivos que foram considerados pelos entrevistados como determinantes no momento de abandono da modalidade esportiva. Entre estes fatores que acarretaram em sentimento de frustração, estresse, falta de prazer e esgotamento com a prática, e que foram cruciais no momento do abandono do processo de treinamento visando o esporte profissional podemos destacar:

- uma decepção no âmbito familiar ou com algum pedagogo esportivo que exerceu influência importante durante o processo de formação esportiva do sujeito;
- a conduta antiética dos pedagogos esportivos envolvidos neste contexto de formação esportiva;
- o declínio no desempenho em competições;
- o sentimento de inferioridade em relação aos outros atletas;
- a percepção de que existe uma parte política e financeira, que domina o esporte e é superior ao trabalho, a dedicação e ao desempenho do sujeito;
- a discordância entre o sujeito e o clube no momento de assinar um

contrato;

- o desligamento de uma equipe, após um longo período de esforço e dedicação exclusiva;
- a ausência de suporte técnico, de apoio familiar e de estrutura física necessária para a continuidade na prática, no momento de transição para as categorias adultas;
- a falta de apoio de um órgão ou instituição, e de suporte financeiro adequado no momento de transição para as categorias adultas;
- a insegurança vinculada às condições de vida no futuro dentro do esporte e as expectativas financeiras ruins relacionadas à carreira esportiva no país;
- a falta de apoio moral e reconhecimento, ou seja, a falta de valorização do trabalho, da dedicação, da evolução e do desempenho do sujeito, pela sociedade e pelos órgãos e instituições envolvidos no processo de formação esportiva;
- a cobrança social e familiar associada ao papel e função do sujeito na sociedade;
- a falta de estrutura, suporte e incentivo necessários, por parte das instituições de ensino superior, que impossibilitam a continuidade do processo de formação esportiva dos sujeitos que ingressam nestas;
- a incompatibilidade entre o processo de formação esportiva e a continuidade nos estudos.

Fica evidenciado por intermédio das análises que, a incompatibilidade entre os estudos e formação esportiva foi o fator que mais exerceu influência na decisão do sujeito de abandonar a prática da modalidade. Este fato foi significativo neste contexto e fica explícito nas experiências de E1, E2, E3, E4, E6, E7, ou seja, dentre os oito sujeitos entrevistados seis apontam e consideram esta impossibilidade de conciliar o processo de formação esportiva com a continuidade nos estudos como um fator crucial para o abandono no momento de passagem para as categorias adultas, que coincide com a fase de transição do ensino médio para o ensino superior.

Porém, destacamos que este fato não é o único motivo que exerceu influência na decisão de abandonar o esporte, observa-se que em todos os casos esta situação esteve associada a outros fatores, que conjuntamente contribuíram para este desfecho.

No caso de E3, nota-se que a opção pelos estudos foi relacionada à falta de

estrutura física, suporte técnico e apoio familiar adequado para a continuidade na prática. E2 e E7, por exemplo, relacionam este fator ao “corte” de suas equipes depois de um longo período de dedicação exclusiva ao esporte. Já E6 associa este motivo à discordância com o clube no momento de assinar o contrato, e também a frustração relacionada às vivências pela qual passou, onde aspectos políticos e financeiros foram dominantes no contexto esportivo e superaram sua dedicação e desempenho. Podemos destacar também E4, que vincula a incompatibilidade entre os estudos e o esporte à falta de um suporte financeiro adequado para a continuidade na prática.

Nota-se ainda que, existem fatores que estão diretamente relacionados a esta incompatibilidade, como, por exemplo, a falta de apoio da universidade e a expectativa financeira ruim relacionada à prática do esporte no país, fatores explícitos nas vivências de E4. E também a pressão social sobre o papel do sujeito na sociedade, que fica claro, por exemplo, nas experiências de E1.

Assim podemos concluir que a incompatibilidade com os estudos é realmente um fator que exerce importante influência para o abandono da prática, porém fica evidenciado que este fato não acontece de forma isolada e sempre está entrelaçado a outros fatores que potencializam este desejo de desistir do esporte e prosseguir nos estudos.

Ainda, destacamos que esta incompatibilidade da formação esportiva com o ensino formal é observada desde o início da prática. Este estudo evidencia, por intermédio das análises, que desde o momento da iniciação, a escola não foi um ambiente significativo no processo de formação da maioria dos entrevistados. Com exceção de E8, todos os outros sujeitos não citam a escola como um local relevante durante os seus respectivos processos de formação esportiva.

Fica evidenciado que a prática do esporte na escola não contribui para o processo de iniciação e especialização dos entrevistados, pois não cumpriu o papel de oportunizar de forma organizada as diversas possibilidades que o esporte pode oferecer, com a finalidade de contribuir para um processo de iniciação diversificado e para a escolha consciente do sujeito no momento de se especializar em determinada modalidade.

Sendo assim, o papel de criar tais oportunidades para este momento ficou inteiramente com a família, que na maioria das vezes não está preparada para lidar com isso. É notório que a criança ou adolescente teve que buscar por estas

experiências esportivas diversificadas e orientadas em outras instituições disponíveis na região.

Notamos ainda que a falta de comunicação e de relação entre o ensino formal e o processo de formação esportiva continua acontecendo em níveis mais avançados de treinamento. Este fato fica evidenciado nas respostas de E2, nas quais revela que ficava um longo período sem frequentar às aulas por causa dos treinos e competições e considera que os seus técnicos não levavam em consideração a sua vida escolar e, também, nas análises de E6 e principalmente de E7 que revelam o cansaço e a dificuldade de conciliar a rotina de estudos, treinos e competições. E7 ainda aponta que os técnicos e dirigentes, em determinada época de seu processo de treinamento, não davam a devida importância ao desempenho escolar dos atletas, em prol do desempenho esportivo destes.

E fica claro também a total falta de apoio, incentivo e estrutura das instituições de ensino superior em relação à formação esportiva, fato diagnosticado nas experiências de vários sujeitos e destacado por E4 como um dos motivos cruciais para o abandono da modalidade

Fica evidenciado, por intermédio das análises dos sujeitos entrevistados neste estudo, que esta é uma projeção da atual realidade brasileira, na qual o jovem, principalmente na fase de transição do ensino médio para o ensino superior é obrigado a optar entre o esporte ou os estudos. Porém, partindo deste cenário real, notamos que a escolha pelos estudos, ou o abandono por qualquer dos outros motivos já citados anteriormente, ou seja, a falta de vontade de continuar o processo de formação esportiva e de tentar superar tais dificuldades e prosseguir na carreira é apenas a culminância de um processo que pode ter apresentado falhas que contribuíram para este desfecho.

Portanto, mostra-se neste estudo que o motivo determinante para o abandono reflete um processo que envolve uma série de vivências e experiências que podem ter influenciado negativamente a formação esportiva dos sujeitos.

Por isso, com a finalidade de atender aos objetivos específicos deste estudo, com base nas análises realizadas, apontaremos os fatores do processo de treinamento e características do contexto esportivo, que podem ter exercido esta influência negativa na formação esportiva dos jovens considerados talentosos e contribuído para o abandono precoce do esporte. Para um melhor entendimento, a partir deste ponto, apresentaremos estes aspectos de acordo com a categorização

utilizada nas entrevistas.

4.2.2 Questões Associadas ao Processo de Iniciação e Especialização na Modalidade Esportiva

Foi evidenciado uma variedade de fatores que foram considerados negativos pelos sujeitos do estudo, e que de acordo com as análises podem ter sido prejudiciais durante o processo de formação esportiva e, conseqüentemente, ter contribuído para o abandono precoce da modalidade. A partir disso, iniciaremos apontando alguns aspectos relacionados ao início na modalidade e a especialização esportiva dos sujeitos, que podem ter ocasionado alguns problemas. Neste contexto podemos destacar:

- a escolha da modalidade por influência da família, que determinava a atividade que o filho iria praticar devido à proximidade que tinham ou que tiveram com o esporte, por gostar da prática, devido a pressupostos de que tal modalidade escolhida poderia auxiliar a criança a melhorar aspectos relacionados à disciplina e saúde e também pela necessidade de não deixarem seus filhos com tempo ocioso fora do período escolar. No entanto, em alguns casos, a família não levou em consideração a vontade dos sujeitos, pois além de serem novos para decidirem o que queriam praticar, também não tiveram a oportunidade de experimentar outras atividades e modalidades para posteriormente conseguirem escolher de forma consciente aquela que mais lhe desse prazer;

- a falta de contribuição da escola no processo de iniciação e especialização;

- a falta de oportunidade dos sujeitos vivenciarem outras atividades e modalidades além das que se especializaram;

- a ausência de um processo de iniciação diversificado;

- a busca por resultados expressivos em curto prazo, nas fases iniciais do processo de formação esportiva;

- a especialização precoce associada à busca por máximo desempenho e resultados em curto prazo, a falta de oportunidade de vivenciar outras atividades e modalidades, a intensidade alta e o volume elevado da carga de treinamento em idades precoces, e a pouca diversificação do processo de iniciação esportiva;

- a especialização precoce dentro da própria modalidade;

Podemos dentre estes aspectos, salientar dois que foram vivenciados pela

maioria dos entrevistados. Primeiro constatamos que o jovem ficou subordinado à vontade dos pais, principalmente no que diz respeito à escolha da atividade a ser praticada, e que muitas vezes estes não foram orientados e não entendiam a importância de uma iniciação diversificada para a formação esportiva das crianças e não levavam em consideração as vontades e desejos da criança, corroborando com os estudos de Marques (2006), que enaltece este tipo de situação e os problemas que podem ser gerados a partir deste ponto.

O outro aspecto relevante neste cenário foi a falta de contribuição do ensino formal no processo de formação esportiva. Fica claro que a escola na maioria dos casos não exerceu relevância no processo de iniciação e especialização dos entrevistados, e, além disso, não contribuiu para um processo de iniciação diversificado e nem para a escolha consciente da modalidade a se especializar.

Nota-se ainda que a falta de diversificação no momento da iniciação e o desrespeito as vontades dos sujeitos praticantes, que na maioria dos casos não foram incentivados ou não tiveram a oportunidade de vivenciar outras modalidades além das que se especializaram, podem ter gerado deficiências que prejudicaram seu desempenho esportivo posteriormente. Pois segundo Lima (2000), este tipo de situação pode limitar o repertório motor da criança, e, conseqüentemente, pode vir a faltar à base ampla necessária para o melhor desempenho em idades mais avançadas.

Podemos constatar que a especialização de forma precoce, além de contribuir para o aparecimento de sentimentos de estresse, cansaço e de esgotamento com a modalidade esportiva em categorias menores, também, segundo Paes e Balbino (2009) pode resultar em problemas de diferentes dimensões (físicas, técnicas, táticas, psicológicas e filosóficas), fatos que, de acordo com Oliveira et al. (2007), podem levar ao abandono prematuro da modalidade esportiva.

Assim, podemos observar que a especialização precoce não está relacionada ao desenvolvimento de futuros atletas, mas sim à busca por resultados em curto prazo. Portanto podemos destacar que o ideal, no processo de formação esportiva, seria que o sujeito tivesse a oportunidade de vivenciar uma iniciação diversificada e uma sequência progressiva de objetivos que deve ser adequada aos níveis de desenvolvimento da criança e do adolescente considerado talentoso.

Portanto, é papel dos pedagogos esportivos, envolvidos neste processo, a estruturação e organização deste oferecimento diversificado de atividades e

possibilidades esportivas existentes, e também a orientação da prática, porém sem imposições para que a partir disso, o sujeito de forma consciente e autônoma possa escolher a modalidade que deverá ser enfatizada no processo futuro de treinamento específico.

4.2.3 Questões Associadas ao Treinamento

A partir deste ponto levantaremos os aspectos diretamente relacionados aos treinos, que podem de alguma forma ter prejudicado o desenvolvimento esportivo dos sujeitos deste estudo, e posteriormente ter influenciado na decisão de abandono da modalidade:

- a vivência de treinos, desde o início do processo de formação esportiva, que focavam apenas os aspectos técnicos específicos, e que eram geralmente constituídos de exercícios restritos aos fundamentos da modalidade, e não valorizavam a variabilidade da prática e nem a diversidade de tarefas e de movimentos;

- a vivência de treinos repetitivos e monótonos;

- a ausência do jogo, ou de situações de jogo nos treinos e também a falta de atividades que estimulem a criatividade dos sujeitos e possibilitem a liberdade, a diversificação e a potencialização da compreensão dos princípios operacionais, e das especificidades técnicas da modalidade;

- principalmente nas modalidades individuais, o fato do sujeito treinar sozinho, ou seja, a diminuição das possibilidades da criança ou do adolescente, de criar e fortalecer novos relacionamentos devido à individualização do treinamento e a ausência de atividades que privilegiem o trabalho coletivo, e a formação de uma equipe unida, com a qual o sujeito crie laços e se identifique;

- principalmente nas modalidades coletivas, a falta de ações e estímulos que privilegiem a boa convivência em grupo;

- o fato de ficar restrito a um único técnico, processo de treinamento e ambiente esportivo durante um longo período;

- a cobrança excessiva relacionada aos erros cometidos durante os treinos, e a busca pelo desempenho máximo em categorias menores;

- a pressão excessiva nos treinos ocasionada pela possibilidade de ser cortado da equipe, caso não atenda as metas estabelecidas pela comissão técnica e

pelos dirigentes, e de ser tratado grosseiramente pelo técnico, caso não apresente um bom desempenho nos treinos;

- a percepção de estagnação ou queda no desempenho nos treinos;
- o excesso de competitividade interna, aspecto mais presente nos esportes coletivos, ou a ausência desta competitividade, fato considerado negativo pelos sujeitos praticantes de modalidades individuais;
- a vivência precoce de uma carga elevada e intensa de treinamento, incompatível com as características, necessidades e fase de desenvolvimento do sujeito;
- a falta de um suporte técnico adequado, e também a ausência de planejamento, organização e sistematização dos treinos, em alguma fase do processo de formação, seja na iniciação ou especialização, ou em fases mais avançadas do treinamento;
- o fato de o sujeito ser obrigado a elaborar, sistematizar, realizar e controlar os treinos por conta própria, devido à vivência de um período sem nenhum acompanhamento técnico;
- a não valorização do processo de treinamento a longo prazo.

Por intermédio deste estudo também fica claro que a falta de valorização do treinamento a longo prazo, vinculada a busca pelo máximo desempenho em categorias menores e por resultados a curto prazo em competições, estimula ações que além de serem desestimulantes, podem prejudicar o processo de formação das crianças e adolescentes e acarretar em exaustão, esgotamento com a modalidade, sentimentos de desânimo e de diminuição do prazer com a prática e, conseqüentemente, contribuir para o abandono precoce do esporte.

Sendo assim, concordamos com Böhme (2000), quando diz que a formação de possíveis futuros atletas depende de um processo de treinamento realizado de forma organizada e sistematizada, que respeite cada etapa de desenvolvimento do ser humano e as características, necessidades e vontades do jovem considerado talentoso e que objetive a formação esportiva a longo prazo, ao qual o indivíduo deve ser submetido desde as categorias de base até o esporte profissional.

4.2.4 Questões Associadas à Competição

Sobre a competição, notamos que a forma como esta foi conduzida durante a

formação esportiva dos sujeitos pode ter contribuído para que se tornassem mais um ponto que colaborou para o processo de abandono da modalidade. Dentre os fatores que podem ter transformado a competição em um aspecto negativo no processo de treinamento estão:

- a pouca participação em torneios ou campeonatos, durante algum período do processo de formação esportiva, seja no início da prática ou em níveis mais avançados de treinamento;

- a vivência em idades precoces de competições que continham as mesmas características e apresentavam os mesmos moldes das competições das categorias adultas, que não levavam em consideração as capacidades e necessidades dos sujeitos envolvidos;

- a vivência de competições sem nenhum tipo de cobrança e de nível técnico fraco, aquém das capacidades dos jovens considerados talentosos e incompatíveis com a evolução destes;

- a cobrança exagerada, em competições de nível técnico elevado, por parte dos técnicos, em relação ao desempenho e ao alcance de resultados expressivos, em categorias menores;

- a ênfase exagerada na vitória, por parte dos técnicos, e a consequente dificuldade do sujeito em lidar com a derrota;

- o alcance de resultados expressivos em categorias menores vinculado a valorização exagerada destes, por parte dos técnicos;

- nas modalidades individuais, a ausência de um grupo no momento da competição, com o qual o sujeito esteja envolvido e se identifique;

- a percepção de que a competição é um momento único de culminância de um longo período de treinos, no qual o sujeito não pode cometer erros;

- a ausência de *feedback*, por parte do técnico, em relação ao desempenho do sujeito na competição;

- a queda no rendimento nas competições e a percepção de se tornar inferior aos demais atletas;

- nas modalidades coletivas, a pressão causada pelo técnico, quando este, antes das competições, trata de forma diferenciada o sujeito considerado talentoso e lhe atribui à responsabilidade de ganhar um campeonato ou um jogo;

- a pressão gerada pela família nas competições, geralmente ocasionada pela falta de reconhecimento e de credibilidade em relação à formação esportiva dos

filhos.

Estamos de acordo com Balbino et al. (2013) quando diz que a competição a priori não é um problema, visto que esta foi identificada como um meio de aprendizagem prazeroso e motivador nas vivências dos sujeitos, e entre outros benefícios, possibilitou a ampliação do conhecimento sobre a modalidade, estimulou a convivência com outras pessoas, oportunizou o intercâmbio de experiências e instigou o alcance de metas.

Assim como De Rose Junior (2002a), com base neste estudo, podemos afirmar que o estímulo competitivo é uma ferramenta atrativa para as crianças e adolescentes durante todo o processo de formação esportiva, desde a iniciação até o esporte profissional, porém estes estímulos devem acontecer de forma adequada às capacidades e necessidades dos indivíduos e respeitar o estado de prontidão físico, motor, cognitivo, afetivo, moral e social da criança e do jovem em processo de desenvolvimento.

Porém, fica explícito que a forma como essa competição foi proposta e conduzida durante a trajetória esportiva dos sujeitos pode ter tornado este instrumento, em um aspecto prejudicial, desestimulante e causador de pressão, fato que pode ter colaborado para a diminuição do prazer pela prática, para o esgotamento físico e emocional com a modalidade e, conseqüentemente, para o abandono.

Assim, fica nítido que a competição não pode ser reduzida a uma prática de valorização dos vencedores e não pode ser entendida como um momento único de culminância dos treinamentos, mas sim como uma etapa deles. Com isso, de acordo com Balbino et al. (2013), se torna função dos atores envolvidos neste cenário, a expansão do papel e dos significados da competição, no processo de formação de crianças e jovens, para além da determinação de vencedores e vencidos.

4.2.5 Questões Associadas ao Ambiente Esportivo e aos Fatores Extracompetitivos

Já em relação ao ambiente esportivo dos sujeitos e aos fatores extracompetitivos que podem ter influenciado negativamente no processo de formação esportiva destes podemos ressaltar:

- nas modalidades individuais, a ausência de um grupo de treinamento com o qual o sujeito esteja envolvido, troque experiências, dialogue e se identifique, e a

falta de estímulos para a ampliação dos relacionamentos dentro do próprio ambiente esportivo e, também, o fato de não realizarem outras atividades além das diretamente ligadas a modalidade esportiva com estas pessoas que fazem parte deste grupo;

- principalmente nas modalidades coletivas, as dificuldades de convivência com os outros membros da equipe, devido à formação de pequenos grupos que excluem a outros em um grande grupo, a existência de pessoas que falam mal das outras dentro da equipe, a criação de conflitos por motivos pessoais, a não priorização do trabalho coletivo e a rejeição de algum atleta pelos demais integrantes do time;

- a impossibilidade de realizar outras tarefas e atividades além do esporte, devido a carga de treinamento e competições, ou seja, a restrição das vivências do sujeito apenas a prática esportiva;

- a pouca convivência com a família e com outras crianças e adolescentes, que não fazem parte do ambiente esportivo do sujeito;

- a vivência de situações onde o poder político e financeiro exerce dominância no esporte, e gera a percepção, por parte dos sujeitos envolvidos no processo de formação esportiva, de que isto supera o trabalho a dedicação e seu desempenho na modalidade esportiva;

- o fato de o sujeito sofrer alguma lesão em categorias menores;

- a distância entre a residência do sujeito e o local de treinamento e o tempo gasto com a locomoção;

- a falta de acompanhamento psicológico;

- o fato de o sujeito morar fora de casa, distante da família para treinar e não receber atenção em relação a este aspecto, pelos pedagogos esportivos envolvidos neste processo;

- a falta de material e de estrutura física adequada para o desenvolvimento da modalidade na região, onde o sujeito reside, ou seja, a desigualdade de oportunidades entre as regiões pode prejudicar ou inibir a formação esportiva de jovens considerados talentosos;

- a falta de consideração em relação ao desenvolvimento escolar do sujeito, durante o processo de formação esportiva e a dificuldade em conciliar os estudos com a rotina de treinos e competições, desde o ensino fundamental até o ensino superior.

Em relação ao ambiente e aos fatores extracompetitivos, fica salientado por intermédio deste estudo que a vivência de um ambiente esportivo prazeroso está diretamente associada à existência de um grupo e de um bom convívio com este, fica claro que a ausência desta característica no ambiente esportivo dos sujeitos provocava o aumento do clima de tensão e sentimentos de solidão, exclusão e insatisfação. Portanto, torna-se papel crucial do técnico promover e estimular ações que contribuam para a formação, ampliação e consolidação deste grupo.

A falta de uma vida social mais intensa, fato também revelado nas pesquisas de Coakley (1992) e Chiminazzo e Montagner (2009), e a impossibilidade do sujeito de realizar outras atividades e de assumir os diversos papéis que são inerentes as crianças e adolescentes, ou seja, a definição do jovem considerado talentoso exclusivamente como atleta, também foi outro aspecto em comum destacado durante a trajetória esportiva dos entrevistados, que apesar de considerarem esta privação necessária para o bom desenvolvimento esportivo, atribuem a esta situação sentimentos de solidão, aprisionamento, falta de confiança, tristeza. E de acordo com De Rose Junior, Deschamps e Korsakas (2001) estas características apresentadas anteriormente são importantes causadoras de estresse entre os atletas, portanto devem ser consideradas durante um processo pedagógico de formação.

Além disso, assim como na pesquisa de Rocha e Santos (2010), percebemos a existência de um forte componente social, financeiro e político que interfere no processo de formação, ou seja, existem fatores sociais políticos e econômicos que exercem uma grande influência durante todo o processo de formação esportiva, e, que podem potencializar ou prejudicar o desenvolvimento esportivo dos sujeitos envolvidos neste contexto.

4.2.6 Questões Associadas ao Técnico

Sobre o técnico podemos destacar que este, com certeza, é um dos atores que mais exerce influência neste cenário. Nota-se que certas condutas e ações por partes destes, talvez não tenham sido adequadas e neste contexto percebemos que os técnicos podem ter influenciado de forma negativa no processo de formação esportiva dos sujeitos, sobretudo, quando:

- eram omissos e não intervinham buscando a resolução dos problemas de

convivência entre os atletas da equipe, e, às vezes até incitavam a ocorrência de situações que estimulavam a rivalidade e as dificuldades de relacionamento;

- tratavam de forma desigual os integrantes de uma mesma equipe. Geralmente, devido ao fato de algum membro da equipe se destacar e na percepção do técnico apresentar um desempenho superior aos dos demais atletas, este era tratado de forma especial e diferenciada o que acarretava em excesso de pressão e problemas de convivência;

- não estimulavam a boa convivência e a ampliação dos relacionamentos entre os atletas da equipe;

- não buscavam se aproximar e ter um bom relacionamento com o sujeito em processo de formação, assim as dificuldades de convivência entre atleta e técnico e o distanciamento desta relação, foi um fator negativo neste contexto;

- não valorizavam o diálogo, e nem levavam em consideração as opiniões, experiências e vontades dos sujeitos em formação;

- não buscavam dialogar com a família do sujeito em processo de formação;

- não transmitiam *feedbacks* em relação ao desempenho e desenvolvimento esportivo dos jovens considerados talentosos;

- não se interessavam em conhecer as características e necessidades de cada sujeito, a fim de transmitir o conteúdo e os *feedbacks* de acordo com este conhecimento;

- sempre transmitiam os *feedbacks* de forma grosseira e negativa, e associavam estes a uma cobrança exagerada relacionada ao desempenho dos sujeitos;

- nunca elogiavam, não transmitiam *feedbacks* positivos, não reconheciam e nem valorizavam o desempenho e o desenvolvimento do sujeito;

- apresentavam um alto nível de exigência, rigidez e cobravam excessivamente o máximo desempenho dos sujeitos e o alcance de resultados em categorias menores;

- não buscavam se especializar, se atualizar e adquirir novos conhecimentos a fim de diversificar os treinos e transmiti-los aos atletas;

- não planejavam, organizavam e sistematizavam os treinos, e nem os embasavam cientificamente;

- não respeitavam os limites físicos e emocionais, as características e capacidades dos sujeitos e exageravam no volume e na intensidade da carga de

treinamento;

- apresentavam conduta antiética ou desleal, e não transmitiam bons exemplos de comportamento e valores;

- não valorizavam o sujeito como um todo, e levavam em consideração somente a parte física, técnica, tática da modalidade, e o alcance de resultados em curto prazo, e menosprezavam o processo de treinamento a longo prazo, e os objetivos, as vontades, os sentimentos dos sujeitos e os outros aspectos, além da prática esportiva, envolvidos no processo de formação de crianças e jovens.

É notório que o mau relacionamento com o técnico e também a conduta ou comportamento considerado inadequado por parte deste, aspecto característico das vivências da maioria dos sujeitos, em algum período do processo de treinamento, de acordo com Marques (2006), pode prejudicar a formação esportiva dos sujeitos e ter como consequência o abandono da modalidade.

Um ponto de destaque neste contexto foi a falta de planejamento, organização e embasamento científico na elaboração dos treinos, por parte dos técnicos, é perceptível que esta característica está associada a práticas desestimulantes, que além de diminuir o prazer do sujeito com o esporte, podem desacelerar ou até mesmo prejudicar a progressão dos jovens na modalidade, mesmo em fases mais avançadas do processo de treinamento.

Enfim fica claro, por intermédio deste estudo que quando o técnico não valoriza o jovem como um todo, e enfatiza apenas as possibilidades esportivas do atleta e durante a condução do processo de formação esportiva se interessa somente pela parte física, técnica e tática da modalidade e pela conquista do desempenho máximo e de resultados imediatos, não respeita o processo de treinamento a longo prazo, não leva em consideração o fato de estar lidando com crianças e adolescentes em fase de desenvolvimento e menospreza as experiências, a cultura, os sentimentos, as vontades, as características e as necessidades destes, geralmente são gerados problemas e deficiências que além de prejudicar a evolução do desempenho dos jovens no esporte, podem também prejudicar o desenvolvimento integral destes seres humanos envolvidos neste contexto.

Portanto, é necessário que o técnico no desenvolvimento de seus trabalhos leve em consideração todos estes aspectos, ou seja, toda esta complexidade relacionada com a prática.

4.2.7 Questões associadas à Família

Em geral, no que diz respeito à família, podemos considerar que, segundo os sujeitos do estudo, ela não contribuía para o processo de formação esportiva e influenciava na decisão de abandono da modalidade quando:

- era ausente, não participava e nem acompanhava a trajetória esportiva dos filhos, e apesar de permitir a prática da modalidade, não se interessava pelas atividades desenvolvidas e não buscava se envolver neste contexto esportivo dos sujeitos;

- não valorizava e nem reconhecia as conquistas e o progresso dos sujeitos na prática esportiva;

- não compreendia, muitas vezes por falta de orientação, ou não estimulava o papel do esporte no processo de desenvolvimento integral dos sujeitos, e nem dava importância para as possibilidades de mudanças positivas que a prática esportiva poderia proporcionar na vida dos filhos;

- além de não incentivar a prática, ainda não levava em consideração os sentimentos, vontades, opiniões e objetivos dos sujeitos dentro do contexto esportivo;

- não acreditava nas possibilidades de evolução do filho na modalidade esportiva e não considerava o desejo deste de alcançar o esporte profissional;

- não fornecia um suporte adequado nos momentos em que os filhos precisavam tomar decisões durante a trajetória esportiva, como exemplo, destas decisões podemos apontar a assinatura de contratos, as questões financeiras e a escolha de um clube.

Assim, como nas pesquisas de Moraes, Rabelo e Salmela (2004) e Chagas (2008) que destacam a importância do suporte familiar e o impacto deste sobre o desenvolvimento dos jovens considerados talentosos, também podemos apontar neste estudo que o apoio, o reconhecimento, o envolvimento e o incentivo da família são pontos cruciais durante todo o processo de formação esportiva, que contribuem para a manutenção e evolução das crianças e dos adolescentes no esporte.

Desta forma, estamos de acordo com Silva e Fleith (2010) quando afirmam que a família possui um papel importante em relação ao suporte material, informativo, e emocional, a transmissão de valores e ao envolvimento com a prática esportiva dos jovens. Além disso, inúmeros desafios e escolhas são impostos aos

jovens atletas durante todo o processo de formação esportiva. Neste sentido, concordamos com Silva (1990), quando diz que os familiares desempenham um papel importante, fornecendo o apoio, incentivo e reconhecimento necessários para que eles superem estas dificuldades e persistam na prática buscando o aperfeiçoamento.

É notório que a ausência destas características, citadas anteriormente, foi um fator desestimulante para os sujeitos, que dificultou o desenvolvimento esportivo destes, e acarretou em mágoas, sentimento de tristeza, desânimo e em alguns casos, como, por exemplo, o de E3, influenciou diretamente na decisão de abandono da modalidade.

Neste sentido, se torna papel do técnico o diálogo com a família, a fim de, informar as possibilidades dos jovens em cada período e também explicitar o verdadeiro papel do esporte no processo de formação integral dos sujeitos. Assim, segundo Marques (2006) formar e “educar” os pais para que estes possam contribuir de forma efetiva, sem serem omissos e também sem gerar pressões desnecessárias para a carreira esportiva dos seus filhos, é um desafio dos investigadores de pedagogia do esporte.

4.2.8 Questões Associadas ao Talento e ao Auge Esportivo

Enfim, levantaremos neste momento as questões relacionadas ao talento e ao auge esportivo dos sujeitos, que podem ter influenciado negativamente o processo de formação esportiva destes. Dentre estas questões podemos destacar:

- a valorização exagerada do talento e do auge prematuro, por parte dos técnicos e das pessoas envolvidas neste contexto esportivo, principalmente nas categorias iniciais do processo de formação esportiva, e a associação desta percepção à conquista de títulos e aos resultados expressivos apresentados pelos sujeitos nesta fase;

- o fato de o sujeito ser tratado de forma especial, diferente dos demais membros da equipe, por ser supervalorizado como um talento e por exercer um papel de destaque, em algum período do processo de formação esportiva;

- o fato de os pedagogos esportivos envolvidos neste contexto não elucidarem os jovens sobre suas reais possibilidades e objetivos em cada fase do processo de formação esportiva, e enaltecerem exageradamente as chances que o sujeito tem

de alcançar o esporte profissional;

- a impossibilidade de o sujeito usufruir do momento que considerava ser o seu auge dentro do processo de formação esportiva.

De forma geral podemos ressaltar que a impossibilidade do sujeito usufruir do momento que considerava ser o seu ápice esportivo, foi um aspecto significativo durante a trajetória da maioria dos entrevistados, e culminou em sentimento de tristeza, desânimo, frustração, inferioridade, e além da percepção de baixo desempenho, contribuiu para o desgaste emocional e físico com a modalidade.

Percebemos que esta situação se deu por diversos motivos, como por exemplo, pelo fato do sujeito ser reserva e não participar de forma ativa das competições, por sofrer alguma lesão, ou mesmo por abandonar o esporte nesta fase tida como seu auge esportivo, fato que pode revelar que os jovens ainda se encontravam em ascensão dentro do processo de treinamento a longo prazo quando tiveram que desistir do sonho de alcançar o esporte profissional, e que, muitas vezes, os técnicos, a família e a sociedade ao redor do sujeito não valorizaram e nem levaram em consideração esta situação.

Outro ponto de destaque neste contexto é o fato de que a percepção de talento pode causar motivação, mas também pode ser motivo de pressão. Em geral, fica evidenciado que quando esta percepção de talento está relacionada ao reconhecimento do esforço, da dedicação e da progressão do indivíduo na modalidade, este se sente feliz, gratificado e motivado.

Porém, quando esta percepção é enaltecida de forma exagerada pelos pedagogos esportivos envolvidos no processo de formação esportiva e está vinculada a conquista de títulos, principalmente nas categorias iniciais do treinamento, esta além de ser motivo de pressão para os jovens, pode contribuir para a criação de expectativas, que caso não venham a ser correspondidas em níveis mais avançados de treinamento podem acarretar em frustrações e influenciar na decisão de abandono precoce da modalidade.

Enfim, neste cenário de fatores que podem ter contribuído para a decisão final dos sujeitos de abandonar a modalidade salienta-se que, não existe um fator mais importante que o outro, ou seja, não existe um aspecto que exerceu mais influência no processo de abandono do que os demais, pois apesar de alguns fatores serem menos frequentes nas vivências e experiências dos entrevistados, todos de alguma forma prejudicaram a formação esportiva, de pelo menos um deles, em algum

período do processo de treinamento a longo prazo.

Portanto, independentemente da quantidade de sujeitos que vivenciaram determinado tipo de situação, ou o quanto tal fator influenciou na desistência da modalidade, todos estes aspectos devem ser levados em consideração pelos atores envolvidos neste cenário, em prol de uma contribuição mais efetiva para o processo de formação esportiva e desenvolvimento integral das crianças e jovens envolvidos neste contexto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados, podemos considerar que a incompatibilidade da continuidade dos estudos com a carreira esportiva, foi um dos principais aspectos que levaram os sujeitos considerados talentosos a abandonar a prática. Porém, mostra-se que esta situação não é o único motivo do abandono. Nota-se que este além de estar sempre está associado a outros motivos, também reflete a falta de ligação entre o ensino formal e a formação esportiva desde a iniciação até os níveis mais avançados de treinamento, e revela a existência de um processo que não valoriza o treinamento a longo prazo e conduz ao abandono precoce.

Assim, fica evidenciado que todas as vivências e experiências, pelas quais os sujeitos passaram durante seu processo de formação, contribuíram para este desfecho de abandono, pois os sujeitos em idades precoces, entre dezesseis e vinte anos, já se encontravam desgastados e esgotados com a modalidade neste momento de transição para as categorias adultas.

Em geral, este esgotamento foi proveniente de um processo de treinamento, ou pelo menos de alguma etapa deste, que não se interessou pelo desenvolvimento integral e pela valorização do ser humano em processo de formação, e que levou em consideração apenas o aspecto do atleta e do talento.

Neste âmbito, podemos destacar a relevância do papel e da figura do técnico, como um dos principais atores deste cenário. Por intermédio deste estudo, podemos entender que o técnico é um importante agente mediador neste processo, e além dos fatores relacionados ao abandono que estão diretamente ligados a sua figura, percebemos, também, que ele pode mediar, exercer influência e intervir na maioria das dificuldades e problemas que acontecem durante todo o processo de formação esportiva.

Notamos que em alguns casos, ele pode exercer maior influência, como, por exemplo, nas dificuldades de convivência entre os membros de uma equipe, e também nos aspectos relacionados à competição e a organização, elaboração, sistematização e condução dos treinos, e em outros, menor, como, por exemplo, nas questões relacionadas à falta de estrutura para o desenvolvimento da prática, e do domínio político e financeiro sobre o esporte. Porém, podemos ressaltar que nestas situações, além de tentar promover ações que minimizem este problema, ele

também pode exercer a função de não ser omissos, de se posicionar diante da situação, de expor sua opinião e de dialogar com os sujeitos sobre estes aspectos que fazem parte não só do ambiente esportivo, mas de todas as áreas da vida.

Não queremos aqui, apenas apontar erros do processo de formação dos sujeitos ou fazer críticas em relação aos atores envolvidos neste cenário. Também não é possível afirmar que os indivíduos que conseguiram chegar e se manter no esporte profissional não vivenciaram situações negativas, e nem tampouco que se os sujeitos entrevistados neste estudo não tivessem vivenciado estes tipos de situação tidas como negativas teriam chegado ao esporte profissional. Objetivamos, por intermédio deste estudo, apontar certas características que foram consideradas prejudiciais pelos jovens tidos como talentosos que vivenciaram estes processos, a fim de que estes pontos sejam levados em consideração pelos pedagogos esportivos envolvidos neste processo de formação, durante o planejamento, elaboração e a condução dos treinamentos.

Fica evidenciado que a redução deste problema relacionado ao abandono precoce durante a ocorrência do processo de formação esportiva, por parte destes sujeitos considerados talentosos, também parece estar entrelaçada a outros aspectos. Preocupando-se neste estudo em externar algumas possíveis estratégias que possam colaborar efetivamente para a diminuição deste problema, podemos destacar:

- a elaboração e implementação de políticas que estimulem a regionalização, das diferentes formas de manifestação do fenômeno esporte, e também que potencializem o poder de ação dos municípios neste contexto;

- o estabelecimento de uma comunicação entre o ensino formal e não formal no processo de formação esportiva, e a ampliação do papel da escola e do professor de educação física escolar neste, principalmente no que diz respeito a iniciação, a especialização, a orientação da família sobre a importância do esporte no desenvolvimento integral dos indivíduos e sobre aspectos básicos relacionados ao processo de formação esportiva, e ao envolvimento de um maior número de crianças e adolescentes em um processo de caráter sistematizado e organizado;

- a reestruturação, principalmente por parte de federações, ligas e órgãos governamentais em diferentes níveis, dos modelos de campeonatos atuais adotados na maioria das categorias de base de diferentes modalidades esportivas, procurando atender as características e necessidades dos sujeitos;

- a formação contínua dos profissionais que atuam neste processo;
- a criação e o fortalecimento de políticas e ações que possibilitem que as instituições de nível superior se estruturam e forneçam o suporte e incentivo necessário para que os jovens possam dar continuidade no processo de formação esportiva ao ingressarem nesta.

Enfim, foi propósito deste estudo provocar a reflexão em relação aos aspectos apontados como negativos durante as experiências dos sujeitos que participaram deste estudo, e ampliar as reflexões para um quadro mais amplo que envolve o contexto da formação esportiva em nosso país. Neste sentido, o conhecimento dos fatores que podem ter culminado com o abandono precoce pode auxiliar os envolvidos neste contexto a minimizar a incidência deste fenômeno.

Ademais, denota-se que vários fatores podem ter contribuído para o processo de abandono da modalidade, não somente pelo fato de os sujeitos não atingirem ou não se manterem no esporte profissional, mas também porque tais aspectos estão associados a sentimentos impeditivos de um desenvolvimento adequado no processo de formação esportiva. Tais aspectos se voltam para pressão excessiva, frustração, decepção, tristeza, raiva, depressão.

Entende-se que além de gerar a falta de prazer pela prática, estes aspectos podem também ter limitado o desenvolvimento integral das crianças e adolescentes, descaracterizando assim, a função de educar para a vida que o esporte possui.

Portanto, os propósitos deste estudo estão para além de assumir uma posição simplista e apontar um culpado ao julgar que o insucesso dos sujeitos está relacionado às ações da figura do técnico. A nossa intenção é provocar a reflexão nos pedagogos esportivos diretamente envolvidos neste processo de formação esportiva sobre o seu papel e suas possibilidades em relação a estes pontos que foram prejudiciais e que podem ter influenciado no abandono precoce da modalidade esportiva. A partir deste entendimento, espera-se poder tentar minimizá-los e contribuir de forma mais efetiva na formação esportiva e no processo de desenvolvimento integral destes seres humanos considerados talentos esportivos.

Tendo isto em vista, cabe aos pedagogos esportivos envolvidos neste contexto de formação esportiva de crianças e adolescentes, valorizarem o ser humano como um todo, e não apenas como atleta. É possível fazer essa afirmativa pois percebe-se que quando os técnicos na condução de seus trabalhos não levam em consideração somente as capacidades e habilidades, físicas, técnicas e táticas,

mas sim os sentimentos, vontades, objetivos, necessidades e características, das crianças e dos adolescentes, estes desenvolvem um trabalho mais efetivo no processo de formação esportiva. E acredita-se que desta maneira estará o esporte, por intermédio de seus agentes pedagógicos, a atuar da maneira construtiva que se espera dele, ou seja, atuar na função de educar para a vida que ele, o esporte, possui.

REFERÊNCIAS

- ABLARD, K. E.; PARKER, W. D. Parents' Achievement Goals and Perfectionism in Their Academically Talented Children. **Journal of Youth and Adolescence**, v.26, n.6, p. 651-667, fev. 1997.
- BALBINO, H. F. **Pedagogia do Treinamento: Método, Procedimentos Pedagógicos e as Múltiplas Competências do Técnico nos Jogos Desportivos Coletivos**. 2005. 262 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade de Campinas, Campinas, 2005.
- BALBINO, H. F. et al. Pedagogia do Esporte: Significações da Iniciação Esportiva e da Competição. In: REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C. (org.). **Pedagogia do Esporte: Aspecto Conceituais da Competição e Estudos Aplicados**. São Paulo: Phorte, 2013. p. 41-68.
- BARA FILHO, M. G.; RIBEIRO, L. S.; MIRANDA, R. O Fenômeno do Burnout em Nadadores. **Treinamento Desportivo**, Curitiba, v. 4, n. 3, p. 69-78, 1999.
- BARA FILHO, M. G.; GARCIA, F. G. Motivos de Abandono no Esporte Competitivo: Um Estudo Retrospectivo. **Revista Brasileira de Educação Física**, São Paulo, v.22, n.4, p.293-300, out./dez. 2008.
- BARBANTI, V. O que é Esporte?. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, São Paulo, v.11, n.1, p. 54-58, 2006.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BENTO, J. O. Detecção e Fomento de Talentos. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, São Caetano do Sul, v.3, n.3, p.84-93, 1989.
- BENTO, J. O. **Desporto: discurso e substância**. Porto: Campo das Letras, 2004.
- BENTO, J. O. Esclarecimentos e Pressupostos. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (org.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006a. p. 3-11.
- BENTO, J. O. Do Desporto. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (org.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006b. p. 12-25.
- BENTO, J. O. Da Pedagogia Do Desporto In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (org.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006c. p. 26-40.
- BENTO, J. O. Dos Sentidos do Agonismo Grego e do Desporto. In: NASCIMENTO, J. V.; RAMOS, V.; TAVARES, F. J. (org.). **Jogos Desportivos: Formação e Investigação**. 20^a ed. Florianópolis: UDESC, 2013. p. 19-40.
- BLOOM, B. S. **Developing Talent in Young People**. New York: Ballentine, 1985.

BÖHME, M. T. S. Talento Esportivo II: Determinação de Talentos Esportivos. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.9, n.2, p.138-146, 1995.

BÖHME, M. T. S. O Treinamento a Longo Prazo e o Processo de Detecção, Seleção e Promoção de Talentos Esportivos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.21, n.2/3, p. 4-10, jan./maio 2000.

BÖHME, M. T. S. Talento Esportivo. In: GAYA, A.; MARQUES, G.; TANI, G. (org.) **Desporto para Crianças e Jovens: Razões e Finalidades**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p.235-249.

BÖHME, M. T. S. O Tema Talento Esportivo na Ciência do Esporte. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, Brasília, v.15, n.1, p.119-126, 2007.

BOLONHINI, L. Z.; DAOLIO, J. Subsídios para uma Abordagem Sociocultural sobre Talento Esportivo. **Revista da Educação Física**, Maringá, v.21, n.1, p.79-86, 1. trim. 2010.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Lei n o 9.981, de 14 jul. 2000. Altera dispositivos da Lei nº 9615 – Lei Pelé de 24 mar. 1998, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, D.F., 17 jul. 2000.

BRUSTAD, R. J. Affective Outcomes in Competitive Youth Sport: The Influence of Intrapersonal and Socialization Factors. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, v.10, n.3, p.307-321, set. 1988.

CHAGAS, J. F. **Adolescentes Talentosos: Características Individuais e Familiares**. 2008. 228 f. Tese (Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

CHIMINAZZO, J. G. C.; MONTAGNER, P. C. Treinamento Esportivo e Burnout: Reflexões Teóricas. **EF Deportes Revista Digital**, Buenos Aires, v.10, n.78, nov., 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd78/burnout.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2014.

CHIMINAZZO, J. G. C.; MONTAGNER, P. C. Síndrome de Burnout e Esporte: a Visão dos Técnicos de Tênis de Campo. **Revista da Educação Física**, Maringá, v.20, n.2, p.217-223, 2. trim. 2009.

COAKLEY, J. Burnout among adolescent athletes: A Personal Failure or Social Problem? **Sociology of Sport Journal**, v.9, p.271-285, 1992.

DANTAS, E. H. M.; PORTAL, M. N. D.; SANTOS, L. A. V. Plano de Expectativa Individual: Uma Perspectiva Científica para a Detecção de Talentos Esportivos. **Revista Mineira de Educação Física**, Viçosa, v.12, n.2, p.72-100, 2004.

DE ROSE JUNIOR, D.; DESCHAMPS, S.; KORSAKAS, P. Situações Causadoras de Stress no Basquetebol de Alto Rendimento: Fatores Extracompetitivos. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, Brasília, v.9, n.1, p.25-30, jan. 2001.

DE ROSE JUNIOR, D. A Criança, o Jovem e a Competição Esportiva: Considerações Gerais. In: DE ROSE JUNIOR, D. (Org.). **Esporte e Atividade Física na Infância e Adolescência: Uma Abordagem Multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2002a. p.67-76.

DE ROSE JUNIOR, D. A Competição como Fonte de Estresse no Esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v.10, n.4, p.19-26, out. 2002b.

DE ROSE JUNIOR, D.; KORSAKAS, P. O Processo de Competição e o Ensino do Desporto. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (org.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 251-261.

DIAS, M. H.; TEIXEIRA, M. A. P. Estudo Exploratório Sobre Abandono do Esporte em Jovens Tenistas. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, São Paulo, v.1, n.1, p.01-18, nov./dez. 2007.

DIEM, C. **Historia de los Deportes**. Barcelona: Coralt, 1966.

ECCLES, J. S.; HAROLD, R. D. Gender Differences in Sport Involvement: Applying the Eccles' Expectancy-Value Model. **Journal of Applied Sport Psychology**, v.3, n.1, p. 7-35, 1991.

FERRAZ, O. L. O Esporte, a Criança e o Adolescente: Uma Abordagem Multidisciplinar. In: DE ROSE JUNIOR, D. **Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência: Uma Abordagem Multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p.25-38.

FILIN, V. P.; VOLKOV, V. M. **Seleção de Talentos nos Desportos**. Londrina: Midiograf, 1998.

GARCIA, F. G. O Burnout em Jovens Desportistas. In: BECKER JR, B. (org.) **Psicologia Aplicada à Criança no Esporte**. Novo Hamburgo: Feevale, 2000. p.58-82.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **O que é pedagogia**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

GOULD, D. et al. Burnout in Competitive Junior Tennis Players: I. A Quantitative Psychological Assessment. **The Sport Psychologist**, Champaign, v.10, n.4, p.322-340, 1996.

GRAÇA, A.; MESQUITA, I. Ensino do Desporto. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (org.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 207-218.

GRECO, P. J. Revisão da metodologia aplicada ao ensino-aprendizagem dos jogos esportivos coletivos. In: GRECO, P. J. (org.). **Iniciação Esportiva Universal**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.v. 2, p. 39-56.

GUENTHER, Z. **Desenvolver Capacidades e Talentos: Um Conceito de Inclusão**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALLAL, et al. Fatores Intervenientes Associados ao Abandono do Futsal em Adolescentes. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v.12, n.3, p.27-32, set. 2004.

JOCH, W. **O Talento Esportivo: Identificação, Promoção e as Perspectivas do Talento**. Rio de Janeiro: Publishing House Lobmaier, 2005.

KISS, M.A.P.D.M. et al. Desempenho e Talento Esportivo. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.18, n.esp., p.89-100, ago. 2004.

KNIJNIK, J. D.; GREGUOL, M.; SELENO, S. Motivação no Esporte Infanto-Juvenil: Uma Discussão sobre Razões de Busca e Abandono da Prática Esportiva entre Crianças e Adolescentes. **Revista do Instituto de Ciências da Saúde**. São Paulo, v.19, n.1, p.7-13, jan./jun. 2001.

KUNZ, E. **Duração da Vida Atlética de Campeões Nacionais de Atletismo, Categoria de Menores, e Consequências da especialização Precoce desta Modalidade, Estudo Exploratório**. 1983. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Escola de Educação Física, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1983.

KUNZ, E. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

LANARO, P.; BÖHME, M. T. S. Detecção, Seleção e Promoção de Talentos Esportivos em Ginástica Rítmica Desportiva: Um Estudo de Revisão. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.15, n.2, p.154-168, jul./dez. 2001.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos: para quê?** São Paulo: Cortez, 2002.

LIMA, L. H. **Treinamento Precoce Intenso em Crianças e Adolescentes**, Belo Horizonte: Health, 2000.

MASLACH, C.; JACKSON, S. The measurement of experienced burnout. **Journal of Occupational Behaviour**, Hoboken, v. 2, p. 99-113, abr.1981.

MARCELLINO, N. C. **Pedagogia da Animação**. Campinas: Papyrus, 1990.

MARKUNAS, M. **Uma Compreensão dos Aspectos Psicológicos no Desenvolvimento de Talentos Esportivos**. 2005. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Esporte) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

MARQUES, A. Desporto: Ensino e Treino. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (org.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 142-153.

MARQUES, R. F. R.; ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L. Esporte: um Fenômeno Heterogêneo: Estudo Sobre o Esporte e Suas Manifestações na Sociedade Contemporânea. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 225-242, set./dez. 2007.

MARQUES, R. F. R. et al. Formação de Jogadores Profissionais de voleibol: Relações entre Atletas de Elite e a Especialização Precoce. **Revista Brasileira Educação Física Esporte**, São Paulo, v.28, n.2, p.293-394, abr./jun. 2014.

MARTIN, D. **Training im Kindes-und jugendalter**. Schorndorf: Hofmann-Verlag, 1988.

MARTIN, D. et al. **Handbuch Kinder-und Jugendtraining**. Schorndorf: Hofman, 1999.

MASSA, M. **Desenvolvimento de Judocas Brasileiros Talentosos**. 2006. 198 f. Tese (Doutorado em Educação Física e Esporte) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MASSA, M. et al. Desempenho Esportivo no Judô Olímpico Brasileiro: o Talento é Precoce? **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v.18, n.1, p.5-10, 2010.

MATOS, Z. Contributos para Compreensão da Pedagogia do Desporto. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (org.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p.154-184.

MATSUDO, V. K. R. Detecção de talentos. In: GHORAYEB, N.; BARROS NETO, T. L. (Org.). **O Exercício: Preparação Fisiológica, Avaliação Médica, Aspectos Especiais e Preventivos**. São Paulo: Atheneu, 1999. p. 337-349.

MASSETO, S. T. et al. Concepção de talento na percepção de nadadoras olímpicas brasileiras. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 189-197, jan./dez. 2007.

MESQUITA, I. **Pedagogia do Treino A Formação em Jogos Desportivos Colectivos**. 2. ed. Lisboa: Livros Horizontes, 2000.

MORAES, L. C.; RABELO, A. S.; SALMELA, J. H. Papel dos Pais no Desenvolvimento de Jovens Futebolistas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.17, n.2, p.211-222, 2004.

NICOLAI RÉ, A. H. et. al. O Talento Esportivo: Reflexões e Perspectivas. In: RIGOLIN, L. R. (org.). **Desempenho Esportivo Treinamento com Crianças e Adolescentes**. São Paulo: Phorte, 2010. p.429-466.

OLIVEIRA, G. S. et. al. A Relação entre a Especialização Precoce e o Abandono Prematuro da Natação. **Movimento e Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, v.8, n.11, p.307-322, jul./dez. 2007.

PAES, R. R. **Aprendizagem e Competição Precoce: “O Caso do Basquetebol”**. 1989. 95 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 1989.

PAES, R.R. Esporte Competitivo e Espetáculo Esportivo. In: MOREYRA, W.W.; SIMÕES, R. **Fenômeno Esportivo no Início de um Novo Milênio**. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2000. p.33-39.

PAES, R. R. et al. Pedagogia do Esporte e Iniciação Esportiva Infantil: as inter-relações entre dirigente, Família e Técnico. In Machado, A. M. (Org.). **Especialização Esportiva Precoce: Perspectivas Atuais da Psicologia do Esporte**. Jundiaí: Fontoura, 2008. p. 49-65.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: DE ROSE JUNIOR, D.. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. 2. ed.Porto Alegre: Artmed, 2009. p.73-83.

PAES, R. R. Pedagogia do Esporte: Especialização Esportiva Precoce. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (org.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 219-226.

PERROTTI, E. A Criança e a Produção Cultural. In: ZILBERMAN, R. (org.). **A Produção Cultural para a Criança**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p.9-27.

PIRES, D. A.; BRANDÃO, M. R.; MACHADO, A. A. A Síndrome de Burnout no Esporte. **Motriz**, Rio Claro, v. 11, n. 3, p. 147-153, set./dez. 2005.

PIRES, D. A. et. al. A Síndrome de Burnout no esporte Brasileiro. **Revista da Educação Física**, Maringá, v.23, n.1, p.131-139, 1. trim. 2012.

REIS, C. A. M. Análise dos Fatores Determinantes para o Abandono de Adolescentes no Futsal. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol Versão Eletrônica**. São Paulo, v.6, n.19, p.45-50, jan./fev./mar./abr. 2014. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/246/212>>. Acesso em: 10 abril 2014.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. **Pedagogia do Esporte: Jogos Coletivos de Invasão**. São Paulo: Phorte, 2009.

REVERDITO, R.S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. Pedagogia do Esporte: Panorama e Análise Conceitual das Principais Abordagens. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.15, n.3, p.600-610, jul./set. 2009.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. **Pedagogia do Esporte: Conceito e Cenário Contemporâneo**. In: REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C. (org.). **Pedagogia do Esporte: Aspectos Conceituais da Competição e Estudos Aplicados**. São Paulo: Phorte, 2013. p. 19-40.

RIGOLIN, L. R. O Fenômeno da Compensação: É Possível Fazer a Detecção e a Seleção de Talentos? In: RIGOLIN, L. R. (org.). **Desempenho Esportivo Treinamento com Crianças e Adolescentes**. São Paulo: Phorte, 2010. p.467-504.

ROCHA, P. G. M.; SANTOS, E. S. O Abandono da Modalidade Esportiva na Transição da Categoria Juvenil para Adulto: Estudo com Talentos do Atletismo. **Revista da Educação Física**, Maringá, v.21, n.1, p.69-77, 1. trim. 2010.

RODRIGUES, E. F.; MONTAGNER, P. C. Esporte – Espetáculo e Sociedade: Estudos Preliminares Sobre sua Influência no Âmbito Escolar. **Conexões**, Campinas, v.1, n.1, p.55-70, 2003.

SANTANA, W. C. **Pedagogia do Esporte na Infância e Complexidade**. In: PAES, R. R.; BALBINO, H. F. (org.). **Pedagogia do Esporte: Contextos e Perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p.1-23.

SANTOS, B. M.; NASCIMENTO, M. C. **Motivos de Aderência e Abandono no Judô. Artigos de Periódico (Graduação)-Universidade do Estado de Santa Catarina, Curso de Educação Física**, Florianópolis, 2012. Disponível em: <<http://www.pergamumweb.udesc.br/dados-bu/000000/000000000016/000016A6.pdf>> Acesso em: 15 mar. 2014

SILVA, J. M. An Analysis of training stress syndrome in competitive athletics. **Journal of Applied Sport Psychologist**, London, v.2, p. 5-20, 1990.

SILVA, L. R. R. et al. A Utilização de Variáveis Cineantropométricas no Processo de Detecção, Seleção e Promoção de talentos no Voleibol. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v.11, n.1, p.69-76, jan. 2003.

SILVA, P. V. C. **Fatores Familiares Associados ao Desenvolvimento do Talento no Esporte**. 2009. 138 f. Dissertação (Mestre em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

SILVA, P. V. C.; FLEITH, D. S. Fatores Familiares Associados ao Desenvolvimento do talento no Esporte. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, São Paulo, v.3, n.4, jan./jun. 2010.

SMITH, R. E. Toward a Cognitive – Affective Model of Athletic Burnout. **Journal of Sport Psychology**, v.8, p.36-50, 1986.

TANI, G. A Criança no Esporte: Implicações da Iniciação Esportiva Precoce. In: KREBS, R. J. et al. **Desenvolvimento Infantil em Contexto**. Florianópolis: UDESC, 2001. p.101-113.

TUBINO, M. J. G. **Teoria geral do esporte**. São Paulo: Ibrasa, 1987.

TUBINO, M. J. G. **Estudos Brasileiros Sobre o Esporte: Ênfase no Esporte-Educação**. Maringá: Eduem, 2010.

TUBINO, M. J. G.; GARRIDO, F.; TUBINO, F. **Dicionário enciclopédico Tubino do esporte**. Rio de Janeiro: SENAC, 2006.

TURATO, E. R. Métodos Qualitativos e Quantitativos na Área da Saúde: Definições, Diferenças e seus Objetos de Pesquisa. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v.39, n.3, p.507-514, jun. 2005.

VERARDI, C. E. Treinamento Esportivo: Estresse, Burnout e Estratégias de Enfrentamento. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.9, n.1, p.15-16, 2010.

VIEIRA, J. L. L. **O Processo de Abandono de Talentos do Atletismo no Estado do Paraná: um Estudo Orientado pela Teoria dos Sistemas Ecológicos**. 1999. 153f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1999.

VIEIRA, L. F.; VIEIRA, J. L. L.; KREBS, R. J. A trajetória de Desenvolvimento de um Talento Esportivo: Estudo de Caso. **Revista Kinesis**, Santa Maria, v.21, n.1, p.47-55, jul./dez. 1999.

VIEIRA, L. F.; VIEIRA, J. L. L.; KREBS, R. J. A Trajetória de Desenvolvimento de Talentos Esportivos. **Revista da Educação Física/ UEM**, v.14, n.1, p.83-93, 1.sem. 2003.

VIEIRA, L. F.; VIEIRA, J. L. L.; KREBS, R. J. O Ensino dos Esportes: Uma Abordagem Desenvolvimentista. In: Paes, R. R.; Balbino, H. F. (org.). **Pedagogia do Esporte: Contextos e Perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p.41-61.

VILANI, L. H. P.; Samulski, D. M. Família e Esporte: Uma Revisão Sobre a Influência dos Pais na Carreira Esportiva de Crianças e Adolescentes. In: GARCIA, S.; LEMOS, K. L. M. (org.). **Temas Atuais VII: Educação Física e Esportes**. Belo Horizonte: Health, 2002. p. 9-16.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício**. 2ª ed., Porto Alegre: Artmed, 2001.

WEINECK, J. **Treinamento Ideal: Instruções Técnicas Sobre o Desempenho Fisiológico, Incluindo Considerações Específicas de Treinamento Infantil e Juvenil**. Barueri: Manole, 2003.

WINNER, E. **Crianças Superdotadas: Mitos e Realidades**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ANEXOS

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

*Normas de Pesquisa envolvendo Seres Humano –
Resolução 196/96 conselho nacional de Saúde.
In: Ministério da Saúde/Fundação Nacional da Saúde.
Informe Epidemiológico do SUS. Suplemento 3, ano V, n.2 abril a junho, 1996.*

Projeto –Estudo Retrospectivo sobre Indivíduos Adultos Caracterizados Como Talentos na Formação Esportiva que Abandonaram a Prática Competitiva Formal do Esporte

Pesquisador responsável: Prof. Dr. Hermes Ferreira Balbino

Objetivos, Justificativa e Benefícios da Pesquisa

Este estudo tem como objetivo verificar os fatores que levaram os jovens talentosos a abandonar o esporte, identificar fatores do processo de treinamento que podem ter influenciado negativamente no processo de formação esportiva do indivíduo e apontar características e aspectos do contexto esportivo do atleta que podem ser determinantes do sucesso ou do abandono de modalidades esportivas.

Discussões e pesquisas sobre este tema se fazem relevantes para tornar possível apontar fatores do contexto esportivo do atleta que podem ser determinantes do sucesso ou do abandono da prática esportiva. Portanto este estudo será importante para auxiliar os agentes educacionais envolvidos no processo de formação esportiva, na elaboração de práticas contextualizadas que contribuam efetivamente para a promoção integral (física, psicológica, social) desse ser humano caracterizado como talento esportivo.

Eu, _____, RG _____, residente na cidade _____ Estado _____, endereço _____ Bairro _____ tenho pleno conhecimento de que as informações colhidas a meu respeito poderão ser utilizadas para investigações sobre os possíveis fatores que levam indivíduos caracterizados como “talentos esportivos” a abandonarem o esporte antes de chegar ao nível adulto. Trata-se de pesquisa qualitativa, para elaboração de estudo de mestrado, feita através de entrevista semiestruturada para que os pesquisadores possam discorrer sobre o assunto acima declarado. Os procedimentos para a aplicação da pesquisa, em que não há riscos diretos previsíveis, envolvem:

- i) Participação do sujeito na entrevista de acordo com a disponibilidade do entrevistado, em local e data sugerida pelo mesmo, com respostas abertas a perguntas previamente elaboradas, relacionadas ao processo de treinamento pelo o qual este foi submetido, e também sobre os possíveis fatores que o levaram a abandonar o esporte antes de chegar ao nível adulto, não contendo caráter de invasão de privacidade, dizendo somente a respeito dos problemas levantados pelo estudo. As entrevistas serão gravadas, e as perguntas apresentadas com antecedência ao entrevistado. Será mantido o sigilo da autoria específica das respostas referentes às perguntas, além disso, não serão divulgados os nomes dos participantes da pesquisa.

Considero-me suficientemente informado do tema que envolve a pesquisa. Declaro concordar em dar informações a meu respeito, sabendo que está garantido o esclarecimento do que quer que julgue necessário a respeito de minha participação antes, durante e após o procedimento de entrevista pelos pesquisadores, e que receberei cópia deste termo. Declaro estar ciente de que não receberei nenhuma remuneração, pois o procedimento de pesquisa não provocará ônus ao sujeito participante. Estou ciente de que está assegurado o sigilo pessoal quanto aos dados obtidos, na omissão da autoria específica das respostas, não sendo associado meu nome de maneira direta às mesmas, bem como a liberdade de recusar a participar ou retirar o consentimento, em qualquer momento, sem penalização e prejuízo. Declaro estar ciente de que não há riscos diretos previstos relacionados aos procedimentos para aplicação da pesquisa.

Assinatura

Local e Data

Em caso de dúvida, recusa ou reclamação recorrer a:

Prof. Dr. Hermes Ferreira Balbino
Faculdade de Ciências da Saúde – Mestrado em Educação Física
Fone (19) 3124 1558 e-mail: hefbalbino@unimep.br

Prof. Ricardo de Melo Dias
Mestrando em Educação Física - UNIMEP
Fone (35) 88275360 email: rcmdias@unimep.br

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP - Universidade Metodista de Piracicaba
Rodovia do Açúcar km 156 - bloco 7 sala 08
Caixa Postal 68 - CEP 13400-970 - Piracicaba-SP
Fone: 19 3124.1274 e-mail: comitedeetica@unimep.br

ANEXO B

QUESTIONÁRIO

1. SEXO: MASCULINO () FEMININO ()
2. IDADE: _____.
3. MODALIDADE ESPORTIVA QUE PRATICOU: _____.
4. JÁ TEVE INTENÇÃO DE CHEGAR AO ESPORTE PROFISSIONAL?
SIM () NÃO ()
5. PARTICPOU DE ALGUM PROCESSO DE TREINAMENTO ESPECÍFICO DA MODALIDADE?
SIM () NÃO ()
6. IDADE EM QUE COMEÇOU A TREINAR:_____.
7. IDADE EM QUE PAROU DE TREINAR:_____.
8. EM ALGUM MOMENTO DE SUA PARTICIPAÇÃO NO ESPORTE FOI DITO QUE VOCÊ ERA UM TALENTO ESPORTIVO, OU SEJA, QUE TINHA TALENTO PARA CHEGAR AO ESPORTE PROFISSIONAL?
SIM () QUEM?_____.
NÃO ()
9. FOI CAMPEÃO OU VICE-CAMPEÃO EM TORNEIOS OU CAMPEONATOS DE NÍVEL ESTADUAL, NACIONAL OU INTERNACIONAL?
SIM () QUAL?_____.
NÃO ()
10. FOI CONVOCADO, OU FEZ PARTE DE EQUIPES NACIONAIS, OU ESTADUAIS OU MUNICIPAIS?
SIM () QUAL?_____.
NÃO ()
11. FOI APROVADO EM ALGUM PROCESSO SELETIVO DE CLUBES OU EQUIPES PROFISIONAIS?
SIM () QUAL?_____.
NÃO ()
12. AINDA ALMEJA CHEGAR AO ESPORTE PROFISIONAL?
SIM () NÃO ()

ANEXO C

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

- Identificação Geral

Nome, apelido, profissão ou atividade atual, modalidade esportiva que praticou, período que treinou visando o esporte profissional, equipes esportivas por onde passou, conquistas relevantes, convocações para seleções estaduais, nacionais ou municipais.

- Do Processo de Iniciação e Especialização na Modalidade Esportiva

1. Com quantos anos começou a prática da modalidade esportiva? O que o levou a praticar esta modalidade?

2. Já praticou outras modalidades? Em qual momento você começou a se dedicar especificamente a uma modalidade esportiva? Como se deu esse processo?

- Do Treinamento

3. Como eram os treinos na sua formação esportiva? Como se sentia em relação aos treinos e a carga de atividades de treinamento? O que esta prática significava para você?

4. Quais os pontos atrativos que você destaca? Quais tipos de práticas eram desinteressantes para você?

- Da Competição

5. Disputava torneios ou campeonatos durante sua formação esportiva? Como eles eram organizados? Como se sentia neles?

- Do Ambiente Esportivo e dos Fatores “Extracompetitivos”

6. Como era o seu ambiente esportivo?

7. O que você fazia além de treinar e competir? Deixava de fazer algo devido ao esporte? Como se sentia em relação a isto? E como isso influenciava no seu desempenho esportivo?

- Do Técnico ou Professor

8. Quais características do seu técnico/professor foram mais marcantes? Como era sua relação com ele? Como isso influenciava seu desempenho?

- Da Família

9. Como era o apoio de sua família? Como se sentia em relação a isto?

- Do Talento e do Auge Esportivo

10. Como você se sentia percebido como um talento esportivo?

11. Quando e como atingiu seu auge esportivo? O que isto significou para você?

- Do Abandono

12. Alguma vez antes da decisão definitiva de abandonar o processo para chegar ao esporte profissional, você teve vontade de parar? Em qual período e o que levou a isso?

13. Quando e por qual motivo parou de treinar almejando o esporte profissional? Afinal, o que o fez abandonar o esporte?

14. Você acredita que algum aspecto do treinamento pelo qual você passou prejudicou o seu desempenho esportivo? O que o leva a pensar assim?

15. Quais fatores, além dos treinamentos, influenciaram nesta de decisão de abandonar a modalidade?